



# O LONGO VOO PARA CASA

Alan Hlad

romance

pausa ;



## DADOS DE COPYRIGHT

---

### **SOBRE A OBRA PRESENTE:**

**A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO**

---

### **SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:**

**O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.**

---

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER  
UNIDO NA BUSCA DO  
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS  
LUTANDO POR DINHEIRO E  
PODER, ENTÃO NOSSA  
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM  
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**

---



# O longo voo para casa



Alan Hlad

Tradução Eduardo Di Fuccio



# Editora Pausa



Copyright © 2019.

The Long Flight Home by Alan Hlad.

Published by arrangement with Bookcase Literary Agency and Kensington Publishing.

Todos os direitos reservados

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, lugares, personagens e eventos são fictícios em todos os aspectos. Quaisquer semelhanças com eventos e pessoas reais, vivas ou mortas, são mera coincidência. Quaisquer marcas registradas, nomes de produtos ou recursos nomeados são usados apenas como referência e são considerados propriedade de seus respectivos proprietários.

## **Editora**

Silvia Tocci Masini

## **Preparação**

Lígia Alves

## **Revisão**

Sabrina Inserra

## **Diagramação**

Charlie Simonetti

## **Capa**

Charlie Simonetti (sobre imagens de mRGB, Timofeev Vladimir, Bogdan Nicovski, Jacob\_09, stockphoto mania, Kev Gregory, KAY4YK • shutterstock)

## **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Hlad, Alan
------------

O longo voo para casa / Alan Hlad ; tradução Eduardo Di Fuccio. -- São Paulo : Editora Pausa, 2019.

Título original: The long flight home.

ISBN 978-85-93745-91-1

1. Ficção norte-americana I. Título.

19-30028

CDD-813

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014



# Capítulo 1



Epping, Inglaterra

7 de setembro de 1940

No pior dos dias, Susan Shepherd estava trabalhando em um pombal, distribuindo ração – uma mistura de sorgo, trigo e ervilhas – de uma longa bandeja de metal.

Alguns pombos sonolentos levantaram a cabeça debaixo das asas, mas não fizeram nenhum esforço para deixar seus ninhos. A maioria deles estava do lado de fora, circundando o verde ondulante pasto de ovelhas ou sobrevoando as bétulas da floresta de Epping.

– Isso vai nos ajudar a salvar a Grã-Bretanha – sussurrou ela.

O pombal era um galpão de madeira de 12 por 12 pés, cheio de escaninhos, como uma sala de aula da escola primária. Mas, em vez de guardar botas de chuva, chapéus ou luvas molhadas, os pequenos compartimentos eram as casas de mais de sessenta pombos. Este era o pombal original, construído por seu avô, Bertie, antes de ela nascer. E no ano anterior, uma dúzia de novos pombais tinha sido construída apressadamente. Com exceção de mais pombos, a fazenda de seu avô não havia mudado desde que ela saíra para estudar zoologia na Universidade de Londres. O mesmo cheiro de mofo, uma mistura de penas e penugem, pingos de água e grãos. Ela não esperava voltar para casa tão cedo, mas o trabalho voluntário para o Serviço Nacional de Pombos tinha adiado seus estudos para que ela fizesse algo mais importante: criar pombos de guerra.

Enquanto Susan retirava pedaços de comida de sua saia muito gasta, cerzida e remendada, seus olhos foram atraídos pelas marcas de lápis desbotadas na parede que Bertie tinha feito para registrar seu crescimento quando era pequena. Ela

pressionava as costas contra a parede e esticava o pescoço como uma girafa. Desesperada para crescer, chegou a encher os sapatos de tecido uma vez. Seis meses depois disso, Bertie riu quando sua neta, que não se lembrava do truque, encolheu um centímetro. Durante a infância, ela adorava o lápis firme no topo da cabeça, o som de riscar a parede, e se virar ansiosa para verificar sua altura, com uma plateia de pombos arrulhando divertidos.

Susan se ajoelhou e tocou sua primeira marca na parede, de uma data logo após ela ter vindo morar com Bertie.

*I had a little bird, its name was Enza. I opened the window, and in flew Enza\*<sup>1</sup>.*

Susan sacudiu de sua mente a rima infantil de pular corda. Em seguida, pegou uma colher de pau e bateu na lateral de uma lata, antes usada para guardar a tinta que agora descascava na parede ao lado do chalé de seu avô.

Os pombos revoaram por um buraco perto do teto. Um a um, eles entraram no galpão e voaram para o chão. Espalharam-se, balançando a cabeça e os pés, enquanto seus corpos permaneciam imponentes e firmes, como se pudessem equilibrar bolotas na cauda. O último pássaro entrou, pousou no barril de grãos e inclinou a cabeça.

– Olá, Duquesa – disse Susan.

O pássaro era singular, com uma pluma brilhante na cor verde-púrpura no pescoço, mais apropriada para um pavão do que um pombo. Ele flutuou em direção ao chão e se enrolou aos pés de Susan.

– Acho que a mimei demais. – A jovem pôs comida na mão e ajoelhou-se.

Duquesa bicou os grãos.

O toque do bico fez cócegas na palma da mão de Susan. Ela sabia que não devia alimentar um pombo dessa forma. Não era o protocolo do Serviço de Pombos ou de seu avô – e sem dúvida causaria problemas se Duquesa fosse colocada em serviço. Mas este pássaro era diferente.

Tudo porque, há três anos, um gato selvagem tinha conseguido se arrastar por debaixo da porta, tirando a vida dos

premiados pombos de corrida de Bertie: Skye e Islay. Susan e Bertie tinham encontrado o que restava de Skye atrás do barril de grãos, e Islay em seu ninho com uma asa gravemente ferida, sentada em um ovo que havia posto antes do ataque. Tentaram reparar a asa com fita adesiva e lascas de madeira, mas ela estava muito fraca para comer, e permaneceu sentada em seu ovo por cinco dias, antes de morrer. Enterraram-na em uma das caixas de tabaco de Bertie, ao lado de Skye, perto da margem da floresta de Epping.

Como nenhum dos outros pombos se sentou no ovo manchado pela tragédia felina, Susan insistiu em chocá-lo, apesar de seu avô acreditar que as chances de dar certo eram extraordinariamente pequenas, sobretudo sem uma incubadora calibrada, que eles não podiam pagar. Teimosa como o avô, Susan apanhou uma tigela de cerâmica azul, antes utilizada por sua avó para servir mingau de aveia. Ela aqueceu a tigela com água da chaleira para estabelecer uma boa temperatura, depois envolveu delicadamente o ovo em uma toalha levemente umedecida e o colocou dentro dela. Acomodando a tigela sob a lâmpada de mesa de Bertie, ela ajustou a distância para atingir a temperatura ideal usando um termômetro comum que havia testado anteriormente, enfiando-o debaixo de um ninho de pombo.

Durante duas semanas e dois dias, Susan girou o ovo a cada oito horas e salpicou gotas de água na toalha para manter a umidade necessária. E, apesar da possibilidade de ter que enterrar o ovo ao lado de seus pais, em uma manhã de domingo, logo cedo, sua casca tremeu. Susan e seu avô desistiram de ir à igreja, puxaram as cadeiras e observaram por três horas enquanto o ovo se abria lentamente. Enquanto os sinos da igreja tocavam sobre Epping para liberar a congregação, um filhote mirrado abriu caminho para o mundo.

– Seus pais e sua avó ficariam orgulhosos de você – disse Bertie.

Susan, com um peso no peito, sorriu e acariciou gentilmente o recém-nascido.

Era um milagre, mas Susan sabia que o filhote ainda tinha poucas chances de sobreviver sem a ajuda do “leite” da mãe. Sem hesitar, triturou sementes até se tornarem uma pasta e começou a alimentar o passarinho na mão. Em poucos dias, ele conseguiu se levantar, abrir as asas e bicar. Uma semana depois, estava comendo ração com os outros no pombal. Apesar do gosto de seu avô por batizar seus pombos de corrida homenageando as remotas terras escocesas, nenhuma das quais eles já tinham visitado, Susan deu à ave o nome de Duquesa.

Duquesa tinha se transformado em um pombo extraordinário. E não era só na aparência, embora as plumas do pescoço brilhassem como madreperlas. Era a inteligência do pássaro – ou o comportamento estranho, como seu avô acreditava – que o fazia se destacar entre os outros. Enquanto os pombos-correio eram treinados pela recompensa da comida, Duquesa parecia ser movida pela necessidade de entender o mundo ao seu redor, um estranho sentimento de curiosidade escondido atrás de seus olhos dourados. Em vez de se juntar ao grupo, Duquesa se contentava em ver seus companheiros comerem, enquanto ficava no ombro de Susan, gritando em resposta às palavras de sua dona, como se gostasse da arte de conversar. E ainda mais impressionante era a habilidade atlética de Duquesa; ela era sempre a primeira a chegar em casa depois que os pombos eram soltos em um local de treinamento distante. Bertie tinha comentado que Duquesa era a mais rápida ao voltar apenas por causa de seu desejo de conseguir alguns minutos da atenção total de Susan. A jovem riu, mas sabia que havia alguma verdade no que ele dizia.

Enquanto Susan acariciava as costas de Duquesa com um dedo, soou uma sirene. Ela parou. O som começou como um rosnado baixo, depois cresceu até se tornar um rugido de doer os ouvidos, afinando, depois se repetindo. Arrepios subiram pelos braços dela. Pombos voaram. As paredes vibraram. As sementes na bandeja de alimentação tremeram.

A porta se abriu rápido. Seu avô, um homem de pernas arqueadas usando um capacete de lata manchado, gritou:

– A Luftwaffe! – Ele agarrou a mão de Susan e a puxou.

Susan viu o ferrolho se fechar atrás dela. Duquesa permaneceu calmamente no chão enquanto os outros pombos se espalhavam.

– Duquesa! – Ela soltou a mão do avô, abriu a porta e apanhou o pássaro.

Com Duquesa acomodada no braço, Susan correu com Bertie em direção ao abrigo antibomba, do jeito que haviam ensaiado, sempre orando para que aquele dia nunca chegasse. Mas eles sabiam que era apenas uma questão de tempo. Enquanto corriam pelo pátio e passavam por vários pombais, a sirene do Campo de Aviação de North Weald, que ficava próximo dali, soou.

Bertie parou enquanto lutava para recuperar o fôlego. Ele empurrou para trás o velho capacete militar, que continuava caindo sobre seus olhos.

– Depressa! – gritou ele.

Antes de chegarem ao abrigo, a sirene parou, substituída pelo zumbido de abelhas mecânicas. Susan olhou para cima, engoliu e empurrou a borda do capacete de Bertie. Centenas de bombardeiros inimigos, e quase o dobro de caças, escureceram o céu do final da tarde como um enxame de moscas negras. O fogo antiaéreo tinha começado. Explosões negras eram despejadas abaixo da esquadrilha aérea.

O abrigo era um amplo monte de terra sob a copa de uma grande faia. A grama verde agora cobria o aterro, disfarçando o refúgio em meio ao pasto. Exceto pela porta da frente, que se parecia com a entrada de uma casa de um *hobbit*, o santuário era camuflado. Susan tinha ajudado o avô a construir o abrigo, empilhando carrinhos de mão cheios terra e misturando concreto em baldes para revestir as paredes interiores, reforçadas com tijolos remanescentes e sucata de aço de uma fábrica de conservas demolida. Para a entrada, tinham usado a porta de um velho banheiro externo.

Quando chegaram ao abrigo, os compartimentos embaixo dos bombardeiros se abriram. Em vez de irem para o poço, os dois se viram obrigados – mesmo arriscando a própria segurança – a

assistir aos bravos pilotos da Força Aérea Real, a RAF, com seus caças Hurricane, voando sobre as árvores e lançando-se bruscamente no céu. O esquadrão de caças foi totalmente superado em número quando a escolta inimiga de caças, ostentando a Cruz de Ferro, se precipitou para cercá-los. A RAF fez um esforço breve, mas valente. Um Hurricane explodiu depois que projéteis inimigos perfuraram o tanque de combustível, espalhando estilhaços sobre a floresta de Epping. Outro teve a cauda decepada, enviando o Hurricane para um mergulho giratório até colidir com o pasto, sem que houvesse sinal de o piloto ter escapado. Um a um, os Hurricanes da RAF foram derrubados, e os poucos aviões que tiveram a sorte de sofrer pequenos danos recuaram em meio à fumaça de seus motores.

Susan e Bertie viram os invasores voarem em direção a Londres, a meros vinte quilômetros de distância, enfrentados apenas por um fogo antiaéreo ineficiente. Sementes de destruição caíam dos compartimentos dos bombardeiros e assobiavam em direção ao chão.

– Meu Deus. – Lágrimas corriam pelo rosto de Susan quando as primeiras bombas explodiram.

Conforme a noite se aproximava, vários pontos do horizonte de Londres brilhavam, possivelmente centenas, devido a grandes incêndios. E com a escuridão, veio uma segunda onda de bombardeiros, lançando suas cargas durante toda a noite e, recorrendo aos incêndios para identificar seus alvos. Bombas incendiárias brancas e quentes explodiram. Ecos de explosões encheram o ar.

Às quatro e meia da manhã, o bombardeio cessou. Susan foi até Bertie, sentou-se no chão e ajudou-o a se levantar. Com as pernas fracas, ele tinha se arrastado para dentro do abrigo, depois se enrolado em uma cama com o capacete de lata cobrindo seu rosto. Incapaz de descansar, Susan ficou do lado de fora com Duquesa embalada nos braços, olhando o brilho no horizonte. O barulho continuou enquanto os aviões alemães sobrevoavam Londres, mascarando as estrelas e a lua crescente. Ela fechou os olhos e rezou para que não

retornassem. Mas na noite seguinte eles voltaram. E novamente na próxima.



.....  
\* *In flew Enza*, é um trocadilho para influenza. Eu tinha um passarinho, seu nome era Enza. Eu abri a janela, e Enza voou.

# Capítulo 2

Buxton, Maine

8 de setembro de 1940

Ollie Evans, atraído pelo som do balanço, que rangia na varanda, e pelo aroma de nozes assadas do café, abriu a porta de tela. Encontrou seus pais balançando com delicadeza, compartilhando um cobertor de lã e uma xícara de café, enquanto um sol cor de laranja subia acima das plantações de batatas.

Ollie notou que na mão de sua mãe havia uma caneca verde deformada que ele tinha feito na aula de artes industriais no sétimo ano. Ele riu.

– Onde a encontrou?

A mãe encolheu os ombros, o cabelo castanho desbotado sobre eles. Ela bebeu. O vapor rodopiava no ar fresco.

Ollie já não era criança. Ele tinha um metro e oitenta de altura, mais ou menos, e o cabelo castanho ondulado e olhos de caramelo, um presente da mãe. A covinha em seu queixo parecia a do pai. Enquanto Ollie se sentava nos degraus da varanda, um sentimento inquietante de que deveria estar em outro lugar preenchia seu estômago. Não era comum estar em casa no outono. Afinal, a maioria das escolas em pouco tempo estaria no recesso das batatas. Infelizmente, sua colheita tinha sido mais duradoura.

– Estou orgulhoso de você – disse seu pai.

– Por quê? – Ollie perguntou.

– Por colocar a família em primeiro lugar. – Ele aceitou a caneca da mãe e bebeu. – Lamento que ainda esteja em casa. – Empurrou a bengala pendurada ao lado do balanço. – Não é justo você ficar.

– Não faz mal. A fazenda é importante. E vocês também.

Três anos antes, as botas enlameadas do pai tinham escorregado da embreagem do trator enquanto tentava puxar um toco. A máquina virou para trás, prendendo a perna direita dele, quebrando seu quadril e um fêmur, em dois lugares. Ollie, incapaz de levantar o trator, escavou-o com uma colher de pedreiro do quartinho do jardim. Sua mãe chamou uma ambulância, ajudou a raspar a terra com as mãos nuas, e acabou perdendo três unhas. Tinha sido uma recuperação difícil, incluindo duas cirurgias e sessões dolorosas de fisioterapia. E agora seu pai, cheio de parafusos e arames, já era capaz de assumir algumas das tarefas da lavoura, exceto lavrar e semear. Ele não conseguia usar os pedais, pois o esforço era grande demais para sua perna frágil. Sua mãe não parecia se importar com seu movimento tão vagaroso quanto uma tartaruga, a dor constante nas articulações, ou o mancar pronunciado em sua caminhada. Mas foi a incapacidade de voar que roubou o espírito dele, deixando o seu cabelo, antes escuro, grisalho, com o passar dos dias vividos no chão, como se a baixa altitude acelerasse o processo de envelhecimento.

A mãe ajustou o cobertor para cobrir as costas, pegou a caneca do marido e entregou-lhe o jornal.

O pai de Ollie tirou o elástico do papel, enrolou-o no dedo indicador e disparou-o na direção do filho.

Ollie abaixou-se, e quase sentiu a chicotada meio metro acima da cabeça. O sorriso se desvaneceu do rosto do pai à medida que desdobrou o jornal.

– Bom Deus.

Os olhos da mãe se arregalaram.

– Eles bombardearam Londres – disse o pai, mostrando-lhe o jornal.

– Pobres pessoas – disse a mãe.

Ollie caminhou em direção aos pais e olhou para a manchete que dizia:

**ATAQUE NAZISTA! AVIÕES ALEMÃES ATACAM LONDRES!**

Ele respirou fundo e exalou.

– Os nazistas tomaram a França em pouco mais de um mês – disse o pai. – Sem nossa ajuda, tomarão a Grã-Bretanha dentro

de um ano. E, antes que possamos perceber, teremos uma regata de submarinos em Casco Bay.

Ollie cruzou os braços quando outro debate sobre a guerra começou a dominar a conversa. Geralmente iniciava com o jornal, e sempre terminava com o pai proclamando sua herança britânica.

– O FDR diz que vamos nos manter neutros – disse a mãe.

– Nós vamos ter que entrar nessa guerra de qualquer maneira. – O pai bateu na coxa. – Se eu não tivesse uma perna imprestável, gostaria de ir até Montreal e entrar para a Marinha Mercante. Pelo menos os canadenses têm a coragem de apoiar a Grã-Bretanha. – Ele baixou o jornal. – Nossa família pode ter perdido o sotaque...

– ... mas o nosso sangue é, e sempre será, britânico – disse Ollie, interrompendo o pai. – Já sabemos.

A varanda ficou em silêncio, exceto pelo rangido do balanço e o grito de um corvo na plantação de batatas.

– É melhor você nunca se esquecer disso. – O pai deixou cair o jornal, pegou a bengala e ficou em pé.

– Pai, eu não quis...

O pai levantou a mão.

– Sua mãe e eu temos coisas para fazer. – Ele se virou e entrou, e a porta de tela se chocou contra o batente.

A mãe suspirou e olhou para Ollie.

– Você se esqueceu de como o seu pai perdeu o irmão?

– Desculpe – disse Ollie, lembrando-se do tio que nunca conheceu. O tio Henry tinha sido morto na Grande Guerra, dois anos antes do nascimento de Ollie. Todos os anos, no aniversário de Henry, o pai de Ollie honrava a memória do irmão, indo pescar salmão, seu esporte favorito da infância vivida no norte da Inglaterra. Ollie costumava juntar-se à sua família durante o dia, fazendo pesca com mosca, na solidão das águas do rio Saco. Embora seu pai falasse pouco dos detalhes, Ollie sabia que uma nuvem de gás tinha forçado Henry a abandonar a trincheira onde estava com sua metralhadora. Seu tio morreu em um campo francês no Fronte Ocidental, levando uma parte de seu pai.

– Você devia ter mais respeito pelos sentimentos do seu pai sobre a guerra. E pelos meus. – A mãe fez uma pausa. – Quer comer alguma coisa?

Ollie negou com a cabeça, sentindo o estômago pesar como se estivesse cheio de barro.

– Você e o seu pai podem continuar essa discussão quando voltarmos da cidade. – A mãe ficou em pé. – E espero que você peça desculpas.

– Sim.

Ela pôs as mãos nas ancas.

– Prometo. – Ollie pegou o elástico e o colocou no pulso. – É melhor ir andando. Tenho muito inseticida para espalhar.

– Tenha cuidado – disse sua mãe ao entrar.

Atrás do celeiro, Ollie viu o biplano amarelo-canário envelhecido, parecendo um pássaro pré-histórico aquecendo seus ossos sob o sol da manhã. O avião estava totalmente abastecido e carregado de inseticida, ou pelo que seu pai apropriadamente chamava de “pó das fadas”. Ele verificou os fios de tensão amarrados entre as asas superior e inferior, entrou na cabine e vestiu sua capa de couro. Enquanto girava a ignição, o motor engasgou e a hélice girou, enviando um zumbido que fez seu corpo vibrar. Acelerou, movendo o avião pela pista de terra batida que dividia a plantação de batatas. A aeronave ganhou velocidade, e sua cauda começou a subir. Sentindo a velocidade adequada, considerando que o painel de instrumentos não funcionava, ele puxou o manche, e o avião levantou voo. Circundou sua casa, perguntando-se como iria acalmar as coisas com o pai. Voando para oeste, para as fazendas, substituiu os pensamentos sobre a guerra pelo desejo de um dia ir para a universidade.

A colheita de batatas no Maine terminaria em breve, pondo fim a outra estação e ao seu terceiro ano de permanência em casa, para administrar a fazenda da família. Admitindo que a colheita de outono tivesse um bom rendimento e o preço das batatas não caísse, talvez eles tivessem dinheiro suficiente para enviá-lo para a universidade no ano seguinte. Ollie já tinha sido aceito no Instituto Politécnico de Worcester. Mas, antes que

pudesse ir, a saúde do pai teria que melhorar. Se tudo corresse à perfeição, dali a cinco ou seis anos, ele teria seu diploma de engenharia aeronáutica, seu bilhete de saída de Buxton.

Não havia nada de errado com Buxton. Em muitos aspectos, uma fazenda era um ótimo lugar para viver, e ele não se arrependia de ter ficado para ajudar o pai. Mas a maioria de seus amigos havia saído de casa anos antes; muitos estavam agora cortando toras para uma fábrica de papel ou içando crustáceos da popa de um barco de lagosta. Os mais sortudos tinham ido para a universidade, incluindo sua namorada, Caroline, que fora para Bowdoin, de onde as cartas tinham diminuído, até finalmente cessar. Até mesmo seus amigos do ensino médio, Stan e James, tinham ido para a Universidade do Maine e raramente voltavam para casa nos recessos. Eles estavam se divertindo em sua vida de estudos e festas, enquanto Ollie ainda vivia com os pais. Tinham seguido caminhos diferentes, e Ollie não podia culpá-los por terem deixado de entrar em contato.

Caroline tinha sido a primeira namorada de Ollie. Os dois se aproximaram durante o último ano do colégio. Ela era bonita e popular, e sua família possuía uma das maiores serrarias do Condado de York; eram ricos para os padrões de Buxton. Ollie acreditava que ela tinha ficado encantada com sua capacidade de pilotar um avião, uma característica atraente quando comparada aos garotos que dirigiam os carros de seus pais. Inicialmente, ele imaginou que Caroline podia ser a moça com quem iria passar a vida. Mas as coisas mudaram quando o pai de Ollie ficou preso à cama. Caroline, que dizia que não se sentia bem em hospitais, relutantemente acompanhava o namorado e a mãe dele na ala de recuperação. E ela ficara reticente quando Ollie levantou a questão de ter que adiar a universidade para cuidar da fazenda da família. No final, Ollie permaneceu em casa e Caroline foi para a universidade, onde se distanciou dele, e até arranjou desculpas nas férias, dizendo estar ocupada demais para vê-lo. Ele ficou desanimado. *Ela não quer arriscar ficar presa comigo em uma fazenda.* Com o passar do tempo, porém, Ollie percebeu que era melhor que ele e Caroline tivessem seguido caminhos diferentes. Mais importante ainda, ele agora

sabia que desejava um relacionamento igual ao dos pais. Eles estavam sempre ao lado um do outro, independentemente das circunstâncias inesperadas da vida. *Um dia, vou amar uma mulher tanto quanto meu pai ama minha mãe.*

Apesar de ter passado a vida em uma cidade onde conhecia todos pelo primeiro nome, ele agora se sentia deslocado. Em Buxton, um fazendeiro ou pescador não tinham uma conversa interessante para alguém que prefere a velocidade de um avião à morosidade de um trator. Além disso, ele sempre fora alérgico a mariscos, incapaz de experimentar um pedaço de lagosta sem ficar com urticária e correr para o banheiro.

Com um diploma universitário, ele certamente teria oportunidades para desenhar ou construir aviões que o levariam para outras partes do país, como por exemplo, até a Califórnia. Mas o que ele realmente queria fazer era voar. Desde a primeira vez que o pai o levava para pulverizar inseticida na plantação, ele ficara contagiado. O pai de Ollie o pusera no colo, vestira uma capa de couro na cabeça do filho que era vários tamanhos maior que ele, e levantara voo. Ollie, com um sorriso esculpido no rosto, adorou a maneira como o avião se inclinou para cima das nuvens enquanto ele puxava o manche na direção de seu peito. Ele sentiu o pai rir, as costas saltando contra a barriga dele. Em seguida, o pai conduziu suas mãos para a frente a fim de fazer um *loop*, uma manobra perigosa, considerando que o biplano estava sem os cintos de segurança. Quando ele tinha catorze anos e estava crescido o suficiente para alcançar os pedais, seu pai passou a agir como copiloto, gradualmente lhe dando mais espaço. Em um ano estava voando sozinho, para desgosto de sua mãe, que ainda se preocupava que ele pudesse se machucar jogando futebol. Para ajudar a aliviar a mente da mãe, o pai tinha instalado cintos de segurança na aeronave, mas, considerando as acrobacias destemidas de Ollie, eles eram tão úteis quanto um guarda-chuva para um equilibrista na corda bamba.

Ao se aproximar de uma grande fazenda, Ollie empurrou o manche para a frente, sentiu seu corpo subir, e o nariz do biplano se inclinou para baixo. O motor rugiu. O vento bateu em seu

rosto. Aproximando-se do chão, ajustou o manche, sentindo a força da gravidade afundá-lo no assento. O avião se estabilizou. Um metro e meio acima de uma plantação de batatas, ele puxou a alavanca e um jato de pó saiu detrás da cauda, caindo como neve. No final do campo, ele puxou o manche para trás com força, atirando o avião na direção de uma fileira de pinheiros altos. Arqueou para a esquerda e deu a volta para sobrevoar a plantação mais uma vez.

Ollie passou a manhã pulverizando lavouras. Ao terminar sua última fazenda, verificou o medidor de combustível – o único instrumento que parecia funcionar – e inclinou as asas para o norte. Os campos dispersos desapareceram e, ao longe, ele viu seu local favorito, o lago Sebago. Havia poucos agricultores naquela área, pelo menos nenhum que fosse cliente do negócio de seu pai, o que tornava improvável que as notícias sobre as acrobacias de Ollie chegassem aos ouvidos de sua mãe. Se isso acontecesse, ele seria esfolado vivo.

Acima do lago, ele fez uma pirueta, como se a fuselagem girasse em um espeto. Puxou o nariz do avião diretamente para o céu, voando em direção às nuvens até que a hélice perdeu sua batalha contra a força da gravidade e deixou o avião descer, pouco antes de o motor parar, em um mergulho pesado. Ao perder altitude sobre o lago, ele arremeteu e deslizou sobre a água parada, sentindo a necessidade de mergulhar o trem de pouso.

Uma garotinha de tranças saiu correndo de uma cabana – a única casa no lado norte do lago – e ficou parada em um píer. Ela acenou e deu pulos. Ollie baixou as asas, zumbiu sobre a margem do lago, e deu seu espetáculo habitual para uma audiência de uma só pessoa. A menina, que Ollie só conhecia do alto, estava provavelmente na escola primária. Atraída pelo rugido do motor do avião, ela costumava sair para vê-lo. Enquanto a garota se sentava no píer, Ollie lançava a aeronave para o alto, puxando uma manobra “rolo de barril”, e então voltando a nivelar a fuselagem. Fez um S, um *loop* interno e uma série de giros.

No final, decidiu realizar uma performance menos praticada e mais desafiadora, o *tailslide*. Fez um quarto de *loop* que colocou o avião em linha reta vertical, com potência total. O vento assobiava. A adrenalina se apossou de sua circulação. A aeronave continuou subindo até perder força, depois ficou pendurada por um segundo, antes de cair para trás. Quando o nariz baixou no horizonte, ele empurrou o manche para a frente e permitiu que o avião desse um mergulho. Puxou com força o manche e nivelou o avião alguns metros acima do lago, perto demais para se sentir confortável. Podia ouvir sua pulsação nos ouvidos. Ele viu a menina em pé sobre o píer, batendo palmas.

Ao passar perto da cabana, esticou o braço até seu casaco e tirou um bilhete amarrado a um pequeno pedaço de madeira. Jogou o pacote no ar, e ele flutuou suavemente até cair no gramado a vários metros da costa.

A garotinha correu na direção do pacote, desatou a corda e leu o bilhete.

*Obrigado por ser uma ótima plateia.*

*Ollie.*

A menina agitou os braços. E ele voou para longe.

Ollie diminuiu a aceleração e ziguezagueou em seu caminho para casa, aproveitando ao máximo seu tempo no ar, antes de ter que começar suas tarefas agrícolas. Quando se aproximou de Buxton, o denso bosque de pinheiros se transformou em carreiras de milho, batatas e feno. Ao ver a fazenda da família, percebeu que o caminhão de seu pai tinha desaparecido, substituído por um carro novo e brilhante. Ele se aproximou e viu um homem com roupas escuras na varanda. Seguiu para a pista de pouso e aterrissou. Ollie desligou o motor, saiu da cabine e foi até a casa. Quando se aproximou, olhou para o Plymouth 1939, com a capota branca inconfundível e a lataria verde. O policial de Portland saiu da varanda e tirou o quepe, expondo uma careca com costeletas cinzentas.

– Oliver Evans? – perguntou o policial. Um nó se formou no estômago de Ollie.

– Sim.

– Houve um acidente. – Ollie abriu a boca, mas nada saiu. – É sobre seus pais.

– Eles estão bem?

O policial limpou o rosto com um lenço que tirou do bolso.

– Eu sinto muito.

Um choque sacudiu Ollie. Ele se inclinou como se tivesse sido esmurrado no estômago.

– Não! – Ele chorou de incredulidade. Um bombardeio de pensamentos e emoções o fez sentir como se o chão estivesse girando. Entorpecido e com dificuldade para andar, foi ajudado a entrar no carro de polícia pelo oficial. Enquanto se afastavam, o cheiro de fumo de charuto incorporado ao interior do carro, fez o estômago de Ollie revirar.

– O motorista estava bêbado – disse o policial, segurando firme no volante. – Ele atravessou um sinal vermelho, subiu na calçada e atingiu seus pais enquanto eles saíam da loja de ferragens Casco.

– Deve haver algum engano. – A cabeça de Ollie latejava, e o coração estava devastado por uma mistura de raiva e desespero.

O agente pigarreou.

– Gostaria que houvesse, filho.

Ollie se sentiu como uma marionete com as cordas cortadas. *Isto não pode estar acontecendo!* Ele teve o impulso de puxar a maçaneta da porta do carro e saltar para fora, qualquer coisa para escapar do pesadelo. Seus olhos encheram-se de lágrimas e ele se limitou a enterrar a cabeça nas mãos. Mordeu o lábio e sentiu gosto de sangue.

Vinte minutos depois, Ollie chegou ao necrotério de Cumberland County. O cheiro de álcool flutuava pelo ar. O médico-legista, um homem magro e impassível que estava lavando as mãos sobre uma pia, desligou a torneira e então levou o rapaz a uma parede de gavetas refrigeradas banhadas a níquel. O homem enxugou as mãos no jaleco, puxou dois fechos e deslizou os corpos para fora.

O coração de Ollie se apertou ainda mais. Seus olhos ficaram molhados. Lampejos de seu pai apanhando margaridas, a flor favorita de sua mãe. Uma imagem da mãe colocando um bilhete

na lancheira do pai. Presentes simples, símbolos de afeição de um pelo outro. Não haveria mais flores para a mãe colocar na mesa da cozinha, e nada mais de bilhetes carinhosos para o pai acrescentar à pilha que guardava em uma gaveta de cabeceira.

O policial, em pé na porta de entrada, virou a cabeça.

O médico-legista acabou de secar as mãos, usando o jaleco.

– São os seus pais?

Faltava um sapato nos pés da mãe, os dedos de um azul pálido. O peito do pai estava afundado, e seu braço esquerdo parecia ter sido quebrado. Incapaz de fazer seus olhos mirarem os rostos, Ollie tocou suas mãos, frias e duras. Começou a chorar, depois acenou para o médico-legista. Os rodízios de aço laminados começaram a se movimentar, e os pais dele desapareceram na câmara.



# Capítulo 3



Epping, Inglaterra

11 de setembro de 1940

Susan acordou com o cheiro da terra úmida. Ela abriu os olhos, mas tudo estava escuro, como se tivesse ficado cega durante o sono. Uma onda de medo inundou seu corpo. Seu coração bateu forte. Ela correu para a cama do avô.

– Você está bem? – Bertie sussurrou.

Susan encontrou Duquesa aninhada ao lado de sua perna. Tocou suas asas, sentindo a suavidade das penas sob os dedos.

– Sim.

Bertie acendeu uma lamparina, lançando um brilho sobre o abrigo. Esfregou os olhos.

– Tem certeza?

Susan olhou para o teto, um mosaico de tijolos quebrados, pedra e argamassa. Tentou ouvir alguma coisa. Sem explosões. Sem sirenes. Sem motores. Apenas o chilrear de pardais caçando do lado de fora.

– Foram embora?

– Acredito que sim. – Bertie olhou para o relógio de bolso. – Mas é melhor esperar.

Susan acariciou Duquesa. O pombo arrulhou. Os batimentos de seu coração desaceleraram e a respiração voltou gradualmente ao normal. Em poucos minutos, uma sirene monótona e barulhenta soou do Campo de Aviação de North Weald, dando o sinal de que tudo estava bem.

Susan pegou Duquesa no colo, ficou em pé e abriu a porta do abrigo. Respirou fundo – uma mistura de ar fresco, orvalho e pólvora queimada. Algumas estrelas retardatárias se dissolviam no céu, dando lugar ao amanhecer. Ela olhou para Londres. Os

incêndios brilhavam. Correntes de fumaça surgiam no horizonte, como se o bombardeio tivesse aberto a terra e criado um portal para o inferno.

Susan sentiu o braço do avô em seu ombro. Baixou a cabeça e inclinou-se para ele.

Foram quatro noites seguidas de bombardeios. A névoa de cinzas se dissiparia ao longo do dia, enquanto as brigadas de bombeiros lutavam incansavelmente contra os incêndios violentos. Mas a noite traria outra rodada de bombas e mais destruição, forçando-os a se enterrar no abrigo como toupeiras, apenas para emergir todas as manhãs para descobrir o que restara de Londres.

– Em algum momento eles vão parar? – Susan perguntou, limpando os olhos.

– Em algum momento... – disse Bertie, uma ligeira hesitação na voz. Ele deslocou o peso do corpo e fez uma careta.

– Como estão seus joelhos?

Bertie esfregou suas pernas.

– Um pouco incertos, receio.

– Devia usar a bengala.

Bertie negou com a cabeça.

– Vou guardá-la para quebrar no traseiro de Hitler.

Susan apertou a mão do avô.

– Venha. Vamos passar uma pomada.

Na sala de estar – um espaço aconchegante com lareira de pedra e teto de viga de madeira –, Susan ajudou Bertie a se sentar em sua cadeira, enrolou as pernas de sua calça e esfregou pomada nos joelhos enquanto Duquesa se empoleirava na lareira. Ela limpou as mãos em uma toalha, depois foi até o rádio no canto da sala e ligou. Som de estática. Ajustou o botão e encontrou o sinal.

Ouviram reportagens que forneciam apenas vagas descrições da destruição e nenhuma menção a fatalidades.

– Por que não estão dando detalhes? – Susan perguntou.

– Espiões. Não queremos fornecer aos nazistas nenhuma informação sobre o que eles conseguiram realizar.

Susan tremeu ao pensar em espiões em Londres. Ela queria desesperadamente saber mais e, mais importante, desejava saber o que podia fazer para ajudar. Uma hora depois, conseguiu as respostas para seus questionamentos quando o primeiro-ministro se dirigiu à nação.

Enquanto Susan esfregava outra camada de pomada nos joelhos de Bertie, o cheiro de eucalipto enchendo o ar, eles ouviram a voz confiante e inabalável de Winston Churchill. Churchill falou do objetivo de Hitler de obter superioridade aérea sobre a Grã-Bretanha, antes de os alemães começarem uma invasão terrestre. E, quando Churchill abordou os ataques bárbaros contra civis, sua transmissão foi muito além dos bombardeios em Londres. Seu discurso, acreditava Susan, tinha a intenção de acender uma chama nos corações do povo britânico e despertar a vontade de lutar.

A respiração de Susan acelerou. Ela reparou em Bertie, de boca aberta olhando para o rádio. Imaginou tropas alemãs atacando nas costas britânicas e marchando pela floresta de Epping, queimando o que veem pela frente e massacrando todos pelo caminho.

Depois da breve transmissão de Churchill, em que chamou todos os homens e mulheres para assumir seus postos, Susan desligou o rádio. Ela imaginou que os londrinos estavam lutando para voltar à normalidade. Apesar da esperança nas palavras de Churchill, os professores retornariam às salas de aula para descobrir que a maioria de seus alunos havia sido enviada para o campo de batalha, os operários não retornariam às fundições, os padeiros não encontrariam farinha para fazer seu pão racionado e os policiais patrulhariam as ruas desertas. Mas todos iriam cumprir o seu dever, fosse o que fosse. Ela e Bertie também.

– Temos trabalho a fazer – disse Susan.

Bertie assentiu, apertou as ataduras nos joelhos e ficou em pé.

Susan carregou Duquesa para fora, beijou o topo da cabeça do pássaro e o atirou para o ar. Duquesa sobrevoou o pátio e pousou no telhado do pombal. O pássaro enfiou a cabeça

debaixo da asa, como se para proteger os olhos das brasas brilhantes de Londres.

Susan olhou para o apocalipse ardendo no horizonte.

– Isso vai acabar logo – sussurrou para si mesma, sem saber que a Luftwaffe iria bombardear Londres por cinquenta e sete noites consecutivas.



# Capítulo 4



## Buxton, Maine

O funeral dos pais de Ollie aconteceu em uma terça-feira. O público era pequeno; ele era filho único, e seus parentes mais próximos eram pessoas que o rapaz nunca tinha conhecido, que ainda viviam em pequenas cidades pontilhando a costa inglesa e as Terras Altas escocesas. As pessoas eram na sua maioria agricultores vizinhos, homens e mulheres trabalhadores que vestiram suas roupas de domingo engomadas para prestar aquela última homenagem. Alguns dos amigos pilotos de seu pai tinham vindo, um deles um homem sombrio, com olhos escuros e fundos, que usava orgulhosamente um broche com as asas da Grande Guerra na lapela de seu paletó.

A cerimônia foi curta. Ollie, com os olhos fixos nos caixões, tentava ouvir as palavras do padre. Depois da cerimônia, agradeceu individualmente aos que estavam presentes, aceitando infindáveis apertos de mão, abraços e palavras de condolências, incapazes de elevar seu espírito. Ele ouviu sussurros sobre o homem, que agora estava sóbrio na cadeia do condado aguardando a sentença por atropelar seus pais. Mas a justiça de uma longa pena de prisão não os traria de volta.

Na quinta-feira, o banco pediu uma reunião. Ollie levantou-se cedo e dirigiu o caminhão dos pais até Portland. Baixou os vidros, com medo de que o leve cheiro do pós-barba do pai ou do perfume da mãe o fizessem chorar novamente. A última coisa de que ele precisava era chegar à reunião com o banqueiro de olhos vermelhos.

Uma recepcionista levou-o para o escritório. Um homem gordo, com o nariz redondo e cabelos engomados, estava sentado atrás de uma grande mesa sem papéis, exceto por um

porta-cartões de visita gravado com as palavras *Sal Bronson, Presidente*. O homem não se deu ao trabalho de se levantar; em vez disso, gesticulou para que Ollie se sentasse.

– Ollie – disse o Sr. Bronson. – Este é o Sr. Hood, o advogado que nos ajudará a finalizar os assuntos entre o banco e a propriedade de seus pais.

Ollie olhou para o homem de bigode fino sentado em uma cadeira ao lado. O homem tirou o chapéu sem fazer contato visual e abriu a pasta no colo.

– Ollie, você sabe qual é o montante da dívida de seus pais? – perguntou o banqueiro.

– Bem, não exatamente. – Ollie se mexeu na cadeira. – Mas tenho certeza de que tinham dívidas. Afinal, somos agricultores.

– Pelas informações que tenho, seus pais não tinham seguro de vida, tinham?

Ollie assentiu.

O Sr. Hood entregou-lhe alguns papéis e inclinou-se para trás na cadeira.

– Esta é a lista das dívidas da fazenda, casa, maquinário e inseticidas. Seus pais vinham atrasando os pagamentos. Resumindo, a fazenda está enterrada em dívidas, e nós vamos executar a hipoteca.

Ollie engoliu em seco.

– E quanto à colheita de batatas?

O banqueiro balançou a cabeça.

– Não foi suficiente para cobrir o débito.

– Mas os meus pais, mesmo que atrasassem um pouco, sempre cumpriam seus compromissos.

O banqueiro levantou a mão.

– Nós enviamos uma equipe esta manhã para apreender o maquinário da fazenda. O Sr. Hood vai tratar do processo de execução da hipoteca.

– Deve haver algo que possa ser feito – disse Ollie.

O banqueiro negou com a cabeça.

– Foi muito ruim, financeiramente, o seu pai prestar serviços de pulverização de inseticida, isso sem mencionar a utilização de terras agrícolas preciosas para construir uma pista de pouso. –

Ele passou os dedos grossos como salsichas, pelo cabelo liso. – Receio dizer que ele não era bom nos negócios.

Ollie ficou em pé. Sua pulsação estava acelerada.

– Os meus pais podiam não ter conhecimento financeiro, mas eram pessoas honestas e trabalhadoras que se preocupavam muito com os agricultores de Buxton. – Atirou os papéis, espalhando-os pela mesa do banqueiro e saiu.

Quando chegou em casa, já havia uma placa de leilão fincada na entrada da garagem. Ollie parou o caminhão, arrancou a placa do chão e atirou-a no pátio. Outro aviso tinha sido afixado à porta da frente. Ele o arrancou e amassou. Dentro da casa tudo parecia estar no lugar, mas o celeiro era outro assunto. O trator havia desaparecido e o biplano estava sem a hélice. A equipe de reintegração de posse do banco, Ollie imaginou, tinha levado a hélice até que pudessem arranjar alguém para conduzir o avião. Era como se o avião tivesse sido deixado nu. Ele sentiu a necessidade de subir até o depósito de feno e pegar a velha hélice. Ela estava um pouco dentada, porém ainda funcionaria. Mas para onde ele iria? O que faria depois de chegar lá? Quanto tempo poderia ficar na fazenda antes de ser despejado?

Recusando-se a ficar para ver a fazenda de seus pais ser leiloada, Ollie foi para o quarto e arrumou a mala. Tentou se lembrar das poucas coisas materiais que eram importantes para ele: uma foto de seus pais, que ele tirou de uma moldura na lareira, seu diário de voo e a carta de aceitação para o Instituto Politécnico de Worcester. Foi embora, incapaz de olhar para trás. Sua primeira parada foi no cemitério, onde colocou flores silvestres douradas – escolhidas na margem da estrada – nos túmulos de seus pais. Disse adeus, sem saber quando voltaria. Ao deixar suas últimas moradas, desejou ter tido tempo para colocar ali algumas flores artificiais, algo que ficasse bonito até a grama crescer.

Sua segunda parada foi em uma pequena loja de carros usados em Buxton. Ele vendeu o caminhão, pois precisava de dinheiro mais do que de transporte. Além disso, o banco levaria o veículo se ele não o vendesse. Só recebeu oitenta e cinco dólares, mas, considerando que o painel estava enferrujado e o

motor soava como um liquidificador cheio de moedas, ele acreditava que tinha sido um negócio justo.

Ollie começou a caminhada de vinte e cinco quilômetros sem se arrepender de não ter escolhido uma loja de veículos mais próxima da estação de trem de Portland. Ele precisava de tempo para pensar. Ir para Worcester era uma alternativa, mas oitenta e cinco dólares e os poucos trocados que haviam em sua carteira não eram suficientes para pagar a universidade. Ele teria que arranjar um emprego. Um lugar para ficar. Esperava que a caminhada lhe desse tempo para limpar o nevoeiro da cabeça e descobrir um plano.

Ele olhou para o relógio, depois para o pôr do sol sobre os pinheiros, e percebeu que provavelmente iria perder o trem da noite para Boston. Sem vontade de voltar para casa, continuou caminhando, mesmo que isso significasse que teria de passar a noite na estação e pegar o trem pela manhã.

A viagem foi tranquila, exceto pelo zumbido das cigarras e o barulho dos carros que passavam. Quando seu braço se cansou, ele passou a mala para a outra mão. Passo a passo, viajou pela Estrada do Condado 22, sentindo o ar esfriar quando o sol começou a baixar. Horas se passaram, e ele chegou à Congress Street, com as luzes da cidade de Portland iluminando o horizonte. Várias centenas de metros à sua direita, o vislumbre das balizas de pista atraiu sua atenção para o aeroporto de Portland. Ele parou, pousou a mala e esfregou o braço. Três pistas de aterrissagem se espalhavam por um grande lote de terreno com um pequeno edifício térreo de tijolos e dois hangares. Ele ouviu os motores gêmeos sufocando e cuspidos. Poucos segundos depois, os motores arrancaram e depois pararam abruptamente.

Ollie seguiu por uma estrada lateral para ver melhor e encontrou um homem de bigode usando um uniforme militar verde-oliva com um cinto estranho sobre o jaleco, gritando para o piloto de um pequeno avião de passageiros desligar o motor.

Ollie notou as letras RCAF e um brasão britânico, parecendo um alvo, pintado na cauda. O piloto acenou com a mão para fora da janela, saiu de seu assento e deixou o avião com dois outros

homens para examinar os motores. Um mecânico com manchas de graxa na frente do macacão se aproximou para ajudá-los.

O homem de bigode reparou em Ollie, tomou um gole de um cantil que segurava e disse:

– O que você quer, garoto?

Ollie olhou para trás e percebeu que o homem estava falando com ele.

– Nada – disse, apertando a alça da mala. – Parece que os motores afogaram.

– Você entende alguma coisa de aviões?

Ollie engoliu.

– Só de biplanos. E muito mais velhos do que este, receio.

O homem sorriu, com rugas nos cantos dos olhos.

– Sendo assim, toma um trago comigo?

Ollie hesitou.

– Vão consertar este pássaro em um instante. – O homem, com três fileiras de medalhas brilhando do lado esquerdo da jaqueta, deu um passo à frente e estendeu a mão. – Meu nome é Bishop.

– Ollie. – Ele apertou a mão do homem e os dois se sentaram em um banco ao lado de um hangar.

Bishop ofereceu o cantil a Ollie.

– Saúde, meu bom homem.

Ollie tomou a bebida, sentiu a garganta queimar e tossiu.

– Obrigado – suspirou.

Bishop sorriu.

– Então, me conte o que você sabe a respeito de biplanos.

Ollie contou a ele sobre o pequeno avião do pai, o negócio da colheita, e disse que voava desde que completara catorze anos. Bishop fez muitas perguntas, como se a aplicação de inseticidas sobre as batatas fosse um negócio glamoroso, e se mostrou particularmente interessado em saber se Ollie tinha mais de 300 horas de tempo de voo certificado.

Ollie abriu a mala, pegou o diário de bordo de baixo de uma calça e o folheou.

– Nunca contei de verdade, mas facilmente tenho mais de duas mil.

– Impressionante.

Ollie viu que Bishop olhava para sua mala.

– Estou indo para Worcester. Vou estudar engenharia aeronáutica. – Ele fechou a mala e a deitou, pensando em como faria para pagar a universidade.

Bishop tomou um gole do cantil e o repassou a Ollie. O segundo trago não queimou tanto quanto o primeiro, apenas aquecendo o estômago de Ollie e deixando um forte sabor de turfa em sua boca.

– Você me derrotou por um ano inteiro com seu primeiro voo solo – disse Bishop. – Quando eu tinha 15 anos, construí um avião com caixas de papelão, caixotes e cordéis. Voei do topo da casa de três andares dos meus pais em Ontário, ou, mais precisamente, bati com minha monstruosidade no canteiro de rosas da minha mãe. Minha irmã me tirou dos destroços usando uma tesoura de podar. Felizmente eu não me machuquei, exceto por um arranhão e pela repreensão dos meus pais. – Bishop arregaçou a manga, mostrou a Ollie uma cicatriz longa e fina que se estendia pelo cotovelo e tomou um gole do cantil.

Eles passaram a hora seguinte falando sobre voar, compartilhando histórias de manobras de biplanos: rolos de barril, piruetas, *loops* internos, *loops* externos, oitos preguiçosos e manobras de Immelman. Quando o piloto apareceu e disse a Bishop que o motor estava consertado, este acenou para ele e lhe pediu para verificar novamente o avião.

Bishop inclinou-se para trás em seu banco.

– Então, Ollie, o que você está achando da guerra?

Ele pensou nas conversas com seus pais e sentiu uma tristeza repentina.

– Não entendo por que ainda não estamos na guerra, ou pelo menos ajudando.

Bishop concordou com a cabeça.

– Já pensou em se alistar na Força Aérea?

– A Força Aérea dos Estados Unidos exige formação universitária, o que eu ainda não tenho.

Bishop sorriu.

– Para as forças aéreas canadenses e britânicas não há esse requisito. Só exigem trezentas horas de tempo de voo, licença para pilotar e ser solteiro. Na verdade, você poderia até mesmo usar óculos. – Ele bebeu mais uísque do cantil. – Se mudar de ideia sobre a universidade, eu posso colocar você na Força Aérea Real Canadense.

– Com todo o respeito, senhor...

– Me chame de Bish; quem divide uma bebida comigo me chama de Bish. – Ele entregou o cantil a Ollie.

Ollie tomou outro gole, sentindo a cabeça começar a girar.

– Já adiei a universidade por três anos. Além disso, se eu me alistasse em uma força aérea estrangeira, teria de ser a Força Aérea Real Britânica.

– A RAF... Posso perguntar por quê?

Ollie pensou em sua última conversa com o pai. Uma onda de culpa fez seus olhos marejarem.

– O meu pai sempre me disse que a nossa família pode ter perdido o sotaque, mas o nosso sangue é, e sempre será, britânico.

Bishop sorriu.

– Eu gosto de homens que têm orgulho de suas raízes. Você tem um bom pai, filho.

Ollie engoliu.

– Tinha. – O sorriso de Bishop desapareceu. – Os meus pais morreram.

– Sinto muito.

Ficaram sentados por um momento, ouvindo o cricrilar dos grilos perdurando nos últimos dias do outono. Depois, Bishop tirou um cartão de visita do bolso, escreveu algo no verso com um lápis e entregou-o a Ollie.

– Se mudar de ideia sobre a escola, aqui está uma maneira de se alistar na força aérea canadense ou britânica – disse Bishop, quebrando o silêncio. – Eu cuido do recrutamento para a Força Aérea Real Canadense; o endereço do nosso quartel-general em Nova York está impresso na frente. Escrevi no verso o nome de um homem que conheço em Londres e que está trabalhando na criação de um esquadrão de caças americanos

para a RAF. Tudo o que você precisa fazer é ir para Londres. Não há garantia, mas vou colocar o seu nome em uma das listas, Ollieeeee...

– Evans.

– O resto é com você, Ollie Evans.

– Obrigado pela oferta e pela bebida, mas vou partir para Worcester amanhã cedo.

O som dos dois motores abafou suas vozes. Ollie apertou a mão de Bishop e acompanhou-o até o avião.

– Boa sorte, Ollie. – Bishop subiu os degraus do avião, com a tripulação já embarcada e esperando por ele.

– Bishop! – Ollie gritou, o uísque superando sua timidez. O homem se virou no alto da escada. – Por que você tentou voar em um avião de papelão na casa dos seus pais?

Bishop sorriu, de repente parecendo mais velho nas sombras da noite. Um homem, provavelmente na casa dos quarenta, envelhecido pela pressão da guerra.

– Porque, meu bom homem, eu nasci para voar. – Ele entrou no avião e fechou a porta da cabine.

Ollie sentiu a explosão de vento despertada pelas hélices. O cheiro de combustível encheu suas narinas. Ele viu o avião acelerar pela pista, voar para a noite e desaparecer nas estrelas. O mecânico que tinha trabalhado na aeronave aproximou-se de Ollie.

– Sabe quem era? – Ele limpou a graxa das mãos na frente do macacão.

Ollie coçou a cabeça.

– O nome dele é Billy Bishop, marechal da Força Aérea Real Canadense. Ele veio da Nova Escócia. Ouvei o piloto dizer que Bishop acabou de se encontrar com Winston Churchill e agora está a caminho de uma reunião secreta com Roosevelt. Dá para acreditar nisso? Eles estão montando um escritório de recrutamento de pilotos em Nova York; Bishop vai tentar fazer o FBI fechar os olhos para o Acordo de Neutralidade dos Estados Unidos. – O mecânico empurrou o braço de Ollie. – O que foi que ele te disse?

– Nós falamos sobre voar. – Ollie pegou sua mala e começou a caminhar.

Seguiu para a estação de trem, mas o portão estava trancado. Percebendo que teria de esperar até que amanhecesse para a estação abrir, encontrou um banco de parque e se sentou. Quando seus olhos se ajustaram, viu um homem barbudo vasculhando um caixote de lixo. Ollie viu o homem escolher algo, limpar de leve e colocar na boca. Ele queria saber se o homem era apenas uma vítima da Depressão ou quem sabe estivesse ferido, como seu pai, e tivesse o curso de sua vida alterado. Incapaz de ficar parado e vê-lo vasculhar por comidas infestadas de moscas, Ollie tirou alguns trocados do bolso. Quando se aproximou, o barbudo levantou uma garrafa de leite vazia. Ollie ergueu lentamente as mãos, ajoelhou-se e colocou o dinheiro no meio-fio.

Quando Ollie voltou para seu banco, o homem havia apanhado as moedas e desaparecido. Exausto, o rapaz deitou-se encolhido e fechou os olhos.

Minutos depois, um golpe na cabeça sacudiu Ollie do sono. Atordoado, ele caiu do banco, sentindo o cimento frio contra seu rosto. A cabeça latejou. Tocando em seu couro cabeludo, os dedos ficaram molhados. Com a visão desfocada, ele viu uma figura negra vasculhar sua mala. Tentou ficar em pé, mas perdeu o equilíbrio e caiu. Enquanto a vertigem diminuía, lutou para se sentar e notou que o autor do ataque havia fugido. O conteúdo da mala estava espalhado como confete sobre a grama. E ao lado dela estavam os fragmentos de uma garrafa de leite quebrada.



# Capítulo 5

## Portland, Maine

Ollie esfregou a cabeça dolorida. Era como se o homem que o roubara tivesse feito uma lobotomia nele com uma faca de manteiga. Reuniu forças, levantou-se com os joelhos vacilantes, e recolheu os restos de seus itens pessoais que estavam espalhados pela grama. Encontrou a maioria de seus bens, incluindo o diário de voo e a fotografia de seus pais. A única coisa que faltava era seu dinheiro: o montante da venda do carro e até mesmo os dois dólares que estavam escondidos em sua carteira. Ele procurou no parque pelo homem que o tinha roubado, mas não o achou em lugar algum. Ollie encontrou um banheiro público perto da Praça Longfellow e ali, embora a porta estivesse trancada, localizou uma janela que não estava. Rastejou para dentro e caiu no chão, sentindo o azulejo gelado contra as mãos. Puxando uma corda presa a uma luminária no teto, olhou no espelho e desejou ter deixado a luz apagada. Havia um grande corte na testa, logo abaixo da linha do cabelo. Sangue seco cobria o lado esquerdo do rosto e gotejou pelo pescoço como cera endurecida, tingindo o colarinho de sua camisa branca. Ele lavou o rosto e esfregou as manchas da camisa, até ficarem com apenas uma tonalidade rosa. Penteou o cabelo com os dedos e pensou que precisaria levar pontos. Mas não tinha tempo e, mais importante, não tinha dinheiro.

Na estação, Ollie se juntou à multidão que se reunia para pegar o trem para Boston, a maioria com a cabeça enterrada no jornal da manhã. Tentou vender o relógio para comprar um bilhete; sem encontrar interessados, recorreu à tentativa de se desfazer da mala. Mas todos estavam ocupados lendo o jornal e se irritavam quando ele interrompia a leitura para mostrar como

as travas de mola ainda funcionavam bem na maleta esfarrapada.

Um apito soou, e o trem deslizou até parar, as rodas gritando sobre os trilhos. O motor assobiou, as portas se abriram e a multidão embarcou, pouco a pouco, até que a estação ficou vazia. Exceto por Ollie.

As portas se fecharam, o trem avançou e Ollie viu seu futuro desaparecer pelos trilhos. Enquanto permanecia ali sozinho, tentando descobrir um plano para ganhar algum dinheiro para pegar o trem da tarde, uma brisa soprou um jornal amassado até seus pés. Ele o apanhou, curioso para saber o que tinha captado a atenção de todos. Olhou para a manchete: *Bombardeio em Londres dura toda a noite! Nazistas contam com 1.000 aviões!* Cada palavra da notícia, em particular o número crescente de mortes, fazia a raiva de Ollie aumentar, e sua cabeça vibrar. Deixando o jornal cair, mexeu em seu bolso e removeu o cartão que Bishop lhe tinha dado. Leu *Hotel Waldorf Astoria, Nova York*. Sem nome. Sem número. Nas costas, rabiscado a lápis, *Charles Sweeny, Londres*.

Ollie esfregou a cabeça dolorida e reparou que o corte estava pegajoso. Olhou para o sangue nos dedos e pensou no pai. *Nossa família pode ter perdido o sotaque, mas nosso sangue é, e sempre será, britânico*. Deixou a estação, sem se preocupar em verificar a hora do próximo trem.

O estaleiro de Portland estava praticamente deserto, pois a maioria dos navios tinha partido ao amanhecer. Os poucos ainda atracados estavam sendo consertados ou posicionados na direção contrária, mas Ollie encontrou um cargueiro que ia para Halifax carregando cereais. Quando o convés estava deserto, saltou a bordo, levantou uma cobertura de lona em um bote salva-vidas e se escondeu lá dentro.

O apito do navio explodiu. Ollie vacilou, batendo com a cabeça contra a parede do bote. Sentiu algo quente escorrer pelo rosto e percebeu que o corte em sua cabeça havia reaberto. Pegou a mala e dela tirou um pé de meia, ainda fresco com o cheiro do sabão de lavar roupas de sua mãe. Limpou os olhos e pressionou a meia contra a ferida. Ollie sentiu o barco se mover e

se perguntou quantas horas – ou dias – levaria para chegar à Nova Escócia. Enquanto balançava com as ondas do mar aberto, enrolou-se no canto do salva-vidas e adormeceu.

Ollie acordou com uma dor excruciante na cabeça e com a língua seca como se fosse um pedaço de couro ressecado pelo sol. Tinha se passado pelo menos um dia desde que comera pela última vez, talvez mais. Fazia quase o mesmo tempo que não bebia nada, exceto os goles de uísque do cantil de Bish, que não fizeram nada além de sugar a hidratação de seu corpo e alimentá-lo com a confiança tola de que ele poderia dormir em segurança em um banco de praça. Felizmente, Ollie encontrou uma caixa de metal debaixo de uma pilha de coletes salva-vidas que estava cheia de suprimentos, incluindo latas de leite condensado, uma garrafa de água e biscoitos.

Infelizmente, o capitão gostava de passar seu tempo de descanso atrás de um bote salva-vidas que servia como escudo contra o vento para que pudesse acender seus charutos baratos. E, quando colocou a mão sobre a chama cintilante de seu isqueiro Zippo, o capitão ouviu o som inconfundível de biscoitos crocantes.

Enquanto Ollie terminava outro biscoito, a cobertura de lona rasgou-se e uma mão forte agarrou seu colarinho. Ollie levou as mãos ao pescoço, tentando não ser asfixiado. Subitamente, foi arrancado do barco salva-vidas e atirado sobre o convés.

– Quem diabos é você? – gritou o capitão. Ollie semicessou os olhos por causa da luz do sol.

– Ollie Evans, senhor.

– O que está fazendo no meu navio?

Os olhos de Ollie ajustaram-se e ele viu um homem atarracado e de cabelo grisalho espesso como arame.

– Estou a caminho da Inglaterra para me alistar na Força Aérea Real. – O rapaz limpou as migalhas do rosto. – Eu sou um piloto.

O capitão olhou para o jovem ferido, balançou a cabeça e riu.

Ollie ficou em pé, depois reparou na meia colada em sua cabeça. Ele sentiu vergonha... arrancou a peça de roupa de cima da ferida e enfiou-a no bolso.

– Temos dois castigos para os clandestinos. – O capitão tragou o charuto, deu um passo à frente e jogou a fumaça no rosto de Ollie.

Ele tossiu.

– Nós podemos atirar você no mar. – O capitão lançou as cinzas por cima do parapeito do navio. – Como você está todo machucado, os tubarões iriam te apanhar antes mesmo de se afogar.

Ollie engoliu.

– Ou podemos colocá-lo para trabalhar.

– Prefiro trabalhar, senhor.

– Imaginei que fosse dizer isso. Normalmente não lhe daria escolha, mas tive uma desistência.

Ollie não achava que o capitão falava sério quanto a jogá-lo no mar, mas não estava disposto a descobrir. Procurou sua mala e seguiu o homem para dentro. Ao longo do caminho, o capitão riu um pouco mais sobre o plano de Ollie de ser piloto da Força Aérea Real, comentando que o jovem parecia mais um caçador de ratos do que um aviador. Ollie não entendeu a piada do homem, nem sabia como exatamente um caçador de ratos se pareceria, se é que havia tal profissão. Independentemente de o capitão mantê-lo a bordo como empregado por necessidade de trabalho ou por diversão, Ollie aceitou com gratidão a oferta para trabalhar em troca de uma passagem de ida para Halifax.

Na cozinha, o capitão o apresentou a um homem chamado Beans, um senhor baixo e idoso que mexia uma panela de farinha de aveia.

– Veja o que pode fazer para consertá-lo, depois o mande lá para cima – disse o capitão. – Ele vai ficar com as tarefas de Willie. – O Capitão pitou o charuto e saiu.

Beans levantou sua colher de pau, coberta de pedaços de aveia, e gesticulou para Ollie se sentar. Pousou a colher e pegou uma garrafa de álcool e um pano de dentro de um armário.

– Me deixe adivinhar. Briga de bar ou fuga da polícia.

– Nenhum dos dois – disse Ollie.

Beans levantou as sobrancelhas.

– Isso vai arder. – Espirrou álcool na ferida do rapaz e cobriu-a rapidamente com o pano.

Ollie fez uma careta.

– O que aconteceu? – Beans perguntou, enquanto olhava o ferimento. Ollie contou a ele sobre os pais e seus planos para se alistar na Força Aérea Real até que percebeu que Beans se referia ao corte em sua cabeça.

– Acredito que tenha sido uma garrafa de leite – acrescentou.

– Sinto muito. – Beans pousou o pano. – Sobre seus pais, quero dizer.

Ollie assentiu.

Beans costurou o corte na cabeça do jovem com um anzol de pesca e um fio da bainha de sua calça. Acontece que Beans tinha sido alfaiate em sua juventude, até que a Depressão fechou a loja onde trabalhava. Desesperado por trabalho, aceitou uma posição como cozinheiro do navio. Esperava que o trabalho fosse temporário, mas isso havia sido uma década antes. Beans enfiou o gancho na testa de Ollie.

A dor aumentou.

– Qual é seu nome verdadeiro? – Ollie perguntou, rangendo os dentes.

– Ben. – O cozinheiro apertou um ponto.

Ollie se segurou nos braços da cadeira.

– O capitão chama todos nós por apelidos. Não sei bem por quê. – Beans deu mais alguns pontos, atou cuidadosamente um nó, cortou as pontas do fio com uma tesoura e inclinou-se para trás a fim de admirar seu trabalho. – Parece bom. Talvez nem fique com uma cicatriz.

– Obrigado, Ben.

O cozinheiro assentiu com a cabeça.

Ollie ofereceu o relógio em troca de seus serviços médicos, mas Beans recusou, parecendo grato por estar fazendo algo além de mexer uma panela de farinha de aveia ou talvez por ser chamado pelo primeiro nome depois de mais de dez anos.

Ollie passou a maior parte dos dois dias de viagem esfregando deques, limpando banheiros, lubrificando dobradiças corroídas pelo sal e, a tarefa principal, caçando ratos. Era

aparentemente um grande problema controlar a população de roedores em um navio de carga, especialmente quando estava cheio de grãos deliciosos. As rondas dos ratos, como o capitão as chamava, tinham sido uma das principais tarefas do antigo ajudante de convés, Willie. E Ollie entendeu por que Willie tinha desistido quando se viu montando armadilhas do tamanho de caixas de sapatos, cobertas com queijo verde mofado – mais mofo do que queijo – e cheirando a leite azedo.

Ollie recolhia as armadilhas duas vezes por dia, atirando os corpos guilhotinados ao mar. Era perturbador ver as bocas abertas dos ratos, seus incisivos amarelos afiados, barrigas inchadas de milho e caudas parecidas com cobras. Eram certamente muito maiores do que os ratos na fazenda. Mas, apesar da aparência grotesca, ele esperava que os ratos não tivessem sofrido. E, depois de acidentalmente prender os dedos enquanto instalava uma armadilha, ele teve certeza de que seu fim era rápido e indolor. A pior parte era que o capitão era muito pão-duro para comprar ratoeiras novas, então Ollie tinha que esfregar as pranchas sujas de sangue em um balde de água salgada e reutilizá-las. O capitão referia-se a esse ritual como “lavar a louça”. Era de longe a parte menos desejável do trabalho, mas isso o impedia de pensar na família e de achar que tinha cometido o maior erro de sua vida.

Quando o navio chegou à Nova Escócia, Ollie encontrou Ben na cozinha esfregando uma pilha de panelas sujas.

– Obrigado pelos pontos – disse Ollie, apontando para a testa. – Você podia ser cirurgião.

– É melhor ir andando antes que o capitão mude de ideia – disse Ben.

Ollie pensou no capitão. Acontece que o sobrenome dele era McCracken, e, apesar de ser um marinheiro duro que desprezava os passageiros clandestinos, ele desgostava ainda mais da neutralidade americana. Então, o capitão cumpriu a promessa de permitir que Ollie desembarcasse na Nova Escócia. Caso contrário, o jovem podia estar em apuros.

Ben deixou cair uma panela na pia.

– Se eu fosse trinta anos mais novo, iria me demitir e sair daqui com você.

A observação lembrou Ollie das frequentes ameaças de seu pai sobre ir a Montreal a pé para se juntar ao esforço de guerra. Enterrou o pensamento e apertou a mão ensaboada do cozinheiro.

– Cuide-se, Ben.

Ollie pegou sua mala, seguiu até o convés e olhou além da proa. Halifax se assemelhava a muitos dos portos do Maine: água azul-escura, fileiras de píeres raquíticos e armazéns de tijolos inseridos em uma terra de pinheiros. Podia muito bem ser Portland, exceto por duas diferenças: bandeiras canadenses e navios militares. As docas e o porto estavam cheios de *destroyers*, fragatas, cruzadores, navios de patrulha, navios de escolta e mineradores.

Gotas de suor se formaram na testa de Ollie. Ele limpou a sobrancelha e se forçou a pisar na prancha de embarque, percebendo, naquele instante, que estava indo para a guerra.



# Capítulo 6



## Epping, Inglaterra

Uma campainha tocou. Susan e Bertie se animaram com o som inesperado, após estarem condicionados aos barulhos de explosões e sirenes ensurdecedoras por noites a fio. Após o segundo toque, perceberam que era o telefone dentro do chalé. E o que era ainda mais surpreendente: a linha estava funcionando.

Susan, carregando Duquesa, correu para dentro. Rapidamente colocou o pombo no assento de uma cadeira de madeira, com o pássaro batendo as asas para manter o equilíbrio.

– Alô – disse Susan, agarrando o fone.

– Olá, aqui fala Jonathan Wallace, do Serviço Nacional de Pombos. Posso falar com Bertie Shepherd?

– Um momento. – Susan olhou pela janela e viu seu avô de pernas arqueadas, gemendo de dor. Ela segurou o telefone próximo ao peito e gritou.

Bertie acelerou o passo, mordendo o lábio inferior em resposta ao ranger dos joelhos. Chegou ao chalé sem fôlego.

– Serviço Nacional de Pombos – disse Susan, tapando o fone.

Bertie limpou a garganta.

– Alô – disse ele, tentando não parecer cansado. Inclinou o fone. Susan também se inclinou, pressionando o rosto contra a face do avô para ouvir.

O Sr. Wallace informou-os dos planos para uma reunião conjunta em Londres na semana seguinte, incluindo Serviço Nacional de Pombos, a Inteligência Britânica e a Força Aérea Real. Bertie, bem como vários outros membros do Serviço

Nacional de Pombos, tinham de estar presentes. Bertie tentou fazer perguntas, mas o Sr. Wallace só podia fornecer a data e explicar que o Tenente de Voo Clyde Boar, da RAF, o escoltaria até um local secreto em Londres.

Susan viu Bertie anotar a informação em um pedaço de papel, perguntando-se se restaria alguma coisa de Londres até a semana seguinte, e por que as autoridades britânicas levaram tanto tempo para planejar a missão.

– Tenha um bom dia, Jonathan – disse Bertie. Desligou o telefone e olhou para Susan.

– Você o conhece? – perguntou ela.

Bertie assentiu.

– Participamos de corridas de pombos juntos.

Susan foi buscar Duquesa.

– Você não está em condições de viajar.

– Estou bem.

Susan ajudou Bertie a se sentar na cadeira da sala de estar. Apoiou seus pés em um banco e enrolou sua calça até acima dos joelhos. As pernas finas pareciam lápis, os joelhos inchados como melões. Pressionou um dedo em uma rótula.

– Ai!

Susan balançou a cabeça.

– Você não pode ir.

– Vou me recuperar. – Ele colocou a mão no ombro de Susan.

– Foi a corrida para o abrigo que os arruinou.

Susan foi buscar panos frios e pomada e esfregou suavemente um pouco de arnica nos joelhos dele.

Duquesa esvoaçou e pousou nas costas da cadeira de Bertie.

– O que você está olhando? – Bertie disse, por cima do ombro.

Duquesa girou a cabeça e viu a jovem enrolar panos em volta dos joelhos de Bertie.

Susan enfiou uma mecha de cabelo solto atrás da orelha.

– Eu vou.

Bertie negou com a cabeça.

– É perigoso.

– Você mal consegue andar, que dirá viajar para Londres.

– Não posso deixar você ir. Os seus pais e a sua avó nunca me perdoariam. – Ele colocou a mão no braço de Susan. – E eu nunca me perdoaria.

Susan pensou em sua avó, recordando suas caminhadas na floresta de Epping para apanhar bagas de sabugueiro selvagem, a maior parte das quais as duas comiam antes de regressar a casa. *Vamos dizer ao seu avô que os pombos dele roubaram todas as bagas*, dizia muitas vezes a avó, atirando um punhado em sua boca. Susan sorria, arrancava uma baga de um arbusto e colocava na boca, sentindo-se um tanto marota. Era o pequeno segredo das duas. Elas voltavam de suas aventuras com a barriga cheia, baldes vazios e novas recordações, apesar de sempre tomarem o mesmo caminho sinuoso. Susan podia se lembrar de cada detalhe de seu cabelo grisalho, um sorriso constante espalhando as rugas suaves em suas bochechas e o timbre eloquente de sua voz, como as cordas de um velho violino. A avó faleceu durante o sono, em uma noite quente de verão, apenas quatro anos antes. Mas parecia que tinha sido uma vida atrás, pois a guerra criara uma divisão entre o passado e o presente.

Susan tentou se lembrar de seus pais, vítimas da gripe espanhola, mas só conseguia imaginar crianças pulando corda enquanto cantavam: *I had a little bird, its name was Enza. I opened the window, and in flew Enza.*

Susan apertou as mãos, fechando aquele compartimento de sua mente.

– Eu vou – disse Susan.

– De jeito nenhum – Bertie retrucou, firmemente. – Além disso, o homem de Wallace... ele disse que é um tal de Clyde Boar. O único Boar que conheço foi o pequeno idiota da sua escola primária que comeu o enfeite da árvore de Natal da igreja. Não vou deixar que um comedor de enfeites acompanhe a minha neta a Londres.

Susan balançou a cabeça.

– O arranjo era feito de milho. E duvido que seja a mesma pessoa.



# Capítulo 7



## Halifax, Nova Escócia

As autoridades canadenses da alfândega eram quase inexistentes, considerando que a maioria dos funcionários aduaneiros tinha partido para a guerra. Havia apenas dois oficiais trabalhando no porto – um com óculos grossos, que lutava para ler sua prancheta, e outro que passava seu tempo olhando através de um binóculo, como se estivesse esperando um submarino alemão subir das profundezas do porto de Halifax. Ollie desembarcou do navio e misturou-se com uma multidão.

Sem vontade de testar sua sorte novamente como um passageiro clandestino, ele passou três dias em Halifax tentando negociar a entrada em um navio com destino à Inglaterra. Só recebeu rejeições, a maioria das quais vindas de tripulações de navios militares britânicos ou canadenses, descrentes de que um jovem com a testa costurada e uma mala esfarrapada poderia ser piloto da Força Aérea Real. Mostrar o cartão de visita de Bish e seu diário de bordo não tinham ajudado em nada. Ficava cada vez mais claro para Ollie que era improvável ele entrar em uma aeronave militar sem documentos.

Desanimado, o rapaz caminhou até o fim de um cais e sentou-se, as pernas balançando. Assistiu à maré baixar, revelando postes cobertos de cracas. O cheiro de sal encheu-lhe o nariz e, com os olhos, ele seguiu uma corda grossa amarrada a um cargueiro. Do outro lado do arco, pintado em letras brancas, estava o nome *Maaskerk*.

– May skurk – disse Ollie, coçando a cabeça. – Mase kirk.

Um marinheiro que caminhava pelo cais parou atrás de Ollie.

– Máscara urk... Mays kerk...

O marinheiro tirou o quepe e abanou a cabeça.

– *Maaskerk* – disse, com sotaque holandês.

Ollie virou-se.

– Maw Skerk?

– *Maaskerk*.

– *Maaskerk* – repetiu Ollie.

O marinheiro assentiu.

– O que você está fazendo aqui, além de não conseguir falar o nome do meu navio?

– Tentando chegar à Inglaterra – disse Ollie. – Vou me alistar na Força Aérea Real.

– Você não parece britânico.

– Sou americano.

– De onde você é?

– Buxton, Maine.

– Buckon?

– Buxton.

– Booksen?

– Não, Buxton. – Ollie notou o homem sorrindo e percebeu que era uma brincadeira. – Acho que estamos quites.

O marinheiro recolocou o quepe.

– Metade da nossa tripulação partiu para se alistar. O capitão me mandou à terra a fim de recrutar homens. Se você trabalhar, eu cuido da sua passagem.

Ollie levantou-se e estendeu a mão.

– Obrigado. Meu nome é Ollie.

– Jansen – disse o marinheiro, apertando a mão do jovem.

Ollie pegou sua mala, seguiu Jansen pela rampa e foi designado para trabalhar lubrificando peças do navio e do motor. Em pouco tempo estava cheirando a óleo, com suas mãos e camisa da cor do café. Enquanto Ollie esfregava os dentes de uma engrenagem, imaginava como as coisas seriam na Grã-Bretanha. *Onde eu vou ficar? Que avião vou pilotar? Como será um nazista? Meus pais ficariam orgulhosos? Serei morto?* Passou mais graxa na engrenagem e enterrou seus pensamentos.

O *Maaskerk* era um cargueiro holandês que fazia parte de um comboio que se dirigia à Inglaterra, buscando um trajeto seguro

na companhia de navios militares canadenses e britânicos. Um dia depois do início da viagem, o cargueiro apresentou problemas na hélice e diminuiu a velocidade para sete nós. Incapaz de continuar com o comboio de catorze nós, o *Maaskerk* foi forçado a navegar sozinho. Ollie ouviu temores da tripulação de que seriam um alvo fácil de mísseis lançados por um submarino alemão; chegaram a fazer apostas quanto a se chegariam ao porto de destino, especialmente quando surgiram rumores de que o casco estava secretamente cheio de munição, uma carga muito mais perigosa do que grãos ou ratos. Mas, quando o *Maaskerk* chegou ao porto de Liverpool, na Inglaterra, Ollie soube que o comboio havia sido atacado por uma matilha organizada em U e perdeu mais de uma dúzia de navios. Ficou triste com a perda de suas tripulações, muitos dos homens haviam acenado para ele de seus deques quando partiram de Halifax. E percebeu a sorte que teve por embarcar no *Maaskerk*, só porque estava intrigado com a forma de pronunciar o nome da embarcação.

Ollie desembarcou sentindo-se abençoado por ter chegado à Inglaterra, até ver a devastação. O porto estava imerso no caos. Todas as docas, com exceção de algumas, tinham sido reduzidas a pilhas de madeira e concreto esfarelado. Ao norte, um bloco inteiro de edifícios estava em ruínas. As pernas de Ollie fraquejaram. Sua boca ficou seca. Carregou sua mala em torno de um grande buraco no chão, sem dúvida causado por uma bomba, e se sentou em uma pilha de tijolos. Notou os trabalhadores dos estaleiros com suas roupas sujas, olhos fundos e linhas de tristeza gravadas nos rostos. Todos pareciam ter perdido tanto quanto Ollie, se não mais.

As mãos de Ollie estavam trêmulas. Uma onda de incerteza caiu sobre ele. Como poderia um jovem piloto de Buxton, Maine, fazer a diferença? Ele se sentiu impotente e mais parecido com um agricultor ingênuo que um aviador. O jovem havia pensado que a morte de seus pais era talvez o fim de sua tribulação, mas agora percebia que era apenas o começo.

Ollie respirou fundo para acalmar os nervos. Abriu sua mala e pegou a foto de seus pais, tirada antes do acidente com o trator.

Seus pais estavam sorrindo, de mãos dadas e vestidos com suas roupas de domingo. Seu pai orgulhosamente ostentava uma gravata que Ollie tinha lhe dado de Natal no ano anterior, e sua mãe usava um vestido plissado, as mechas longas de seus cabelos descansando nos ombros. Ollie limpou os olhos, cheio de culpa pela forma como tinha ignorado as convicções de seus pais sobre apoiar a Grã-Bretanha e, mais ainda, por nunca ter tido a oportunidade de se desculpar. Seus pais se sacrificaram para lhe dar uma boa vida, uma vida que até agora ele tinha tomado como certa. Ele desejava poder ter metade do espírito deles. Independentemente do fato de estar sem dinheiro, desabrigado e da tolice de acreditar que poderia se tornar um piloto da Força Aérea Real, ele jurou seguir em frente. Ollie guardou a foto, enterrou o medo e deixou a pilha de tijolos.

Para ganhar um pouco de dinheiro, o suficiente para comprar uma refeição de pão frito e um bilhete de trem para Londres, passou o dia descarregando caixas do *Maaskerk*. Ao descarregar cuidadosamente as caixas de madeira pesadas, cheias de peças de artilharia, reparou em várias casas incendiadas e nos portões de ferro de Liverpool; uma ala da estrutura tinha sido destruída. Ollie perguntou a um trabalhador do estaleiro chamado Joseph Burke o que tinha acontecido. Com o queixo trêmulo, Joseph disse a Ollie que, algumas semanas antes, a Luftwaffe havia bombardeado a cidade. Joseph apertou suas mãos como se estivesse prestes a orar e acrescentou que sua esposa, Millie, e sua filha de dois anos, Christine, haviam se refugiado no abrigo da Praça Cleveland na noite do bombardeio. O abrigo tinha sido atingido diretamente, matando dezoito pessoas, incluindo Millie e Christine.

– Eu estava trabalhando no turno da noite – disse Joseph. – Devia estar lá com elas.

– Sinto muito – disse Ollie.

Joseph assentiu, limpou os olhos e voltou ao trabalho.

Ollie voltou a levar a carga, cheio de fúria pelo que os nazistas tinham feito. Ele imaginava subir ao céu em um Hurricane da RAF, talvez até mesmo um Spitfire, e livrar a terra natal de seus pais daquela crueldade.

Depois de terminar seu trabalho, Ollie recebeu o pagamento e embarcou em um trem para Londres, que não estava lotado, considerando que muitas pessoas estavam fugindo das cidades. Ele descobriu o motivo quando o comboio se aproximou da capital.

Embora o porto de Liverpool tivesse sido bombardeado pesadamente, a maioria das áreas residenciais da cidade tinha sido poupada. Não era o caso de Londres. Uma névoa de cinzas pairava sobre a grande cidade. Ollie enfiou a cabeça pela janela para ver melhor. O vento soprou em seu rosto, enchendo suas narinas com o cheiro da fumaça. Quando o trem chegou aos limites da cidade, ele viu fábricas destruídas, edifícios incendiados, uma igreja com o campanário derrubado e quarteirões inteiros do que costumavam ser casas geminadas reduzidos a escombros em chamas. Parecia que Londres estava sendo cremada, edifício por edifício.

Quando o trem passou pelo primeiro cemitério, Ollie notou diversas sepulturas novas manchando o terreno antes bem cuidado, com dezenas de novos buracos sendo cavados para aqueles que estavam esperando para serem enterrados ou em preparação para mais uma noite de bombardeio. Fileiras de caixões de pinho tinha sido apoiadas contra o lado de uma funerária, como uma linha de montagem macabra. Quando Ollie começou a ficar entorpecido com o horror, ele os viu. Os caixões pequenos.

Ollie sentiu como se o ar tivesse sido sugado do seu corpo.

– Não era para ser assim – sussurrou para si mesmo. As crianças não deviam partir antes dos pais. E as guerras não deviam ser travadas nas cidades. Havia aprendido na escola que o combate ocorria em campos de batalha. Gettysburg. O Fronte Ocidental. Gallipoli. A Batalha do Somme. O derramamento de sangue estava nas trincheiras lamacentas, assim ele acreditava. Não eram essas as regras? Mas não era esse o caso dos nazistas. A Luftwaffe tinha levado a guerra para as cidades, sem qualquer consideração pela morte de civis inocentes, incluindo crianças.

Ollie observou o cemitério desaparecer à distância e se perguntou se haveria árvores suficientes em toda a Grã-Bretanha para construir caixões.

Uma criança chorou. Ele se virou e viu uma mãe duas fileiras à frente tentando consolar sua filha, que tinha talvez cinco ou seis anos de idade. A mulher estava acariciando o rosto da menina e fazendo seu melhor para distrair a filha da visão horrível do lado de fora da janela.

– O seu pai está bem... a guerra vai acabar em breve – repetia a mulher, como se estivesse afirmando para si mesma. Mas a garotinha chorava cada vez mais forte. A mãe não aguentou e chorou também.

Ollie pegou sua mala e encontrou seu único item limpo, uma meia, a gêmea da que ele tinha usado na cabeça. Ele se levantou, enrolou a peça em uma bola e andou pelo corredor. A mulher e sua filha olharam para cima, ambas com lágrimas correndo pelas bochechas.

– Pena que eu não tenha um lenço – disse Ollie, entregando a meia à mulher.

A mulher aceitou o gesto e acariciou as bochechas da filha. Ollie voltou para seu lugar e fechou a janela, na tentativa de esconder a morte e a destruição. Ele se sentou pelo resto da viagem com o rosto enterrado nas mãos.

As ruas de Londres estavam cheias de voluntários que removiam os escombros. Surpreendentemente, muitas lojas estavam abertas. Ollie logo soube que a Luftwaffe havia bombardeado a cidade durante catorze noites consecutivas, e muitos londrinos estavam agora pernoitando em abrigos na parte baixa da cidade. Ele admirava a perseverança dos londrinos, que, apesar da ofensiva de Hitler, viviam suas rotinas diárias.

Ollie conseguiu encontrar o escritório de Charles Sweeny pedindo informações às pessoas na rua. Aparentemente, o Sr. Sweeny tinha uma estimada posição e era admirado no mundo dos negócios. Alguns minutos antes das cinco horas, Ollie entrou em um grande edifício de escritórios no coração de Londres, felizmente poupado pelas bombas. Subiu até o último andar,

onde foi atendido por uma recepcionista de cabelo grisalho que se preparava para encerrar o expediente.

– Sou Ollie Evans. – Mostrou à mulher o cartão que Bishop lhe tinha dado. – Bish... O Sr. Bishop me disse para me encontrar com o Sr. Sweeny se quisesse me alistar na Força Aérea Real.

A mulher balançou a cabeça.

– O Sr. Sweeny está fora da cidade. – Atirou uma pilha de papéis na lata de lixo. – Estou de saída.

Ollie viu a mulher trancar a escrivaninha e guardar as chaves na bolsa.

– Por favor, eu vim dos Estados Unidos.

– Volte amanhã – disse ela. Uma sirene soou. A mulher recuou. – Eles estão vindo.

O cabelo se arrepiou na parte de trás do pescoço de Ollie.

– Em quanto tempo?

– Quinze, talvez vinte minutos. Essa sirene significa que já atravessaram o Canal da Mancha. – A mulher vestiu o casaco, pôs a bolsa por cima do ombro e virou-se.

– Por favor! – Ollie disse. – Não tenho para onde ir.

– Amanhã!

– Mas pode não haver um amanhã!

A mulher parou. Depois, pegou as chaves.

– Nome.

– Ollie.

A sirene uivou.

– Sobrenome. – Ela enfiou uma chave no armário dos arquivos e abriu a fechadura.

– Evans.

A mulher abriu uma gaveta.

– Não estou encontrando.

– Tem certeza?

A mulher folheou mais arquivos. Ela parou.

– Oliver?

– Sim.

A recepcionista tirou um envelope e fechou a gaveta. Rapidamente entregou o envelope a Ollie.

– Pegue um trem para Church Fenton de manhã. – A mulher atirou as chaves na bolsa. – Sugiro que encontre um abrigo, Sr. Evans. – Ela se virou e saiu, o clique de seus saltos ecoando no corredor.

Ollie seguiu a mulher escada abaixo.

– Para onde devo ir?

– Siga a multidão! – gritou a mulher.

Fora do edifício, Ollie perdeu a mulher de vista em um grupo de pessoas que corriam na calçada, mas conseguiu encontrar abrigo em uma estação de trem subterrânea. O local estava lotado desde o meio da tarde, mas ele conseguiu encontrar um lugar menos desejável, um canto úmido com um piso de pedra áspera. A família ao lado dele estava jogando um jogo de tabuleiro, e a filha mais nova segurava uma boneca e uma máscara de gás. Quando Ollie se apresentou, a jovem se inclinou para a mãe e disse:

– Ele parece um pouco estranho.

Ollie sorriu, talvez pela primeira vez em semanas, e disse a eles que tinha viajado do Maine para se alistar na Força Aérea Real.

Apesar de seu sotaque incomum, a família deu a Ollie algumas de suas salsichas racionadas e secas e beterrabas em conserva.

– Agradecemos o seu sacrifício pelo nosso esforço de guerra – disse o pai, cortando um pedaço de salsicha para Ollie.

– Obrigado – disse Ollie, levando a carne à boca. – Queria ter alguma coisa para lhe dar em troca.

– Você pode nos ajudar a reconquistar o nosso céu – o homem respondeu. Ollie fez que sim com a cabeça.

O barulho das bombas começou no escuro. Enquanto o chão tremia e pó caía do teto, Ollie abriu o envelope. Sob o brilho fraco de uma lâmparina, encontrou um papel com seu nome, um bilhete de trem e uma nota.

*Sr. Evans,*

*Em nome da Força Aérea Real e dos cidadãos do Reino Unido, estamos gratos por seus serviços em nossa hora de necessidade. Meu querido amigo, Billy Bishop, Marechal da*

*Força Aérea Real Canadense, mandou dizer que você poderia aparecer, indicando que ele estava “impressionado com o rapaz do Maine”. Espero que esta carta o encontre e, em caso afirmativo, os documentos anexos o levarão ao Esquadrão de Águias Número 71 de Church Fenton, sob o comando do Líder de Esquadrão W. M. Churchill. Desejo-lhe sucesso na nossa luta.*

*Boa sorte, Charles Sweeny.*

Ollie abriu a mala, trocou os papéis por uma camisa e colocou a roupa atrás da cabeça como travesseiro. Os rancos encheram o abrigo. Um jovem tossiu. O chão ribombou. Pedacos de reboco caíram do teto. Ele limpou a poeira do rosto, rolou e tentou encontrar uma posição confortável no calçamento. Ollie pensou em pilotar seu biplano sobre as lavouras de batatas do Maine, e sentiu falta de seus pais. Quando o trovão de bombas alemãs caiu sobre a cidade, percebeu que a menina dormia com a máscara de gás presa em seus braços, a boneca estatelada no chão. Ele jurou fazer a sua parte para lhe devolver o céu.



# Capítulo 8



## Epping, Inglaterra

O avô de Susan tinha razão; o Tenente de Voo Clyde Boar era o mesmo idiota da sua escola primária. Isto foi confirmado quando o tenente chegou ao amanhecer, depois de mais uma noite de bombardeio, com ordens para acompanhar um tal Bertie Shepherd do Serviço Nacional de Pombos a Londres. Quando o homem chegou, Bertie abriu a porta e perguntou:

– Você é o mesmo rapaz que engoliu o enfeite da árvore de Natal da igreja?

O rosto de Susan ficou quente de vergonha.

O Tenente de Voo Boar, um líder da RAF com um metro e oitenta e ombros largos, colocou as mãos nos bolsos e disse:

– Sim, senhor. E, pelo que me lembro, estava muito gostoso.

Bertie o convidou para entrar, parecendo satisfeito com a ascensão profissional do vizinho ou intrigado com a ideia de que comer enfeites poderia transformar garotos diabólicos em aviadores robustos.

Bertie apontou para os joelhos arqueados.

– Receio que estas velhas pernas não estejam prontas para a viagem.

Susan pôs uma mão no ombro do avô.

– Compreendo – disse o Tenente de Voo Boar. – Depois da reunião, farei os preparativos para lhe entregar as ordens.

– Isso não será necessário – disse Bertie. – Susan vai no meu lugar.

O tenente levantou as sobrancelhas.

Susan estendeu a mão.

– Olá, tenente.

Ele olhou para Bertie.

– Acredito que as ordens sejam para você comparecer...

– Jonathan Wallace, do Serviço Nacional de Pombos, pediu um representante da fazenda Bertie Shepherd – Bertie interrompeu.

O tenente esfregou o maxilar.

– Susan também é membro do Serviço Nacional de Pombos e ela será a minha representante.

Susan limpou a garganta, com o braço ainda estendido. O oficial apertou sua mão.

Bertie aproximou-se do tenente.

– Vou confiar em você para manter Susie em segurança.

– A reunião será às onze da manhã – disse o oficial. – O trem da tarde vai nos tirar de Londres antes dos bombardeios.

Bertie deu um abraço em Susan.

– Você é tão boa quanto eles – sussurrou para ela. – Seja como um ovo.

Susan apertou o avô.

*Seja como um ovo*, pensou Susan. Ela podia estar mole e com medo por dentro, mas devia se manter dura como ardósia por fora. Era o lema de seu avô, falado raramente, mas nos momentos em que ela mais precisava ouvir. Bertie sempre apoiou todos os seus esforços, inculcando um sentimento de confiança de que ela poderia realizar qualquer coisa através da diligência e da fé. E foi esse condicionamento, ela ficou aliviada, que lhe permitiu frequentar a Universidade de Londres. Susan também sabia que era terrivelmente doloroso para Bertie deixá-la entrar na cidade. Ela desejava que tivessem sido seus pedidos persistentes que haviam convencido seu avô. Mas, no final, os joelhos fracos de Bert tinham decidido tudo. A jovem rezou para que ele ficasse orgulhoso.

– Tem certeza de que consegue cuidar dos pombos? – Susan perguntou. Bertie fez que sim com a cabeça, com os olhos lacrimejantes.

– Posso não ser capaz de viajar, mas consigo muito bem andar por esta fazenda.

Susan beijou Bertie na bochecha e saiu.

Ela e o Tenente de Voo Boar entraram em um veículo militar verde. Um soldado estava sentado ao volante. Quando o carro se colocou em movimento, Susan viu Bertie mancar pelo gramado, sem perder tempo para chegar ao trabalho. Empoleirado no topo de um galpão estava um pombo solitário com uma inconfundível pluma vibrante. Da janela traseira, Susan viu Bertie, Duquesa e o santuário de sua casa desaparecerem.

O motorista deixou Susan e o tenente na Estação North Weald. Embarcaram no trem para Londres e sentaram-se no fundo do vagão.

– Nós estudamos juntos na escola – disse Susan, enquanto o trem partia. – Eu estava dois anos atrás de você.

Boar levantou um dedo.

– Você era a menina que gostava de pássaros.

– Pombos.

O tenente ofereceu um cigarro a Susan, que recusou com um movimento de cabeça. O tenente acendeu seu cigarro e tragou.

– Sou um líder de voo – disse ele, soprando a fumaça. – De um bombardeiro Blenheim.

Susan meneou a cabeça.

– Depois desta missão, espero liderar um esquadrão Spitfire.

– Eu espero salvar a Grã-Bretanha.

Boar tossiu, deixando cair cinzas na saia de Susan.

– Com licença. – Ele tirou a fuligem da roupa dela e depois olhou pela janela.

Uma brisa fresca soprou no rosto de Susan. *I had a little bird, its name was Enza. I opened the window, and in flew Enza.*

Ela tremia.

– Se importa de fechar a janela?

O tenente suspirou, soltando fumaça pelas narinas.

Susan sentiu necessidade de explicar que era mais do que o ar frio, mas decidiu não fazê-lo quando o tenente jogou o cigarro, fechou a janela e se inclinou para trás para descansar os olhos.

Os passageiros, incapazes de resistir à vontade de ver os resultados dos bombardeios da noite anterior, correram para as janelas enquanto o trem se aproximava de Londres. Plumagens fumegantes subiam sobre a cidade. O número de edifícios caídos

aumentava em frequência e gravidade à medida que o trem se aproximava do epicentro de Londres. As brigadas de bombeiros lutavam contra as chamas em um esforço inútil para evitar que as se espalhassem para edifícios mais distantes.

Quando era criança, os avós de Susan a levavam a Londres todos os anos para celebrar seu aniversário. Sua memória estava cheia de visitas ao Zoológico de Londres, caminhadas na Trafalgar Square, piqueniques no Hyde Park e jantares no Filmore Pie e no Mash Shop. Ao contrário da maioria dos clientes do Filmore, eles só pediam pudim de passas – ao invés de tortas salgadas ou enguias com geleia. Ela se lembrou de que Agnes uma vez tentou limpar o creme do bigode de Bertie com seu guardanapo, apenas para que ele colocasse um pedaço de creme em seu nariz, puxasse-a para seus braços e dissesse:

– Me beije, Agnes!

Susan olhou pela janela do trem, incrédula. A Londres em que ela cresceu não era nada parecida com esta metrópole destruída. As reportagens do rádio e dos jornais tinham feito pouco para prepará-la para ver esta ruína queimada e infernal. Sua respiração ficou difícil, seu peito encheu-se de uma mistura de choque e ultraje.

Uma multidão de londrinos que tinham passado a noite em abrigos subterrâneos agora regressavam às suas casas, ou ao que restava delas. Susan viu duas crianças sentadas nos degraus de uma casa geminada em ruínas, a menina mais velha consolando o irmãozinho, balançando-o no colo. Ela reparou na ausência dos pais e enxugou as lágrimas dos olhos.

O trem parou várias quadras antes de chegar à estação, devido a uma bomba que tinha arrancado os trilhos, deixando uma cratera do tamanho de um ônibus no lugar. Desembarcaram em meio a ambulâncias, carros de polícia e sirenes de incêndio. O cheiro de madeira queimada e gasolina fez Susan querer prender a respiração. Uma biblioteca do outro lado da rua tinha sido convertida em hospital improvisado; macas com feridos estavam sendo levadas para dentro por médicos. Susan cobriu a boca.

– Não há nada que possamos fazer – disse o tenente, empurrando-a. – Temos que ir.

Susan seguiu em frente com relutância.

Caminharam por alguns quarteirões, passando por mais destruição e por um parque onde armas de artilharia antiaérea eram colocadas entre um balanço e um carrossel. Antes um santuário para crianças brincalhonas, o parque era agora uma zona militar, com homens endurecidos empilhando sacos de areia.

Lugares do centro de Londres estavam irreconhecíveis. Séculos de arquitetura dizimados. Milhares de londrinos mortos. As pernas de Susan estavam fracas. Ela queria chorar, mas continuou caminhando por Westminster até que o tenente parou em frente ao prédio do Tesouro.

– É aqui? – Susan perguntou.

O tenente baixou a voz.

– Os comandos da Força Aérea Real estão indo embora de Londres. Até os serviços secretos britânicos dizem que vão deixar a cidade. Mas Churchill é persistente. Ele declarou que iria conduzir a guerra de dentro deste edifício.

– Talvez ele não queira abandonar o nosso povo – disse Susan. Boar ignorou o comentário dela e abriu a porta.

O tenente entregou documentos e identificação a um soldado do exército, um dos quatro homens armados que guardavam a entrada. O soldado destrancou um portão de ferro e levou-os por uma escada íngreme até um grande complexo subterrâneo, uma fortaleza de concreto com depósitos, corredores e dormitórios. Passaram por uma série de gabinetes com homens uniformizados debruçados sobre mapas. Telefones tocando e o som de máquinas de escrever enchiam o ar. Foram recebidos em uma sala grande com uma mesa quadrada de reunião que acomodava quarenta homens. Quando se aproximaram dos poucos lugares restantes, um oficial militar olhou para Susan e disse:

– Pode me trazer um chá? – Susan apertou as mãos para que não tremessem e respondeu:

– Sou do Serviço Nacional de Pombos.

– Perdoe-me – disse o oficial.

Eles ocuparam seus lugares. Susan examinou os homens na sala, uma mistura de oficiais militares, membros dos serviços secretos britânicos e do Serviço Nacional de Pombos. Os da Inteligência britânica, provavelmente especialistas em codificação do governo e técnicos em mensagens cifradas, vestiam terno e gravata e estavam juntos no canto mais distante da mesa. O Serviço Nacional de Pombos era uma organização civil, e, mesmo que Susan não reconhecesse ninguém, poderia identificar os membros pelo cabelo grisalho e as roupas de lã próprias de moradores do campo. Susan reparou que era a única mulher na sala. *Seja como um ovo*, pensou ela.

Um militar condecorado estava à cabeceira da mesa.

– Sou o Comodoro Aéreo John Breen.

A sala ficou em silêncio.

O Comodoro escreveu *Operação Columba* no quadro-negro em letras grandes.

– Este é o código para a nossa missão.

Susan reparou que os homens olhavam uns para os outros. Mas ela sabia, pelos estudos na universidade, que *Columba* era a palavra latina para pombo.

– Precisamos de cem mil pombos – disse o Comodoro, limpando o giz das mãos. – Antes que a guerra acabe, podemos precisar de duzentos mil.

Susan viu as mandíbulas caírem enquanto os membros do Serviço Nacional de Pombos recebiam essa informação.

– O primeiro objetivo do nosso encontro é um compromisso de cada fazenda sobre o número de aves e datas de entrega. – O Comodoro escreveu novamente no quadro. *Fazenda... Nº de Aves... Data*. – Assim que isto for feito, os membros do Serviço Nacional de Pombos serão dispensados.

Os pacotes foram distribuídos. Susan pegou seu envelope, endereçado a Bertie Shepherd. No interior não havia nada mais que um lápis afiado e uma folha de papel na qual devia escrever o número de pombos e as datas de entrega previstas. Susan colocou o papel virado para baixo sobre a mesa.

O Comodoro rapidamente começou a obter os acordos dos criadores como se estivesse pressionado pelo tempo ou frustrado por ter recebido a tarefa pouco nobre de coordenar uma missão envolvendo pombos. De qualquer forma, era óbvio para Susan que o Comodoro estava ansioso para acabar com a reunião e passar para desafios mais importantes, tais como a batalha aérea sobre o Canal da Mancha. E, um a um, os velhos fizeram o que o Comodoro pediu, como se tivessem sido condicionados por anos de escalada sobre trincheiras enlameadas comandados por oficiais exigentes.

A mente de Susan acelerou. *O que é que os militares vão fazer com todos os nossos pombos? Para onde eles vão? Quem vai cuidar deles?* Ela levantou a mão.

– Susan – Boar sussurrou. – Agora não.

Ela hesitou, depois ergueu a mão mais alto. O Comodoro parou.

– Sim, senhorita...

– Srta. Shepherd. Estou aqui em nome do meu avô, Bertie Shepherd. Ele não pôde vir porque...

– Tem uma pergunta, Srta. Shepherd? – o Comodoro interrompeu.

Susan engoliu.

– Posso perguntar o que vai fazer com os nossos pombos?

– É confidencial. Só alguns estão cientes dos planos, para limitar o acesso à nossa inteligência. – O Comodoro virou-se para outro criador de pombos e pediu sua quota.

Susan olhou ao redor da sala. Os olhos dos criadores de pombos estavam sobre ela. A jovem sentiu que estavam todos pensando a mesma coisa, mas ninguém teve coragem de abrir a boca. O rosto de Susan começou a suar. As palmas das mãos ficaram pegajosas. Seu coração começou a bater forte. E ela obrigou-se a ficar em pé.

– Sente-se, Susan – sussurrou Boar.

*Seja como um ovo... seja como um ovo... seja como um ovo.*

Susan manteve-se firme. O Comodoro parou.

– Sim, Srta. Shepherd.

– Vocês incluíram treinadores de pombos na missão?

– Sente-se, Srta. Shepherd.

– Planeja usar os nossos pombos para comunicação só de ida ou ida e volta?

O Comodoro levantou a voz.

– Sente-se, ou vou mandá-la sair daqui.

– Susan – o tenente sibilou.

– Sabia que a grande maioria dos pombos das nossas fazendas é formada por aves de sentido único? – Susan perguntou.

O Comodoro gritou por um soldado militar, que estava parado do lado de fora da porta.

O soldado entrou e fez uma saudação.

– Tirem aquela jovem daqui – disse o Comodoro. O soldado aproximou-se dela.

Susan se segurou na mesa.

– Sabia que a maioria dos pombos que você pegar vai acabar de volta aos nossos pombais? Podemos não precisar saber *quando* e *onde* planejam usar os nossos pombos, mas precisamos saber *como* eles serão usados se vocês esperam que a Operação Columba seja um sucesso!

Um homem empertigado com uma gravata borboleta parou ao passar pela porta.

Os militares voltaram sua atenção para ele imediatamente. Susan virou-se e viu o primeiro-ministro, Winston Churchill, acompanhado por dois oficiais militantes.

– O inimigo invadiu minhas salas de guerra? – Churchill perguntou, com um charuto preso entre os dentes.

Os olhos de Susan se arregalaram.

– Está tudo sob controle – disse o Comodoro.

– Ela tem razão. – Um homem magro e idoso estava em pé. – Meu nome é Jonathan Wallace, do Serviço Nacional de Pombos. A maioria dos pombos vai acabar voltando aos nossos pombais. Desculpe por não termos falado antes.

Os demais criadores acenaram com a cabeça. Churchill olhou para Susan.

– Posso perguntar quem é você?

Susan engoliu, reparando que o primeiro-ministro parecia um buldogue de terno.

– Sou Susan Shepherd. Eu crio pombos com o meu avô, e estudo zoologia. Ou pelo menos estudava, até a guerra começar.

Churchill inclinou-se.

– O que você acha que está fazendo, desafiando um oficial militar de alta patente?

– O meu dever, senhor.

Músculos de seu queixo se contraíram. Cinzas de seu charuto deslizaram para o chão. Churchill olhou para o Comodoro e disse:

– Recomendo que tenhamos tempo para ouvir o Sr. Wallace e os membros do Serviço Nacional de Pombos. O seu discernimento pode ser extraordinariamente valioso para o sucesso da nossa missão. É o intelecto, o espírito e a dura fibra britânica que nos levará à vitória. – Fez um aceno com o chapéu e foi embora.

Todos ocuparam seus lugares. O Comodoro apertou o giz, a cor vermelha espalhando-se pelo rosto.

– Que raios, Susan – sussurrou o tenente. – Não acredito que fez isso.

– Nem eu – disse a jovem, sentindo como se tivesse ficado a poucos centímetros de ser atingida por um trem em alta velocidade.

A reunião durou até o fim da tarde. Susan não só descobriu como os pombos seriam usados como aprendeu tudo sobre a Operação Columba. E desejou ter mantido a boca fechada.



# Capítulo 9



## Londres, Inglaterra

Susan e o Tenente de Voo Boar perderam o último trem partindo de Londres por meros dez minutos. Enquanto o tenente tentava conseguir um veículo militar para levá-los de volta a North Weald, Susan procurou um telefone para ligar para Bertie. Fora da estação, o crepúsculo lançava sombras escuras. *Estamos com pouco tempo*, pensou ela. Rapidamente localizou uma cabine, mas as linhas não funcionavam. Enquanto colocava o fone de volta no gancho, as sirenes soaram. Susan cobriu os ouvidos. Grupos esparsos de londrinos olharam para o céu. Os automóveis aceleraram. E as ruas ficaram vazias.

Susan e o Tenente desistiram de sua tentativa de voltar para casa e seguiram uma mulher com três meninos, cada um carregando cobertores e travesseiros, até uma estação de trem subterrânea. Susan sentiu-se mal por saber que Bertie se preocuparia. Mas, menos de uma hora depois, esqueceu-se do avô, pelo menos por um momento, quando a primeira rodada de bombas explodiu, balançando o abrigo e lançando pedaços de argamassa sobre seu cabelo.

Ao sacudir o pó do couro cabeludo, ela percebeu que a mulher que tinham seguido para o abrigo abriu um livro e começou a ler para seus filhos. Apesar dos esforços da mãe para distraí-los, os olhos dos meninos vagueavam até o teto. Susan viu outra família diante de um jogo de tabuleiro, lançando dados e soprando as peças. Uma senhora ensinava a neta a tricotar, com um cachecol crescendo lentamente a partir do clique das agulhas. Apesar da destruição da cidade acima deles, os londrinos estavam fazendo o que podiam para cuidar de suas vidas, se não para si mesmos, para as crianças.

Aos poucos as crianças foram enfiadas embaixo dos cobertores e as lamparinas se apagaram. Mas o trovejar das bombas continuou.

Susan olhou para o teto. *O abrigo pode resistir a um ataque direto?* Seu coração bateu contra a caixa torácica. Ela apertou as mãos, enfiando as unhas nas palmas. O temor de se esconder no subsolo, enquanto a Luftwaffe bombardeava Londres, foi pior do que ela poderia imaginar. A cada explosão, Susan sentia-se um passo mais perto da morte.

– Descanse um pouco, Susan – disse Boar, sentado ao lado dela. – Não há nada que possamos fazer esta noite.

Ela assentiu.

O tenente inclinou-se para trás e fechou os olhos.

Susan, com o estômago retorcido de angústia, ficou acordada, pensando se as asas de cem mil pombos poderiam mudar o curso da guerra.

Quando a manhã chegou, a última onda de explosões parou. Uma sirene deu o sinal de cessar-fogo, um longo som ensurdecedor que agitou os ocupantes do abrigo. Pessoas se espreguiçaram; outras limpavam a areia dos olhos. Um som crescente de sussurros se transformou em vozes normais, à medida que todos reuniam seus cobertores, pilhas de objetos e sacolas. A apreensão de Susan diminuiu gradualmente. Ela não tinha dormido, mas não se sentia cansada; sua adrenalina ainda bombeava pelo estrondo das bombas, a proximidade das explosões muito mais perto do que os ecos distantes ouvidos da fazenda de Bertie. Talvez tivesse se acostumado com isso se dormisse com os outros no subsolo por semanas. As explosões ensurdecedoras e a terra tremendo se tornariam algo corriqueiro e esperado.

Enquanto os londrinos se preparavam para deixar o abrigo, Susan percebeu que uma menina com o cabelo loiro emaranhado deixou cair uma máscara de gás e pegou uma boneca. Susan desejou poder levar a menina, os pais da menina e todos do abrigo para a segurança do campo.

– Bom dia – disse o Tenente de Voo Boar. Ele penteou o cabelo preto com os dedos, depois passou as mãos por cima de

seu uniforme, tentando alisar o tecido. – Conseguiu dormir?

Susan negou com a cabeça. Ela se lembrou de acordar durante noite com o toque da mão do tenente em sua coxa, a respiração dele em seu pescoço. Ela tinha se afastado, encontrando consolo no chão de pedra fria, mas não conseguiu mais fechar os olhos.

A porta do abrigo se abriu. As pessoas recolhiam seus pertences e embaralhavam-se lá fora sob o rugido dos carros de bombeiro e de um espesso aroma acre, uma mistura de enxofre e petróleo queimado. A um quarteirão de distância, um prédio de apartamentos tinha sido parcialmente destruído. Os bombeiros, salpicados de suor e fuligem, pulverizavam água no edifício em chamas. Susan caminhou na direção oposta, desejando não ouvir os gritos dos moradores que haviam deixado o abrigo para encontrar suas casas pegando fogo.

Para chegar à estação de trem, eles tinham de manobrar pelo labirinto das ruas, muitas das quais estavam bloqueadas por barreiras, brigadas de incêndio ou pilhas de entulho. A estação estava lotada de moradores que procuravam deixar a cidade, a julgar pela quantidade de bagagem que preenchia a plataforma. Quando embarcavam, as pessoas eram empurradas para chegar até o último vagão. O tenente procurou assentos, mas Susan insistiu em cedê-los a um casal com um bebê, então eles ficaram no corredor com muitos outros passageiros, todos desesperadamente procurando refúgio fora de Londres.

O apito do trem soou, o vagão deu um tranco e Susan foi lançada para trás. O tenente a segurou.

Susan sentiu os dedos dele se demorarem nela. A jovem tentou se afastar, mas o corredor estava muito lotado.

– Eu gostaria de voltar a vê-la – disse Boar. Ele baixou uma mão até o quadril dela.

– Nós dois temos trabalho a fazer – disse ela, afastando-se. Boar inclinou-se.

– Mais uma razão para nos conhecermos melhor.

Susan reparou em seu mau hálito.

– Acho que não seria uma boa ideia, tenente.

– Me chame de Clyde.

Susan tamborilou na bolsa com o dedo.

– Tenente, não posso satisfazer as ordens que recebemos gastando tempo com atividades particulares, e você recebeu ordens que exigirão dedicação total.

– Sou um líder de voo – disse Boar. – E, com o meu posto, eu tenho... – ele parou, varrendo o corpo dela com os olhos... – flexibilidade.

– Sinto-me lisonjeada. Mas a resposta é não. – Susan virou-se.

Boar apertou seu pulso. Ela olhou para a mão dele.

– Ainda não acabei – disse ele, apertando o punho dela.

– Solte-a – os dois ouviram uma voz estranha.

Susan olhou para o lado e viu um jovem de cabelo castanho ondulado segurando uma mala.

– Meta-se com a sua vida, ianque – disse Boar.

– Largue a moça – disse Ollie.

Susan sentiu o tenente libertar seu braço.

– O que faz aqui, ianque? – Boar se aproximou de Ollie.

– Vou para Church Fenton para me alistar no Esquadrão Águia.

Ollie tocou o envelope no bolso do casaco.

– Impressionante. Ouvi dizer que estavam formando um esquadrão ianque, mas pensei que fosse boato. Importa-se se eu examinar? – Boar roubou o envelope.

– Devolva – disse Ollie, deixando cair a mala.

O tenente olhou para a carta assinada por Charles Sweeny, depois a rasgou ao meio e a atirou pela janela.

– Vá para casa, para o colo da sua mãe.

Enquanto o papel rasgado se espalhava por baixo de uma cerca e se enterrava na lama, Susan olhou para o jovem que tinha se disposto a ajudá-la. Ela viu a ira estampada no rosto dele e sentiu que o que zangara o rapaz fora mais o que o tenente havia dito do que a ação que realizara.

Ollie apertou o punho, preparou o soco e acertou bem na mandíbula de Boar. A cabeça do tenente caiu para o lado, mas os pés ficaram plantados no chão.

Uma mulher gritou. Cabeças se viraram. Alguns passageiros corajosos se espremeram entre Ollie e o tenente, tentando acabar com a luta.

Boar limpou o lábio. O sangue encheu as fendas de seus dentes.

– Vai se arrepender de ter feito isso, ianque. – Ele ajeitou o uniforme e olhou calmamente para Susan. – Eu estava só...

Ela cruzou os braços, virou-se e olhou pela janela. Boar olhou para Ollie e depois atravessou a multidão, empurrando os passageiros para o lado, e entrou em outro vagão.

– Você está bem? – Ollie perguntou.

– Isso não era necessário – disse Susan.

– Ele agarrou você, atirou o meu papel pela janela e disse algo sobre a minha mãe.

Ela olhou para ele.

– Agradeço a sua preocupação com o meu bem-estar, mas posso lhe garantir que sei tomar conta de mim mesma.

– Só estava tentando ajudar.

Ela esfregou o pulso.

– Qual é o seu nome?

– Ollie.

– Me chamo Susan – disse ela, tentando identificar a origem de seu sotaque. – De onde você é?

– Maine... Estados Unidos – ele respondeu.

– Bem, Ollie do Maine, sugiro que vá para outro vagão, de preferência bem no fundo do trem. Quando pararmos em North Weald, desça depressa e pegue outro trem que vai para o seu destino.

Ollie fez que sim com a cabeça, depois estendeu a mão. Susan apertou-a, reparando que seu aperto era firme, mas gentil. Quando ele saiu, ela o viu caminhar para o fundo do trem e desaparecer.

Menos de uma hora depois, a locomotiva guinchou até parar. Susan desembarcou e viu um grupo de soldados algemando Ollie. Boar, parado ao lado deles, dava ordens. Uma onda de culpa a atingiu. Desamparada, ela viu os homens colocarem Ollie no banco de trás de um veículo militar e se afastarem.



# Capítulo 10



## North Weald, Inglaterra

Os soldados, liderados pelo Tenente de Voo Boar, levaram Ollie ao que eles chamaram de Casa de Vidro. Para Ollie, parecia uma prisão militar. Seguraram nos braços dele, encostando as costas do rapaz a uma parede de pedra. Boar atingiu Ollie no estômago. As pernas do jovem amoleceram. Ele se encolheu em uma bola, incapaz de recuperar o fôlego. Os soldados levantaram Ollie do chão e o atiraram contra a parede.

– Não acertem a cara dele – disse Boar. – Não quero que o comandante tenha pena desse sujeito. – O tenente ergueu o braço e deu um golpe nas costelas de Ollie.

O jovem arfou como uma carpa fora da água, tentando puxar o ar, mas nada entrava. Seus pulmões estavam arrebetados.

Uma sirene de ataque aéreo soou, fazendo com que os homens corressem para fora da cela. Exceto o Tenente de Voo Boar.

– Você devia ter ficado em casa, iaque. – Ele deu um pontapé nos rins de Ollie.

Ollie gemeu, seus membros se encolhendo em posição fetal a fim de proteger os órgãos. A porta da cela bateu, depois passos desapareceram. Quando pôde respirar, rastejou para dentro do beliche, se é que poderia ser chamado assim; era uma tábua coberta com um cobertor mofado. Lá fora, o fogo antiaéreo explodiu. Ele tentou ficar em pé. Sua cabeça zumbiu, a sala girou e tudo ficou preto.

Ollie acordou quando sua mão caiu do beliche e bateu no concreto. Tentou esticar as pernas, mas seus pés e a cabeça atingiram as paredes da cela. Sombras de barras de aço se

espalhavam pelo chão. O lugar cheirava a pedra úmida e restos de batata, como o celeiro da fazenda.

Ele suspeitou de que fosse de manhã, embora a cela não tivesse janelas. Água escorria de um sanitário. A boca de Ollie estava seca. Suas laterais queimavam de dor. Ele olhou para as rachaduras no teto e se perguntou se suas costelas estavam nas mesmas condições. Sons de passos próximos ecoaram no corredor. Ollie esfregou os rins e preparou-se para outra rodada de castigos.

Ouviu o tilintar de uma chave, o ranger de dobradiças de ferro e o som de pés ao lado de seu beliche. Ollie abriu os olhos. Dois homens estavam sobre ele: um de uniforme e o outro com calça de tweed com suspensórios; os joelhos dele se dobravam para fora, como se montasse um pônei invisível. A mala de Ollie estava pendurada na mão manchada pela idade do homem.

– Oliver do Maine – disse uma voz arranhada.

– Sim – disse Ollie, a voz soando seca. Ele tossiu, sentindo uma dor aguda no abdômen.

– Venha comigo.

Ollie sentou-se lentamente e ficou em pé com as pernas trêmulas. Viu um soldado e ficou aliviado por ver que não era um dos homens que o tinham espancado. O homem de pernas arqueadas era baixo, de cabelos brancos, com o rosto enrugado e um relógio de bolso pendurado no colete.

– Quem é você? – Ollie perguntou.

– Meu nome é Bertie. Bertie Shepherd. Serei seu patrão pelos próximos três meses.

Ollie coçou a cabeça e olhou para o soldado. Ele fez um sinal para Ollie sair e o jovem seguiu Bertie pelo corredor, deixando o soldado para trás. Lá fora, o sol atingiu seu rosto. Ele espirrou, fazendo um punhal de dor lhe perfurar as costelas.

– Abençoado seja – disse Bertie.

– Obrigado. – Ollie pressionou a mão na lateral do corpo e seguiu o velhote até um caminhão.

Bertie abriu a porta do passageiro, ajudou Ollie a entrar e atirou a mala atrás do banco. Entrou no caminhão e sentou-se ao volante.

– Para onde nós vamos? – Ollie perguntou.

Bertie pôs a chave na ignição, esfregou os joelhos e ligou o motor.

– Trabalhar.

– Como conseguiu me tirar de lá?

Bertie acionou o acelerador e tocou a buzina para um grupo de militares que marchavam em direção a um hangar.

– Falei com o comandante e fiz um acordo para tirar você daqui.

– Por quê?

Bertie baixou os óculos e olhou para Ollie.

– Porque você ajudou minha neta, Susan.

Ollie lembrou-se da jovem graciosa de cabelo loiro, cor de areia, e da mão do tenente segurando seu pulso. Ollie sentiu seu rosto esquentar. Bertie segurava o volante com firmeza.

– Se eu fosse mais novo, ensinaria algumas lições àquele bastardo. – Ele se virou para Ollie. – Obrigado.

O rapaz assentiu.

– O que faz um jovem do Maine tão longe de casa?

Ollie pensou em seus pais, as flores murchas em suas sepulturas.

– Não há nada lá para mim.

O velho esfregou o joelho.

Ollie apontou para um caça Hurricane que se preparava para pousar.

– Eu sou piloto. Preciso ir a Church Fenton para me alistar no Esquadrão Águia.

– Você só poderá ir daqui a noventa dias. Esse foi o acordo.

– Que acordo?

– O acordo que fiz com o Comandante Davies. – Bertie virou o volante para a esquerda, saindo do Campo de Aviação de North Weald e fazendo Ollie se segurar contra o painel. – Acertamos que você trabalharia para mim durante três meses. E concordei em não apresentar queixa contra o Tenente de Voo Clyde Boar pela conduta imprópria de um oficial da Força Aérea Real. Eu também disse a ele que conhecia o Vice-Marechal Keith Park e que telefonaria para ele depois que saísse dali,

assumindo que não poderíamos chegar a um acordo sobre como lidar com uma situação tão delicada.

– Agradeço sua ajuda para me tirar da prisão, mas preciso ir para Church Fenton.

Bertie olhou para ele.

– Oliver do Maine, sabe qual é a pena por atacar um oficial?

Ollie negou com a cabeça.

– Você pode passar muito tempo em uma prisão militar, até ganharmos esta maldita guerra ou estarmos todos falando alemão.

Ollie engoliu em seco.

– Também suspeito que o Comandante Davies não saiba o que fazer com você. Você é americano, não está alistado na Força Aérea Real, pelo menos ainda não, e ele tem uma armada de nazistas voando sobre o campo de aviação todas as noites, quando se dirige a Londres para destruí-la. Davies perdeu muitos homens bons; seus caças estão caindo do céu como martelos. – Bertie suspirou. – Ele pode não ter sido capaz de mantê-lo preso até que você esteja velho, mas com certeza poderia ter tornado muito difícil para você entrar na guerra fazendo uma ligação para Church Fenton. Suponho que ele tenha ficado satisfeito com minha proposta de acordo amigável.

– Obrigado, Bertie. Acho que devo a você e ao seu amigo Keith Park um pouco mais de gratidão.

Bertie riu e esfregou o joelho.

– Eu conheci o vice-marechal do ar em um desfile em Londres. Como naquela ocasião me aproximei o suficiente para apertar a mão de Park, pensei que não faria mal usar o nome do homem.

Ouvir o homem gargalhar fez Ollie sorrir.

– Você devia ter visto os olhos do comandante quando eu disse o nome de Park. Ele parecia uma criança sendo chamada para a sala do diretor – continuou Bertie, esfregando o joelho e rindo mais forte.

Ollie riu, algo que não fazia havia semanas. Ele passou as mãos nas costelas.

– Parece que espancaram você, Ollie. Noventa dias de trabalho na nossa missão vão ajudar você a se recuperar.

– Que tipo de missão?

– Operação Columba. O Comandante Davies também tem interesse no sucesso desta missão, provavelmente outra razão pela qual o deixou trabalhar para mim.

Ollie coçou a cabeça.

– O que é a Operação *Columbia*?

– Columba. É ultrassecreto. – O sorriso de Bertie desapareceu. Seus olhos baixaram. – Como posso ter certeza de que você não é um espião?

– Sou piloto de avião agrícola. – Ollie pensou em procurar na mala por sua licença de piloto.

O vento assobiou pela janela aberta. O caminhão bateu em um buraco, fazendo-os saltar em seus assentos.

Bertie riu.

– Em breve você vai saber tudo sobre a nossa missão. E vai aprender mais sobre voar nos próximos meses do que em uma vida inteira na cabine de um Spitfire.

Ollie viu o campo de aviação desaparecer no espelho lateral e ficou imaginando em que tipo de confusão tinha se metido.



# Capítulo 11



## Epping, Inglaterra

Susan despejou grãos na bandeja de alimentação, depois bateu com uma colher de pau em uma lata. Os pombos voaram para o pombal e bicaram a refeição. Exceto Duquesa. O pássaro, com a cabeça inclinada, ficou no patamar da escada e olhou para Susan.

– Tudo bem, Duquesa – disse Susan, pegando um punhado de grãos, ajoelhando-se e estendendo a palma da mão.

Duquesa voou para o chão, arrulhou e começou a comer.

– Eu estraguei você. – Susan esfregou o dedo nas costas de Duquesa.

A ave aproximou-se e, depois de receber outro afago na cabeça, começou a bicar.

Depois que os grãos desapareceram da palma da mão de Susan, sugados por Duquesa ou espalhados pelo chão, ela bateu as mãos e se levantou.

– Agora, fora daqui.

Duquesa caminhou devagar até a bandeja de alimentação, parou e olhou para trás para Susan.

– Pode ir.

Duquesa baixou a cabeça, como se seus sentimentos tivessem sido feridos, e se enfiou no bando de pássaros.

Enquanto olhava para Duquesa, Susan não conseguia deixar de pensar que o pássaro agia mais como o cão pastor de Shetland, chamado Whitby, que seu avô possuía quando ela era criança. O cão era esperto como um chicote e estava constantemente à procura de afeição, cercando-a para roubar comida, geralmente um bolinho quente de sabugueiro que sua avó tinha feito. Bertie agora brincava que, se ele acreditasse em

reencarnação, diria que seu velho cachorro tinha voltado como Duquesa. Era a maneira de Bertie tentar explicar o comportamento incomum do pássaro; o homem não podia acreditar, mesmo depois de anos treinando as melhores raças na Grã-Bretanha, que um pombo-prodígio tinha nascido em seu pombal ou, mais precisamente, em uma tigela de cerâmica que costumava conter o mingau de aveia de sua esposa.

Susan olhou uma última vez para Duquesa, cuja plumagem brilhante se destacava da de seus pares, como um ovo de Páscoa colocado em uma cesta de ovos marrons comuns. Ela se virou e saiu, a porta batendo atrás dela.

Enquanto Susan caminhava para casa, ouviu o caminhão de Bertie, o som inconfundível das engrenagens soltas enquanto seu avô lutava para mudar a marcha. Assim que o veículo pôde ser visto, ela reparou que havia um passageiro. Ao aproximar-se da cabine, viu a cabeça do americano chacoalhar enquanto Bertie freava abruptamente.

Susan endireitou a saia e notou alguns excrementos colados na sola de seu sapato. Inclinou o tornozelo e limpou o pé na grama.

Bertie saiu do caminhão, seguido por Ollie, com a mão pressionada contra a costela.

Susan olhou fixamente para ele, com a boca aberta.

O avô tirou o relógio de bolso do colete, mas não olhou para ele.

– Oliver do Maine vai trabalhar para nós durante alguns meses.

Susan levantou as sobrancelhas.

– Só até terminarmos a primeira fase da Operação Columba.

– Bertie fez uma careta quando deslocou o peso para o pé oposto.

– Entre. Vou passar alguma coisa nos seus joelhos – disse Susan.

Bertie acenou com a cabeça e entrou.

Susan olhou para Ollie.

– Você devia ter saído da estação, como eu recomendei.

Ollie deu um passo à frente.

– Eu tentei.

Susan reparou que Ollie tinha a mão sobre um lado do corpo.

– Bateram em você?

– Vou ficar bem.

– Ótimo. Simplesmente ótimo. Como vamos terminar a nossa missão com vocês dois neste estado?

Ollie encolheu os ombros e seguiu Susan para dentro do chalé.

Susan apanhou algumas toalhas molhadas que estavam guardadas na caixa de gelo e as envolveu nos joelhos de Bertie, a calça dele enrolada até suas coxas flácidas. Bertie inclinou-se para trás em sua cadeira almofadada de tweed.

– Obrigado, Susan. Vou descansar um pouco e depois cuido do nosso rebanho.

– Use a bengala.

Bertie balançou a cabeça.

– Ela faz com que eu me sinta velho, e isso é pior que a dor.

Susan reparou que Ollie olhava para a bengala encostada à lareira.

– Vamos cuidar de você.

Levando Ollie para o andar superior, Susan percebeu que sua escalada foi lenta, resultado da confusão com a RAF. Ela o levou a um quarto de hóspede que tinha uma pequena cama de latão, um lavatório e uma janela com vista para um jardim.

Susan apontou para um cubículo de madeira que ficava do lado de fora.

– Ali é o banheiro.

– O quê?

– Banheiro. Acho que vocês chamam de “casinha”.

– Oh, sim – disse Ollie.

Ela deu a ele uma toalha, uma barra de sabão e a navalha sobressalente de Bertie, tocando cuidadosamente na lâmina para ter certeza de que ainda estava afiada.

– Desça quando estiver pronto. – Ela saiu, fechando a porta.



Ollie acordou quando bateram à porta. Sentou-se na cama, fez uma careta e pôs os pés no chão. A porta se abriu gentilmente.

– Ollie – Susan sussurrou.

– Devo ter adormecido. Que horas são?

– Hora do jantar. Você dormiu o dia todo.

– Eu já vou descer.

Enquanto Susan descia a escada, Ollie arrumou a cama. No lavatório, tirou a camisa e percebeu que seu lado direito, do quadril à axila, tinha manchas cor de beterraba. Uma série de marcas menores cobriam seu peito; as pancadas que recebeu dos soldados fizeram com que ele parecesse esmagado como um bife amaciado. Despejou água na bacia, se lavou e depois se barbeou cuidadosamente pela primeira vez em semanas, usando algo que parecia mais uma faca do que uma navalha.

Ao abotoar a camisa, Ollie notou uma foto emoldurada na parede. Reconheceu Bertie, mais jovem, com o cabelo escuro e as pernas já arqueadas, ao lado de alguém que parecia ser sua esposa. Ao lado deles, um jovem casal segurava um bebê. Ollie suspeitava que a criança fosse Susan, mas não tinha certeza.

Ao descer as escadas, Ollie foi saudado pelo cheiro pungente de couve cozida. Sentiu o estômago doer de fome.

– Com licença – disse ele, entrando na cozinha.

Susan virou-se para o fogão e tirou a tampa de uma panela. O vapor subiu até o teto.

Bertie, já sentado à mesa, abaixou o jornal.

– Boa noite, Oliver do Maine. – Gesticulou para que ele se sentasse.

– Acho que dormi demais – disse Ollie, sentando-se em uma cadeira. – Pode me chamar apenas de Ollie.

– Prefiro Oliver do Maine.

– Vovô... – disse Susan.

– Parece mais nobre. – Bertie levantou as mãos como um maestro de orquestra. – Oliver do Maine.

– Não há nobreza no Maine – disse Ollie. – Apenas agricultores e pescadores.

– E pilotos? – Bertie perguntou.

– Pilotos agrícolas. – Ollie esfregou as costelas doloridas. – No momento não me sinto muito como um piloto.

– Não se preocupe, rapaz. – Bertie riu, depois deu uma palmadinha no braço de Ollie. – Você vai ter uma aula de voo de manhã.

Ollie coçou a cabeça, sem entender o estranho senso de humor do homem.

Susan encheu três tigelas, colocou-as na mesa e depois se sentou em frente a Ollie. Bertie fez as orações, pedindo pela segurança dos londrinos e pelo rápido fim da guerra, de preferência com uma vitória britânica.

O rapaz comeu depressa. Com seu paladar ampliado pela falta de comida, a couve cozida com pedaços de batata e aipo tinha um sabor melhor que o de qualquer guisado que ele tivesse apreciado em anos. Na verdade, ele não se lembrava de sua última refeição decente. Engoliu outra colher, depois bebeu um pouco de chá.

– Lamento não termos um chá mais forte – disse Susan.

– Racionamento. – Bertie soprou suavemente na sua tigela.

– Obrigado por dividirem a comida comigo. E por terem me acolhido. – Ele levou outra colher de verdura à boca.

Bertie inclinou-se para trás na cadeira e tirou um cachimbo do bolso. Depositou tabaco nele, acendeu um fósforo e chupou o tubo, puxando a chama. O cheiro de tabaco queimado encheu a sala.

– Me conte a sua história, Oliver do Maine.

– Você quer saber por que estou aqui? – Ollie perguntou.

Bertie assentiu.

– Acho que não consegui ficar parado sem me juntar à luta. – Ollie olhou por cima de sua tigela. Ele notou os olhos azuis de Susan, seu cabelo loiro puxado para dentro de um coque e preso com uma fivela, alguns fios soltos caindo na frente das orelhas.

Bertie soprou o cachimbo.

– Por que a Força Aérea Real? Se você queria se alistar, por que não foi para o Canadá?

Imagens melancólicas dos pais de Ollie vieram a sua mente. Ele respirou fundo e disse:

– Meu pai sempre disse que nós podemos ter perdido o sotaque, mas nosso sangue é, e sempre será, britânico.

Bertie sorriu, o cachimbo apertado entre seus molares.

– Termine o seu guisado – disse Susan. – Vai escurecer em breve.

Ollie enfiou a colher na tigela e bateu em algo duro, como a casca de uma noz. Levantou a colher até a boca e parou. Um marisco. A concha estava bem aberta, como se estivesse pondo a língua de fora.

– Os vôngoles não têm muita carne, receio – disse Susan. – São mais para aromatizar.

A boca de Ollie começou a salivar.

– Maldito racionamento – disse Bertie.

A boca de Ollie formigou. Seus lábios incharam. Bertie pousou o cachimbo.

– Você está bem?

– Sou alérgico a mariscos. – O estômago de Ollie fez um barulho. Susan cobriu a boca.

Ollie sentiu outro revirar em seu estômago, movendo-se para baixo, como se tivesse bebido um litro de salmoura. Ele se desculpou rapidamente e saiu correndo da mesa.

Pela janela da cozinha, Susan e Bertie viram Ollie correr para o banheiro.

Ollie abriu a porta e foi saudado pelo cheiro de terra e amônia. Puxou o botão da calça. Seu intestino rosnou. Ele puxou com mais força, apertando o traseiro, rezando para conseguir aguentar mais alguns segundos. O botão prendeu. Ele rasgou a calça. E a natureza se soltou.

– Você está bem? – Susan gritou do jardim.

– Sim. – A voz de Ollie parecia vir de dentro de um caixão.

– Tem certeza?

– Sim. – Ele conseguia ver a saia de Susan através de uma pequena fenda na porta. Mesmo tendo certeza de que ela não podia vê-lo, cobriu-se com as mãos.

– Posso lhe trazer alguma coisa?

Os intestinos dele pareciam uma mangueira de borracha com nós, usada em um concurso de cabo de guerra.

– Não, eu vou ficar bem.

– Desculpe. – Susan virou-se e entrou no chalé.

Ollie esfregou a barriga inchada. Seus intestinos estavam se apertando. E então veio. Primeiro, como um rugido baixo. Não dele. Lá fora. Os pelos de seus braços se arrepiaram. Uma sirene crescia mais alto, cada vez mais alto, perfurando as paredes do banheiro como se fossem feitas de papel de arroz. A sirene diminuiu o volume e repetiu o ciclo uma e outra vez, crescendo ainda mais quando soava novamente.

– Encontre-nos no abrigo! – Bertie gritou. – Os desgraçados vieram mais cedo hoje!

Ele viu Susan e Bertie através de uma fenda entre as tábuas, caminhando até um monte de terra.

– Por favor, ande logo! – Susan gritou.

Ollie respirava rápido. Seus intestinos se contraíram. Uma explosão antiaérea atingiu o chão. O rapaz vacilou. Encostou as mãos na parede. Uma lasca perfurou seu dedo. O banheiro chacoalhou.

Ollie olhou para o alto. O canto do teto de lata enferrujado havia se destacado, revelando um céu escuro. Ele ouviu, entre as explosões, o som de drones mecânicos. O zumbido ficou mais alto. Ele procurou o papel higiênico. Em vez disso, encontrou um catálogo com páginas rasgadas. Pegou uma folha, mas outra câibra severa apertou sua barriga. Milhares de metros acima do sanitário onde estava, um bombardeiro passou. Depois outro. E outro.

Ollie inclinou-se para a frente, seu traseiro inclinado sobre o buraco no chão. Ele abriu a porta. Um esquadrão de Spitfires disparou sobre o chalé, com o vento balançando o sanitário. Olhou para cima e viu centenas de bombardeiros alemães enegrecerem o céu crepuscular, acompanhados por seus caças, afastando os Hurricanes e os Spitfires que tinham saído de North Weald. Mísseis explodiram. O coração de Ollie bateu forte.

Rajadas de metralhadoras perfuraram o ar. Um Spitfire caiu sobre a floresta de Epping, fogo queimando sua fuselagem. Girou, depois explodiu, enviando estilhaços através das árvores.

O estômago de Ollie se contorceu. A dor atravessou seu abdômen e desceu por suas pernas, levando-o de volta ao assento de madeira. A mola da porta fechou-se. A guerra rugia lá fora e ele estava preso lá dentro, sentindo-se indefeso, com a calça arriada. Ele tinha atravessado o oceano para lutar, evitando submarinos inimigos e enfrentando ratos do tamanho de cães, apenas para ser espancado, envenenado e ter seu traseiro colado a um banheiro.

A armada, seguida por alguns caças remanescentes da RAF, dirigiu-se para sudoeste em direção a Londres. O bombardeio antiaéreo de North Weald de repente parou e foi logo substituído pelo eco das armas antiaéreas em Londres.

Depois de seu corpo ter sido drenado e as cãibras terem enfraquecido até um grau que podia suportar, Ollie se limpou com um anúncio de página inteira de equipamento de pesca e saiu. Com as pernas trêmulas, atravessou o pátio. As chamas flamejavam na floresta. O barulho das bombas enchia o ar. Quando chegou ao abrigo, a porta abriu-se.

Bertie apontou para o bosque e depois entregou uma lamparina a Ollie.

Ollie e Susan, atraídos pelo cheiro de combustível queimado, fizeram seu caminho pela floresta em busca do Spitfire destruído. Atrás de uma árvore tombada, encontraram a cabine despedaçada e o que restava do piloto.

Susan rezou. As lágrimas caíram de suas bochechas.

O estômago azedo de Ollie transformou-se em raiva fervente. As matérias dos jornais locais não conseguiam descrever completamente o que estava acontecendo. Era uma guerra. Pessoas morriam. E os Estados Unidos não faziam nada a não ser declarar neutralidade enquanto as bombas caíam sobre Londres. Conforme o campo reverberava com explosões, Ollie se deu conta de que mais homens, mulheres e crianças não veriam o sol nascer no dia seguinte. Silenciosamente, prometeu que voaria de novo. Não importa o sacrifício, ele encontraria uma maneira de livrar os céus dos nazistas.

– Eu me pergunto quem ele era – disse Susan, com a voz trêmula.

Ollie olhou para o piloto morto, seus braços mutilados balançando através do vidro estilhaçado da cabine.

– Ele tinha uma esposa? Filhos? – Ela baixou a cabeça.

– Eu gostaria de saber – disse Ollie, esperando confortá-la. Ele afastou a lamparina dos destroços. – O que eu sei é que ele morreu honrosamente, tentando proteger seu país.

– Tão jovem – disse Susan. – As guerras estão fazendo muitos britânicos morrerem cedo.

Ollie deu um passo à frente.

Ela levantou a cabeça e engoliu em seco.

– Nunca se sabe quando se vai morrer.

Ele olhou para os olhos dela, cheios de lágrimas, e disse:

– É por isso que precisamos viver todos os dias como se fosse o nosso último.

Ela assentiu, depois apertou as mãos.

– Os meus pais morreram quando eu era um bebê. Eles mereciam ter ficado mais tempo juntos.

– Sinto muito – disse Ollie.

– Os meus avós me criaram. Eu conheço meus pais através das histórias do meu avô. – Ela esfregou os olhos.

– Os meus pais também morreram – disse Ollie.

– Meu Deus – disse Susan. – Como eles eram?

– Os melhores pais. Eram maravilhosos e se amavam muito.

– Ele fez uma pausa. Um lampejo de seus pais de mãos dadas no balanço da varanda. – Um dia eu quero ter o que eles tinham.

– Eu também. Os meus avós tiveram uma vida linda. – Ela olhou para os destroços. – Mas, com a guerra, às vezes receio que não tenhamos futuro.

No fundo, Ollie tinha a mesma preocupação, mas disse:

– A Grã-Bretanha vai sobreviver a esta guerra. – Ele tocou o ombro dela suavemente. – E você vai ter uma vida longa e feliz.

Ela apertou os próprios dedos, depois baixou a mão para o lado.

Ollie e Susan ficaram olhando para os destroços até que dois militares, com os feixes de lamparina piscando através da floresta, encontraram seu companheiro caído. Enquanto os homens trabalhavam para remover os restos mortais do piloto, os

dois jovens voltaram para o abrigo de barro e, em seguida, sentaram-se nas camas de lona. Os ecos das bombas e o cheiro do solo enchiam o ar. Falaram pouco sobre Londres ser destruída e nada mais sobre piloto morto.

– Os bombardeios acontecem sempre? – Ollie perguntou, quebrando o silêncio.

– Todas as noites – disse Bertie.

Susan, com os olhos azuis escurecendo ao brilho da lamparina, olhou para Ollie.

– Eles vêm em ondas. E partem quando o sol nasce.

Bertie respirou fundo e depois ficou em pé.

– Já aguentei o suficiente. – Ele abriu a porta do abrigo e sacudiu desafiadoramente o punho no ar. – Nunca mais permitirei que os nazistas me obriguem a viver como uma toupeira!

Bertie mancava pelo gramado. Flashes de explosões iluminavam o céu.

– Você quer ficar ou ir? – Ollie perguntou.

– Quero ir – disse Susan.

Eles seguiram Bertie até o chalé. Lá dentro, Susan cobriu as janelas com panos escuros. Bertie fumou seu cachimbo e pegou um livro para ler. Ollie subiu até o andar superior e desmaiou na cama.



# Capítulo 12



## North Weald, Inglaterra

O Tenente Clyde Boar deu uma tragada no cigarro, deixou cair a bituca no chão e esmagou-a com o sapato. A noite tinha recuado para um céu cinzento, com o sol ainda afundado abaixo de um horizonte esfumaçado. Ele viu um esquadrão de Hurricanes, ou o que sobrou dele, aproximando-se da pista, formando uma fila para aterrissar.

– Quantos? – Ralph perguntou.

– Oito. – Boar olhou para seu copiloto, um homem baixo e rechonchudo com as mãos enfiadas nas calças.

Ralph fez uma careta.

– Deveriam ser doze.

Boar acendeu outro cigarro. Cinco minutos depois, outro esquadrão chegou. Apenas seis. Após a aterrissagem, um dos pilotos foi levado em uma maca; um projétil que perfurou a cabine tinha rasgado sua panturrilha.

O Tenente de Voo Boar viu um médico amarrar um torniquete à perna do piloto, com as calças enegrecidas de sangue. O homem gritava algo que soava como “Não posso perder o meu pé!” ou com “Eles acertaram o meu pé”.

– Devíamos estar com eles – disse Boar quando o piloto foi colocado em uma ambulância.

– O que você quer dizer? – Ralph perguntou. – Fomos a única unidade a marcar pontos ontem à noite.

Boar recordou o bombardeiro da Luftwaffe que tinham abatido. Ele havia manobrado sua unidade através das nuvens, e então se jogou sob o bombardeiro, possibilitando um tiro certo para Benny, que disparou da torre. A rajada de balas perfurou a

fuselagem. O bombardeiro explodiu e ele voltou para as nuvens, despistando dois caças Messerschmitt inimigos.

O Bristol Blenheim da RAF, concebido para ser tanto um bombardeiro rápido como um veículo noturno, não se destacou em nenhuma das ocasiões. Era um veículo utilitário e Medíocre. Um predador noturno capaz de encontrar sucesso apenas sob o manto da escuridão. Na verdade, a última missão à luz do dia que Boar liderou contra um campo de aviação da Luftwaffe perto de Aalborg, na Dinamarca, resultou em um desastre. Sete dos doze bombardeiros Blenheim de seu esquadrão foram perdidos. E uma unidade aliada produziu uma estatística de baixas de cem por cento. Dentro da armadura de um Bristol Blenheim, o Tenente de Voo Boar sentia-se como um soldado enviado para o front com uma espada de madeira.

– O Blenheim não é páreo para o Messerschmitt. Só temos chance com o Spitfire ou o com o Hurricane. – Boar fumou seu cigarro. – Eu quero liderar um esquadrão de caças de verdade e vencer esta maldita guerra.

– Você pode ser o melhor piloto da RAF, mas nós estamos designados para a Operação Columba – disse Ralph.

O Tenente de Voo Boar se voluntariara para a Operação Columba, acreditando que assumir uma missão tão perigosa o faria ganhar créditos com o Comandante Davies em relação a seus pedidos para liderar um esquadrão de caças. E tinha funcionado, especialmente quando Davies o selecionou para participar da reunião em Londres com a Inteligência britânica. Mas as coisas correram mal quando o americano interferiu.

– Como foi a reunião com o comandante? – Ralph perguntou.

– Esplêndida.

Boar recordou sua reunião com o Comandante Davies, que o havia interrogado sobre sua conduta com Susan e como um americano, ainda mais um civil, tinha acabado dentro de sua prisão militar.

Ele calmamente dissera ao comandante que havia se comportado como um cavalheiro, escoltando Susan para Londres e de volta, até mesmo lhe fazendo companhia em um abrigo quando eles perderam o trem. Mencionou que o americano não

teria sido detido se não o tivesse espancado, sob a falsa impressão de que Susan fora assediada. Davies tinha terminado abruptamente a reunião ordenando que ele se desculpasse com Susan Shepherd e com seu avô, Bertie. E que ficasse longe do americano. O comandante também lhe disse que sua oportunidade de voar em um Spitfire dependia do sucesso da Operação Columba. Boar tinha saudado e saído, seu sangue fervendo ao pensar no americano.

– Pelo menos você vai encontrar aquela jovem novamente – disse Ralph. Boar assentiu. – Pena que ela não goste de você.

– Ela vai gostar. – Boar tirou outro cigarro do bolso e enfiou-o nos lábios.

Ralph tirou seu isqueiro do bolso e acendeu o cigarro de Boar.

– Ouvi dizer que o americano está trabalhando com ela.

Boar arrancou uma tragada profunda do cigarro.

– Parece bastante injusto, não acha?

Boar exalou, o fumo correndo por suas narinas, e virou-se para sair.

– Eu vou me vingar daquele maldito americano.

– Aonde você vai? – Ralph perguntou.

– Cartas. – Ele bateu com os dedos no cigarro.

Os ombros de Ralph caíram.

– Maldição – sussurrou.

O Tenente de Voo Boar seguiu para as barracas. Muitos dos homens tinham caído em seus beliches ainda usando roupas de combate. Algumas das camas estavam vazias, e em breve estariam ocupadas por novos e ingênuos pilotos. Sentou-se a uma mesa no canto, longe dos roncões e do cheiro de suor. O tampo de madeira, se alguém o olhasse com atenção, mostraria o relevo de cartas que ele tinha escrito a pessoas que nunca conhecera, a ponta de sua caneta empurrando o papel para esculpir sulcos permanentes na madeira.

Boar recordou a queda do Blenheim em sua unidade, pilotada por John Simons, um homem de fala mansa que sonhava em voltar para Manchester e servir cervejas no pub da família. O copiloto, um jovem brilhante chamado William Akerman, um jogador de cartas excepcional e recém-casado com uma jovem

local chamada Elizabeth, grávida de quatro meses, tinha sonhado um dia em ser um comandante de voos e ter uma família depois da guerra. E o atirador, um homem chamado Gilbert Nolan – sua equipe o chamava de Gig –, tinha braços longos e magros que tremiam como arame embrulhado em bacon quando ele disparou as rajadas de metralhadoras. Gig deixou a esposa, chamada Samantha, e três meninas, Carol, Edna e Alice.

Boar agarrou sua caneta. Ele se lembrava de que o avião caído tinha levado uma pancada forte no motor esquerdo e não conseguiu subir para a segurança das nuvens. Dois caças inimigos, como pitbulls farejando sangue, vieram para matar. O motor direito explodiu, e a aeronave perdeu a asa. Boar e o restante do esquadrão tinham ouvido os gritos pelo rádio quando o Blenheim mutilado caiu do céu.

Não era seu dever, mas Boar escrevia cartas, assim como tinha feito muitas vezes antes, dedicando tempo para contar às famílias dos combatentes o que havia acontecido e, mais importante, que eles eram companheiros amados e homens corajosos e valentes que tinham servido honrosamente a seu país. Cada carta era única. John, William e Gig gostariam que fosse assim. Ele selou as cartas e as colocou em seu armário para enviar pelo correio dali a alguns dias, depois que as famílias fossem formalmente notificadas pelas autoridades da RAF. Em vez de dormir, deu uma volta pelo campo de aviação, contando aviões e se perguntando quantos de seu esquadrão de bombardeiros sobriariam até o Natal.



# Capítulo 13



## Epping, Inglaterra

Susan bateu na porta do quarto.

– Está acordado?

Ollie abriu os olhos. A luz do sol brilhava através da janela. Seu braço estava pendurado na cama, a dormência se espalhando por seus dedos.

– Sim – disse ele.

– Venha tomar o café.

Ollie limpou a garganta.

– Eu desço já. – Ouviu os passos de Susan quando ela saiu.

Ollie olhou para baixo e reparou nas botas, desamarradas, mas ainda em seus pés. Esfregou as mãos, que formigavam, amarrou as botas e desceu as escadas. Suas pernas pareciam elásticas e seu corpo ressecado.

– Bom dia, Oliver do Maine – disse Bertie, baixando o jornal. – Está bem?

– Melhor – disse Ollie.

Susan deu a ele uma xícara de chá. – Beba. – Ollie bebeu.

– Obrigado.

Susan colocou os fios de cabelo louro atrás da orelha e foi para o fogão.

– O cheiro está bom – disse Ollie, sentando-se.

– Bolinhos de sabugueiro – disse Susan, abrindo a porta do forno.

– Que bom saber que está recuperando o apetite, Oliver. – Bertie deu uma palmadinha em seu ombro. – Estava preocupado que quisesse desistir do trabalho.

– Só se tivermos que descascar marisco.

Bertie riu.

– Nada de descascar, só voar.

Ollie coçou a cabeça.

– Nós vamos trabalhar com aviões?

Bertie sorriu.

– Melhor que isso, meu rapaz.

Era óbvio para Ollie que Bertie estava gostando de seu pequeno segredo, pelo menos até ele ser colocado para trabalhar. E, considerando que Bertie o tirara da cadeia e o fato de ele não poder entrar para a RAF nos próximos meses, não via nenhuma razão para estragar a brincadeira de Bertie. Então, ele continuou.

– Balões? – Ollie perguntou. Bertie negou com a cabeça.

– Dirigíveis?

– Ainda melhor.

– O que pode ser melhor do que aviões, balões e dirigíveis?

– É confidencial. – Bertie bateu em sua perna e riu.

– Vovô – disse Susan, colocando bolinhos quentes na bandeja.

– Como é que vou trabalhar se não souber do que se trata? –

Ollie perguntou.

– De olhos vendados.

– Durante três meses?

– Talvez menos, assumindo que nossa missão ganhe a guerra.

– Coma – disse Susan, colocando os bolinhos na mesa. – Temos trabalho a fazer.

O apetite de Ollie tinha diminuído, e ele se sentiu satisfeito depois de algumas mordidas, mas se obrigou a terminar um bolinho. Bebeu mais três xícaras de chá, sentindo sua força voltar a cada gole.

Minutos depois, Ollie estava no caminhão de Bertie. Susan sentou-se entre eles enquanto Bertie dirigia por uma estrada na fazenda, com uma faixa de grama alta correndo pelo meio. A fazenda era menor que a propriedade de seus pais. Porém, até onde ele podia enxergar, não havia outras casas à vista, apenas um pasto verde ondulante com ovelhas pastando.

Uma série de galpões de madeira pontilhava a encosta, parecendo celeiros de todos os tamanhos. Ollie presumiu que tinham muitos galpões, mas por que tantos?

Bertie estacionou o caminhão no primeiro galpão.

– Hora de trabalhar – disse ele, desligando o motor.

Ollie seguiu Bertie e Susan para dentro. Ouviu o bater de asas. Dúzias de pombos voaram à sua volta. Ollie protegeu o rosto com o braço. Algumas aves pousaram no chão; outras recuaram para seus ninhos. Quando o som da revoada se transformou em arrulhos, Ollie baixou o braço.

– Pronto para a aula de voo? – Bertie perguntou. As sobancelhas de Ollie se ergueram.

– Pássaros?

– Pombos – disse Susan.

Ollie enrugou a testa.

– A missão secreta do governo britânico são pombos?

– Operação Columba – disse Bertie.

– Estes pombos vão nos ajudar a ganhar a guerra – acrescentou Susan.

Ollie respirou fundo.

– Sem ofensa, mas vai ser preciso muito mais do que pássaros para...

– Pombos – Susan interrompeu.

– Que seja, pombos. – Ollie reparou que Susan estava com as mãos na cintura. – Eu estava apenas tentando entender por que o governo britânico gastaria seus esforços em pombos quando Londres está sendo bombardeada. Vai ser preciso aviões e pilotos para combater a guerra aérea.

Um pombo, parecendo pintado com tinta fluorescente roxa e verde, voou até o ombro de Susan. Ela acariciou as costas do pássaro com um dedo.

– Duquesa, Ollie obviamente tem muito a aprender sobre pombos. – Duquesa virou o pescoço e olhou para o rapaz.

– Eu não quis ofender. Estava apenas...

Duquesa saltou, atravessou o galpão e pousou no ombro de Ollie.

Ollie congelou. Olhando pelo canto do olho, observou o pássaro, seu bico a poucos centímetros de seu queixo. Engoliu, temendo que o animal o bicasse.

Duquesa piscou os olhos dourados. Ollie exalou.

– Acho que *ele* gosta de mim. – Duquesa abanou as penas da cauda.

Ollie sentiu algo quente correr pelo seu braço e fez uma careta.

– Duquesa é “ela”. E não gostou de seus comentários.

Susan arrancou o pombo do ombro de Ollie.

– Temos um longo dia pela frente – disse Bertie. – Ollie, pegue os cestos atrás do galpão. Susan e eu vamos enchê-los.

O rapaz saiu do pombal e limpou a manga com um punhado de folhas secas. Recolheu os cestos, que se revelaram como gaiolas, longas caixas de madeira com frentes de rede de arame, que se assemelhavam a frágeis armadilhas de lagosta. Depois de empilhar os cestos no galpão, Bertie ensinou-o a colocar os pombos em seu interior, enrolando as mãos sobre as asas e colocando os dedos debaixo das barrigas. Ollie ficou surpreso que os pombos não se mexeram, contorceram, arranharam ou mesmo bicaram, permitindo que ele os colocasse facilmente nos cestos.

Ollie olhou para Susan.

Ela virou a cabeça e continuou com a operação.

Depois que os pombos estavam nos cestos, com a exceção daquele que tinha se aliviado em sua manga, Ollie empilhou-os na carroceria do caminhão. Dirigiram até um segundo pombal, onde pegaram mais pombos, prenderam os cestos com cordas para evitar que se deslocassem e tomaram seus assentos no caminhão.

– Você os contou? – Bertie perguntou.

– Sim – disse Susan, segurando Duquesa. – Cento e vinte e sete.

Bertie colocou a chave na ignição e ligou o motor.

Ollie sentiu como se houvesse mais espaço, depois reparou que Susan estava pressionada contra a porta do lado do passageiro. Ela olhou fixamente pela janela, segurando Duquesa

no colo. O rapaz se sentiu como se tivesse engolido uma pedra. Era sua missão, e ele tinha menosprezado seu trabalho, mesmo depois de o terem acolhido. Ele esperava poder pensar em algo para dizer que pudesse apagar seus comentários infelizes. Abriu a boca, mas parou quando sentiu Susan se afastar ainda mais.

Bertie dirigiu estrada abaixo e virou para o norte em uma estrada pavimentada. Em seguida trocou de marcha, pondo o velho caminhão em maior velocidade.

– Como estão os pombos? – Bertie perguntou a Ollie.

O jovem virou-se e olhou pela janela de trás. Os cestos não tinham mudado de lugar. Apenas penugens se movimentavam.

– Ótimo – disse ele.

– Vamos para Clacton-on-Sea – disse Bertie. – É uma área remota na costa. Os pombos terão a oportunidade de voar sobre a água. – Ele olhou para Ollie. – Em breve estarão sobrevoando o Canal da Mancha.

– Para onde eles devem voar?

Susan interrompeu.

– Sabia que os pombos-correio eram usados pelos egípcios há mais de três mil anos?

– Não – disse Ollie.

– Claro que não. E você provavelmente não sabia que um pombo-correio pode viajar distâncias de até seiscentos quilômetros por dia, voar com a velocidade de setenta quilômetros por hora e alcançar altitudes de até trinta e cinco mil pés. – Susan olhou para Ollie. – A esta altura, Ollie, a temperatura seria de trinta e cinco graus abaixo de zero, e um piloto precisaria de uma roupa extremamente quente e de oxigênio.

Bertie empurrou Ollie.

– Alguma vez voou tão alto, Oliver do Maine?

Ollie negou com a cabeça.

– Durante séculos, os animais foram convocados em tempos de guerra. – Susan colocou Duquesa nas mãos. – Gostaria de adivinhar qual foi o animal que mais contribuiu para a vitória dos Aliados na Grande Guerra?

– Pássaros?

Susan olhou para ele. Duquesa girou a cabeça.

– Eu quis dizer pombos. – Ollie notou Bertie sorrindo, obviamente divertido com a confusão em que se metera.

– Sim. Pombos – disse Susan.

O ar parecia espesso. Ollie queria baixar uma janela ou rastejar para debaixo do assento.

– Na Grande Guerra, um pombo chamado Cher Ami salvou a vida de quase duzentas tropas aliadas que estavam presas atrás das linhas inimigas, sem comida nem munição. No dia anterior, havia quinhentos homens.

Ollie engoliu em seco.

– Cher Ami foi o último pombo que restou, pois os outros foram abatidos por tiros de metralhadora. Com a última mensagem desesperada dos soldados pedindo ajuda colocada na cápsula presa à perna de Cher Ami, o pássaro voou. Quando ela saiu do abrigo, uma chuva de balas a abateu. Mas, de alguma forma, ela conseguiu voltar para o ar e voar para o quartel general. – Susan espetou ligeiramente Ollie no tórax. – Cher Ami tinha sido atingida no peito. – Ela apontou para o rosto do rapaz. – Ela também estava cega de um olho.

Ollie sentiu Susan empurrar a bota dele com o pé.

– E a perna dela estava pendurada por um tendão apenas. – Susan acariciou a cabeça de Duquesa. – Mas ela retornou para casa e salvou a vida de duzentos homens.

Durante a maior parte da viagem, Ollie ouviu Susan falar sobre pombos. E podia jurar que viu Bertie tirar o pé do pedal do acelerador para prolongar a tortura.

Quando chegaram a Clacton-on-Sea, uma península sem árvores que dava para o Mar do Norte, Ollie começou a trabalhar descarregando os cestos. Teve uma sensação de alívio, pelo menos por enquanto, por estar fora do confinamento do caminhão. Alinhou os cestos de acordo com as instruções de Susan, esperando que a atenção aos detalhes ajudasse a reparar sua ignorância e insensibilidade.

Bertie olhou para o relógio de bolso. Os arrulhos aumentaram. Asas bateram. Bertie acenou com a mão. Susan e Ollie soltaram

rapidamente os fechos, e bandos de pombos voaram de suas gaiolas.

Susan apanhou Duquesa, empoleirada no caminhão. Ela segurou o pombo perto de sua face e sussurrou, depois atirou o animal para o ar. Duquesa voou para o bando, rodeando o céu. Depois de dois voos ao redor do perímetro, os pombos dirigiram-se para sudoeste.

Susan olhou para o oceano. As ondas esbofeteavam as rochas.

– Parece tão longe.

Bertie acenou com a cabeça.

– Quantas milhas até Epping? – Ollie perguntou.

– Sessenta – disse Bertie. – Mas Susan não se referia a Epping. – Ollie olhou para ela.

– França – disse Susan. – A Operação Columba é uma missão para lançar pombos-correio na França ocupada pelos alemães.

A boca de Ollie se abriu.

– O plano é que os locais transmitam informações sobre os movimentos das tropas – disse Bertie.

– A maioria dos pombos não vai conseguir voltar – disse Susan.

– Pensei que tivesse dito que os pombos podiam voar centenas de quilômetros – disse Ollie. – Certamente a distância até a França está ao alcance deles.

– Não é a distância – disse Bertie. – É o desafio de ir e voltar.

Susan apontou para o mar.

– Primeiro, os bombardeiros têm que chegar à França, evitando fogo antiaéreo inimigo. Os que ainda não foram abatidos, libertarão centenas de pequenas gaiolas, cada uma com um pombo. Os paraquedas, que não foram testados, precisam abrir e entregar os pombos ao chão em segurança.

Ollie meteu as mãos nos bolsos.

– Muitos dos pombos serão encontrados e destruídos pelo inimigo – disse Susan. – Outros ficarão escondidos nos campos ou emaranhados nas árvores, e vão congelar ou morrer de fome. Nossa esperança é que alguns pousem nas mãos de membros

da Resistência Francesa, que registrarão os movimentos das tropas em um pedaço de papel, colocado em uma cápsula presa à perna dos pombos.

– Os pombos que sobreviverem farão uma perigosa viagem de volta – acrescentou Bertie. – O inimigo, alertado pelos excrementos, terá sem dúvida atiradores apontados para eles.

Susan colocou os braços em volta dos ombros.

– Estimamos que um em cada três conseguirá regressar.

Ollie olhou para as gaiolas vazias.

– É um preço alto – disse Bertie. – Mas não temos escolha. Nossa única chance de vitória é saber o que os nazistas estão fazendo, especialmente quando e onde eles vão começar uma invasão por terra.

Susan tremeu. Ela se virou e viu os pombos, meras manchas no horizonte, desaparecerem de vista.

Ollie levou os cestos para o caminhão e os prendeu com cordas.

Entraram no veículo e foram para casa. Susan olhou pela janela lateral. Bertie grunhia de dor ao mudar de marcha. E Ollie esqueceu-se do alistamento na RAF com seus pensamentos se dirigindo aos sacrifícios de Susan, Bertie e dos pombos para salvar a Grã-Bretanha.



# Capítulo 14



## Epping, Inglaterra

A viagem de volta de Clacton-on-Sea foi tranquila, exceto pelo assobio do vento através das gaiolas vazias na carroceria do caminhão. Susan sentou-se de braços cruzados, vendo a paisagem do interior da Inglaterra passar pela janela. Ollie tentou pensar nas palavras certas para aliviar a dor dela.

*Deve ser doloroso para ela saber o destino dos pombos,* pensou ele.

Por duas vezes Ollie reuniu a coragem para falar, mas em ambas foi interrompido por Bertie apontando pontos do caminho: uma área de costa em erosão por onde acreditava que os alemães iriam invadir, e ruínas de um velho moinho que ele já havia explorado quando menino. Ollie se entediava com suas palavras. Ele fez o que pôde para ouvir Bertie, mas seus pensamentos estavam em Susan.

Chegaram à fazenda antes do meio-dia. Bertie estacionou o caminhão na frente de um pombal; mais precisamente, deixou seu pé cansado escorregar da embreagem e desligou o motor. Suas cabeças chacoalharam. Ollie e Susan seguraram firme.

– Talvez eu devesse dirigir – disse Susan, esfregando o pescoço.

– Que disparate – disse Bertie. – Não há nada de errado com o jeito como dirijo. Só estou ansioso para verificar os nossos pombos.

Eles saíram do caminhão. Ollie descarregou a primeira gaiola.

– Agora não, Oliver – disse Bertie. – Precisamos ver quem voltou para casa.

Ollie colocou a gaiola de volta no caminhão e juntou-se a eles no galpão. Bertie segurava um pequeno caderno e um lápis.

Susan verificou os cubículos da esquerda para a direita e de cima para baixo. Quando Susan terminava de contar uma fila, recitava um número e Bertie o anotava em seu caderno. Depois de terminar os cubículos, Susan contou alguns pombos vagueando pelo chão e outros esvoaçando sobre o telhado.

– Quantos? – Susan perguntou. – Sessenta e dois – disse Bertie.

Susan foi para o pombal ao lado. Bertie e Ollie a seguiram. Dirigir o caminhão teria sido mais rápido, mas Ollie assumiu que Susan estava farta de seu ceticismo em relação aos pássaros ou da condução do avô. Ele esperava que fosse o último.

Ollie observou Susan e Bertie contando os pássaros. Os arrulhos cresciam à medida que Susan passava pelos cubículos.

– Quantos? – Susan perguntou.

– Sessenta e quatro. O nosso total é cento e vinte e seis. Perdemos um. – Bertie verificou as contas. – Malditos falcões.

Susan apontou para Duquesa, empoleirada em uma viga acima da cabeça do avô.

Bertie olhou para cima.

– Ah, cento e vinte e sete. – Susan sorriu.

– Estão todos aqui.

– Como é que eles fazem? – Ollie perguntou.

– Magia – disse Bertie, fingindo acenar com uma varinha. Ollie riu.

Bertie pôs o braço em volta de Susan.

– Minha neta é a especialista. Antes da guerra, ela estudava zoologia na universidade.

Susan olhou para um grupo de pombos.

– Há quem acredite que eles encontram o caminho de casa com a ajuda do campo magnético da Terra, do Sol e das estrelas.

Ollie se aproximou da jovem.

– Em que você acredita?

Ela olhou para ele.

– Os pombos têm uma capacidade cognitiva extraordinária. Creio que eles tenham mapas mentais que lhes permitem regressar de lugares desconhecidos.

Ollie coçou a cabeça.

– Isso significa que são espertos – disse Bertie.

– Devem ser incrivelmente inteligentes – disse Ollie. – Eu teria precisado de um mapa de voo e de instrumentos para pilotar um avião de Clacton-on-Sea.

– O importante é que estão todos em casa. – Bertie olhou para o relógio de bolso. – Uma bênção para comemorarmos. Alguém quer um pouco de *dram*? – Susan abanou a cabeça. – Oliver?

– O que é isso? – Ollie perguntou.

Bertie riu.

– Vejo que os americanos ainda não dominam a língua inglesa. – Bertie colocou uma mão no ombro de Ollie. – *Dram* é uma dose de uísque.

Ollie pensou em Bishop compartilhando doses de um cantil que fizeram sua cabeça girar, e a bagunça em que ele se meteu ao acreditar que podia dormir em um parque. Ollie esfregou a cicatriz na testa.

– Talvez mais tarde.

Bertie acenou com a cabeça e se dirigiu ao chalé.

Susan pegou uma vassoura e começou a varrer excrementos.

– Posso ajudar? – Ollie perguntou.

Ela fez que sim com a cabeça.

Ollie reparou em uma pá de lixo pendurada em um prego enferrujado. Pegou a pá e baixou-a para uma pilha de excrementos.

Susan varria rapidamente, esparramando grãos sem querer.

– Eu não quis menosprezar a Operação Columba ou o seu trabalho. – Ele tirou algo de dentro da camisa que parecia uma ervilha seca.

– Lá fora, na lixeira – disse Susan.

Ollie depositou os excrementos e voltou para baixar a pá para outra pilha.

– Acho que sou bastante inexperiente quando se trata de pássaros.

Susan deu um suspiro.

O rapaz sentiu grãos atingirem seu rosto. Ele tossiu.

– Pombos. – Susan colocou a vassoura no canto.

Ollie despejou os poucos excrementos que chegaram à pá na pilha de compostagem. Voltou ao galpão para ver Susan segurando Duquesa.

– Desculpe – disse ele.

Susan levou uma das mãos até boca. Duquesa virou a cabeça.

– O quê? – Ollie perguntou.

– O seu rosto.

Ollie esfregou as mãos nas bochechas.

Susan riu.

– Não. Você está sujo no... – Ela tocou no nariz.

Ollie levantou a mão para encontrar uma gota fresca presa à ponta do nariz. Tirou-a com o dedo.

– Acho que eu mereci isso.

– Sim, mereceu. – Ela acariciou Duquesa. – Da próxima vez, talvez prefira usar a pá maior.

Ollie notou uma pá plana apoiada em um canto.

– Essa pá aqui é muito pequena. – Ele riu. – Agora é um pouco tarde para avisar, não acha?

– Eu não ia dizer nada. – Susan enfiou um fio de cabelo solto atrás da orelha. – Mas é difícil não ter pena de alguém coberto de sujeira, mesmo que não consiga distinguir um pombo de um peru.

Ollie notou que havia suavidade na voz dela.

– Posso? – Ele estendeu as mãos.

Susan acariciou Duquesa, como se fosse para acalmá-la, e então a colocou cuidadosamente nas mãos de Ollie.

O rapaz sentiu os pés finos na palma da mão. Ele acariciou gentilmente as costas da ave com um dedo.

– Desculpe ter chamado você de *e/e* – disse.

Duquesa arrulhou e piscou os olhos.

– Parece que você foi perdoado – disse Susan.

Ollie reparou na textura aveludada das penas de Duquesa.

– Eu gostaria de poder explicar como esta causa é nobre para os pombos. – Ele olhou para Susan. – Não parece justo que eles não consigam entender por que os estamos enviando à batalha.

Susan aproximou-se. Passou a mão pelas costas de Duquesa, seus dedos tocando ligeiramente a mão de Ollie.

A pele do rapaz formigou. Ele engoliu em seco.

– Você acredita mesmo que esta missão pode mudar o curso da guerra?

Susan assentiu.

O som de motores fez os pombos baterem as asas. Susan pegou Duquesa de Ollie. Foram até o lado de fora para ver uma fila de veículos militares entrando na fazenda. Um rastro de poeira envolveu o campo.

Dois soldados saíram de um dos caminhões e retiraram um grande carretel de arame do veículo. Outro soldado carregava uma caixa de ferramentas. Vários outros descarregaram gaiolas pequenas.

Susan caminhou em direção aos soldados que desenrolavam o carretel.

– O que estão fazendo?

– Cumprindo ordens, senhorita – disse um dos soldados.

– Com licença – disse Susan.

Os soldados seguiram em frente, deixando para trás um rastro de arame.

Ollie correu e se colocou à frente dos soldados.

– A moça lhe fez uma pergunta.

– Só estamos cumprindo ordens para proteger a fazenda – disse um soldado. Os homens, continuando a rolar o arame, passaram por Ollie e dirigiram-se para um dos galpões.

Susan e Ollie ouviram o som de serrar madeira. Viraram-se para ver um soldado cortar a base do poleiro de um dos pombais.

– Pare! – Susan gritou.

O soldado continuou serrando.

– Pare com isso – disse Susan, chegando ao galpão. O soldado fez uma pausa para examinar a lâmina da serra.

– O que está fazendo? – Ollie perguntou.

– Instalando alarmes.

– Alarmes? Ninguém disse nada sobre alarmes.

O soldado encolheu os ombros e retomou o trabalho.

Outro veículo militar chegou, derrapando até parar. Uma nuvem de poeira cobriu uma árvore de faia. Ollie sentiu as mãos se fecharem em punhos quando viu um oficial de cabelo cor de carvão sair do carro.

– Não faça nenhuma tolice – disse Susan.

O Tenente de Voo Boar subiu os degraus da frente da casa e bateu à porta. Bertie atendeu, apertou sua mão e os dois rapidamente entraram. Quando Ollie e Susan chegaram ao chalé, Bertie estava na varanda agitando sua bengala como uma espada.

– Desgraçado! – Bertie apontava a bengala para o peito do Tenente Boar.

Boar levantou as palmas das mãos.

– Vovô! – Susan gritou.

– Eu devia ter ensinado algumas boas maneiras a você! – Bertie disse. Boar mantinha as mãos levantadas.

Ollie se colocou entre os homens e olhou para o tenente. Boar virou-se para Susan.

– Tivemos uma mudança na Operação Columba. – Bertie baixou a bengala.

– Só vai lhe tomar um minuto – disse Boar. – Talvez possamos entrar para que eu possa explicar.

Apesar de sua animosidade em relação ao tenente, Ollie, Susan e Bertie se viram sentados à mesa da cozinha com o Tenente de Voo Boar.

– A Fazenda Cooper foi bombardeada – disse Boar. Bertie engoliu em seco.

– Como está William?

Boar balançou a cabeça.

Os olhos de Bertie lacrimejaram.

– Pobre William. Nós disputávamos corridas de pombos.

Susan colocou o braço por cima do ombro de Bertie.

– A fazenda ficava perto de uma fábrica de munição – disse o Tenente de Voo Boar. – A Luftwaffe errou a fábrica, mas destruiu a fazenda, incluindo a maioria, ou todos os pombos.

– Por que veio nos dizer isso? – Bertie perguntou.

– Sua data de entrega foi alterada – disse Boar.

– Para quando? – Susan perguntou.

– Amanhã.

Bertie limpou o rosto.

– Diabos! Pensei que tivéssemos duas semanas. Temos escolha?

– Não. Os homens estão entregando o equipamento e instalando alarmes nos pombais. Dois soldados ficarão de plantão aqui durante a missão.

– Por quê? – Susan perguntou.

– Por segurança – disse Boar.

Ollie reparou que Susan agarrou Duquesa. A face de Bertie parecia branca, sem cor.

– Sei que as coisas não correram bem entre nós. – O Tenente de Voo Boar olhou para Susan. – E quero pedir desculpas pelo mal-entendido.

Bertie o interrompeu.

– O Comandante Davies o mandou pedir desculpas?

– Tenho ordens para informá-lo da mudança. Nada mais. – Boar virou-se novamente para Susan e esfregou as mãos, como se estivesse espalhando pomada. – Minhas desculpas pelo mal-entendido. O trem estava cheio e eu estava apenas tentando falar com você. Não pretendia lhe fazer mal.

Susan cruzou os braços. O barulho de um martelo batendo em tábuas no galpão a fez vacilar.

– Os homens terão terminado em poucas horas – disse Boar. – Uma equipe chegará de manhã para dar continuidade. – Ele fez uma pausa e correu os dedos pelo cabelo. – Mais uma vez, minhas sinceras desculpas.

– Muito bem – disse Bertie. – Já nos informou das ordens e disse o que tinha a dizer. Acho que é melhor ir embora.

O Tenente de Voo Boar ficou em pé.

Bertie lutou para se levantar da cadeira.

– Não é preciso – disse Boar. – Eu saio sozinho.

Susan ficou com Bertie enquanto Ollie seguiu o tenente até seu veículo. Ollie assistiu Boar acender um cigarro, jogar um fósforo com o polegar e dar uma tragada profunda.

– Você tem muita sorte, ianque – disse Boar.

Ollie viu a fumaça fluir do nariz do tenente.

– Se não fosse o avô de Susan, estaria apodrecendo na Casa de Vidro. E, com o bombardeio de ontem à noite, sua liberação para Church Fenton pode até ser acelerada. Desde que não faça algo tolo, como atacar outro oficial, pode se alistar.

– Eu desejo voar – disse Ollie.

– Claro que sim. – O tenente entrou no veículo, ligou o motor e baixou o vidro. – Sugiro que continue varrendo a merda dos pombos. – E jogou a bituca do cigarro.

Ollie sentiu a bituca bater em seu peito e notou que sua camisa estava salpicada de excrementos. Pisou no cigarro fumegante com a sola da bota. Enquanto Ollie observava o tenente se afastar, a raiva flamejou em seu estômago, como uma chama alimentada com querosene.



# Capítulo 15



## Epping, Inglaterra

Susan e Ollie seguiram Bertie enquanto ele mancava por uma teia de fios. De galpão em galpão, ele examinou os alarmes que os soldados tinham instalado. Barras metálicas finas, de cerca de doze polegadas de comprimento, penduradas em cada pombal, como uma cortina de miçangas penduradas em uma porta.

– Segurança? – Bertie levantou os braços e olhou para trás. – Eles acham que este lugar está cheio de nazistas? – Bertie cutucou a cortina com sua bengala. Ela brandiu como um sino barato, e um leve toque de campainha veio de uma tenda que os soldados tinham montado perto do abrigo antibomba.

Ollie foi até a tenda e espiou dentro dela. A estrutura, uma moldura de madeira coberta de lona, assemelhava-se a um acampamento nômade. Ela abrigava uma cama, duas cadeiras, uma mesa e um grande quadro com uma série de sinos numerados, um para cada pombal. Os sinos tocavam e paravam abruptamente. Quando um pombo entrava em um pombal, o movimento fazia as varas se tocarem, fazendo uma conexão que levava os sinos a tocarem. Ele se sentiu como o porteiro de um prédio de apartamentos em que visitantes tocavam a campainha dos moradores todos ao mesmo tempo. Os pombos não pareciam importar-se com as cortinas. Mas esse não era o caso de Bertie ou de Susan.

Ollie deixou a tenda para encontrar os dois inspecionando as gaiolas militares, muito menores do que aquelas que tinham usado para transportar os pombos para Clacton-on-Sea.

– O que acham disso? – Ollie perguntou.

Susan segurava um paraquedas de seda em miniatura que estava preso a uma gaiola.

– Isto é suficientemente grande para funcionar?

– Só pilotei aviões. Nunca saltei deles. – Ollie viu linhas de tensão espalhadas no rosto de Susan. Ele sentiu vontade de se dar um pontapé. – Mas uma vez vi um homem saltar de um avião em um acidente aéreo. – Ele examinou o paraquedas. – Acho que é grande o suficiente.

Susan respirou fundo e exalou. Ela dobrou cuidadosamente o paraquedas.

Bertie pegou um recipiente vermelho de metal, do tamanho de um pequeno frasco de remédio.

– São vermelhos como o inferno! Estão tentando facilitar a vida dos atiradores? – Ele balançou a cabeça e entregou o recipiente a Susan.

– Não há nada que possamos fazer agora. – Ela sentiu o peso do recipiente. – Pelo menos o material não é pesado. – Tocou na faixa de metal presa ao tubo. – Acredito que vão se encaixar com segurança a suas pernas.

– Posso fazer alguma coisa para ajudar? – Ollie perguntou.

Susan atirou a lata de volta à gaiola.

– Pode nos dar mais tempo?

– Infelizmente não – disse Ollie.

Susan segurou o cotovelo de Bertie e ajudou-o a ir para o próximo galpão.

Ollie sentiu-se horrível por eles. A fazenda de pombos estava sendo virada de pernas para o ar pela guerra. Perguntou-se como se sentiria se o exército tivesse acampado na fazenda de batatas de seus pais. Era um pensamento inimaginável para ele, um americano, compreender. As guerras não foram travadas em solo americano. Sangue foi derramado na Europa, e as pessoas em seu país só leram sobre isso nos jornais. Ele esfregou suas costelas doloridas, sentindo um pouco de culpa por ter nascido do lado oposto do Atlântico.

Sentindo que Susan e Bertie precisavam de um tempo sozinhos, Ollie foi trabalhar. Primeiro, empilhou as gaiolas militares, certificando-se de que estavam uniformemente distribuídas em cada um dos pombais. Pelo resto da tarde, reabasteceu bebedouros, carregou sacos de ração e varreu

fezes. Depois de cuidar do último pombo, encostou a vassoura no canto, perto de um pombo adormecido, com a cabeça dobrada sob a asa.

Ollie acariciou gentilmente a ave.

– Descanse um pouco. Sua missão vai ser amanhã. – Ele deixou o galpão, desejando que aquele fosse um dos sortudos que regressariam.

Do lado de fora, o ar estava frio. Ollie esfregou os braços e notou que as folhas de um carvalho estavam mudando para a cor da mostarda. Ele olhou para o sol, que afundava no horizonte, e se perguntou se os pilotos da Luftwaffe estavam se mexendo em seus beliches, como vampiros noturnos se preparando para seu banquete. *É uma pena que os nazistas não sejam vampiros, pensou Ollie. Pelo menos os vampiros podiam ser eliminados com água-benta, cruzeiros e dentes de alho. Com os nazistas, entretanto, precisamos de armas antiaéreas, Hurricanes e Spitfires.* Ollie olhou para os pombais. E talvez pombos.

Dentro do chalé, Ollie encontrou Bertie em sua cadeira. Ele olhou para os joelhos do homem, envoltos em toalhas frias.

– Como estão as pernas? – Ollie perguntou.

– Um pouco doloridas – disse Bertie.

– Precisa de alguma coisa?

Bertie negou com a cabeça.

Ollie fez uma pausa e perguntou:

– Como era o seu amigo William?

– Um bom homem. Adorava pombos de corrida tanto quanto eu. Costumávamos fazer apostas, normalmente valendo uma cerveja no bar, sobre quem tinha o pássaro mais rápido. Apesar de ter que comprar a maior parte da cerveja, William nunca desistia de uma corrida. – Bertie esfregou os joelhos e mudou de assunto. – Como estão os pombais?

– As gaiolas estão empilhadas e os pombais estão limpos.

– Ótimo.

Ollie virou-se para uma coleção de cachimbos antigos expostos na lareira.

– Eu coleciono – disse Bertie. – Agnes gostava de comprar para mim. Mais para exibir do que para fumar.

– Sua esposa? – Ollie perguntou, pegando um cachimbo. Bertie assentiu.

– Como ela era?

Um sorriso espalhou-se pelo rosto de Bertie.

– Adorável. Inteligente. Espirituosa. Muito parecida com a Susan. Conheci Agnes quando era jovem. Ela trabalhava no balcão da padaria do pai. Gastei todos os meus xelins nos bolos dela, só para vê-la. Quase ganhei peso suficiente para perder minhas calças antes de criar coragem e convidá-la para o chá. – Bertie deu uma palmadinha em sua barriga.

Ollie riu.

– Ela era maravilhosa. E não há um dia que passe em que eu não sinta falta dela.

– Parece que vocês tiveram uma boa vida juntos.

– De fato.

Ollie relembrou a foto no quarto dele, a de Bertie, Agnes e um jovem casal segurando um bebê.

– Importa-se se eu perguntar o que aconteceu?

Bertie baixou os óculos, com os olhos brilhando.

– Eu simplesmente sobrevivi a ela, meu rapaz.

Ver a tristeza de Bertie lembrou Ollie de seus pais. Uma dor cresceu em seu peito. Ele se perguntava quanto tempo levava para se recuperar da perda de entes queridos. *Um ano? Dez anos? Uma vida inteira?* Ollie devolveu o cachimbo ao seu lugar na lareira, depois pegou uma toalha fria do balde.

– Obrigado, Oliver – disse Bertie, trocando uma das compressas. – Talvez você possa ver como está Susan.

Ollie encontrou Susan sentada nos degraus da varanda. O ranger da mola da porta a fez se virar. Ele reparou que Duquesa estava em seu colo.

– Posso me sentar? – Perguntou. Susan deslizou para o lado.

Ele sentou-se, abraçando seus joelhos.

Susan olhou para as nuvens negras pairando sobre a floresta de Epping.

– Os bombardeiros voam na chuva?

– Sim – disse Ollie. – Podem voar acima das nuvens, mas pode ficar mais difícil encontrar seus alvos.

– Os pombos voam na chuva. – Susan passou um dedo pela asa de Duquesa. – Têm penas oleosas, que repelem a água.

Duquesa virou a cabeça, um olho dourado a encará-lo.

– Talvez tenhamos sorte e uma tempestade de vento apanhe a Luftwaffe – disse Ollie.

– Seria perfeito – disse Susan.

Ollie brincou com a ponta desgastada de seu cadarço.

– Está preocupada com Duquesa?

– Com Duquesa não. Só com os outros pombos. – Ollie olhou para Susan. – Duquesa não faz parte da missão.

– Oh – disse Ollie.

– Eu a criei. Ela é como se fosse um animal de estimação, e bica a janela para me acordar todas as manhãs.

– Entendo.

Susan esticou as costas.

– Eu deveria ver como está o meu avô.

– Bertie pediu que eu viesse ver como você estava. – Susan sorriu. – Ele me falou de sua avó.

– O que ele disse?

– Que você é muito parecida com ela.

– Vou aceitar isso como um elogio.

– Acredito que sim.

Algumas gotas de chuva atingiram seus sapatos. O vento sacudiu as bétulas. Subiram um degrau, ficando debaixo da cobertura da varanda.

– Reparei em uma fotografia no meu quarto. O bebê na foto é você?

– Sim.

– Com seus pais?

Susan fez um sinal afirmativo com a cabeça.

A chuva marchou através das árvores, as gotas atingindo as folhas e soando como um tamborilar.

Susan deu um beijo no pombo.

– Hora de ir para casa, Duquesa. – Ela gentilmente libertou o pássaro.

Duquesa flutuou pelo pátio, depois pousou em um galho. Mesmo atingido por gotas de chuva, o pombo se recusou a entrar

no galpão.

– É melhor entrar. – Susan ficou em pé e alisou a parte de trás da saia. – Vai escurecer em breve.

Ollie viu Susan entrar no chalé, sentindo como se tivesse se intrometido demais ao perguntar sobre os pais dela. Ele notou que Duquesa ainda estava empoleirada em seu galho, a cabeça de lado, como se estivesse ouvindo.

– Parece que estamos ambos de castigo – disse ele ao pombo.

Ollie seguiu para dentro do chalé, e encontrou Susan na cozinha.

– Quer um pouco de chá? – ela perguntou, enchendo uma chaleira.

– Sim, por favor – disse ele, sentando-se à mesa.

Ela colocou a chaleira no fogão e depois abriu o armário. Sua mente esforçou-se para saber o que dizer. Havia muitas coisas que ele queria saber sobre Susan. Mas escolheu começar por um tópico que achava que seria importante para ela.

– O que você mais ama sobre os pombos?

Susan virou-se, um sorriso se formando em seu rosto.

– Tudo.

Ollie, aliviado por ver sua reação, puxou uma cadeira da mesa e gesticulou para que ela se juntasse a ele.

Susan sentou-se.

– Então me fale sobre tudo – pediu Ollie.

– Eles são muito espertos – disse Susan. – Desafio você a encontrar outro animal que possa achar o caminho de casa a centenas de quilômetros de distância.

Ollie esfregou o queixo.

– A tartaruga? – Susan riu.

Ollie inclinou-se.

– Do que mais você gosta neles?

– Eles são carinhosos. Ambos os pais criam seus filhotes – disse Susan. – São lindos, com cores e padrões espetaculares. Adoro o seu arrulhar, que, na minha opinião, é ainda mais calmante que o ronronar de um gato. Eles têm um andar cativante e o voo deles é muito gracioso. – Ela pôs as mãos na

mesa. – Mas o que mais admiro é sua devoção à família. Eles se esforçam ao máximo para encontrar o caminho de casa.

Ollie sorriu.

– Como se chama a pessoa que sabe tudo sobre pássaros?

– Ornitólogo.

– Você vai ser uma grande ornitóloga.

– Você acha?

Ele assentiu.

Susan passou um dedo sobre um arranhão na mesa.

– Do que você mais gosta na aviação?

– Não tenho palavras para descrever a sensação de liberdade que tenho quando estou voando através das nuvens. É excitante. Me dá paz. – Ollie apontou para cima da cabeça. – Lá em cima, eu me sinto como uma ave. Ainda melhor, como um pombo.

Susan sorriu e ficou olhando para ele.

– Você vai ser um admirável piloto da RAF, Oliver do Maine.

Ele reparou na mão de Susan, a centímetros de seus dedos. Seu estômago tremulou.

A chaleira começou a assobiar. Susan pôs a mão no colo.

– Está fazendo chá, minha querida? – Bertie perguntou da sala de estar.

– Sim – disse Susan, olhando para Ollie.

– Boa ideia! – Bertie disse. – Vou já para aí.

O rapaz observou Susan deixar a mesa, desejando que a chaleira tivesse demorado horas para ferver.



# Capítulo 16



## Epping, Inglaterra

A chuva trouxe a chegada prematura da escuridão e, pouco depois, o uivo das sirenes do ataque aéreo. Com a fome roubada pela invasão da Luftwaffe, Susan, Ollie e Bertie desistiram do jantar e se amontoaram na sala de estar.

As armas antiaéreas explodiram. O chalé vibrou.

Susan, sentada ao lado de Ollie no sofá, tapou os ouvidos. Ele olhou para Bertie, inclinando-se para trás na cadeira.

– Quanto tempo?

Bertie encolheu os ombros.

– O pior é quando passam pelo Campo de Aviação de North Weald. Vão parar quando a Luftwaffe partir para Londres.

Mais um míssil. A louça tilintou.

Alguns minutos depois, as bombas pararam, revelando momentaneamente o ruído da chuva. A luz das velas cintilou sobre a sala. E, pela hora seguinte, ouviram o barulho das bombas em Londres.

Enquanto uma esquadrilha de aviões zunia sobre eles, Susan sentiu os músculos dos ombros doerem. Mas o som dos motores desapareceu rapidamente. Nada de explosão. Nada de tiros. Apenas o troar da chuva. Ela exalou, depois olhou para a vela.

– Você acha que Londres vai ser incendiada?

Ollie olhou para Bertie, afundado em sua cadeira com os olhos fechados, então se virou para Susan.

– A chuva vai ajudar.

Ela olhou para ele.

– Quero dizer, você acha que vai sobrar alguma coisa?

Ollie fez uma pausa e disse:

– Se os londrinos forem tão resilientes como você e Bertie, acredito que haverá sempre uma Londres.

– Eu precisava ouvir isso. – Ela sorriu, alisou a saia e voltou a atenção para a vela.

– Susan – disse Ollie.

Ela se virou para ele, sua sombra estendendo-se sobre o chão.

– Estava pensando sobre esta tarde e...

Bertie fungou. O livro que estava apoiado em seu peito levantou-se e caiu quando roncos encheram a sala.

– Ele fica muito cansado à noite – disse Susan. Ela ficou em pé, caminhou até a cadeira do avô e tocou em seu braço. – É melhor ir para a cama.

Bertie se assustou e abriu os olhos.

– Eu estava lendo.

Susan apontou para o livro.

Ele limpou o rosto.

– É difícil ler à luz de velas.

– Quer que eu leia para você? – Susan perguntou.

– Estou exausto – disse Bertie. – Acho que vou dormir. – Ele ficou em pé, balançou e grunhiu de dor.

Ollie ficou perto de Bertie, preparando-se para apanhá-lo caso os joelhos do velho falhassem.

– Nos deixe ajudar você – disse Susan.

Bertie balançou a cabeça e pôs uma mão no ombro de Susan.

– Amanhã os nossos pombos vão mudar o rumo desta guerra sangrenta. – Susan sentiu sua confiança despertar, como uma brasa que recebe oxigênio. Ela o viu subir as escadas, fazendo intervalos para recuperar o fôlego. Enquanto a porta do quarto dele se fechava, ela admirou a silhueta do avô. Não tinha dúvidas de que Bertie podia ter sido um general de campo na juventude. Os soldados nas trincheiras teriam seguido um homem como Bertie, confiando nele quando não houvesse esperança nenhuma.

– Bertie é um bom homem – disse Ollie.

– Tenho sorte por tê-lo.

Ollie acenou com a cabeça.

– Pode ir para a cama, se quiser.

Susan olhou para as cortinas negras que cobriam a janela.

– Não consigo dormir com esses sujeitos aí fora. – Ela atravessou a sala e pegou uma caixa de papelão fino debaixo do sofá. – Você é capaz de guardar um segredo?

Ollie juntou-se a ela no sofá, a caixa colocada entre eles. Ela abriu a tampa e pegou uma bola de fios de lã e agulhas e então segurou um pedaço de tecido de cor creme.

– É um suéter. Um presente de Natal para o vovô. – Ollie olhou para o tubo de lã. – Mais precisamente, o braço de um suéter.

– Ele vai adorar – disse o rapaz.

– Pena que eu não tenha corante.

– É perfeito.

Susan enfiou uma mecha do cabelo atrás da orelha e pegou as agulhas.

– Onde aprendeu a tricotar? – Perguntou ele.

– Com minha avó – As agulhas começaram a raspar uma na outra.

– Agnes?

– Você se lembra do nome dela. – Ela olhou para Ollie, notando a cor de caramelo de seus olhos.

Ele assistiu Susan tricotar, a luz das velas criando uma silhueta de suas mãos finas na parede.

– Parece difícil.

– Só requer tempo e paciência. – Susan enrolou o fio na agulha. – O meu primeiro trabalho foi um cachecol, quando eu era pequena. Em minha ânsia de entregá-lo a meu avô, ficou curto demais e mal conseguia agasalhar seu pescoço. O presente deveria ter permanecido na caixa, ou eu deveria ter adicionado mais alguns centímetros ao cachecol, mas meu avô insistiu em usá-lo preso com um alfinete. – Ela puxou mais fio. – É melhor começar logo, para que o suéter tenha ambas as mangas.

Susan tricotou uma fileira.

– Há pouco você ia dizer alguma coisa sobre esta tarde.

– Ia perguntar sobre os seus pais.

Uma explosão roncou como um trovão. A bola de fio caiu no chão.

Ollie apanhou o novelo e o recolocou no colo de Susan.

– Importa-se se eu perguntar o que aconteceu?

Susan virou-se para ele.

– Quando meu pai regressou da Grande Guerra, ele e minha mãe não perderam tempo para se casar. Na verdade, no dia em que meu pai voltou para casa, convocaram o padre, que havia tirado o dia de folga para ir pescar. O meu pai nem sequer teve tempo para tirar o uniforme e a minha mãe ainda usava o traje de enfermagem do hospital. – Ela apontou para uma foto emoldurada na parede. – Minha mãe serviu um ano como enfermeira no Fronte Ocidental.

Ollie se levantou e olhou para a foto de um trio sorridente: uma enfermeira, um soldado e um padre disfarçado de pescador, com anzóis de penas enfiados em seu colete como medalhas de guerra. Ele reparou particularmente na mulher, que segurava um ramo de margaridas.

– Você se parece com sua mãe.

Susan sorriu.

– O meu pai prometeu que se casaria com ela no dia em que chegasse em casa. Ela queria se casar mais cedo, mas, apesar do quanto meu pai a amava, ele não podia suportar o pensamento de possivelmente fazer dela uma viúva. Vovô sempre me disse que meu pai era um verdadeiro cavalheiro.

Ollie voltou para seu lugar.

– Escreviam um para o outro todos os dias – disse Susan. – Vovô guardou as cartas em uma caixa de lembranças. São adoráveis. – Ela pousou as agulhas. – Eu nasci menos de um ano depois que meu pai chegou em casa. Eles, nós, tínhamos uma vida inteira pela frente. – Susan respirou fundo e depois suspirou. – A Grã-Bretanha pensava que a guerra tinha acabado. Mas, quando as tropas voltaram para casa, trouxeram consigo uma ameaça ainda mais mortal do que armas ou gás mostarda.

Ollie engoliu em seco.

– A gripe espanhola?

Ela assentiu.

– Vovô recebeu um telefonema de minha mãe para ir me buscar. Os meus pais estavam com dor de garganta e não queriam que eu me resfriasse. Três dias depois, estavam no hospital com pneumonia. Vovô tentou visitá-los, mas eles, assim como centenas de outros, tinham sido colocados em quarentena. – Ela piscou, segurando as lágrimas. – Meu pai morreu no domingo seguinte. Minha mãe, na terça-feira.

Ollie colocou a mão no braço de Susan.

Ela não fez nenhum esforço para se mexer, sentindo conforto em seu toque.

– Foi há muito tempo.

Ollie hesitou, então lentamente voltou a mão para o colo.

– Quando criança, eu tinha medo do parquinho. Muitas vezes eu ouvia as crianças pulando corda e cantando a cantiga sobre a pandemia. – Susan olhou para Ollie. – Sabe de qual cantiga estou falando?

Ele negou com a cabeça.

Susan mexeu nas agulhas.

– *I had a little bird, its name was Enza. I opened the window, and in flew Enza. In flew Enza...* um trocadilho com influenza, a gripe.

– Isso é horrível.

– Justamente por isso é que nunca aprendi a pular corda. – Ela completou vários pontos. – Quem me dera ter tido idade suficiente para me lembrar deles. Tudo o que tenho são algumas fotos, cartas e as histórias do meu avô, que ele conta com frequência e com infinitas variações para torná-las mais interessantes.

Ollie apoiou o braço na caixa entre eles.

– Os meus avós me deram uma infância adorável, com muitas gargalhadas e muitos pássaros.

– Pombos.

Susan sentiu um puxão nas bochechas enquanto tentava conter um sorriso.

– Sim, pombos. – Ela pousou as agulhas. – Então, Oliver do Maine, por que você está aqui?

– Para me alistar. A RAF precisa de pilotos.

– Não tem medo?

– De morrer?

Susan fez que sim com a cabeça.

– Há coisas piores.

– Como o quê?

– Ficar parado enquanto os nazistas tentam conquistar o mundo.

As explosões diminuíram, como uma tempestade perdendo vapor. A vela queimou até se tornar um borrão; globos de cera derretida cobriram sua base.

– Talvez tenham terminado por hoje – disse Ollie.

– Haverá outra onda. – Susan guardou o tricô na caixa e a enfiou embaixo do sofá. – Vamos descansar. Temos muito trabalho amanhã.

Ollie assentiu. Ele pegou a vela, a chama apagou-se e a sala ficou no escuro.

– Vou arranjar outro fósforo.

– Não é preciso. – Susan apertou sua mão, reparando no calor de sua pele. Ela o guiou até as escadas e colocou suavemente a palma da mão dele no corrimão.

Juntos, subiram os degraus até o primeiro andar. O corredor era um abismo negro por causa dos panos escuros nas janelas.

– Consegue encontrar o seu quarto? – Ela perguntou.

– Acho que sim.

Susan ouviu o barulho de uma maçaneta.

– Encontrei – disse ele.

– Ollie?

Ele parou.

– Sim.

– Parece que hoje eu falei demais.

– Eu gostei de ouvir – disse ele.

– Muito gentil de sua parte. Mas foi indelicado da minha parte ficar divagando. – Ela fez uma pausa. – O que aconteceu com os seus pais?

– Acidente de carro. – Ele entrou no corredor negro. O chão rangia debaixo de seus pés. – Sem irmãos ou parentes, acho que

ser sozinho tornou mais fácil para mim ir para a guerra.

Ela engoliu e deu um passo. Seu pé raspou no assoalho.

– Quando foi o acidente?

Ele hesitou.

– No mês passado.

Ela arfou.

O corredor ficou silencioso. Depois soou uma sirene.

Ollie encontrou o ombro dela com a mão.

– Parece que você tinha razão sobre a outra onda. – Ele deu um aperto suave. – Boa noite, Susan.

A jovem sentiu a mão dele escorregar e depois ouviu a porta fechar. Ela ficou sozinha no corredor, até que o trovão das armas de artilharia a obrigou a ir para o santuário de seu quarto.



Susan, abalada pela notícia sobre os pais de Ollie, bem como pelo barulho das bombas, não conseguiu dormir. Pouco depois da meia-noite, o sinal do fim do bombardeio foi emitido por uma sirene no Campo de Aviação de North Weald. Ela vestiu um roupão e chinelos e desceu as escadas, esperando que uma xícara de chá quente acalmasse sua mente. Mas, enquanto se dirigia para a cozinha, viu a porta da frente aberta. Um pedaço de luar iluminava o chão de madeira. Espreitou lá fora e viu Ollie sentado nos degraus da varanda.

– Não consegue dormir? – Susan sussurrou, saindo pela porta.

– Não – disse Ollie.

– Eu também não.

– Acho que foram embora por hoje. – Ele deu uma palmadinha no espaço a seu lado. – Guardei um lugar para você.

Susan apertou o roupão e sentou-se.

– Sinto tanto pelos seus pais.

– Obrigado – disse Ollie. – Sinto muito pela sua mãe e pelo seu pai, também. Você era jovem demais para perdê-los.

Susan assentiu com a cabeça.

– Felizmente tive os meus avós.

Ele olhou para ela.

– Aposto que Bertie e Agnes fizeram um excelente trabalho no lugar dos seus pais.

Ela sorriu, contente com o elogio, e também com o fato de ele ter mencionado o nome da avó dela, uma mulher que ele nunca conhecera.

Ollie ajustou o fecho do casaco.

– Alguma vez você sentiu falta de ter irmãos?

– Meu Deus, sim. – Ela esticou os braços. – Um dia eu gostaria de ter uma grande família.

– Digo o mesmo – disse Ollie. – Com muitos filhos.

– Meninos ou meninas?

– Ambos. E você?

– Duas meninas e dois meninos.

– Bem específico – disse Ollie, empurrando a perna dela com o joelho. – Que nomes eles teriam?

Susan ponderou.

– Para os meninos, algo como Peter ou Ian. E, para as meninas, nomes de flor.

– Como Iris ou Rose?

– Talvez. Ou talvez algo menos comum, para que se sintam sempre únicas. – Ela soprou as mãos, começando a ficar com frio. – Já falei demais?

– De jeito nenhum. – Ollie tirou o casaco e colocou-o sobre os ombros dela.

– Vai pegar um resfriado.

– Vou ficar bem.

Ela puxou o casaco em volta de seu corpo, absorvendo o calor.

Ollie enfiou as mãos debaixo das pernas.

– O que pensa o seu namorado sobre dar nomes de flores às filhas?

– Não tenho namorado – disse Susan, a pulsação acelerada.

– Namorei um pouco na universidade, mas nada sério. E, com a guerra, tenho me concentrado no trabalho para o Serviço Nacional de Pombos. – Ela mexeu os dedos dos pés dentro dos

chinelos, tentando dissipar as borboletas na barriga. – E você, tem uma pessoa especial na sua cidade?

– Não. Tive uma namorada no colégio, mas não deu certo.

– Final triste?

Ollie balançou a cabeça.

– Foi bom assim. Éramos pessoas diferentes.

– Em que sentido?

Ele virou-se para ela.

– Antes de os meus pais morrerem, o meu pai feriu a perna em um acidente de trator e eu adiei a universidade para cuidar da fazenda da família. Vamos apenas dizer que ela não parecia gostar que eu permanecesse em casa para cuidar de um pai, e não estava interessada em ficar presa com alguém em uma fazenda de batatas.

– Ainda bem que acabou. – Ela cruzou os pés e reparou que seu joelho estava quase tocando na perna dele.

Ollie inclinou-se para trás.

– Você viu as estrelas?

Susan olhou para cima.

– Oh, meu Deus. – Distraída, ela não havia se dado conta de que as nuvens tinham desaparecido, revelando centenas de estrelas brilhantes. – Que lindo.

– Dá para ver as constelações. – Ollie traçou o céu com a mão. – Acho que esta...

– Olhe! – Susan apontou para uma breve rajada de luz através do céu.

– Rápido. Faça um pedido.

Ela fechou os olhos e fez uma pausa.

– O que você pediu?

– Prefiro não dizer – disse Susan, abrindo os olhos. – Se eu te disser, não se tornará realidade.

– No Maine, nós acreditamos em compartilhar os desejos para estrelas cadentes – disse Ollie. – Também revelamos desejos envolvendo velas de aniversário, dentes-de-leão e joaninhas. E, tendo em conta que você está acompanhada por um americano neste evento celestial, acho que tem que me dizer.

Susan sentiu um sorriso esticando seus lábios.

Ele aproximou-se mais.

– Você quer que se torne realidade?

– Sim.

– Então vai ter que me contar.

– Muito bem – disse ela. – Desejei que a guerra termine.

– Um desejo perfeito.

Ela fez uma pausa.

– Às vezes me pergunto se as bombas vão parar um dia.

– Elas vão. – Ollie olhou nos olhos dela. – Acredito em você, Susan. Tenho confiança nos seus pombos e na Operação Columba. Esta guerra vai acabar. E prometo fazer tudo o que puder para que isso aconteça.

Suas palavras confortaram Susan como um cobertor aquecido pelo sol.

Em um impulso, ela apoiou a cabeça no ombro dele. Ele colocou o braço em volta dela, puxando-a para perto.

Ficaram sentados em silêncio, enquanto uma brisa fria sacudia as bétulas. Pela primeira vez em semanas, Susan sentiu-se segura. As afirmações dele a encheram de esperança. Ela saboreou os minutos que passavam, sabendo que a qualquer momento o som de uma sirene poderia roubar seu tempo juntos.

– Você devia descansar um pouco – sussurrou Ollie.

Ela hesitou. Seu coração queria ficar, mas o cérebro voltou a pensar que a sua missão era no dia seguinte. Relutantemente, levantou a cabeça do ombro dele.

Ollie levantou-se e estendeu o braço.

Ela segurou sua mão e ficou em pé. Seus dedos se entrelaçaram e depois escorregaram para longe.

Lá dentro, caminharam para seus quartos separados. Susan rastejou para a cama, com a pele ainda formigando pelo toque dele.



# Capítulo 17



## Epping, Inglaterra

Um bicada na janela fez Susan se mexer. Ela se espreguiçou, levantou-se da cama e abriu as cortinas negras. O brilho do sol da manhã a fez piscar. Esfregou os olhos e viu Duquesa, equilibrada como um ginasta na corda bamba no parapeito. O pombo deu outra bicada e Susan abriu a janela.

Duquesa voou para a cama.

– Bom dia – disse Susan.

O pássaro subiu nos lençóis amarrotados, como uma criança escalando uma colina invernal usando sapatos de neve.

Susan pegou Duquesa e acariciou seu dorso.

– Dormiu bem?

Duquesa arrulhou.

– Melhor do que eu, acredito. – Susan tinha ficado acordada a maior parte da noite, pensando em sua conversa com Ollie. – Ele perdeu os pais. Como nós.

Duquesa piscou os olhos. Susan suspirou.

– Mal tive a consideração de perguntar sobre a família dele. Sinto-me horrível.

Duquesa olhou para a janela.

Susan espiou lá fora. Viu Ollie atravessando o pátio e desaparecer no pombal. Ouviu um som de lata raspando. Os pombos voaram para o pombal e um leve sorriso surgiu nos cantos da boca da jovem.

– Ele está alimentando os nossos pombos – sussurrou ela.

Duquesa esticou as asas.

Susan colocou a ave na cômoda e endireitou os lençóis, então se vestiu e parou em frente ao espelho. Ela escovou o cabelo emaranhado e o prendeu em um coque. Beliscou as

bochechas para dar cor ao rosto, sentindo o estranho desejo de se maquiar, algo que não fazia desde que saíra da universidade. Pegou um frasco de perfume, desatarraxou a tampa e pingou as poucas gotas restantes no pescoço.

Duquesa inclinou a cabeça.

– Eu sei, temos trabalho a fazer.

Susan colocou o frasco na cômoda, levou Duquesa até a janela e a jogou no ar. O pássaro saltou para um dos galpões e ela desceu as escadas para encontrar o avô bebendo chá.

– Bom dia, Susan – disse Bertie. – Fiz o café da manhã.

Susan olhou para o mingau de aveia no fogão. Deu um beijo em sua bochecha.

– Se for assim, também vou fazer o almoço. – Ele apontou para uma cadeira. – Coma a aveia. Ollie e eu já comemos.

– Não estou com fome.

Bertie empurrou uma xícara para ela.

– Então beba.

Susan tomou um gole de chá e foi até a janela. Não havia sinal de Ollie, apenas uma névoa de fumaça vinda do Oeste, causada pelos bombardeios da noite anterior.

– Os pais de Ollie morreram – disse Susan.

– Eu já suspeitava disso – disse ele.

Susan colocou a xícara na mesa.

– No mês passado.

– Meu Deus. – Bertie ficou em pé e passou os braços ao redor de Susan. – Infelizmente, nós sabemos como ele se sente.

Susan o apertou.

– É melhor você nunca me deixar.

– Tudo é temporário, minha querida. – Com rugas salientes no canto dos olhos, ele olhou para Susan. – Mesmo esta guerra sangrenta.

Os músculos do ombro de Susan se enrijeceram. Saber da perda de Ollie lembrou-a de como a vida poderia ser injusta, como se as pessoas fossem flores arrancadas da terra, como números tirados de um chapéu. A maioria dos números da família dela já tinha sido sorteada havia anos. Os londrinos eram levados todas as noites. E agora os seus queridos pombos

estavam prestes a embarcar na Operação Columba, uma missão mortal.

Bertie mancou pela cozinha, depois colocou a xícara na pia.

– Vamos ao trabalho?

– Talvez você deva levar sua bengala – disse Susan.

– Não é preciso, minha querida. Estou me sentindo jovem e cheio de vigor. – Bertie flexionou os braços flácidos. – Hoje, vamos salvar a Grã-Bretanha.

Susan entrelaçou o braço ao cotovelo de Bertie, enterrou seu medo e caminhou para fora.



# Capítulo 18



## Epping, Inglaterra

– Fique parado – disse Ollie, fixando uma pequena cápsula de baquelite à perna de um pombo. O anel de mola encaixou-se no lugar. – Não foi tão difícil, foi?

Ollie colocou o pássaro em uma gaiola muito menor que as cestas comunitárias que Bertie e Susan usavam para transportar o bando até Clacton-on-Sea. Mal havia espaço suficiente para um pombo, muito menos para um pequeno pacote com papel, lápis e instruções escritas em francês. Mas, apesar de estar de quarentena e ter um paraquedas de seda preso à sua gaiola, o pombo se acomodou como se estivesse simplesmente partindo para uma viagem rotineira para a zona rural inglesa.

Enquanto Ollie empilhava as gaiolas, a porta do galpão rangeu. Ele virou-se e viu Susan e Bertie.

Susan analisou o lugar.

– Bom trabalho, Oliver. – Bertie inspecionou as gaiolas. – Para um piloto, até que você é um bom tratador de pombos. Talvez eu devesse considerar te dar um aumento.

– Não sabia que seria pago – disse Ollie.

– Não será. – Bertie puxou os bolsos vazios, parecendo orelhas de coelho saindo da calça. – Não tenho nada para lhe dar, lamento. Apenas uma oportunidade para fazer história.

– Parece justo – disse Ollie. – Talvez eu devesse pagar você.

Bertie riu.

– Essa é a ideia.

Susan olhou para uma parede de cubículos. Exceto por uma dúzia de filhotes com suas mães em ninhos, as fileiras estavam vazias.

– Susan, ajude Ollie a levar as gaiolas – disse Bertie, ajeitando seus bolsos. – Vou inspecionar os outros pombais. – Ele saiu, a porta rangendo atrás de si.

A jovem enfiou o dedo através do arame de uma gaiola. O pombo a acariciou.

– Como é que você sabia quais deles deveriam ser poupados?

– Bertie me disse.

– Por que você começou tão cedo?

Ollie colocou uma gaiola vazia perto de uma fila de ninhos de pombos.

– Pensei que seria um dia difícil para você.

Ela olhou para ele.

– Obrigada.

Ele assentiu e depois verificou um paraquedas.

Susan respirou fundo e suspirou.

– Eu devia ter perguntado sobre a sua família mais cedo.

– Está tudo bem.

– Não, não está. Eu não tive consideração. – Ela moveu uma caixa de recipientes de lata. – Você deve sentir falta deles.

– Muita.

– Como eles eram?

– Meus pais eram agricultores, mas, se você perguntasse ao meu pai, ele teria dito que era um piloto que cultivava batatas para pagar as contas.

– Pelo que você diz, ele parece ser um homem que gostava de voar – disse Susan.

– Ele me ensinou a pilotar um avião antes de me ensinar a dirigir um carro.

– Parece perigoso.

– Minha mãe concordaria com você. – Susan sorriu.

– Uma mulher sensata.

– Minha mãe devia ter sido professora. Ela era incrivelmente inteligente e tinha um jeito de fazer o complicado parecer simples. Mas, sem uma educação formal, ela se contentou em oferecer seu tempo livre na biblioteca, ensinando adultos a ler. –

Ollie retirou a terra debaixo do salto da bota. – E, assim como o meu pai, ela tinha orgulho de suas raízes britânicas.

– Eu gostaria de tê-los conhecido – disse Susan.

– Eles teriam gostado de você.

– Você acha?

– Tenho certeza.

– Porque sou britânica?

– Não. – Ele hesitou. – Porque você é... Susan.

Ela enfiou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Ollie passou a mão por cima de um cubículo vazio.

– Tive sorte. Minha família se sacrificou muito para me dar uma vida melhor, poupando cada centavo para me mandar para a universidade.

– Você foi para a universidade?

Ele balançou a cabeça.

– Vim para me alistar.

Susan olhou para o chão.

– E acabou em uma fazenda de pombos por minha causa.

– Estou aqui porque dei um soco em um oficial militar. – Ele se aproximou. – E, se tivesse de fazer isso outra vez, não mudaria nada. – Seu peito começou a doer. *Você é doce, carinhosa e bonita. Tenho sorte de estar aqui com você.*

Ela olhou para ele e engoliu em seco.

– Nós... é melhor terminarmos.

Susan e Ollie carregaram os pombos restantes com a precisão de uma linha de montagem de automóveis. Susan tirava os animais de seus ninhos, sussurrava algo em seus ouvidos e os entregava a Ollie para prender os recipientes em suas pernas e colocá-los em gaiolas. As pilhas de gaiolas cresceram. Os cubículos ficaram vazios.

Enquanto Ollie colocava o último pássaro em sua gaiola, Duquesa voou pelo galpão e pousou sobre um poleiro. Susan foi em direção ao pombo, mas ao invés de pegá-lo, retirou um pequeno livreto enterrado sob uma camada de poeira. Ela limpou a fuligem.

– Bem que eu estava me perguntando o que tinha acontecido com isto. Não o via desde que era criança.

Ollie empilhou a última gaiola e juntou-se a ela.

– O que é?

– O livro de código do meu pai.

Duquesa caminhou ao longo do poleiro, as unhas dos pés arranhando a madeira. Susan folheou as páginas.

– Um dia eu o encontrei enquanto estava revirando uma caixa de lembranças dos meus pais, na esperança de achar fotos. – Ela entregou o livro a Ollie.

O rapaz passou o polegar por cima do couro envelhecido, como a pele de um velho réptil. Ele escaneou o conteúdo, preenchido com três agrupamentos de letras e respectivos códigos atribuídos, depois limpou a capa com a manga e devolveu-o à Susan.

– Meu pai esteve na artilharia. Eles usavam este livro para enviar mensagens ao longo do Fronte Ocidental. Supostamente, o código era indecifrável. Ou pelo menos foi nisso que meu avô me fez acreditar. – Susan sorriu. – Quando eu era pequena, o vovô anexava uma mensagem secreta em um de seus pombos de corrida, geralmente um dos mais lentos. Eu ficava esperando no galpão até que o pombo voltasse. Então, decifrava o código. – Susan enfiou o livro no bolso do casaco de Ollie. – Vamos mostrar ao vovô. Ele vai ficar feliz de falar sobre isso com você.

Ele passou a mão por cima da protuberância no bolso do casaco.

– Quais eram as mensagens secretas de Bertie?

– Negócios importantes. Normalmente, onde ele tinha escondido um presente para mim. Um livro. Um pedaço de caramelo. Você precisava ver minha avó tapando os ouvidos enquanto eu revirava seus potes tentando encontrar um pacote de gomas de mascar.

Ollie riu.

– Eu gostaria de ter visto isso.

– Eu também.

Ollie a encarou. Os olhos deles encontraram-se brevemente, fazendo o estômago dele tremer. *Você sente a mesma coisa?*

Susan virou-se e olhou para as fileiras vazias, e então para as gaiolas. Alguns dos pombos contorceram-se em seus aposentos

apertados, enquanto a maioria tinha a cabeça encolhida debaixo das asas. As mãos de Susan tremeram.

Ollie apertou gentilmente suas mãos. Ele lutou pelas palavras certas e simplesmente disse:

– Você os treinou bem.

Ela apertou seus dedos.

– Estou cansada de sentir medo e fome. Os constantes ataques aéreos. Não consigo tirar as sirenes da cabeça. Mas, acima de tudo, odeio ter que mandar os nossos pombos para a guerra. Sei que não temos escolha, mas odeio essa ideia.

– Algum dia a guerra vai acabar – disse ele. – Haverá noites sem bombas. Refeições sem racionamento. Pombais sem alarmes. Você vai terminar os seus estudos na universidade.

– E você vai voltar para casa – disse ela, em um sussurro.

O choque atingiu Ollie. A realidade de seus caminhos diferentes pareceu se impor entre os dois. Ele iria se alistar. Ela criaria pombos. Mas Susan havia ressuscitado sua esperança e alegria, e ele não estava disposto a deixar que nada os afastasse – nem mesmo uma guerra.

– Eu não quero ir embora – ele respirou. Susan olhou para os olhos dele. – Quero ficar aqui com você.

Ela se inclinou.

Ollie colocou seus braços ao redor de Susan, sentindo o calor dela, o peito subindo e descendo, o cabelo macio resvalando no seu queixo.

A jovem levantou a cabeça e colocou a palma da mão no pescoço dele. Ela lentamente se ergueu nas pontas dos pés.

Ele sentiu o coração dela batendo contra seu peito. Sua pulsação ficou mais rápida quando os lábios dela se aproximaram dos dele.

Uma buzina de carro tocou. Os pombos se agitaram.

– Eles estão aqui! – Bertie gritou do pasto.

O abraço afrouxou-se. Susan baixou o rosto até o peito de Ollie. As mãos dele caíram de seus ombros, desceram por seus braços e descansaram sobre sua cintura.

Susan recuou, o espaço aumentando entre eles. Os braços de Ollie desceram para a lateral de seu próprio corpo. Os

batimentos de seu coração abrandaram. Susan alisou a saia e ajustou o cabelo.

– Pronta para vencer a guerra? – Ollie perguntou.

Ela assentiu.

Lá fora, três caminhões militares deslizaram pela estrada e depois pararam. Um sargento saiu e disse:

– Estamos aqui para buscar os pombos. – Ele desdobrou um pedaço de papel. – Tenho um pedido de quinhentos.

– Nos primeiros pombais – disse Bertie, apontando. – Estão nas gaiolas.

Susan e Ollie sentaram-se na varanda e viram os soldados carregando os pombos. Em menos de uma hora os pombais foram esvaziados. Os soldados entraram em seus caminhões e ligaram os motores, exceto o último; seu motor tossiu quando o motorista girou a ignição. Quando os dois primeiros caminhões se afastaram, o motorista do veículo parado apertou a buzina e acenou com a mão para fora da janela. Os caminhões guincharam até parar.

Um soldado no caminhão da frente enfiou a cabeça pela janela.

– Qual é o problema?

– Não está funcionando! – gritou o motorista.

Os soldados saíram dos veículos, abriram a capota do caminhão com defeito e inspecionaram o motor. Depois de mexerem por alguns minutos, o veículo ainda não se mexia.

– Temos de chamar um mecânico ou outro caminhão – disse um dos soldados.

– Vai levar tempo – disse o sargento. – Não podemos chegar atrasados. – Ele olhou para Bertie. – Há algum mecânico por perto?

Bertie negou com a cabeça.

– Todos se alistaram. O mais próximo é Jacob Wiseman, em Loughton.

– Longe demais – disse o sargento.

– Ainda bem – disse Bertie. – Ele trabalha muito devagar.

– Diabos – disse o sargento. – Temos de pedir outro veículo.

Bertie aproximou-se dele.

– Você tem outra opção.  
– Qual? – perguntou o sargento.  
– Pode usar o meu caminhão. E e/e pode dirigir – Bertie disse, apontando para Ollie.

Ollie endireitou as costas.

O sargento cruzou os braços e exalou pesadamente, as bochechas infladas.

– Eu garanto que você chegará lá a tempo – disse Bertie. – E não vai precisar dos seus homens para devolver o meu caminhão.

O sargento fez uma pausa. Olhou para Ollie, depois para o relógio.

– Muito bem.

Ollie ficou maravilhado com a forma como Bertie conseguia convencer os militares, ou possivelmente qualquer pessoa, a aceitar suas sugestões. Ele queria estar presente para ouvi-lo convencer o comandante a libertá-lo da prisão.

Os soldados rapidamente mudaram os pombos do veículo com defeito para o caminhão de Bertie. Os homens se espremeram na cabines, três em cada uma. Motores ligados. Os pombos bateram as asas.

Bertie tirou uma chave do bolso e atirou-a para Ollie.

– Presumo que os pilotos saibam dirigir.

Ollie assentiu.

– Susan, que tal um passeio enquanto Oliver do Maine escolta os nossos pombos?

Susan deu o braço ao avô.

Ollie entrou no caminhão e ligou o motor. Enquanto dirigia pela pista, olhou no espelho retrovisor e notou Susan correndo em direção ao caminhão. Ele parou e baixou o vidro.

A jovem pôs as mãos na moldura da janela e respirou fundo para recuperar o fôlego.

– Pode se certificar de que vão cuidar bem deles?

Ele tocou sua mão.

– Vou fazer isso.

– Obrigada. – Ela apertou seus dedos.

Ollie sentiu que ela relaxou um pouco. Pisou no pedal do acelerador e seguiu os caminhões militares para fora da fazenda. Pelo espelho, viu Susan desaparecer.



Susan viu Ollie afastar-se com o caminhão. Um rastro de penas flutuou do veículo e descansou na estrada. Era a última vez que veria muitos dos pombos, acreditava ela. As probabilidades de eles regressarem da França eram pequenas. Mas saber que Ollie estaria com eles em seus momentos finais, antes de serem carregados nos aviões, tornou seu medo em relação à missão tolerável.

Ela nunca conhecera um homem como Ollie. *Ele é terno, bonito e dedicado à família.* O rapaz tinha muitas das qualidades que ela prezava em um homem. E ele gostava de pombos, algo que poderia afastar o mais forte dos pretendentes. Seus avós, Bertie e Agnes, tiveram um casamento feliz – sempre de mãos dadas, rindo e se beijando –, algo que ela desejava para si mesma um dia. Quando a guerra começou, seus pensamentos em relação a ter um relacionamento ficaram esquecidos. Mas Ollie tinha despertado seu coração.

Susan caminhou lentamente até o chalé. *Esta noite, ela pensou, vamos ficar juntos.*



# Capítulo 19



## North Weald, Inglaterra

Ollie seguiu os caminhões ao longo da Epping Road, vendo penas voarem de suas carrocerias. Ele estava prestes a ir para uma base aérea da RAF, talvez até vislumbrasse algum Hurricane ou Spitfire, mas só pensava em Susan. Tudo o que ela mais amava, tirando Bertie e Duquesa, estava guardado nas traseiras desses caminhões. Os pombos eram a vida dela. Sua paixão. Eles iam para a guerra, e a maioria morreria. Ele sentiu que estava entregando prisioneiros a um esquadrão da morte.

No portão do Campo de Aviação de North Weald, um guarda armado balançou a cabeça quando soube que um civil estava tentando dirigir um caminhão até a base. O guarda conversou com o sargento, depois deu um telefonema antes de decidir deixar Ollie passar. Ele queria acreditar que tinha permissão para entrar na base porque fazia parte da missão ou, melhor ainda, porque era um futuro piloto da RAF. Mas sabia que o motivo era provavelmente porque eles precisariam transferir todos os pombos manualmente. O guarda inspecionou a carroceria do caminhão de Bertie, verificou se Ollie não tinha armas e o deixou prosseguir.

Passaram por vários hangares e viraram em uma pista de pouso. Os olhos de Ollie se arregalaram quando viu filas de Spitfires alinhadas pelo caminho como águias adormecidas. As máquinas verde-oliva pareciam incrivelmente rápidas. Três hélices de lâmina. Estrutura aerodinâmica. Cabine de vidro elegante. Discos pintados na cauda. Armas saindo das asas. Os aviões pareciam ter sido forjados a partir de um único pedaço de metal, muito diferente do seu biplano com moldura de madeira, revestido de lona desgastada. Ollie contou sessenta aviões antes

de perceber que estava ficando para trás. Ele pisou no acelerador e seguiu o comboio para outra pista.

Pararam em frente a um esquadrilha de bombardeiros Bristol Blenheim. Ao contrário do Spitfire, o Blenheim não parecia ter sido construído para fins militares. Parecia um avião comercial adaptado. Nariz quadrado. Dois motores grandes, um em cada asa. Uma torre de armas tinha sido afixada no topo da fuselagem, parecendo um improvisado. Embora o Blenheim não se comparasse ao Spitfire, Ollie achava que ainda parecia ser um caça incrível, e era único, pois também podia ser usado como um pequeno bombardeiro. No momento, ele estaria disposto a voar em qualquer coisa para tornar-se um piloto da RAF, até mesmo em um balão de ar quente.

Ollie estacionou o caminhão atrás dos outros veículos. Ele desembarcou e imediatamente começou a descarregar os pombos com os soldados, na esperança de ver a cabine de um Blenheim. Transportou as gaiolas para debaixo de uma fuselagem, as portas do compartimento das bombas abertas. Enfiou a cabeça no avião e entregou os pombos a um soldado que estava empilhando gaiolas na cauda. Ollie olhou em volta. A luz do sol atravessou a cabine de vidro, iluminando o interior. O avião era pequeno para um bombardeiro, parecendo ser equipado para uma tripulação de três: piloto, copiloto e atirador. Painéis de vidro cercavam a cabine como uma estufa em miniatura, proporcionando uma visão mais do que ampla para os pilotos. Dezenas de instrumentos de voo e interruptores cobriam o painel. Ollie de repente se sentiu como um aviador novato, acostumado a confiar apenas em um instrumento em seu velho biplano, o medidor de combustível.

– Mexa esse traseiro – disse o soldado dentro do avião. – Não temos o dia todo.

Ollie se virou e foi buscar mais gaiolas.

Junto com três soldados, Ollie carregou os pombos enquanto os homens restantes os empilhavam dentro dos aviões. Cada vez que Ollie levantava os pássaros até a aeronave, virava a cabeça para espiar a cabine. Durante a hora seguinte, eles distribuíram as aves entre os bombardeiros.

Quando estavam terminando de descarregar o último caminhão, um soldado – um homem bastante grande que carregava vários pássaros de uma vez – se desequilibrou e quase caiu. Ele apanhou as gaiolas que transportava a centímetros do chão. Os pombos se agitaram.

– Você é um imbecil, Angus – disse um dos soldados. Angus ajustou as gaiolas nas mãos.

– Não sou.

Ollie ouviu os soldados discutindo enquanto fechava a porta traseira do caminhão.

– Você tinha de ter visto o Angus nos pombais – disse o soldado a seus camaradas. – O idiota derrubou uma pilha de gaiolas e um fugiu.

Ollie hesitou.

Angus baixou a cabeça.

– Mas eu o apanhei.

O soldado riu.

– Você pegou um pássaro qualquer do ninho e o amarrou a uma lata.

– Isso não é verdade – disse Angus. – Estava em um poleiro. Nem sequer tentou fugir quando o apanhei.

Ollie parou.

– Como ele era?

Angus virou a cabeça.

– Como ele era? – Ollie repetiu.

– Um bem estranho – disse Angus. – Parecia que alguém o tinha salpicado com tinta verde.

Os pelos se arrepiaram na nuca de Ollie.

– Duquesa.

– Quem?

– Você pegou um pássaro que não fazia parte da missão.

– Bom trabalho, Angus – disse um soldado.

– Um pássaro é um pássaro – disse Angus.

– Pombo. – Ollie se aproximou dele. – É o animal de estimação de Susan. Onde você a colocou?

Angus apontou para o Blenheim no final da fila.

Ollie começou a caminhar em direção ao avião e sentiu uma mão agarrando seu braço.

– Você não vai entrar lá – disse o sargento.

A pressão sanguínea de Ollie subiu. Ele foi falar com o sargento.

– Então um dos seus homens vai entrar.

A mão do sargento se apertou em seu braço.

– Não vamos descarregar um avião para encontrar um pássaro. Além disso, nem sequer sabemos se é a mesma ave.

Ollie olhou para Angus.

– Tinha as plumas do pescoço verde-púrpura fluorescentes, como se brilhassem no escuro?

Angus assentiu.

O sargento largou o braço de Ollie.

– Não temos tempo.

– O comandante não vai ficar contente por saber que você levou um animal de estimação. – Ollie disse.

O sargento passou a mão pelo rosto.

– Eu sei que o avô de Susan é amigo de um vice-marechal do ar. Acho que o nome dele começa com P.

– O Vice-Marechal do Ar Park?

– Esse mesmo – disse Ollie.

O sargento engoliu em seco, com rugas na testa.

– Talvez o comandante não seja rígido demais, e você apenas seja destacado para limpar pombais até o fim da guerra.

– Sargento – disse Angus. – Não quero nos meter em confusão.

O sargento olhou para o relógio.

– Os pilotos e as tripulações vão estar aqui em breve. Você se lembra de onde o colocou?

– Está na cauda – disse Angus. – Foi o primeiro que eu guardei.

– Maldição – disse o sargento. – Teríamos de descarregar tudo. – Ele coçou a cabeça, como se estivesse buscando uma ideia.

Os outros soldados olharam para o hangar, depois para o sargento.

– Muito bem – disse o sargento. – Sejam rápidos com isso.  
Ollie suspirou de alívio. Então a sirene soou.



# Capítulo 20



## Epping, Inglaterra

– Duquesa! – Susan gritou da varanda. Ela olhou para as fileiras de bétulas na margem da floresta. O único movimento eram folhas amarelas cintilantes e alguns pardais voejando.

– Duquesa!

– Já procurou nos pombais? – Bertie perguntou, da cadeira na sala de estar.

Susan entrou no chalé.

– Em todos eles.

Bertie esfregou os joelhos, os pés apoiados em um banco.

– Ela vai voltar. Lembra quando levamos um bando para Willingham?

Susan fez que sim com a cabeça e se sentou no chão ao lado dele. Ela recordou a viagem de treinamento com um grupo de pombos jovens. Foi uma das raras ocasiões em que não levou Duquesa para a viagem. Quando chegaram a Willingham para descarregar os pombos, Duquesa aterrissou no capô do caminhão e inclinou a cabeça, como se estivesse perguntando: – *Por que você não me trouxe?* Foi a primeira e última vez que deixaram de levá-la.

– Ela deve estar voando sobre North Weald – disse Bertie. – Voltará antes de Oliver.

– Como estão seus joelhos? – perguntou ela, mudando de assunto.

– Na mesma.

– Não devíamos ter feito aquele passeio. Vai doer muito, mais tarde.

Ele ajustou as pernas no banco.

– Eu precisava fazer exercícios.

– Chá?

Bertie assentiu.

– Seria ótimo, minha querida.

Susan foi à cozinha e colocou a chaleira no fogão. Abriu o frasco de chá. Só restava uma colher cheia de folhas, reduzidas a migalhas. Ela olhou pela janela para o jardim. Parecia adormecido, com caules castanhos e videiras murchando no chão, preparando-se para o inverno. Ela teria de vasculhar o jardim, ou mesmo fazer uma caminhada na floresta, para encontrar algo tolerável para ferver. Por ora, teria de se contentar com chá fraco.

Susan olhou para um relógio na parede: 14h47. Os pombos já deviam estar dentro dos aviões. Ela não sabia quanto tempo duraria a missão, mas imaginou que eles sairiam à noite, como a Luftwaffe. Esperava que os pombos não ficassem assustados. Afinal, nunca tinham estado em um avião. Nem ela, aliás. Talvez pudessem enfiar as cabeças debaixo das asas e dormir. Quantos conseguiriam voltar?

*Seja como um ovo*, pensou ela.

Sentou-se à mesa da cozinha e desviou seus pensamentos para Ollie. Estava contente que ele estivesse com os pombos e acreditava que ele faria seu melhor para garantir que fossem bem tratados. Apesar de conhecê-lo havia pouco tempo, confiava nele. Talvez fosse seu interesse nela, em seus pombos, ou a forma como ele cuidava de Bertie, buscando toalhas frias para seus joelhos, algo que ela apreciava profundamente.

Ela tinha gostado de estar sentada no sofá com ele, contando coisas que nunca tinha contado para outras pessoas. Quando estava com Ollie, ela tinha uma sensação de conforto que nunca vivenciou ao lado de nenhum outro homem. Esta noite seria terrível, seus pombos entrariam na guerra, enquanto outra rodada de bombas da Luftwaffe provavelmente seria lançada sobre Londres. Mas ela se confortou ao saber que Ollie estaria a seu lado, pelo menos nos meses seguintes, até que ele estivesse livre para se alistar na RAF. Ela se preocuparia com isso quando chegasse a hora. Por ora, aproveitaria o tempo que eles teriam juntos.

Bertie mancou para a cozinha.

Susan olhou para ele.

– O chá vai ficar pronto em breve

Bertie apontou para o fogão.

Susan reparou que tinha esquecido de acender o fogão.

– Talvez eu esteja um pouco distraída.

– Compreensível, minha querida.

– Susan levantou-se e acendeu o fogão.

Bertie sentou-se.

– Pensando nos nossos pombos?

– Sim.

– E em Ollie?

Ela sentiu o rosto esquentar. Hesitou, depois fez que sim com a cabeça.

Ele sorriu, puxou uma cadeira a seu lado e bateu no assento.

Susan esfregou os braços e sentou-se.

– Ele vai embora – seu avô disse.

– Eu sei disso – disse Susan. Ela esperava ouvir uma lição, por exemplo, sobre o comportamento esperado de uma moça ou sobre os riscos de se envolver com um estrangeiro, ainda mais um homem que logo iria para a guerra. Mas ele a surpreendeu.

– O nosso Oliver do Maine está cuidando muito bem dos pombos. – Bertie tirou o cachimbo do bolso.

Ela hesitou.

– Sim, muito bem.

Ele encheu o cachimbo com tabaco, acendeu um fósforo e inalou o cheiro.

– Estamos ficando sem grãos. Amanhã talvez você e Oliver possam ir até a vila buscar mantimentos.

Susan sentiu a tensão desaparecer dos ombros.

– Precisa de tabaco?

Bertie sacudiu com a cabeça.

– Não há necessidade dessa extravagância enquanto o país está fazendo racionamento. Vou fazer fumo com alguma coisa do jardim.

– É só um pouco de tabaco.

Ele sorriu e tocou em seu braço.

– Que tal um bom chá, algo de que todos possamos desfrutar? Ollie deve pensar que somos muito mal-educados. Seria bom oferecer a ele um chá decente.

Susan abraçou-o, respirando o cheiro de sabão caseiro e tabaco velho. Foi até o fogão, pegou a chaleira e despejou água fervendo em um bule. O sol da tarde passou pela janela, aquecendo seu rosto. Enquanto ela observava a água lentamente assumir a cor de um pão levemente assado, pensou em Ollie. Ele estaria em casa em breve. Eles esperariam a volta dos pombos. Juntos.

Enquanto Susan carregava uma bandeja com o bule e as xícaras para a mesa, a sirene soou. Ela deu um pulo. A louça espatifou-se no chão. O chá quente espirrou em suas pernas. Ela esfregou a pele e olhou para o avô.

– Estou bem – disse ela.

Bertie lutou para ficar em pé.

Susan ajudou-o a se levantar e os dois foram para a varanda. As sirenes urravam. Fogo antiaéreo disparado. Olhando para o oeste, eles esperavam ver uma armada rumando para Londres para um ataque-surpresa diurno – um ataque leve. Mas as primeiras explosões não foram na cidade. A poucos quilômetros de distância, o trovão de bombas explodiu em North Weald. Susan sentiu a terra tremer. Suas pernas ficaram fracas. Apertou o braço do avô. Enquanto a fumaça negra fervia até o céu, Susan só conseguia pensar em Ollie.



# Capítulo 21



## North Weald, Inglaterra

O barulho enviou uma injeção de adrenalina pelo corpo de Ollie. Os soldados pararam por um momento. A sirene se tornou mais intensa, até se transformar em um rugido.

– Nos seus postos! – gritou o sargento. Apontou para Ollie. – Vá!

Ollie olhou para o avião. Depois para o sargento.

– Agora!

Ollie correu para o caminhão de Bertie. Ele mexeu a chave e ligou o motor. Enquanto se afastava, viu os soldados saltarem para seus caminhões e acelerarem para um hangar. Homens espalhados pela base, vários deles vestindo capacetes e escalando sacos de areia. Mísseis eram acoplados a armas antiaéreas, seus barris apontando para o céu.

Na extremidade da base, homens com uniformes de voo saíram dos quartéis. As tripulações levariam um minuto, dois no máximo, para chegar aos aviões. Ele olhou pelo espelho retrovisor. As portas do Blenheim estavam abertas. *Só vai levar um segundo*, pensou. Ele acionou os freios e desviou da via. Abriu a porta, correu para o Blenheim e rastejou para dentro. A cauda estava cheia de gaiolas presas com uma rede de carga. Os olhos de bronze dos pombos olhavam por trás do arame. A sirene uivou.

Apenas um arco estreito ao longo do teto levava à cauda do avião. Não havia corredor. Sem fendas para se espremer. Se ele tivesse prestado atenção à maneira como os homens tinham carregado os pombos em vez de ficar olhando para a cabine, saberia como era difícil chegar à cauda e talvez estivesse acelerando de volta à fazenda no caminhão de Bertie. Ele podia

rastejar até o topo... ou ir embora. Sem pensar, ergueu-se na direção das gaiolas.

Os pombos bateram as asas. Ele rastejou, estendendo os membros para distribuir seu peso, como um homem em uma cama de pregos. As gaiolas rangeram. Uma viga de metal ao longo do teto raspou sua coluna. Um bico espetou seu dedo. Sirenes uivaram.

Chegando à parte de trás, ele deslizou para o chão, em uma pequena abertura entre as gaiolas e a cauda do avião. Seus joelhos batiam no peito. Enquanto desengatava a rede de carga, o fogo antiaéreo aumentou. Ollie levou um chacoalhão e bateu com a cabeça. A dor se espalhou. Ele abriu a rede.

– Duquesa!

Os pombos estavam presos. As gaiolas bloqueavam a maior parte da luz solar que brilhava através da torre, tornando difícil enxergar. Ele analisou as gaiolas. Nada de Duquesa. Abaixou-se, as palmas das mãos contra o chão de metal frio. No fundo, duas fileiras para dentro, algo piscou. Os olhos dele se ajustaram, e ele a viu.

Duquesa bateu as asas, sua pluma brilhando como um raio.

Mais mísseis explodiram. Ollie vacilou, depois deslizou uma gaiola na parte de baixo, como se estivesse removendo um bloco de construção. A pilha se inclinou, mas permaneceu no lugar. Ele rapidamente posicionou a gaiola no canto e esticou o braço para o buraco. Enfiou os dedos no arame da gaiola de Duquesa e puxou. Estava preso. Ele puxou com mais força, sentindo o fio cortar sua pele. Mas a gaiola não se mexeu.

Ollie pressionou as costas contra a cauda. Com as botas, empurrou as gaiolas e fez uma fenda. Voltou para o buraco e puxou a gaiola de Duquesa, sentindo-a balançar. Fez mais um esforço. A gaiola deslizou. Ele se inclinou para baixo, criando mais alavancagem. Duquesa piscou enquanto ele puxava a gaiola através da abertura. As armas antiaéreas pararam, ainda que fosse por um segundo. Mas foi tempo suficiente para ouvir. Assobios. Como centenas de chaleiras fervendo. Os pelos de seu pescoço se arrepiaram. O assobio cresceu, depois parou de repente. Enquanto Ollie apertava a gaiola de Duquesa contra o

peito, as explosões sacudiram o chão, aproximando-se mais e mais, como os pés de um gigante caminhando em direção ao avião.

Ollie escalou as gaiolas. Asas batem debaixo dele. Seu pé se enroscou na rede de carga.

Armas antiaéreas foram disparadas.

Ollie puxou sua perna com força, libertando o pé da rede. Enquanto segurava a gaiola de Duquesa e rastejava para a frente, ouviu o que parecia ser uma explosão de dinamite. Suas costas bateram no teto do avião. Ele caiu de novo na cauda, enterrado em um monte de gaiolas.

Ollie abriu os olhos. Os pombos bateram as asas.

– Duquesa! – Ollie gritou, mas não conseguiu ouvir sua própria voz por causa do zumbido intenso nos ouvidos. Empurrou as gaiolas para longe de seu rosto, mas várias outras caíram sobre sua cabeça. O avião vibrou. O chão tremeu com mais explosões. À medida que a pulsação em seus tímpanos diminuía, era substituída pelo som das hélices.



# Capítulo 22



## North Weald, Inglaterra

O avião deu um tranco para a frente, pressionando Ollie de volta na cauda. O Blenheim roncava e tremia enquanto acelerava na pista.

– Espere! – Ollie gritou, sua voz inaudível em meio às explosões de mísseis. Ele lutou para afastar as gaiolas. Asas batiam. Penas voavam. O avião balançou com força para a esquerda, batendo seu ombro contra uma estrutura metálica. – Estou aqui!

O zumbido dos pneus parou de repente. O chão pareceu inclinar-se acentuadamente, e o avião tombou para a direita. *Cristo, estamos no ar*, pensou Ollie. As gaiolas cobriram sua cabeça e peito. Ele se segurou na rede de carga e se impulsionou para cima. Ao sair da pilha, viu um atirador em pé com a cabeça na torre.

O atirador inclinou-se para trás, apontando o cano para cima. Seus braços tremiam enquanto ele introduzia balas na metralhadora. Algo incrivelmente rápido zumbiu sobre o avião. Enquanto o atirador balançava a arma, viu Ollie sair do meio das gaiolas.

– Mas o que...

Buracos foram feitos na fuselagem. Feixes de luz finos dispararam sobre o chão. A boca do atirador se abriu. Ele caiu para trás, como um pugilista esmurrado nos rins.

Ollie rastejou sobre as gaiolas. Chegou perto do atirador, caído contra uma caixa de munições.

O atirador tossiu, o sangue manchando seu casaco.

– Agente firme – disse Ollie, pressionando as mãos sobre o abdômen do atirador.

– Benny! – Alguém gritou da cabine. O atirador engasgou enquanto tentava falar.

– Ele foi atingido! – Ollie gritou.

Silêncio na cabine.

Os tiros abriram mais buracos na fuselagem. Faíscas voaram.

O avião inclinou-se com força para a esquerda. A gravidade pressionou o atirador contra a fuselagem, fazendo-o gemer.

Ollie virou o homem e apoiou sua cabeça. Pressionou o abdômen do soldado, percebendo que o casaco de couro estava quente e pegajoso.

O atirador grunhiu e tentou formar palavras, mas era incapaz de falar, como se suas cordas vocais tivessem sido cortadas.

Ollie analisou o avião e viu uma caixa de primeiros socorros presa na fuselagem. Agarrou a caixa, mas os projéteis que subiam pelo assoalho o fizeram saltar para dentro da torre. Através da cúpula de vidro, viu uma esquadrilha de caças inimigos ao redor da aeronave. Os bombardeiros de Blenheim desviaram-se para a esquerda e para a direita, mas mantiveram sua posição. O céu estava cheio do brilho fluorescente dos tiros. Acima deles, os bombardeiros da Luftwaffe dirigiam-se para oeste, lançando o que pareciam ser descargas intermináveis. Ollie balançou a torre e viu um Messerschmitt mergulhando na direção do Blenheim atrás deles. O caça inimigo disparou. O vidro da cabine do Blenheim estilhaçou-se, causando a queda de seu bico. E o avião começou a descer em espiral.

O Messerschmitt saltou para a esquerda, depois para a direita, e mirou no avião deles. O coração de Ollie disparou. Ele deixou cair a caixa de primeiros socorros e segurou a metralhadora, com as mãos cheias de sangue. Posicionou o barril da melhor forma que pôde, nunca tinha apontado nada mais poderoso do que uma pistola de inseticida agrícola, e puxou o gatilho. Seus braços tremeram como se estivesse empunhando um martelo pneumático. Balas foram disparadas contra o alvo. Mas o Messerschmitt desviou-se.

Ollie balançou a arma ao redor de sua torre, procurando o inimigo, mas os caças Messerschmitt partiram para escoltar seus bombardeiros Luftwaffe. O tiroteio parou, deixando o Blenheim

para trás. Ele sentiu o avião subir. Em segundos, estavam escondidos nas nuvens.

Ollie se voltou para o atirador. Os olhos do homem estavam fechados e havia saliva ensanguentada saindo de boca. Ele verificou a pulsação do atirador. As batidas eram fracas. Abrindo a caixa de primeiros socorros, tirou dela as ataduras maiores. Desabotoou o casaco do homem, sentindo um cheiro metálico forte, e imediatamente percebeu que as coisas estavam piores do que esperava. A bala tinha perfurado o abdômen e saído pela lateral do corpo, deixando um buraco do tamanho de um pêssigo. Ollie colocou ataduras na barriga do soldado, tentando desesperadamente conter a perda de sangue. Pensou brevemente em seu pai preso debaixo do trator, com a perna quebrada, o quadril esmagado. As unhas ensanguentadas de sua mãe, arrancadas enquanto ela raspava freneticamente a terra para libertar seu marido. Ele sacudiu a visão da mente e aplicou as últimas ataduras. A gaze ficou instantaneamente molhada de sangue.

Olhando para a cabine, viu o comandante usar o rádio. O copiloto estava no controle, empurrando o manche para a frente a fim de nivelar o avião. Ollie voltou sua atenção para o atirador caído, pressionando as mãos na ferida do homem. O rapaz soltou um gemido frágil, como uma criança febril doente demais para acordar.

O comandante deixou a cabine e se aproximou de seu atirador caído. Tirou o quepe, revelando uma cabeleira negra.

Ollie se arrepiou, imediatamente reconhecendo o piloto.

– Ele está mal – disse Ollie.

O Tenente de Voo Boar pegou no colarinho de Ollie.

– Que diabos você está fazendo aqui?

Ollie o encarou.

– Eu estava resgatando um pombo que os seus homens embarcaram por engano quando o ataque começou.

Boar olhou para o atirador.

– Desgraçado. Por sua culpa, eles o mataram.

Ollie afastou a mão de Boar.

– A Luftwaffe atirou nele. – Ele pressionou a barriga do atirador. – E ele não está morto.

Boar olhou para os buracos na fuselagem, depois se ajoelhou e colocou as mãos nas bochechas do atirador.

– Benny! – O oficial gemeu. – Benny!

O soldado abriu os olhos.

Boar apertou o rosto do homem.

– Agente firme, Benny! – O atirador piscou.

– Ele precisa ir para o hospital – disse Ollie, pressionando a ferida do homem.

– Não vamos voltar – disse Boar.

Um solavanco atingiu o corpo de Ollie.

– A missão começou. – Boar cerrou os dentes. – Mantenha-o confortável. – Ele parou e voltou para a cabine.

Ollie pressionou com mais força a ferida de Benny, tentando conter a hemorragia. Mas o buraco, causado por um projétil de alto calibre que podia furar aço, era grande demais. O sangue escorria pela perna do homem e já formava uma poça. Seu rosto estava lívido. O chão estava pintado de vermelho. Enquanto o avião sobrevoava o Canal da Mancha, o atirador deu um último suspiro, tentando desesperadamente sugar o ar. Depois, seu peito esvaziou-se como um balão furado com uma tesoura.

Com as mãos juntas, Ollie apertou o casaco do homem, depois limpou o rosto de Benny e fechou seus olhos.



# Capítulo 23

## Dez mil pés acima do Canal da Mancha

– Ele está morto – disse Ollie, atrás da cabine. Nuvens espessas mascararam a janela, como se estivessem voando através de leite.

O Tenente de Voo Boar apertou o punho nos controles, mostrando veias salientes na parte de trás das mãos.

– Maldição – disse o copiloto. Ele ajustou o quepe, limpou o suor da testa e se virou para dar uma boa olhada no americano. Suas sobrancelhas se ergueram.

Ollie notou que o homem olhava para suas mãos manchadas de sangue e as escondeu atrás das costas.

O copiloto enfiou a mão no bolso do casaco e tirou dele um medalhão de bronze de São Cristóvão. Esfregou-o febrilmente com o polegar, como se estivesse tentando apagar a gravura ou absorver sua santa proteção.

– Vai pagar pelo que fez, ianque – disse Boar. – Mas, por agora, preciso que faça exatamente o que eu mandar. – O seu maxilar ficou ainda mais duro enquanto olhava para o relógio. – Proteja Benny. Estaremos sobre o nosso alvo em quarenta e oito minutos. Não quero perdê-lo quando abirmos as portas.

Ollie assentiu.

O copiloto engoliu em seco novamente, como se estivesse prestes a ficar doente.

– Quem era ele? – Ollie perguntou.

– O nosso atirador – disse Boar.

– Não, quero dizer, *quem* era ele?

Boar olhou para o painel de instrumentos.

– Benny Sullivan, um mineiro de Gales do Sul. – Balançou a cabeça. – O idiota acreditava que a guerra aérea era menos

perigosa que as minas de carvão.

O copiloto abriu a janela lateral. O ar correu para dentro, trazendo um cheiro metálico crescente.

Ollie se voltou para o corpo do homem, apoiado perto das portas de carga, e analisou a fuselagem, procurando um lugar para acomodá-lo. Mas o avião era pequeno e estava cheio de pombos. Os únicos lugares para ficar em pé eram a torre e as portas de carga, e nenhum deles era uma opção. Então, Ollie moveu várias gaiolas para a base da torre de artilharia, certificando-se de que haveria espaço suficiente para girar a arma. Colocou várias outras gaiolas em uma prateleira de bombas vazia montada ao lado da fuselagem.

Em pé sobre o corpo do atirador, Ollie colocou as mãos sob as axilas do homem, sentindo o lado esquerdo quente e pegajoso. De repente se sentiu fraco e sem fôlego, mas se forçou a deslizar Benny para trás, seu corpo encharcado pintando o chão. Com a rede de carga, cobriu o atirador, um braço e uma perna entremeados à rede para garantir que o corpo do rapaz não escorregasse. Os pombos mais próximos do atirador tinham fechado os olhos ou enfiado as cabeças debaixo das asas.

Ele se sentou na torre de artilharia, na cadeira que até pouco tempo antes estava sendo usada por Benny, e pressionou a cabeça contra a arma. O aço estava frio. Um homem estava morto. Ele estava a caminho da França. E esse seria o seu último voo. Tinha feito bobagem. Mesmo que Bertie fosse o melhor amigo do vice-marechal do ar, de Winston Churchill, de Roosevelt ou mesmo de Deus, não havia como sair dessa confusão. Acima de tudo, seu corpo doía com a ideia de que talvez nunca mais voltasse a ver Susan. *Vou ser preso. Nunca mais vou vê-la.* Ele lutou para compreender completamente o impacto de seu erro. Nunca mais ouviria o timbre doce da voz dela, nem a seguraria nos braços novamente. Seu coração pareceu encolher. *Podíamos ter tido um futuro juntos.*

Quando zumbido das hélices invadiu a cabine, ele se perguntou o que seus pais teriam pensado de suas escolhas. Eles iriam aprovar sua ideia de se alistar? Certamente sim. Mas não da forma como ele tinha lidado com as coisas – enfiando-se

em um navio, esmurrando um tenente, sendo jogado na cadeia e confinado em uma fazenda de pombos. E, agora, apanhado a bordo de uma missão da RAF, sem dúvida um delito grave que provavelmente o levaria a passar o resto da guerra atrás das grades.

Ele exalou e viu o vapor de sua respiração, a temperatura caindo enquanto subiam de altitude. Quando foi soprar nas mãos, reparou nos dedos manchados de sangue e parou. Sem nada para limpá-los, soltou a fralda da camisa e esfregou até a pele ficar em carne viva.

Durante os quarenta minutos seguintes, Ollie ficou sentado em silêncio até que uma forte turbulência o fez espiar pela torre. A camuflagem das nuvens estava se dissipando. Ele contou os bombardeiros. Faltava apenas um, o que era um milagre, considerando o ataque-surpresa. De repente, o avião inclinou as asas, fazendo-o se segurar contra a metralhadora. Ele viu os bombardeiros Blenheim saírem da formação. Através de brechas nas nuvens, enxergou o litoral francês, a crosta terrestre subindo das profundezas do Canal da Mancha. Os aviões se separaram, cada um tomando rotas individuais para largar seus pombos ao longo da zona rural francesa.

Ollie sentiu uma mão tocar seu ombro. Ele se virou e viu o copiloto.

– Estamos nos aproximando da costa – disse o copiloto. – Vou descarregar.

– Eu consigo fazer isso – disse Ollie.

O copiloto balançou a cabeça.

– O tenente de voo quer que seja bem-feito. – Ele olhou para a cauda e viu o corpo envolto em sua mortalha de rede de carga.

Ollie viu a cor escorrer do rosto do homem.

– Que tal se eu te entregar os pombos?

O copiloto esfregou o medalhão dentro do casaco e disse:

– Tudo bem, mas não se aproxime das portas.

Com os outros aviões seguindo caminhos diferentes, o zumbido de dois motores parecia ser relativamente suave. Ollie saiu da torre, abriu espaço para o copiloto e encontrou um espaço apertado ao lado do atirador. Olhou para os pombos. A

maioria tinha a cabeça debaixo das dobras das asas. Em algum lugar no fundo da cauda do avião estava Duquesa. Ele pensou em Susan e prometeu silenciosamente certificar-se de que o pombo dela seria devolvido.

– Preparar para descarregar! – O Tenente de Voo Boar gritou da cabine.

O copiloto agarrou um apoio perto das portas. Procurou por um cinto de segurança, mas não encontrou nada além de munição.

As portas se abriram. O vento gelado jorrou para dentro da fuselagem.

– Onde está o cinto de segurança de Benny? – O copiloto olhou freneticamente em volta.

Ollie apontou para o cadáver, um fio de arame embrulhado preso a seu cinto.

– Está procurando por aquilo?

O copiloto mordeu o lábio.

– Sim.

Ollie conseguiu pegar o fio, tendo de desafivelar o cinto do atirador, depois o entregou ao copiloto.

O copiloto prendeu rapidamente uma extremidade do fio a seu cinto e a outra a um gancho perto das portas. O vento bateu em seu rosto, criando ondas carnudas em seu crânio.

– Vamos deixá-los cair um de cada vez. A cada vinte segundos. Para que sejam espalhados.

Ollie assentiu.

– Segure-se. – Ele apontou para uma correia de couro montada na fuselagem. – É provável que tenhamos companhia.

Ollie agarrou a correia. Lá embaixo, a água transformou-se em terra. Sobrevoaram um pequeno povoado e uma igreja de pedra. Uma estrada vazia atravessava a vila e entrava no campo. Nada de armas. Nada de tanques. Nada de nazistas. Apenas campos secos entrelaçados com aglomerados de florestas. O lugar parecia deserto, como se os franceses tivessem entrado no Canal da Mancha e se afogado, ao invés de viver com a ocupação nazista.

– Solte! – Boar gritou.

Ollie entregou uma gaiola ao copiloto. O pombo levantou a cabeça, ficando subitamente alerta. O copiloto libertou a caixa. O pombo tentou voar, seus instintos dominando, asas batendo contra os lados da gaiola. O paraquedas abriu. E a gaiola flutuou em direção a um campo.

Ao longe, Ollie ouviu o estouro do fogo antiaéreo nazista. As batidas de seu coração aumentaram. Ele rapidamente entregou ao copiloto outra gaiola. Gaiola após gaiola, Ollie transferiu-as para o copiloto. A pilha diminuiu. Os pombos flutuavam como dentes-de-leão para os campos. Alcançando a cauda, Ollie viu Duquesa em sua gaiola, a cabeça girando para os lados como se ela estivesse tentando entender por que seus companheiros haviam sido, um a um, expulsos do avião. Ele colocou Duquesa no canto e entregou as duas últimas gaiolas ao copiloto.

O homem deixou cair os pássaros, analisou a fuselagem e olhou para o pombo solitário.

– Há mais um – disse ele, apontando.

Ollie negou com a cabeça.

– Ela não faz parte da missão.

– Me dê aqui.

Ollie se aproximou do copiloto. O vento balançou as pernas de sua calça.

– Se este pássaro for lançado – disse ele, apontando para a França, milhares de pés abaixo –, você também vai.

O copiloto engoliu em seco.

– Está falando sério?

– Sim – Ollie mentiu.

– Acabaram? – Boar gritou da cabine.

O copiloto esfregou o medalhão dentro do casaco, então olhou por cima do ombro, como se de alguma forma o tenente pudesse vir em seu auxílio.

– Você decide – disse Ollie.

– Você vai apodrecer na maldita Casa de Vidro. – Ele soltou o fio de segurança do cinto e gritou: – Feito!

Ollie sentiu como se sua vida tivesse sido desperdiçada, como a dos pombos. Ele veria o sol nascer atrás das grades de

ferro durante muitos anos. Mas pelo menos viveria sabendo que tinha feito o melhor que pôde para devolver Duquesa a Susan.

O copiloto limpou as mãos, como se os pombos carregassem doenças. Ele olhou para o campo francês enquanto as portas se fechavam.

Uma série de explosões abalou o avião, atirando o copiloto ao chão. O nariz do Blenheim disparou. O copiloto deslizou em direção às portas, as mãos batendo no chão em desespero por ter algo em que se agarrar.

Ollie o alcançou assim que as pernas do homem saíram do avião. Ele segurou o copiloto pelo casaco. O homem se agarrou ao braço de Ollie.

– Não solte! Não solte! – Ollie enfiou uma bota na estrutura da fuselagem e puxou.

Manchas negras de explosões de mísseis encheram o céu quando as portas se fecharam nas pernas do copiloto.

O copiloto chutou o ar e cravou os dedos no braço de Ollie. O jovem se tensionou. Seus músculos queimavam. Ele deu um puxão mais forte e arrastou o homem para dentro do avião assim que as portas se fecharam.

As explosões pararam de repente. As rajadas de vento foram substituídas pelo som do copiloto ofegante.

– Está tudo bem? – Boar gritou.

O copiloto ficou deitado de costas no chão. Enfiou a mão no casaco e apertou o medalhão.

– Sim.

– Vamos para casa – disse Boar.

O copiloto virou-se para Ollie.

– Te devo uma, Ianque.

– Acredito que sim. – Ele apontou para a cauda do avião. – Pode me pagar devolvendo este pombo em segurança para Susan Shepherd.

O copiloto fez que sim com a cabeça. Ele ficou em pé, com o rosto pálido, e voltou para a cabine.

Ollie inclinou-se para trás e fechou os olhos. Luz passou pela torre, mas pouco fez para aquecer seu corpo. Ele lutou para aceitar o fato de que este seria o seu último voo. Nunca se

alistaria. Nunca mais voltaria a ver Susan. Em vez de ser autorizado a regressar a Epping, seria preso ou deportado da Grã-Bretanha. A possibilidade de estar com ela depois de a guerra terminar tinha desaparecido. Ele ansiava por uma segunda oportunidade. Uma pontada de tristeza atingiu seu coração.

Enquanto o copiloto se prendia a seu assento, um míssil explodiu. Ollie ouviu o que pareciam rochas batendo em um barril de petróleo. O avião chacoalhou. Ele se ergueu na torre. Fumaça preta saía do motor esquerdo, a hélice curvada, suas pás dobradas como dentes de um garfo velho. O motor direito tossiu e vomitou. O intestino de Ollie flutuou para o peito quando o avião perdeu altitude. Ele esperou pelo peso da gravidade enquanto o avião tentava subir, mas isso nunca aconteceu.



# Capítulo 24



## Epping, Inglaterra

Susan observou uma parede de fumaça preta que subia a leste, como se as pistas do Campo de Aviação de North Weald tivessem sido encharcadas com gasolina e incendiadas. Um esquadrão de caças Messerschmitt se precipitou sobre a floresta e depois subiu em direção às nuvens. Lá em cima, uma armada voou em direção a Londres. Os caças alemães jorraram seus bombardeiros, como vespas protegendo seu ninho. Não havia Hurricanes. Nada de Spitfires. Só a Luftwaffe. Ela temia que todos e tudo em North Weald tivesse sido destruído. Suas pernas bambearam. Seu hálito transformou-se em arfadas curtas. Ela se segurou na coluna da varanda para evitar a queda.

– Malditos! – Bertie olhou para os invasores.

As sirenes silenciaram e as armas antiaéreas pararam de repente, como se a RAF tivesse ficado sem munição, revelando apenas o ruído dos motores alemães. Susan olhou para cima e tremeu. A Luftwaffe parecia incansável, seus pilotos imortais, seus aviões destrutíveis.

Ela virou-se para Bertie e disse:

– Ollie.

Seu avô estava pálido.

O maxilar de Susan tremeu.

Ele mancou para dentro do chalé e se dirigiu ao telefone.

Susan o viu segurar febrilmente o aparelho, fazer uma breve pausa e depois bater com o fone no gancho.

– As linhas estão mudas – disse ele, voltando para a varanda.

Susan entrou no pátio, protegendo os olhos do pôr do sol, e viu a Luftwaffe voar para oeste. Logo ela ouviu ecos de fogo

antiaéreo. As rajadas pretas salpicaram o horizonte. Depois veio o trovão de bombas em Londres.

Ela se voltou para Bertie. Por cima do chalé, um véu de fuligem manchou as nuvens.

– Temos de fazer alguma coisa.

Bertie balançou a cabeça e olhou para a varanda.

– Haverá outro ataque.

– Será que ele está bem? – As mãos dela tremeram. – Os nossos pombos? Duquesa? – A boca de seu avô se abriu, mas ele não disse nada. – Preciso saber.

Bertie olhou para o relógio de bolso, depois para o sol, usando o polegar para estimar a distância do horizonte.

– Não resta muita luz do dia. Uma hora, talvez duas. E não temos nenhum carro que funcione.

– Podemos pedir o caminhão dos McCrearys emprestado – disse ela.

– Não nos deixarão chegar perto do campo de aviação.

– Temos de tentar.

Bertie hesitou.

– Eu vou.

– Vou com você.

– De jeito nenhum. – Ele enfiou o relógio no bolso.

– Os seus joelhos. Vai estar escuro quando chegar à fazenda dos McCrearys. Só vou demorar alguns minutos.

– É muito perigoso – disse ele.

– Eu consigo. – Ela notou um enfraquecimento nos olhos do avô, uma ligeira queda em seus ombros. – Fique na varanda com sua bengala.

Antes que Bertie pudesse discutir, ela se virou e correu pela estrada. O cascalho e a lama grudaram em seus sapatos. Seu coração disparou ao passar pelos pombais, um terço dos quais estava vazio, seja a caminho da França ou seja enfrentando o inferno em North Weald. As ovelhas se encolhiam dentro do curral, preparando-se para a chuva, enganadas pelo barulho do trovão humano. Alguns cordeiros estavam pelo campo mordiscando ervas, as pernas finas sob as barrigas. Suas orelhas se contraíam ao ouvir os passos de Susan.

As pernas dela doíam. Seus pulmões queimavam. Mas ela não parou até chegar à fazenda McCreary. Percorrendo o caminho de pedra que levava à casa, escorregou por causa da lama nos sapatos e caiu, ralando as palmas das mãos. A dor subiu por seus braços. Rapidamente limpando pedaços de cascalho incrustados na pele, Susan se levantou e bateu na porta. Segundos se passaram. Seus tímpanos latejavam com sua pulsação. Ela sugou o ar, em uma tentativa de recuperar o fôlego. Um choque de temor espetou seu corpo quando ela imaginou que os McCrearys podiam ter partido para um abrigo. Examinando a fazenda, viu o caminhão estacionado perto de um galpão. Bateu com mais força, sentindo os dedos doerem.

Ruídos vieram de dentro da casa. Um cadeado foi solto e a porta se abriu para revelar o velho McCreary segurando uma lamparina, como se tivesse saído de uma caverna.

– Quem é? – A Sra. McCreary disse, de dentro do porão

Antes que o Sr. McCreary pudesse responder, Susan disse:

– É Susan Shepherd. Por favor, podem me emprestar seu caminhão?

O Sr. McCreary começou a falar, os olhos se arregalando quando percebeu que tinha esquecido de colocar suas próteses, e rapidamente cobriu a boca.

– Você está bem, querida? – a Sra. McCreary disse, entrando na frente do marido. O cabelo branco despenteado brotava de um coque mal amarrado.

– Não – disse Susan, recuperando o fôlego. Ela pressionou a mão na lateral do corpo, tentando amenizar a dor de uma cãibra.

– Bertie? – a Sra. McCreary perguntou.

– Ele está bem. – Ela arfou. – Estamos sem o nosso caminhão. É uma emergência.

– Eles estão cagando bombas – disse o Sr. McCreary.

– Albert! – A Sra. McCreary ficou vermelha.

O velhote apertou as gengivas, fazendo as bochechas caírem.

– Por favor – disse Susan. – Eu explico depois. – Susan pensou em Ollie e em seus pombos. Seus olhos lacrimejaram.

A Sra. McCreary fez um sinal com a cabeça.

– Quer que Albert leve você? – O maxilar sem dentes do velhinho caiu.

– Não – disse Susan.

O Sr. McCreary suspirou de alívio, depois pegou uma chave pendurada em um gancho no vestíbulo e entregou-a a Susan.

– Obrigada. – Ela pegou a chave e saiu correndo.

– Cuidado, querida – a Sra. McCreary gritou.

O caminhão dos McCreary, utilizado para transportar feno e gado, era maior e muito mais velho que o veículo de Bertie. Foram necessárias várias tentativas para ligar o motor. A aceleração era fraca, a cabine cheirava a fumaça de escape, e ela podia ver o chão através de um buraco no assoalho enferrujado. Mas o bicho andava. Caso contrário, ela teria recorrido a sua velha bicicleta.

Quando se aproximou do chalé, Susan viu Bertie mancar, carregando a bengala, sua ponta nunca tocando o chão. Susan freou. O caminhão derrapou até parar.

Bertie jogou a bengala na parte de trás do caminhão, abriu a porta e fez uma careta enquanto subia para seu assento.

*Você devia usar sua bengala*, pensou Susan. Ela pisou no acelerador e soltou a embreagem.

A cabeça de Bertie chacoalhou.

– Quer que eu dirija?

Susan balançou a cabeça. Ela lutava para dominar o caminhão, o grande volante parecendo o leme de um navio. O veículo saltou quando os pneus rolaram para a estrada principal. Ela apertou o acelerador até o assoalho.

A vila de Epping estava deserta. Os carros estavam estacionados ao acaso na rua, abandonados durante o ataque-surpresa. Cortinas cobriam a maioria das janelas, os moradores tendo se preparado mais cedo para o apagão ou fechado o cenário de destruição deixado pela Luftwaffe. Todos os estabelecimentos comerciais estavam fechados. O único sinal de vida era uma ambulância em alta velocidade que se dirigia para o hospital. Susan sentiu-se doente. Ela dominou o medo e direcionou o caminhão para a fumaça do Campo de Aviação de North Weald.

A menos de uma milha do aeródromo, um veículo militar bloqueava a estrada, com dois soldados de sentinela. Susan olhou para Bertie e tirou o pé do acelerador. O caminhão parou.

A motorista baixou o vidro. O ar cheirava a pólvora queimada. Ela se segurou no volante para não tremer.

– Você precisa voltar, senhorita – disse o soldado.

Bertie inclinou-se.

– O nosso empregado estava fazendo uma entrega no campo de aviação.

– Desculpe – disse o soldado. Ele olhou na direção do barulho das explosões em Londres, depois apertou firme o cabo da espingarda. – A estrada está fechada.

– Por favor – implorou Susan.

– É uma ordem. Vá para casa, senhorita. – O soldado fez um sinal para que ela saísse. Susan manobrou o caminhão, lutando para engrenar a marcha à ré. Depois de encontrar o ponto correto, puxou a embreagem e afastou-se. Pelo espelho retrovisor, olhou para a névoa fumegante que cobria o campo de aviação, então fungou e passou a mão pelo rosto.

– Nós tentamos.

– Talvez haja outra maneira – disse Bertie. Susan olhou para ele. – Sim – disse ele, coçando a cabeça. – Pode funcionar.

– O quê?

– Vire na estrada que margeia a floresta. – Ele apontou. – Ali!

Susan virou o volante com força, encostando-se no ombro de Bertie.

Ele endireitou-se no seu lugar.

– Para onde vamos? – Perguntou ela.

– Não podemos entrar, mas podemos ver melhor.

Susan foi na direção norte. À esquerda estava a floresta Wintry. Densos bosques virgens cobriam o chão, as folhas caídas coladas na estrada úmida como um tapete. À direita, pastagens cobertas de ervas daninhas adormecidas. Nada de ovelhas. Nada de colheitas. Somente arbustos espinhosos.

Além dos campos, uma longa cerca de arame corria paralelamente às fazendas abandonadas. *Campo de Aviação de North Weald?* Ela lutou para conseguir enxergar melhor. Sentiu

os pneus roncarem na margem da estrada e rapidamente controlou o volante.

– Concentre-se, minha querida – disse Bertie. – Não estamos longe.

Algumas centenas de metros à frente, ela seguiu as instruções de Bertie e entrou em uma fazenda. Sentiu-se mais calma quando se aproximaram de uma casa de tijolos. As videiras castanhas subiam pela porta da frente, seu progresso interrompido perto das janelas do segundo andar pela aproximação do inverno. Por um instante, Susan se perguntou se toda a região rural inglesa estaria abandonada em breve, por medo da inevitável invasão alemã.

– Os Jamisons se mudaram para Shrewsbury quando a guerra começou – disse Bertie. – Há alguns anos, o Sr. Jamison adoeceu durante a época dos partos dos novilhos. Cuidei das suas ovelhas enquanto ele se recuperava. O celeiro tem vista para North Weald. – Ele apontou. – Dirija até a parte de trás. – Susan foi até os fundos da casa e estacionou em frente ao celeiro. Ajudou Bertie a sair do caminhão. Como ela esperava, ele se recusou a usar a bengala, mas aceitou o apoio de seu braço. Juntos, abriram a porta do celeiro, as dobradiças rangendo com a ferrugem. O interior, apesar de vazio, ainda cheirava a estrume e palha.

– Lá em cima. – Bertie apontou para uma escada que levava a um palheiro. – Eu vou segui-la.

– Os seus joelhos.

– Vou ficar bem.

Susan subiu a escada, os degraus mostrando marcas suaves de décadas de botas sujas e mãos suadas. O fraco sol da tarde era pulverizado através de rachaduras nas tábuas. Ao chegar ao topo, ela ouviu Bertie grunhir enquanto se esforçava para subir a escada. Abaixou-se de joelhos, pegou suas mãos e ajudou-o a terminar a subida. Enquanto ela tirava a palha das roupas, Bertie se levantou e abriu as portas. A luz iluminou o palheiro.

Ele olhou para fora e forçou os olhos.

– Longe demais para mim.

Susan juntou-se a ele. A elevação do palheiro dava uma visão distante, mas clara, do Campo de Aviação de North Weald. O coração dela acelerou.

– O que você está vendo? – Perguntou ele.

Ela analisou o aeródromo à procura do caminhão do avô ou de qualquer sinal de Ollie e dos pombos. Mas a fumaça, revoando em espessas ondas negras, turvava grande parte da vista.

– Há um hangar em chamas. Uma brigada de bombeiros está combatendo o fogo. Os homens estão preenchendo buracos rapidamente. – As pernas dela pareciam quebradiças. Ela se encostou à porta para se manter firme. – Não estou vendo ele.

– Quantos aviões?

Ela reparou no que pareciam ser os restos mortais carbonizados de dois aviões. Mordeu o lábio, lutando contra as lágrimas.

– Vejo um par de aviões queimados.

– Bombardeiros ou caças?

Ela piscou os olhos.

– Não sei dizer.

Ele levantou o queixo.

– Eles estão a caminho.

– Como você sabe?

– As pistas de pouso ficam lotadas, exceto durante as missões de voo. Devem ter colocado todos no ar durante o ataque. – Ele colocou o braço por cima do ombro dela. – Os nossos pombos, pelo menos a maioria deles, estão a caminho da França.

– E agora?

– Vamos para casa esperar que Ollie e os nossos pombos voltem. – Susan olhou uma última vez para o campo de aviação devastado, mas a distância, a fumaça e a luz do sol, que começava a escurecer, a impediram de vislumbrar qualquer sinal de Ollie. Ela juntou as mãos e rezou para que ele estivesse em segurança, depois ajudou Bertie a descer do palheiro e partiram para casa.

Enquanto ela conduzia o caminhão para a fazenda, um sentimento esmagador de impotência fez seu coração palpitar. Ela esperava ver o caminhão de Bertie estacionado na frente do chalé, Duquesa andando de um lado para outro da janela, e Ollie à sua espera na varanda. Mas havia apenas a tenda militar, com a tela batendo ao vento.

– Eles vão ficar bem – disse Bertie, de forma pouco convincente.

Susan notou uma ligeira mudança no tom de sua voz.

– Está escurecendo. Vá para dentro que eu vou checar os pombos.

Ele assentiu e depois mancou para dentro do chalé.

Susan bateu na lata com força maior que a habitual, esperando que o barulho pudesse de alguma forma atrair Duquesa para casa. Entre os pombais, ela olhou para a estrada, rezando para ver Ollie voltando no caminhão de Bertie. O sol se punha, e, sabendo que a Luftwaffe provavelmente voltaria, ela se viu forçada a entrar.

Susan buscou toalhas frias a fim de diminuir o inchaço nos joelhos de Bertie. Mas o estrago tinha sido grande. Suas rótulas estavam vermelhas e do tamanho de melões. Ele fez uma careta quando as toalhas lhe tocaram a pele.

Susan tentou fazer uma ligação para obter informações sobre o ataque, mas as linhas telefônicas ainda estavam em silêncio. Ela verificou o rádio e só encontrou estática, como sempre acontecia durante os apagões. Depois de acender uma vela e fechar as cortinas, sentou-se no sofá e notou uma depressão no assento, no lugar onde Ollie tinha sentado a seu lado na noite anterior. Passou a mão por cima da almofada e sentiu vontade de chorar. Mal o conhecia, mas houvera uma conexão instantânea. Ela confiava nele. Seu coração nunca tinha sentido isso por outro homem. E ela acreditava – apesar de estarem na guerra e de viverem em continentes diferentes – que eles poderiam ter uma vida juntos. Ela rezou para que ele não estivesse ferido. *Onde está você, Ollie?*

– Não perca a esperança, minha querida. – Bertie esfregou os joelhos. – Temos que acreditar que Oliver está seguro.

Susan assentiu, depois baixou a cabeça.

– E Duquesa também.

Susan enterrou a cabeça nas mãos.

– Eu nunca te disse isso, Susan – disse Bertie, ajustando uma toalha sobre a perna e inclinando-se para a frente. – Quando você tentou chocar um ovo de pombo na tigela da sua avó, eu não tinha quase nenhuma esperança. Na verdade, eu tinha reservado uma caixa de tabaco para que pudéssemos estar prontos para enterrar o ovo.

Susan levantou a cabeça e olhou para ele. A luz das velas cintilou sobre seu bigode cinzento.

– Mas você não desistiu. Manteve o ovo aquecido e o girou como um relógio durante semanas. Mesmo depois de Duquesa ter nascido, você a alimentou com ração de pombo caseira até ela poder se juntar aos demais filhotes. – Ele deu um ligeiro sorriso. – Não foi um milagre. Você acreditou. E, graças a você, aconteceu.

Ela se levantou e caminhou na direção de sua cadeira.

– Tenha fé. – Ele pegou na mão dela e a apertou.

Susan meneou a cabeça, depois foi buscar outra toalha gelada. Apreciou as palavras o avô e, ainda mais, seus esforços contínuos para preencher o vazio de um pai e mãe ausentes. No fundo, porém, ela sabia que algo estava errado.

À medida que a noite se aproximava, Bertie adormeceu em sua cadeira, sem fazer o esforço de subir a escada com os joelhos doloridos. A cabeça dele balançava lentamente com o ritmo de seu ronco.

Susan vestiu calmamente o casaco, deslizou para fora e sentou-se na varanda. A distância, um brilho vermelho de incêndios cercou Londres enquanto dezenas de holofotes procuravam no céu pela Luftwaffe. Uma mistura de desespero e culpa invadiu sua alma. *Por que eu o deixei sair? Por que eu a perdi de vista?* A jovem lutou para se convencer de que Ollie voltaria. Uma pontada de solidão apertou seu coração. Ela acariciou o piso do degrau da varanda, onde Ollie se sentara com ela na noite anterior e começou a temer que pudesse ter perdido o amor de sua vida. Susan limpou as lágrimas e orou para que

Ollie subisse pela estrada e Duquesa voltasse a voar sobre as bétulas. De manhã, no entanto, nenhum deles tinha chegado.



# Capítulo 25



## Epping, Inglaterra

O chilrear dos pardais antes do amanhecer fez Susan erguer a cabeça do colo. Ela esfregou os olhos, viu o caminhão dos McCrearys estacionado em frente aos pombais e sentiu um choque em seu corpo. *Ollie. Duquesa.* Ficou em pé, com as articulações rígidas pelo frio, e soprou ar quente sobre os dedos. *Por quanto tempo dormi? Alguns minutos? Uma hora?*

A fazenda estava assustadoramente calma, o céu limpo da claridade da Luftwaffe. Mas os ecos da guerra permaneceram gravados em sua consciência como os sulcos de um registro fonográfico. Um zumbido em seus tímpanos. Uma vibração sob seus pés. Uma sensação iminente de desgraça. Ela se perguntava se passaria a vida inteira, o que quer que restasse dela, revivendo memórias de bombas explodindo.

Um suave arrulho juntou-se ao coro de pássaros selvagens na floresta. Ela foi a um dos galpões e encontrou muitos dos pombos, os sortudos que ainda não tinham sido enviados para uma missão, reunidos no chão de terra. Eles ergueram as cabeças e cercaram a bandeja de alimentação. Ela esperava ver Duquesa empoleirada no barril de grãos, mas só havia a lata enferrujada e a colher de pau. Pegou uma das aves e acariciou suas asas. O pombo piscou e se acomodou. Devolvendo suavemente o pombo ao chão, Susan colocou grãos na bandeja de alimentação. Os pombos inundaram o chão e começaram a bicar.

Os outros pombais estavam na mesma situação. Sem Duquesa. E a visão de todos os cubículos vazios fez os olhos dela se encherem de lágrimas. *Seja como um ovo,* pensou. Ela

cuidou dos recém-nascidos, dos filhotes e dos novos pais, e entrou no chalé para ver como estava Bertie.

O rangido da porta fez seu avô se sentar e esfregar os olhos.

Ela desabotoou o casaco, esperando que o avô não percebesse que tinha passado a maior parte da noite na varanda.

– Acordou cedo – disse ele, bocejando.

Ela pendurou o casaco em um cabide e foi até a cadeira dele.

– Como estão seus joelhos?

Ele tirou as toalhas e pressionou as rótulas.

– Muito bem.

– Ainda estão inchados – disse Susan, reparando que um deles parecia mais inchado. – Não fique em pé hoje.

– Vou ficar bem. – Ele se levantou lentamente, apoiando a maior parte do peso na cadeira. – Conseguiu dormir?

Susan balançou a cabeça.

– Vou fazer um chá para nós. – Ele mancou para a cozinha.

– Eu faço.

– Preciso movimentar estes ossos velhos. – Os pés dele se embaralhavam no chão. Antes de chegar ao fogão, parou ao som de um motor que se aproximava.

Susan pulou quando ouviu o som inconfundível das engrenagens deslizantes do caminhão de Bertie e o som metálico dos pistões. Abriu a porta e correu para fora. Um relâmpago de esperança a invadiu quando ela viu o caminhão, seguido por um veículo militar, chegando pela estrada. O caminhão reduziu a marcha até parar em frente ao chalé. Ela saltou da varanda e correu para a porta do motorista. Seu coração afundou quando um soldado desceu da cabine.

– Onde está Ollie? – perguntou ela, não reconhecendo o soldado.

O homem tirou o quepe da cabeça e apertou-o nas mãos como se estivesse torcendo um pano.

– Não sei, senhorita.

Bertie emergiu do chalé e gritou:

– Ele estava com os soldados entregando os pombos.

O soldado olhou para o velhote e encolheu os ombros.

Um oficial que conduzia o veículo militar de escolta juntou-se a seu camarada. Ele olhou para Susan, depois para Bertie, e disse:

– Não sabemos onde ele está. Recebemos ordens para devolver o caminhão. – Ele apontou para a tenda. – Fomos designados para ficar aqui durante a missão.

Bertie desceu da varanda com dificuldade e mancou, suas pernas curvadas como os antebraços de um velho buldogue.

– Você deve saber de alguma coisa – disse ele, aproximando-se dos homens.

– Apenas que o caminhão foi deixado no campo de aviação e deduzimos que seu condutor fugiu durante o ataque. – Ele entregou a chave a Bertie.

– Deduziram? – Susan perguntou. – Algo está errado. Ele não voltou para casa.

– É tudo o que sabemos, lamento. – O soldado recolocou o quepe na cabeça. – Se nos dão licença, temos de instalar e verificar os alarmes. – Os soldados pegaram sacos de lona verde-oliva do seu veículo e desapareceram dentro da tenda.

Bertie pôs o braço em volta de Susan e levou-a para dentro.

Ela o viu verificar a linha telefônica, que ainda não estava funcionando, mas provavelmente não importava. Susan sabia que não haveria utilidade em fazer contato com o Campo de Aviação de North Weald. A RAF tinha coisas mais importantes para fazer do que procurar um americano desaparecido ou um pombo de estimação.

– Vamos – disse o avô, pegando seu casaco.

– Para onde?

– Vamos verificar o hospital.

As palavras foram um golpe no estômago de Susan. Ela apanhou rapidamente a bengala e o seguiu até a porta.

Depois de devolverem o caminhão dos McCrearys, que simplesmente deixaram na estrada com a chave debaixo do assento, dirigiram até o Hospital St. Margaret, em Epping. O estacionamento do pequeno hospital comunitário de tijolos estava cheio, então ela pararam na rua. Ela desceu do caminhão,

tirou a bengala do avô da parte de trás da carroceria e encontrou-o já em pé no passeio.

– Prefiro usar o seu braço, minha querida – disse Bertie.

Susan devolveu a bengala à carroceria e segurou o cotovelo dele. Ela sabia que seu avô deveria usar uma bengala. Mas, egoisticamente, sentiu-se bem por ajudá-lo. E ocorreu-lhe brevemente que Bertie também sabia disso.

Ao se aproximarem da entrada, uma ambulância, seguida de um caminhão civil com três homens sentados na cabine, estacionou na frente do prédio. Os médicos correram para a traseira da ambulância, abriram a porta e tiraram uma maca de dentro. Embora o corpo estivesse completamente coberto, a barriga arredondada saliente debaixo do cobertor de lã cinza fez Susan congelar. Ela agarrou o braço de Bertie.

– Maldição – sussurrou ele.

Susan queria virar a cabeça, mas sentiu-se compelida a ver os homens saltarem da traseira do caminhão e removerem uma mulher trajando um vestido sujo. Pernas finas cobertas por cortes profundos e arranhões pendiam da maca. A mulher, claramente em trabalho de parto, abraçou seu estômago inchado e gritou:

– Não! Ainda não está na hora!

A mulher ferida foi levada rapidamente para dentro. Os veículos saíram do pátio em alta velocidade, a ambulância liderando o caminho com a sirene tocando. Susan queria desesperadamente ir para casa. Mas se obrigou a dar um passo, depois outro, e outro, até que chegaram à porta. No interior do edifício, os médicos e enfermeiras estavam em uma correria em torno dos sobreviventes da Maternidade de Sprigg's Oak. Tinham ouvido dizer que uma mina de paraquedas havia atingido uma ala onde estavam os funcionários e mães que tentavam se abrigar das bombas.

– Quantos? – Bertie perguntou a um enfermeiro de cabelos grisalhos que segurava uma maca.

O enfermeiro parou, os olhos escuros e fundos pela falta de sono.

– Pelo menos uma dúzia. Mais ainda se contarmos os bebês.

– Ele fungou e limpou a garganta. – Ainda estão removendo os

escombros.

Susan cobriu os lábios.

– Santo Deus – disse Bertie.

– Há alguma coisa que possamos fazer? – Susan perguntou.

O enfermeiro passou a mão pelo rosto.

– Reze por eles.

Bertie pôs a mão no ombro do enfermeiro.

– Trouxeram alguém do Campo de Aviação de North Weald?

Ele balançou a cabeça.

– Foram enviados para o Hospital Ely, da RAF.

Susan viu o auxiliar agarrar a maca e empurrá-la pelo corredor. Os guinchos nas rodas arrepiaram sua espinha.

Ela saiu do Hospital St. Margaret percebendo que a guerra tinha chegado a Epping. Enquanto dirigiam em silêncio até o Hospital Ely, ela não conseguia parar de pensar nas gestantes que tinham vindo de Londres para Sprigg's Oak, em busca de um lugar seguro para dar à luz. Estavam trazendo vida para um mundo em guerra. E a Luftwaffe as tinha apanhado. Não só alguém tinha perdido uma mãe, uma filha ou uma esposa, como também tinha perdido um bebê que ia nascer. Ela se virou para pedir o lenço de Bertie e viu que ele o usava para secar os olhos.

Chegaram ao Hospital Ely, da RAF, antes do meio-dia. Mesmo na sala de espera, o cheiro de éter e desinfetante fez Susan querer prender a respiração. Eles ficaram em uma longa fila, aguardando enquanto a recepcionista respondia a perguntas de parentes que tentavam desesperadamente ter notícias sobre seus filhos ou maridos. Ao avançarem na fila, o pensamento de que Ollie possivelmente estivesse ferido tomou seu corpo frágil. Arrepios tomaram sua pele. Suas pernas pareciam galhos prestes a partir-se. Ela apertou o braço de Bertie para evitar que suas mãos tremessem. Quando chegaram à frente da fila, o recepcionista olhou seus papéis e disse:

– Não temos civis aqui, menos ainda um americano trazido de North Weald.

– Tem certeza? – Susan perguntou. – O nome dele é Ollie Evans.

– Oliver – acrescentou Bertie.

A recepcionista consultou novamente os papéis e balançou a cabeça.

– Receio que não tenhamos ninguém com esse nome.

Uma enfermeira, ao ouvir a conversa, aproximou-se da recepcionista e disse:

– E o paciente queimado?

O coração de Susan palpitou.

– Pensei que fosse um aviador – disse a recepcionista.

– Ele foi resgatado perto de um avião e estava sem identificação. – A enfermeira ajustou os punhos de seu uniforme de mangas compridas e se aproximou de Bertie. – Ele é seu parente?

– Meu neto – disse Bertie. – Ele veio do Maine para nos ajudar com a fazenda. Estava fazendo uma entrega em North Weald quando aconteceu o ataque.

Susan olhou para Bertie, que tinha os olhos concentrados na enfermeira.

– Estaria disposto a identificar um paciente? – Perguntou a enfermeira. – É bom que saiba que ele está muito queimado, muito sedado e não consegue falar.

O corpo de Susan tremeu. Ela lutou para respirar.

Bertie engoliu em seco, depois assentiu.

– Venha comigo – disse a enfermeira.

Susan pegou na mão do avô.

– Eu vou com você.

– Não, minha querida.

– Por favor.

Ele balançou a cabeça.

Susan sentou-se na sala de espera enquanto Bertie seguia a enfermeira. O bater de seus sapatos contra o chão de azulejo ficou mais baixo, e Susan prestou atenção aos gemidos que vinham do corredor. Jovens rapazes com corpos feridos, quebrados, queimados e mutilados. Suas vidas tinham encurtado ou, na melhor das hipóteses, mudado para sempre. Ela fechou os olhos, enfiou os dedos nos ouvidos e tentou rezar.

Depois de alguns minutos, Bertie voltou, arrastando os pés lentamente. Susan notou que as linhas de seu rosto pareciam

mais profundas, como se tivesse envelhecido depois da visita à enfermaria. As mãos dela tremeram. Susan olhou para os olhos cansados do avô e falou, sua voz capaz de produzir apenas um sussurro.

– Ollie?



# Capítulo 26

## França ocupada pelos alemães

Ollie abriu os olhos para um sol poente que pintava as nuvens com uma bela tonalidade de rosa. *Estou morto?* Qualquer noção de que ele tivesse subindo, ou descendo, para uma vida após a morte foi rapidamente eliminada pelo cheiro forte do combustível de aviação enchendo suas narinas. Alguma coisa pingava, depois chiava, como se uma gota de água tivesse atingido o fundo de uma frigideira quente. *Tenho que sair daqui.*

Ele torceu o pescoço, duro devido ao impacto, e notou que o teto da fuselagem tinha sido cortado. Dentes de metal recortados pairavam sobre ele. Seu pé latejou. Uma caixa de metal pesada pressionada contra a lateral de seu corpo, cortando a circulação de seu braço e deixando a mão dormente. Com o braço bom, ele empurrou a caixa, derramando tiras de munição no chão.

O fluxo de sangue voltando ardeu como um espeto quente enfiado em seu ombro. Seu punho saltava da manga do casaco, como se o braço tivesse crescido. Ele tocou no ombro que estava no chão e imediatamente percebeu que estava deslocado, ou coisa pior. Sentou-se, tentando evitar mexer o braço, e examinou o restante do corpo. Uma grande protuberância na parte de trás de sua cabeça. O nariz sangrava. E o pé, torcido na torre da metralhadora, estava muito inchado. Mas ele estava vivo. Um milagre, considerando a velocidade da descida.

Ele analisou o avião, ou, mais precisamente, o que restava dele. A cauda tinha sido rachada e parcialmente separada da fuselagem. O cadáver do atirador estava preso à rede de carga, como uma mosca na teia de uma aranha. Um lampejo das ataduras no abdômen perfurado do homem, a impotência de vê-lo sangrar até morrer, não importando o quanto pressionasse. O

buraco era muito grande para suas pequenas mãos. Ollie espantou a imagem e voltou sua atenção para o ombro que doía.

Ele apertou a clavícula e tentou colocar o ombro no lugar, mas só conseguiu levantar o braço alguns centímetros antes que os espasmos rasgassem sua escápula. O braço ardeu, como se os nervos tivessem sido incendiados. Ele cerrou os dentes. *Não posso deixar meu ombro assim.* Antes que pudesse mudar de ideia, enrolou o pulso na rede de carga e segurou a correia. O atirador morto pendia em cima dele. O coração de Ollie bateu forte. Seus ouvidos latejavam com sua pulsação. Mordeu o lábio e inclinou-se para trás. Seu braço esticou. Os tendões tensionaram. Apoiou as pernas contra a fuselagem e puxou com mais força. A dor imensa o fez gritar. Mas o braço não retornou ao lugar.

Ele aliviou o peso, desembaraçou o pulso e caiu para trás. Inspirou grandes golfadas ar até que a dor diminuiu para um lento latejar. Limpando o suor da testa, olhou para a cabine. Os galhos de um grande carvalho tinham perfurado o vidro e entrado em direção à torre de artilharia. Seu coração afundou. *Eles não devem ter sobrevivido.* Mas escutou um som abafado, mascarado pelo assobio do vento sobre fragmentos de metal. Ele ouviu. Um gemido.

Ollie se ajoelhou e rastejou até a cabine, o braço inutilizado pendurado ao seu lado. Outro espasmo percorreu seu ombro. Com uma das mãos, lutou para quebrar galhos e troncos, e percebeu que levaria muito tempo para alcançar os pilotos nesse ritmo, especialmente com o crescente cheiro de combustível. Então, atravessou a fenda na fuselagem e deslizou para o chão. Quando ficou em pé, a dor lhe atravessou o tornozelo.

Ele se firmou contra uma asa quebrada, o motor rasgado e esparramado no campo feito um meteorito caído. Um sulco profundo corria no chão a partir das marcas de derrapagem do Blenheim, abruptamente parado por árvores na borda de uma floresta. Ele mancou para a frente do avião, sentindo o tornozelo inchado pressionar contra a bota.

O Blenheim tinha derrubado uma árvore, a maior parte da qual estava enterrada na cabine. Ele subiu no nariz da aeronave,

após várias tentativas para conseguir se firmar, e limpou pedaços de vidro. Enfiou a cabeça lá dentro e imediatamente percebeu que não havia nada que pudesse fazer pelo copiloto. Um galho afiado, lançado como um dardo de madeira, saía do pescoço do homem. O medalhão de São Cristóvão jazia sobre o casaco. Ollie encolheu-se e virou-se para o piloto.

O Tenente de Voo Boar estava caído, seu rosto e pescoço cobertos de sangue de um profundo corte vertical em seu olho direito, e não parecia estar respirando. Parecia morto, até que Ollie segurou em seu casaco de voo.

Boar grunhiu e abriu o olho bom, se é que se podia chamar assim, uma saliência vermelha e bulbosa, a pálpebra inchada e fechada.

– Ralph?

– Está morto – disse Ollie.

– Maldição. – Ele tossiu e estendeu a mão em direção ao copiloto, mas parou pouco antes de tocar nele.

Ollie soltou o cinto do tenente. Boar fez uma careta.

– Consegue se mexer? – Ollie perguntou.

Boar lutou para limpar o sangue dos olhos.

– Parece que não tenho escolha, ianque.

Percebendo que teria de remover o tenente através do para-brisa, Ollie limpou o resto do vidro usando a manga de seu casaco. Enfiou uma mão debaixo do braço de Boar e puxou. Boar rolou para a frente. O ombro de Ollie queimou. Ele manobrou Boar para o nariz do avião e depois o empurrou para o chão.

Boar caiu de costas. Lutou para se levantar e depois se sentou.

Ollie deslizou da cabine e examinou Boar, mas não havia muito que ele pudesse ver por causa de todo o sangue que cobria seu rosto. Arrancou a fralda de sua camisa e colocou-a sobre o olho de Boar.

– Mantenha pressionado.

Boar encostou o tecido no rosto.

– Está ferido?

– Tornozelo. – Ollie tocou seu ombro. – E o meu braço está solto.

– Quebrou?

– Não tenho certeza. – Ollie olhou em volta. A oeste, o sol afundava abaixo de um grande campo, pontilhado por montes de palha. Além de uma colina, uma fina corrente de fumaça crescente, possivelmente de uma chaminé de uma fazenda ou de outro Blenheim. A leste, bosques espessos. Ia escurecer em breve. Em vinte, talvez trinta minutos. – Onde estamos?

Antes que Boar pudesse responder, um grito distante ecoou sobre a colina.

– *Beeilung!*

A adrenalina percorreu o corpo de Ollie.

– França. – Boar abriu o casaco e se esforçou para tirar uma arma do coldre. – Algum lugar entre Amiens e Abbeville.

Ollie levantou-se, a maior parte do seu peso em uma perna.

– Para onde você vai correr, ianque?

– Em quem você vai disparar? – Ollie puxou Boar pelos pés. – Não consegue ver.

Boar agarrou a pistola, respirando com ar pesado.

– As suas pernas estão boas?

Boar assentiu.

Ollie procurou um lugar para correr. Mas não havia casas. Não havia estradas. Apenas uma trilha de terra que levava da extremidade mais distante do campo até uma colina de onde viera a voz. E, na direção oposta, a floresta.

– *Beeilung!* – O grito estava mais alto. Mais perto.

O coração de Ollie bateu contra a caixa torácica. Seu primeiro instinto foi correr na direção das árvores, o lugar mais lógico para se esconder. Mas alguma coisa no fundo dele o fez parar, pelo menos por um segundo. *Onde é que eles vão procurar primeiro? E depois?* Ele observou uma plantação de trigo devastada, o que o fez pensar que o agricultor estava escondido ou tinha fugido da invasão alemã. Muitas espigas pareciam ter sido arrancadas de qualquer jeito, provavelmente por cidadãos franceses famintos que procuravam comida, deixando para trás pilhas de talos

podres. Antes que ele pudesse mudar de ideia, puxou Boar consigo.

Ollie levou Boar para o campo. Juntou pedaços de palha. Estava escurecendo, mas ainda havia claridade. Eles provavelmente os veriam se estivessem perto, mas ele tinha poucas escolhas. Buscou mais caules.

– Por que nós paramos? – Boar agarrou na pistola.

Ollie rapidamente raspou um sulco na terra com a mão.

– Deite-se neste buraco.

– Você ficou louco, ianque? – Ele apontou a pistola para a colina. – Eles vão nos matar.

Ollie recolheu mais palha.

– Eles não nos vão procurar aqui.

– Nós nem saímos. – Ele limpou os olhos.

– Você não consegue enxergar, e eu não consigo correr mais rápido do que eles. – Ollie atirou uma pilha de palha aos pés de Boar. – Vai ter que confiar em mim.

Boar hesitou, então colocou sua pistola no coldre e raspou cegamente a palha.

Eles se jogaram em um buraco não mais fundo do que alguns centímetros e se cobriram o melhor que puderam. Enquanto Ollie enfiava um monte de palha sobre o peito, reparou no avião destruído e parou. *Duquesa*. Em pânico ao deixar o Blenheim, ele tinha esquecido completamente do pombo de Susan.

O silêncio foi quebrado pelo som de um motor se aproximando.

Ele espreitou pela palha até a colina. Sem sinal de movimento. Sua boca ficou seca. Ele pensou em Susan, o pombo dela em algum lugar dentro do Blenheim. *Droga*.

Sons de freios guinchando. Vozes guturais. O crack metálico dos cartuchos enfiados em armas. Através de frestas na palha, ele notou o movimento, o que a princípio parecia ser tartarugas cinzentas subindo a colina. Primeiro, uma tartaruga. Depois outra. E outra. Em poucos segundos, um pelotão de soldados alemães, usando capacetes tipo concha, parou na colina.

– *Dort Druben!* – Um soldado apontou para o avião. O pelotão levantou as armas.

Ollie apertou o ombro e contou. *Um, dois, três, três, quatro, cinco.*

Outro soldado alemão subiu a colina segurando uma metralhadora. *Seis. Maldição.* Ollie viu os soldados divididos em dois flancos. Ele ouviu o clique de Boar removendo a trava de segurança da sua pistola.

– Espere – Ollie sussurrou.

Os soldados, com as armas levantadas, rastejaram cautelosamente em direção ao avião. Os olhos observavam através das miras dos rifles.

O som das botas alemãs aproximou-se. O caminho do pelotão ia colocá-los no meio dos dois grupos. Ollie de repente se arrependeu da decisão de se esconder. Todas as fibras de seu corpo lhe imploravam para correr.

O soldado alemão com a metralhadora, segurando-a como uma guitarra que pendia sobre seu ombro, passou a poucos metros de seu ninho e parou.

Ollie segurou a respiração. Seus pulmões pareciam balões prestes a arrebentar.

O soldado, um homem de pele clara, cabelo loiro, da mesma idade que Ollie, apertou o gatilho. Acenou para seus camaradas, e os soldados avançaram, todos com os olhos fixos no avião.

Os instintos de Ollie estavam certos. À medida que os soldados passaram, voltaram a concentrar-se no avião em chamas, dando pouca importância, se é que davam alguma, aos dois montes de palha entre as muitas pilhas podres que cobriam o campo.

Ollie exalou silenciosamente e depois puxou lentamente o ar.

Quando os dois grupos chegaram perto do avião, o soldado com a metralhadora disparou sobre a fuselagem, lançando uma rajada de faíscas. Depois, esvaziou o resto das balas na cabine.

Ollie apertou um punhado de palha, sentindo-se impotente quando os projéteis perfuraram o avião. *Desculpe, Susan.*

Três dos soldados rastejaram para dentro do Blenheim enquanto os outros examinaram as asas, como caçadores, certificando-se de que sua presa estava morta. Após alguns minutos, os soldados saíram do avião. O homem com a

metralhadora levantou um dedo e fez sinal para revistar a floresta.

Ollie viu os soldados desaparecerem entre árvores. Quando não podia mais ouvir o estalido dos paus debaixo das botas, saltou da pilha e correu em direção ao avião.

– Eu volto já.

– Ficou louco? – Disse Boar, alcançando a perna de Ollie, mas ele já tinha desaparecido.

Ollie mancou até o avião e rastejou para a fuselagem, onde havia cheiro de combustível e sangue. A prateleira onde Duquesa tinha sido colocada estava vazia, enrugada como uma assadeira batida com um martelo. Ele revirou pilhas de destroços. Nenhum sinal de Duquesa. Na cauda, atrás do corpo do atirador, ele viu um lampejo verde. O som de bater de asas. Uma onda de alívio o percorreu, depois desapareceu rapidamente. Os soldados voltariam. O tempo estava se esgotando. Ele se arrastou para trás, fazendo seu melhor para não tocar no atirador, mas não teve escolha a não ser afastar as pernas do homem, frias e duras, para alcançar a cauda. Esticando o braço até onde podia, agarrou a gaiola e fugiu do avião, sem tempo de verificar como estava Duquesa.

Enquanto mancava pelo campo, o suor escorria pelas costas. Seu ombro latejava. Duquesa bateu as asas. O arame da gaiola cortou seus dedos. Ele se esforçou para correr com ambas as pernas, enviando sinais de dor para o tornozelo. Quando chegou ao esconderijo, Boar levantou-se do monte de palha.

– Espero que tenha ido buscar uma arma – sussurrou Boar.

Duquesa arrulhou.

– *Shhhhhhh* – disse Ollie, cobrindo a gaiola com os braços.

– Maldito imbecil – disse Boar.

O próximo som que Ollie esperava ouvir era Boar disparando a pistola em seu peito. Em vez disso, foi o zumbido da aproximação de alguns veículos. Sem dizer nada, eles se afastaram, Ollie mancando e carregando Duquesa, o Tenente de Voo Boar cegamente apontando sua pistola.

Ollie conduziu os dois para fora do campo e para cima da colina. Evitando a estrada, seguiram um riacho que ia para longe

do campo. A ondulação da água sobre pedras disfarçava o som de suas botas. Enquanto rastejavam na água fria, o tornozelo de Ollie ficou dormente, facilitando a caminhada. Ele abaixou o zíper da jaqueta para usá-la como tipoia, enfiou nela o braço inútil e acelerou o ritmo.

Os dois continuaram a marcha aquática noite adentro, usando o brilho da lua nascente para guiar o caminho. Sem falar. Sem parar. Seguindo o riacho, vaguearam para dentro do campo francês.

Foi o zumbido da Luftwaffe voando por cima deles que eventualmente os fez parar. Os nazistas estavam sem dúvida a caminho de bombardear Londres. Outra vez. Os motores soavam mais alto. Mais agressivos, como o rugido de leões de ferro. Talvez fosse a falta de fogo antiaéreo que fazia a Luftwaffe parecer poderosa, ou talvez fosse a solidão do campo francês sob a ocupação alemã. De qualquer forma, Ollie sentiu que talvez não houvesse como parar Hitler.

Ele olhou para a gaiola em sua mão. As penas verdes fluorescentes de Duquesa brilhavam ao luar. O pombo virou a cabeça para o céu e piscou. Ollie pressionou a gaiola na lateral do corpo e avançou.

Por mais duas horas, eles seguiram o riacho, caminhando sobre rochas erodidas e buracos lamacentos, até chegarem a um lago pouco profundo. Os pés de Ollie estavam frios e dormentes; o ombro doía. Eles caminharam até a margem e subiram uma colina, com as botas cheias de lodo, depois atravessaram um campo repleto de arbustos espinhosos. Emergindo da vegetação, com as mãos machucadas e sangrando, chegaram a uma fazenda. Ao longe, via-se a silhueta de uma vila, um campanário de igreja apontando para as estrelas.

O tenente pressionou o curativo no olho lacerado, depois tentou ver através do olho inchado.

– O que você está vendo?

– Uma fazenda. E uma cidade a poucos quilômetros de distância. – Ollie olhou em volta. – Há um celeiro onde podemos nos esconder.

Boar assentiu.

Eles rastejaram sob uma abertura entre a parede do celeiro e o chão, em vez de correr o risco de abrir uma porta rangendo e alertar o proprietário. Lá dentro, Boar vasculhou o bolso do casaco e encontrou um fósforo. A claridade do fósforo fez um porco adormecido erguer a cabeça. Ele bateu os cascos robustos e fungou. Boar pegou sua pistola.

Ollie agarrou o braço.

– É apenas um porco. – Boar baixou a mão.

Felizmente, o porco não guinchou. Roncou duas vezes, depois virou de lado para descansar. Antes de o fósforo de Boar se apagar, encontraram um estábulo vazio e se jogaram no chão. Sem palha, apenas pedaços do que pareciam fatias de maçã mole, mas Ollie imediatamente reconheceu o cheiro almiscarado. Batatas moídas. Alimento para o porco.

Quando a temperatura de seus pés subiu, o pulsar do tornozelo voltou. Ollie queria tirar a bota, mas temia que o inchaço o impedisse de voltar a colocá-la. As pontadas em seu ombro pioraram, o latejar sincronizado com os batimentos de seu coração. Para se distrair da dor, ele apoiou a gaiola de Duquesa a seu lado e colocou o dedo através da tela. O pombo bicou ligeiramente. Ele pensou em Susan e torceu para que ela e Bertie estivessem a salvo, e que o ataque da Luftwaffe ao Campo de Aviação de North Weald tivesse se mantido afastado de Epping. Ele provavelmente nunca conseguiria sair da França vivo. Mas Duquesa sim. Ele a libertaria de manhã. Era seu único conforto, saber que um deles chegaria em casa. Ele baixou a cabeça. Exausto, adormeceu.



# Capítulo 27



## Airaines, França

Ollie acordou com um porco bufando e uma espingarda apontada para seu rosto.

*Acabou*, pensou.

Ele levantou lentamente uma das mãos. Seus olhos percorreram o cano de aço da espingarda. Esperava ver um dos soldados alemães com cabeça de tartaruga ou talvez um nazista ariano com mandíbulas de aço. Em vez disso, ele viu uma mulher magra usando um suéter verde largo, que cobria a mão com que segurava a arma. O cabelo grisalho brotava de um chapéu de feltro desgastado pelo tempo.

Ele olhou para o Tenente de Voo Boar, dormindo em um canto, então sentiu a ponta fria da arma pressionar sua bochecha.

– *Qui êtes-vous?*

Boar acordou e apontou a pistola.

O porco guinchou. A mulher virou a espingarda

– Espere! – Ollie gritou.

Boar lutou para ver através da rachadura em seu olho inchado, o outro coberto com uma camisa ensanguentada.

– Britânico – disse Ollie. Ele tentou dizer algo em francês, mas não conseguiu.

– O seu francês é terrível – disse a mulher em inglês. – E seu sotaque não é britânico.

– Americano.

A mulher levantou uma sobrancelha. O porco bufou e depois torceu as orelhas em forma de triângulo.

– Onde estamos? – Boar perguntou, ainda apontando a pistola.

– Em minha fazenda. – A espingarda dela manteve-se estável. – Quem são vocês?

– Tenente de Voo Boar, Força Aérea Real.

– Vocês foram atingidos e caíram? – Boar afirmou com a cabeça.

A mulher olhou para Ollie, depois voltou a atenção para o tenente.

– Ele não parece um piloto.

– Ele não é – disse Boar.

Ollie se levantou lentamente, segurou seu ombro deslocado e se colocou entre eles.

– Os nazistas são o inimigo. Nós não.

Ela o encarou, depois baixou a espingarda.

– Guarde isso – Ollie disse a Boar.

O tenente hesitou, depois colocou a pistola no coldre.

– Meu nome é Ollie – disse ele, estendendo a mão.

A mulher manteve as mãos na espingarda.

– Madeleine.

Ollie baixou a mão, depois ajustou o pé, o tornozelo duro e inchado.

– Madeleine, precisamos de suprimentos médicos. Álcool, ataduras, tudo o que puder nos dar.

Ela olhou para o tenente, com o rosto coberto de sangue seco.

– Também precisamos de um lugar para nos escondermos – disse Ollie. – Se não puder nos ajudar, vamos embora e não colocaremos sua vida em risco.

Madeleine estendeu a mão e arranhou o pelo castanho do porco, como se fosse um cão. O porco grunhiu e abanou a cauda enrolada.

– Esperem aqui. – Ela se virou e deixou o celeiro, o porco trotando atrás dela.

– Aonde ela vai? – Boar perguntou.

Ollie olhou para fora e viu a mulher entrar na casa, então surgiu um momento depois sem a espingarda. Ela seguiu por uma estrada de terra com o porco a seu lado.

– Está indo para a vila.

– Devíamos ir embora – disse Boar.

– E ir para onde? – Ollie tentou andar, mas cada passo disparava dor em sua perna, como se o tornozelo estivesse cheio de vidro partido. Seu ombro recomeçou a latejar. Ele exalou e encostou-se à porta do celeiro. – O sol já nasceu. Daqui a pouco este lugar estará cheio de alemães à procura de um piloto desaparecido.

– Ela pode estar mostrando o caminho para os nazistas neste momento. – Boar ajustou a atadura sobre o olho.

– Acho que não. Ela teria ido falar com eles em vez de nos acordar.

Boar pigarreou e cuspiu no chão.

– Vamos esclarecer uma coisa, ianque. Não recebo ordens suas. Sou eu quem dá as ordens.

Ollie encarou o tenente ferido.

– Tem razão.

Boar virou a cabeça, como se as orelhas também tivessem sido feridas no acidente.

– Sou americano. Em teoria nós somos neutros. – Ele olhou para o tenente. – Talvez eu devesse ir embora. Deixar que você lute na sua maldita guerra.

O tenente riu.

– Eles vão encontrar você.

– Eu podia dizer que estava em viagem por aqui e que fiquei preso na França durante a invasão.

– Eles ainda o matariam.

– Possivelmente – disse Ollie. – Mas não sou eu que estou usando o uniforme de voo da RAF.

Os músculos da mandíbula de Boar tencionaram.

– O fato é que você precisa de mim mais do que eu preciso de você. Se quiser, pode ir. Eu vou espera por Madeleine.

Boar apontou a pistola.

– Se ela voltar com alemães, o primeiro tiro que eu disparar será em você.

Duquesa arrulhou em sua gaiola.

Ollie mancou na direção dela. Notou que ela parecia irrequieta, coçando os pés e se virando em seus aposentos

apertados. Abrindo a gaiola, acariciou as costas da ave. Ela não fez nenhum esforço para escapar, parecendo contente por receber um pouco de atenção. Depois de alisar as asas com o polegar, ele pegou o papel e o lápis pequeno que estavam guardados lá dentro e começou a escrever.

O arranhar da escrita fez Boar virar a cabeça.

– O que está fazendo?

– Vou mandar o pombo de Susan para casa – disse Ollie, escrevendo. – Estou incluindo um bilhete para dizer onde estamos.

– Brilhante, ianque. O pássaro pode ser abatido e os nazistas terão um mapa para nos encontrar.

– Ela é um pombo.

– Tanto faz. Não acredito que desperdiçamos a vida de aviadores em uma maldita missão de pássaros.

As palavras de Boar fizeram Ollie parar. Ele se lembrou da última manhã com Susan e passou a mão por cima do carço dentro do casaco.

– *Não vou conseguir dormir durante a missão* – disse Susan quando os soldados estavam colocando os pombos em seus caminhões. – *Vai ficar acordado comigo outra vez esta noite?*

Ele olhou nos olhos dela e disse:

– *Não há outro lugar onde eu desejaria estar.*

Mas agora ele estava atrás das linhas inimigas. *Ela provavelmente pensa que estou morto.* Uma dor miserável enterrou-se em seu peito, anulando a dor do ombro.

– Guarde isso para mais tarde, ianque – disse Boar. – Precisamos que o pássaro leve informações, presumindo que encontraremos algo que valha a pena reportar.

Ollie guardou o papel e o lápis, depois tirou Duquesa da gaiola. Ele a colocou perto de si. A ave não fez nenhum esforço para voar, apenas esticou as asas e se enrolou em um círculo. Enquanto esperava que Madeleine ou os nazistas regressassem, ele passou o tempo olhando Duquesa bicar à procura de comida.

Em menos de uma hora, Madeleine voltou com seu porco e um velhote carregando uma bolsa de couro preta. Ele era careca,

exceto pelo bigode e as sobrancelhas brancas e cheias, que pareciam lagartas albinas gêmeas rastejando sobre sua testa.

– *Médecin* – disse Madeleine, entrando no celeiro.

O homem, que Ollie acreditava ser médico, olhou para o tenente. Mirou o ombro deslocado de Ollie, torceu nervosamente a ponta do bigode e disse algo em francês para Madeleine.

– Vamos entrar – disse ela.

Ela os levou para dentro de casa, uma pequena construção de estuque com um telhado de palha. O médico guiou o tenente pelo braço enquanto Ollie mancava. Ao chegar à porta, Madeleine deu uma palmadinha na cabeça do porco e disse:

– *Reste, Louis. Nous travaillons bientôt.*

O porco fungou e depois se deitou em um pedaço de terra junto a um arbusto.

Lá dentro, o médico sentou Boar em um banco de madeira e fez sinal para Ollie tirar o casaco.

Ollie se despiu cuidadosamente, se encolhendo de dor enquanto sua jaqueta escorregava pelo ombro.

O médico passou a mão pelas costas e o ombro de Ollie, depois levantou lentamente o braço do rapaz. Ele gemeu. Seu ombro parecia estar sendo esticado em uma roda de tortura, ligamentos e tendões prestes a quebrar. O médico baixou o braço de Ollie.

– *Disloqué* – murmurou, depois falou com Madeleine.

Madeleine olhou para Ollie.

– O seu ombro está deslocado. Está muito inchado, e ele acha que não terá força para recolocá-lo no lugar.

Ollie engoliu em seco e olhou para o médico frágil, os braços parecendo limpadores de canos.

– Então eu mesmo o farei.

Madeleine balançou a cabeça.

– O doutor gostaria que ele o pusesse no lugar – disse ela, apontando para Boar.

Ollie gemeu e olhou para o tenente, notando uma pontada de satisfação em seu rosto ferido.

Ollie se viu deitado no chão enquanto ouvia o médico dar instruções, traduzidas por Madeleine. A última coisa que ele

queria era que alguém lhe puxasse o braço, especialmente o Tenente de Voo Boar. Mas que escolha tinha? Não podia deixar o braço fora do lugar.

– Está bem – disse ele. – Vamos acabar com isso.

Boar sentou-se no chão ao lado de Ollie. O médico colocou as mãos de Boar no pulso de Ollie e então posicionou a bota do tenente na axila de Ollie.

Ollie sentiu o aperto suado de Boar. Seu ombro palpitou.

– No três, ianque – disse Boar, fazendo pressão.

*Ele vai arrancar meu braço*, pensou Ollie.

– Um...

Um puxão forte. Uma onda de dor. Um *plop* alto, como uma rolha explodindo de uma garrafa de champanhe.

Boar soltou seu punho.

– Maldito seja – disse Ollie, agarrando o ombro. Ele rodou cuidadosamente o braço para se certificar de que ainda funcionava. Embora mal conseguisse levantar o cotovelo, tudo parecia estar no lugar certo, e o mais importante, ele notou um alívio imediato na dor. – Obrigado.

Boar estalou os dedos.

– O prazer foi meu, ianque.

O médico tirou um rolo de gaze da sacola e fez uma tipoia para o braço de Ollie. Ele então começou a remover rapidamente o curativo de Boar, como se tivesse uma fila de pacientes esperando para serem examinados. Examinou o olho do tenente usando uma pequena lanterna, balançou a cabeça e depois sussurrou para Madeleine.

A mulher abriu a janela da cozinha e começou a limpar uma grande mesa.

– O que foi que ele disse? – O Tenente de Voo Boar perguntou.

– *Chirurgie*. – Ela olhou para o médico. – Ele precisa reparar o seu olho.

– Não – disse Boar. – Diga a ele para simplesmente me costurar.

Madeleine balançou a cabeça.

– Ele disse que você vai perder a visão se não tentar consertá-lo.

Boar pôs uma mão sobre o olho.

– Ele pode salvá-lo?

Madeleine voltou a falar com o médico. Ele olhou para Boar e disse algo em francês.

– Talvez – disse Madeleine.

– Maldição – disse Boar. – Ele está qualificado para fazer cirurgia nos olhos?

– Ele é de confiança. – Madeleine afastou as cadeiras da mesa. – Ele está arriscando sua própria vida. Os nazistas não toleram que alguém ajude o inimigo.

O tenente hesitou, depois disse:

– Muito bem.

O médico tirou um pequeno frasco marrom e gaze da bolsa e colocou-os sobre a mesa, depois começou a pegar instrumentos de metal afiados, incluindo agulha e linha cirúrgicas.

Ollie ajudou Boar a se deitar sobre a mesa. Lama seca caiu das botas do tenente e espalhou-se pelo chão de madeira. O médico virou-se para Ollie e disse algo que ele não entendeu. Mas ele logo percebeu a que o homem estava se referindo quando extraiu um pouco da mistura do frasco com um contagotas e espremeu a solução na gaze.

– Ele quer que você o ajude a administrar a anestesia – disse Madeleine, tirando um cigarro enrolado de seu bolso. Ela o acendeu com um fósforo e inalou fundo, acentuando as rugas ao redor de seus lábios.

Boar farejou.

– Posso fumar um cigarro?

Madeleine entregou-lhe o que tinha na mão.

Boar deu uma tragada profunda. A ponta brilhou. Segurou a respiração, depois soprou fumo pelo nariz.

– Não me mate, ianque. – Devolveu o cigarro a Madeleine.

– Vou deixar isso para os nazistas – disse Ollie.

– É justo – disse Boar, deitado na mesa.

O médico colocou a gaze embebida em anestésico sobre o nariz do paciente. Boar inalou. Tossiu. Depois inalou outra vez.

Em segundos, a cabeça do tenente inclinou-se para o lado, as mãos penduradas. O médico entregou a gaze a Ollie.

Madeleine sugou o cigarro e foi até a porta.

– Não vai ajudar? – Ollie perguntou. A gaze parecia fria e molhada na mão dele.

Ela pegou uma sacola de couro velha que estava pendurada em um gancho e a colocou sobre o ombro.

– Ele é seu amigo.

Ollie olhou para o piloto inconsciente. *Ele não é meu amigo.*

Ela abriu a porta.

– Louis. – O porco levantou-se e ergueu o focinho, como se estivesse cheirando o fumo do tabaco de Madeleine. Ela saiu e fechou a porta, sua voz desaparecendo enquanto conversava com o porco.

Ollie não a culpou por ter ido embora. A última coisa que ele queria ver era esse médico operar, especialmente alguém que ameaçou atirar nele. Mas não teve escolha. Ele não conseguia correr, quanto mais andar. Ollie falava apenas algumas palavras em francês. E no momento, não tinha outro lugar para se esconder. Além disso, o campo estava provavelmente cheio de nazistas à procura de um piloto da RAF desaparecido. Então, acomodou o peso na perna boa e fingiu compreender as instruções do médico.

Primeiro, o velho limpou as feridas do rosto do tenente com álcool e um pano. Depois, despejou soro em seus olhos, limpando o sangue seco e o pus.

Ollie fez uma careta e virou a cabeça. Boar começou a gemer.

– *Anesthésie* – disse o médico.

Ollie colocou a gaze no nariz do tenente até ele ficar em silêncio.

– *Assez* – disse o médico, afastando a mão de Ollie. Ele então esfregou a laceração acima do olho de Boar.

Ollie baixou a gaze para seu lado. O cheiro era ligeiramente nauseante, como o da couve cozida demais, e o fez sentir-se grogue. Ainda bem que havia uma brisa correndo pelas janelas abertas; caso contrário, ele poderia ter sucumbido. Mas o médico não parecia importar-se, como se fosse imune à anestesia.

Durante as duas horas seguintes, o médico limpou, examinou, picou, esfregou e costurou. A cada par de minutos, o tenente começava a contrair-se, fazendo o médico falar; então Ollie aplicava mais anestésico. Depois de um tempo Ollie sabia o momento certo de colocar a gaze sobre o nariz de Boar, permitindo que o médico se concentrasse em reparar o dano. Na opinião de Ollie, o olho esquerdo não estava muito ruim, apesar de inchado e muito ferido. Mas o direito era outra história. A laceração vertical tinha atravessado profundamente a sobancelha, dividindo a pálpebra e o osso da face. A maior parte do tempo do médico foi dedicada ao olho propriamente dito, manobrando delicadamente a córnea com um par de pinças.

Ollie sentiu náuseas. De repente, esqueceu-se do ombro e do tornozelo feridos.

Quando o médico terminou a última sutura, eles ouviram a aproximação de Madeleine, o som dos cascos do porco tocando o chão. Ela entrou e pendurou sua sacola, mas manteve distância da mesa; obviamente, não queria ver o que estava sendo feito.

O médico fez um curativo improvisado de algodão e gaze, depois o colocou sobre os olhos do tenente.

– Pergunte a ele como foi a cirurgia – disse Ollie a Madeleine.

Ela falou com o médico. Ele respondeu, depois limpou rapidamente seus instrumentos cirúrgicos e os jogou na sacola.

– O tempo dirá. – Ela olhou para o corpo na mesa da cozinha, depois acendeu um cigarro. – As ataduras precisam ficar nele por dez dias. – Ela inalou profundamente e lançou fumaça sobre a sala.

Ollie ajudou o médico a colocar o tenente no chão, apesar de Ollie, com o braço bom, ter feito a maior parte do esforço. O tenente permaneceu inconsciente. Por um momento Ollie se perguntou se o havia matado com uma overdose de anestesia, até que viu o peito do homem subir e descer.

O médico bateu na bota de Ollie. Percebendo que o homem queria checar seu tornozelo, o rapaz soltou o cadarço e puxou cuidadosamente o sapato. O médico apertou o tornozelo inchado

de Ollie como se estivesse verificando uma fruta madura. Ele empurrou o pé para trás, depois o girou em um círculo.

Ollie cerrou os punhos e fez uma careta.

O médico pôs o pé de Ollie no chão, levantou-se e disse algo a Madeleine.

Antes que Ollie pudesse perguntar, Madeleine disse:

– Ele acha que não está fraturado. – Ela colocou o cigarro na boca, depois apanhou uma coisa da sacola e entregou-a ao médico.

Ollie viu o médico examinar o que parecia ser um pedaço de cogumelo preto revestido de terra.

– *Merci* – disse Madeleine.

Ele cheirou o cogumelo, colocou-o no bolso do casaco e saiu.

Madeleine olhou para Ollie.

– Quando ele acordar, vocês podem se esconder no celeiro.

Ollie acenou com a cabeça, depois amarrou a bota. Ficou em pé e mancou até a mulher.

– Obrigado – disse Ollie.

Madeleine assentiu. As cinzas do cigarro dela caíram no chão.

À espera de que o tenente acordasse, Ollie buscou Duquesa no celeiro e a levou para a cozinha. Perguntou a Madeleine sobre movimentos de tropas, localizações, números e equipamentos, mas Madeleine não foi capaz de fornecer qualquer informação significativa, a não ser que a Luftwaffe estava usando um campo de aviação local.

– A Wehrmacht está em todo o lado – disse Madeleine, enrolando mais um cigarro. – Eles tomaram conta de muitas das casas da vila. Saquearam a nossa comida, e nos fazem esperar na fila para receber apenas restos. – Ela torceu as pontas do papel e enfiou o cigarro nos lábios. – Os nossos homens não voltaram do front. Ou foram mortos ou enviados para campos de prisioneiros. Aqui só há mulheres, crianças e velhos.

Ollie meneou a cabeça. Do casaco, tirou o livro de códigos, usado pelo pai de Susan na Grande Guerra. A capa estava deformada e frisada, mas as páginas estavam em condições relativamente boas por terem sido armazenadas em um pombal.

Ele o folheou, tentando compreender a sequência de códigos. Rapidamente escreveu uma mensagem e colocou-a na caixa presa à perna de Duquesa.

O pombo arrulhou.

– Boa menina, Duquesa – disse Ollie.

– O seu pombo tem nome? – Madeleine perguntou.

Ollie assentiu.

Ela tragou o cigarro.

– O meu Louis também.

Ollie olhou para a mulher.

– Louis é um bom nome para um porco. – Ela deu um sorriso largo.

– Porco Trufa.

Ollie fingiu entender o que era uma trufa fazendo um sinal com a cabeça, então mancou para fora com Duquesa enfiada na dobra de seu braço. O tenente ficaria irritado, talvez até tentasse matá-lo. Mas ele não se importava. Só queria devolver o pombo a Susan. E, a cada momento desperdiçado, ele sentia a oportunidade fugir.

– Vá para casa – disse Ollie. Duquesa inclinou a cabeça.

Ele acariciou suas costas.

– Voe alto e desvie das balas. – O pombo piscou.

Ele atirou Duquesa para o ar. Ela bateu as asas e sobrevoou o celeiro. Ela circundou o perímetro duas vezes para se orientar, como os pombos tinham feito durante a viagem a Clacton-on-Sea, depois voou para oeste. Quando a ave desapareceu de vista, ele ouviu um gemido e a tosse de Boar. O efeito da anestesia tinha acabado.



# Capítulo 28



## Epping, Inglaterra

Os sapatos de Bertie espalharam-se pelo chão desinfetado do Hospital Ely da RAF. Lentamente, ele se aproximou de Susan e pigarreou.

– Não – ele disse. – Não é Ollie.

Susan expirou.

– Tem certeza?

Ele assentiu, tirou um lenço do bolso e limpou os olhos.

– Ele usava uma aliança de casamento.

Ela engoliu em seco, depois procurou as palavras certas.

– Ele vai se recuperar?

Bertie balançou a cabeça.

Uma onda de vergonha caiu sobre ela. Ela tinha rezado, um pedido silencioso aos céus, para que a desgraça estivesse com outra pessoa. Qualquer um, menos Ollie. E seu desejo tinha sido concedido. Agora um marido, talvez até mesmo um pai, tinha sido queimado. Estava morrendo. Ela disse a si mesma que a carta do destino já tinha sido entregue e que sua oração tinha pouco a ver com quem estava deitado naquela cama de hospital. E mesmo assim queria chorar. Antes que pudesse fazê-lo, pegou no braço de Bertie e juntos saíram do hospital.

Ao chegar ao caminhão, Bertie abriu a porta do passageiro e disse:

– Minha querida, importa-se se eu dirigir?

Susan notou um cansaço nos olhos dele. Normalmente ela insistiria para conduzir. As pernas dele não precisavam de mais esforço. Mas ela não discutiu, sentindo que o avô precisava se distrair do que tinha visto no hospital. Então ela deslizou para o banco do passageiro, enfiou a saia debaixo das pernas e fechou

a porta. Através do para-brisa, viu o avô dar a volta no caminhão e entrar do lado do motorista.

A mão de Bertie tremeu quando tentou inserir a chave na ignição. A ponta de metal raspava na entrada, mas não encontrava o lugar certo.

– Parece que a chave está inchada – disse Bertie. – Como os meus joelhos. – Susan estabilizou a mão dele.

Bertie colocou a chave na ignição e ligou o motor.

– Obrigado, minha querida.

Susan deu uma última olhada no Hospital Ely da RAF e desejou não o ter feito. Dois ajudantes emergiram da lateral do prédio carregando algo embrulhado no que parecia ser um cobertor sujo. Uma mulher chorou, arrepiando os pelos do pescoço de Susan. E foi então que ela reparou na fila de carros funerários. Os membros da família que se reuniam no gramado observavam com olhos sombrios enquanto os enfermeiros colocavam o corpo em um dos carros. Pareceu a Susan que toda a ala esquerda do hospital estava sendo usada como necrotério. Suas mãos tremeram. Um hospital devia ser um lugar de esperança. Um lugar de cura. Mas não hoje. Nem amanhã. Não durante o período em que as bombas ainda estivessem caindo. Enquanto o caminhão se afastava, ela fechou os olhos e desejou nunca mais ver um hospital.

Susan não falou muito durante a viagem para casa, distraído-se ao ver Bertie trocar de marcha e manobrar o caminhão para desviar de buracos abertos na estrada. As equipes de manutenção tinham sido convocadas e agora disparavam projéteis em vez de encher buracos, e as pistas estavam rapidamente se tornando uma coleção de crateras.

Ela notou um veículo abandonado à beira do caminho, com as portas bem abertas, e pensou em Ollie.

– Onde ele pode estar? – Perguntou ela, abrindo a janela. O ar frio encheu a cabine.

Bertie suspirou.

– Talvez tenha ido para casa. – Susan olhou para ele. – Esta guerra não é dele.

– Acredita mesmo nisso?

Bertie alisou a barba.

– Algo aconteceu – disse ela. – Ele nunca nos abandonaria. – Bertie assentiu, depois ajustou as mãos no volante. Ela queria saber onde Ollie estava. Como civil ou, mais precisamente, um estrangeiro, não lhe teria sido permitido permanecer no Campo de Aviação de North Weald e seria difícil não chamar a atenção com o sotaque americano. Era como se ele tivesse desaparecido, como uma pena ao vento.

Parte dela desejava que Bertie estivesse certo. Se ele tivesse desertado e ido para casa, talvez estivesse a salvo, longe do racionamento, das bombas e da morte. Mas a parte egoísta dela o queria a seu lado. Os pombos dela tinham ido para a guerra. Londres estava sendo destruída pela Luftwaffe. Inevitavelmente, os alemães iriam invadir. Mais do que tudo, ela precisava dele. Ela ansiava pelo seu apoio e afeto. Ele lhe deu esperança. E, durante os dias mais sombrios, ele tocou seu coração.

Enquanto eles passavam por Epping, ela fechou os olhos, tentando evitar vislumbrar o hospital St. Margaret. Não suportaria a visão de outra futura mãe retirada dos destroços da Maternidade de Sprigg's Oak.

Os pneus rolavam sobre grandes barrancos. Susan pressionou a bochecha contra a janela e olhou para cima. As nuvens estavam grossas e cheias de manchas – um sinal da aproximação do inverno. Lá em cima, ela enxergou um pequeno ponto. Ela se esforçou para se concentrar. Um pássaro. O golpe único de suas asas a fez pular em seu assento. Ela rapidamente baixou o vidro.

– O que foi? – Bertie perguntou.

Susan apontou.

– Um pombo.

Ele olhou para cima através do para-brisa.

– Duquesa?

Susan enfiou a cabeça pela janela. O vento frio congelou seu rosto. O pombo estava muito alto para que suas cores fossem vistas, mas ela pensou na graça sem esforço do voo de Duquesa, e esse pombo estava batendo as asas muito rapidamente.

– Não – disse ela, empurrando o cabelo dos olhos.

– Um dos nossos? – Ele apertou os olhos.

Ela inclinou-se mais para fora da janela. O pombo virou para oeste. O coração dela acelerou.

– Acho que sim.

Bertie puxou Susan para seu lugar e pisou fundo no acelerador.

– Ali! – Susan apontou. – Está indo para casa!

Bertie reduziu a marcha e contornou uma curva. Os pneus carecas guincharam. O caminhão ganhou velocidade. O motor uivou. Os pistões bateram contra seus cilindros. O avô conduzia como um jovem piloto britânico tentando qualificar-se para um grande prêmio.

O sopro do vento desmanchou o coque de Susan. Ela empurrou os fios do rosto e lutou para ver o pombo.

Fazendo pouco esforço para diminuir a velocidade, Bertie continuou a conduzir o caminhão pela estrada de terra. O carro pulou em uma elevação e os dois quase bateram com a cabeça no teto da cabine. Só então ele recorreu ao freio. Os pneus salpicaram águas de poças, pulverizando lama no para-brisas. Bertie se irritou com os limpadores. As lâminas gastas não fizeram nada além de espalhar manchas castanhas. Era como olhar através de um aquário cheio de massa de bolo. Então eles seguiram pelo resto do caminho com as cabeças para fora das janelas laterais.

Um soldado que estava em missão na fazenda emergiu de sua tenda. Enquanto fechava o casaco, o pombo pousou rapidamente em uma árvore próxima.

Bertie freou com força, gemendo de dor nos joelhos. O caminhão deslizou até parar. Susan abriu a porta.

Outro soldado saiu da tenda, assustando o pombo, que voou para um dos pombais. A ave pousou por um momento no solar, como se para recuperar o fôlego, depois voou para dentro, acionando o alarme que havia sido instalado.

Uma campainha soou. Os soldados se agitaram e olharam para a tenda.

Susan correu para o galpão.

Um soldado enfiou a cabeça dentro da tenda. O alarme tocou.  
– Pombal número um!

Susan foi a primeira a chegar ao pombal, com uma boa vantagem sobre os soldados. Ela abriu a porta e, no alto do patamar, estava um pombo. Ele ergueu a cabeça, varrendo os cubículos vazios. O pombo piscou e depois voou para o chão. Susan pegou a ave e a colocou no colo. Ela sentiu seu pulsar contra as mãos. O pássaro arrulhou.

Os olhos de Susan se encheram de lágrimas.

– Você conseguiu.

A porta se abriu e um soldado aproximou-se dela.

– Vai precisar se afastar, senhorita – disse ele, estendendo as mãos.

Susan reparou na cápsula ligada à perna do pombo. Ela beijou o pássaro na cabeça e depois, relutantemente, entregou-o ao soldado.

O segundo soldado apareceu na entrada, seguido por Bertie, sem fôlego e pressionando as mãos nos joelhos.

Susan observou o soldado colocar o pombo no chão, depois retirar cuidadosamente a cápsula de sua perna. Ele levantou a pequena cápsula, expondo o contorno de um bilhete dentro dele. Em vez de desatarraxar a tampa, rapidamente entregou a cápsula a seu parceiro.

– Tem que sair, senhorita – disse o soldado.

Susan olhou para o pombo no chão.

– Ele precisa de comida e água.

– Termine logo com isso, depois se afaste dos pombais – ordenou o soldado.

Susan acenou com a cabeça, depois polvilhou sementes na bandeja de alimentação e reabasteceu uma tigela de água. O galpão estava limpo.

Em vez de um bando de pombos desfilando a seus pés, um pássaro solitário, que tinha viajado desde a França, bicou a bandeja de alimentação. Enquanto ela estava ao lado do barril de grãos, ouviu um zumbido vindo da tenda. Ela olhou para o pátio. Outro pombo atravessou a cortina de metal.

– Maldição – disse o soldado. Susan virou-se para Bertie.

Ele sorriu. Rugas se formaram nos cantos de seus olhos.

Susan sentou-se na varanda com o avô. Durante o resto da tarde, assistiram ao regresso de seus pombos. Na hora seguinte, um total de sete pombos regressou. Na segunda hora, doze. Na hora posterior, dezesseis. Cada vez que um pombo aparecia no horizonte, Bertie ficava de joelhos trêmulos, apontava um braço flácido e gritava:

– Lá vem outro! – Pouco depois, o pombo que regressava aterrava e entrava no galpão, acionando o alarme. O lugar zumbia como uma colmeia.

– Esses sinos fazem um belo barulho – disse Bertie.

Susan acenou com a cabeça e viu outro pombo aparecer no horizonte.

Um fluxo de veículos militares, agindo como correios, passou pela fazenda. Os soldados estacionados deram aos entregadores os recipientes, que eles trancaram em caixas de metal. Os mensageiros colocaram as caixas em seus veículos e aceleraram. Eles poderiam ter esperado para coletar mais mensagens que chegavam, mas era óbvio para Susan que os mensageiros tinham ordens para transportar as informações imediatamente após a chegada. Ela suspeitava de que as mensagens não iriam para o Campo de Aviação de North Weald. Provavelmente seguiriam para Londres, para o coração do comando militar britânico.

Ao pôr do sol, um total de 48 pombos tinha regressado. Quatrocentos e cinquenta e dois estavam desaparecidos. Antes de se preparar para a noite, Susan assistiu a um sol laranja afundar sob as bétulas. Imaginou que a Luftwaffe já estava voando, os compartimentos de seus bombardeiros com toneladas de explosivos, preparando-se para destruir o que restava de Londres. Então eles vieram. Ela rezou para que um dos pombos que regressassem pudesse fornecer alguma coisa, qualquer coisa que pudesse dar à Grã-Bretanha uma vantagem para sobreviver.

– Nós saberemos quando vocês virão, nazistas malditos – disse Bertie, abanando o punho no ar. – E estaremos prontos para vocês.

Um soldado, entregando uma pequena lata a um mensageiro, ouviu o comentário de Bertie e disse:

– Bom trabalho, senhor.

Bertie apontou para Susan.

– Agradeça à minha neta. Ela é o cérebro por trás da missão.

O soldado sorriu para ela.

– Parabéns, senhorita.

Susan forçou um sorriso. Parte dela ficou aliviada pelo fato de os pombos estarem regressando. Mas apenas uma fracção do bando tinha regressado. E Ollie e Duquesa estavam desaparecidos. Em breve as sirenes uivariam. As bombas caíam. Ela temia não voltar a vê-los.



# Capítulo 29



## Epping, Inglaterra

O ataque a Londres começou pouco depois de escurecer. Os mensageiros tinham saído assim que o fluxo de pombos que regressavam parou. Os dois soldados permaneceram encolhidos em sua tenda. Eles provavelmente encontrariam o caminho para o abrigo antibomba caseiro de Bertie se outro ataque aéreo atingisse Epping.

Susan fez o jantar com pão velho racionado. Ela o torrou, cortou em pedaços, e o misturou à última compota de miúdos de ganso, mas ainda sentia um gosto estranho, como se a farinha tivesse sido substituída por serragem. Como de costume, Bertie não se importou, e chegou a elogiá-la pelo chá fraco, que havia sido feito tantas vezes que mal tingia a água. Ela passou a noite conversando com ele sobre os pombos que voltaram, um breve período de luz no que parecia ser uma onda interminável de dias de desespero. Enquanto isso, seu coração e mente estavam em Ollie.

Com o tremor de explosões de bomba aumentando, ela lavou os pratos e, em seguida, ajudou Bertie a se instalar em sua cadeira. Ele adormeceu com os joelhos inchados apoiados em um banco. Ela o cobriu com uma colcha de retalhos, apagou a vela e foi para a cama, lutando contra o pensamento de que poderia nunca mais vê-lo subir as escadas novamente.

Susan colocou camadas de almofadas sobre a cabeça e até mesmo pegou o algodão de um frasco de aspirina de Bertie para colocar nos ouvidos, mas não conseguiu fazer cessar o barulho das explosões. O bombardeio era implacável. A Luftwaffe parecia ter aumentado seu arsenal, e o silêncio entre as explosões era menos frequente. Havia rumores de que 30.000 bombas tinham

caído sobre Londres em uma única noite. Propaganda nazista. Se fosse verdade, as fábricas alemãs estavam produzindo grandes quantidades de armamento. Seria necessário quilômetros de linhas de montagem enchendo mísseis com explosivos, isso sem mencionar o treinamento intenso dos pilotos da Luftwaffe. Afinal, qual ser humano, sem sofrer lavagem cerebral, iria conscientemente lançar bombas sobre mulheres e crianças? Ela esperava que os britânicos nunca recorressem a tais atrocidades, por mais que as coisas corressem mal.

Quando Susan rolou na cama, o algodão escorregou de sua orelha. Ela pôs a mão debaixo da almofada, à procura do chumaço que faltava, e ouviu.

*Peck.*

Ela se sentou, tirou o algodão da outra orelha e olhou pela janela. A cortina negra transformara seu quarto em um vazio sem vista, como se ela tivesse sido jogada em um tinteiro. Suas mãos tremeram. Ela esperou. Nada. Apenas o eco das bombas. *Devo estar enlouquecendo*, pensou, baixando a cabeça até o travesseiro.

*Peck.*

Seu coração saltou.

*Peck...*

Susan atirou os cobertores longe e correu para a janela.

*Peck... Peck... Peck...*

Ela puxou a cortina para trás e olhou para fora. A claridade de uma bomba iluminou o céu, lançando luz sobre as penas fluorescentes de um pombo muito querido.

– Duquesa!

O pássaro inclinou a cabeça, depois bateu no vidro com o bico.

*Peck...*

Susan lutou contra o trinco, lascando duas unhas, então abriu a janela. Outro clarão iluminou o céu. E lá estava ela. Duquesa. Empoleirada no parapeito com a cabeça inclinada, parecendo surpresa diante da demora de Susan em abrir a janela.

Susan arrancou Duquesa do parapeito e apertou o pombo contra si.

– Duquesa! Onde você esteve?

O pombo arrulhou.

– Susan – Bertie gritou. – Está tudo bem, minha querida?

Susan saiu correndo do quarto. Seu ombro bateu na parede.

Ela procurou o corrimão.

– É Duquesa! Ela voltou para casa!

– Meu Deus!

Susan desceu as escadas. Enquanto segurava Duquesa, notou a cápsula presa à perna do pombo e quase tropeçou. Enfiou Duquesa na dobra do braço, depois desceu os degraus restantes usando o corrimão. Entrou na sala de estar enegrecida e ouviu o estalar das articulações de Bertie enquanto ele se levantava da cadeira.

Bertie encontrou um fósforo, acendeu uma vela e mancou até Susan. Um brilho suave cobriu a sala.

Duquesa piscou os olhos.

– Por São Jorge – disse Bertie, esfregando os olhos. – É Duquesa. – Susan beijou o pombo na cabeça.

– Onde você esteve? – Bertie acariciou o pombo com o dedo. Susan levantou Duquesa, expondo a cápsula vermelha.

– Não acredito! – Ele olhou para Susan. – Há alguma mensagem?

– Eu não verifiquei.

Bertie levantou gentilmente a perna de Duquesa. Com a ponta dos dedos, ele soltou a banda de metal. Segurou a cápsula perto do ouvido e a sacudiu.

– Alguma coisa? – Ela acariciou Duquesa.

Ele acenou com a cabeça, depois começou a desatarraxar a tampa.

– Não devemos. – Ela tocou na mão de Bertie. – Não temos permissão. – Bertie olhou para ela.

– Este pombo é seu. Ela não fazia parte da missão. E, como parece que os nossos militares a raptaram, acho que podemos dar uma olhadela. – Ele apontou para a mesa ao lado da cadeira.

– Minha querida, pode ir buscar os meus óculos?

Susan hesitou, depois pegou os óculos.

Bertie escorregou-os em seu nariz, tirou a tampa da cápsula e virou um bilhete em sua mão. Com os dedos artríticos, cuidadosamente desenrolou o papel. Enquanto analisava a escrita, seus olhos se arregalaram.

– O que diz?

Ele respirou fundo, suspirou e entregou o papel a ela.

Susan colocou Duquesa na mesa e levantou o bilhete. Ela esperava ver algo escrito em francês, ou talvez uma tentativa de inglês. Mas não foi nada disso.

ALKFQ NPTMI HLCXP QNMVX PUTXJ GQZKE  
HIQAN SYAEF AMVXQ PLWTR OSJWL IWLNF  
QLKDF SLIEF SOEVC PLEFV AMEFL YELFP  
JSPFD SKEAF RHBVC WYGGHI OPAEF HUVQA  
URPXY QOSDM OPZQR TWNVI BZITE OPNCT  
IGBVM WPORL QBVXI OLKSE JGBMV PIXSW  
TZCOP VQWEM KWLKV YSLEK OPAVE CXPTY  
FJGLE KPQCX MBKSQ PEOJS TYAWM ZYRTP

Susan lutou para respirar. Suas pernas tremeram. Olhou para cima e viu o avô se encaminhar, mancando, até a estante.

Bertie procurou nas prateleiras. Derrubou livro após livro para o chão. A pilha cresceu. Ele parou quando chegou a uma cópia de *Rob Roy*, de Sir Walter Scott. Atrás dele, pressionado na parte de trás da estante, apanhou um pequeno livro encadernado em couro. Foi até Susan.

Ela pegou o livro, limpando uma camada de poeira de uma cópia do livro de códigos de artilharia de seu pai. Olhou para o bilhete. Códigos distorcidos. Era como se ela tivesse oito anos de idade, preparando-se para decodificar uma das mensagens brincalhonas de Bertie, que as tinha enviado do chalé em busca de um pedaço escondido de caramelo. Mas isto não era um jogo. E ela já não era uma criança. Além dela e de Bertie, só uma pessoa tinha visto o código de seu pai.

No fundo, ela sabia que havia algo terrível naquele pedaço de papel.

Sentaram-se à mesa da cozinha. Duquesa bicou um pedaço de crosta de pão, depois mergulhou o bico em uma xícara cheia de água. Susan tremeu quando abriu o livro de código.

Bertie inclinou-se sobre o ombro dela.

– Está tudo bem, minha querida.

Susan virou páginas e rabiscou o papel de carta. Depois que formou a primeira frase, parou e releu as palavras. O coração dela acelerou. Ela deixou cair o lápis.

– O que foi? – Bertie disse.

– É dele.

– Quem?

– Ollie.

Bertie se segurou na mesa.

– Pelas lágrimas de Cristo!

Susan pegou o lápis e pressionou-o contra o papel. A ponta partiu-se. Ela continuou a escrever com o pedaço quebrado em vez de perder tempo para afiá-lo. Enquanto continuava a decifrar o código, sua breve sensação de alívio se transformou em desespero. As mãos dela tremeram quando examinou a mensagem.

– Não pode ser – disse ela.

– O que diz? – Bertie perguntou.

Susan fechou o livro. Gastou um momento para reunir coragem, depois leu a mensagem para o avô.

*Susan,*

*Duquesa foi levada.*

Susan olhou para cima para ver o seu pombo vaguear pela mesa. Ela sentiu o avô colocar o braço sobre o ombro dela. Limpou os olhos e continuou a ler.

*Tentei recuperá-la, mas o campo de aviação foi atacado. O avião alçou voo comigo e Duquesa a bordo. Missão concluída. Avião abatido na França.*

As mãos dela tremeram. Ela engoliu em seco, preparando-se para ler mais.

*Atirador e copiloto mortos. O Tenente de Voo Boar e eu estamos escondidos. Wehrmacht por toda parte. Luftwaffe usando um campo de aviação próximo. Vou tentar enviar mais informações, se encontrar outro pombo.*

*Ollie*

*P.S. Os seus pombos foram corajosos. Quem dera eu estivesse ao seu lado para vê-los regressar.*

Uma gota quente rolou pela face de Susan. Ela não fez nenhum esforço para limpá-la.

– Ele está vivo, minha querida.

Duquesa deu bicadas leves em Susan.

– Ele vai conseguir voltar? – Ela acariciou Duquesa e enxugou as lágrimas.

– Ele conseguiu chegar à França. Vai conseguir retornar. – Bertie ficou em pé e espiou atrás das cortinas negras. – A Luftwaffe foi embora. Vá aos pombais e pegue algum papel das gaiolas.

Susan olhou para ele.

– Rápido, antes que os soldados acordem.

Susan vestiu seu casaco de lã de inverno, cobrindo tudo menos as franjas inferiores de sua camisola, e um par de galochas. Rastejou até um galpão e recolheu um pedaço de papel de uma gaiola vazia. Voltando para dentro, viu Bertie vasculhando um armário, procurando um apontador de lápis.

Ela entregou-lhe o papel.

Bertie colocou o papel na mesa e torceu o lápis no apontador. Lascas de madeira e pó cobriram a mesa.

– O que vai fazer?

– Reescrever a mensagem. – Ele soprou a ponta do lápis e pressionou-o contra o papel.

– Temos de entregar isso à RAF – disse Susan.

Bertie parou.

– A maldita RAF. Cretinos. Como vamos ganhar a guerra com tanta incompetência? Se não tivessem colocado Duquesa em um avião, Ollie estaria conosco agora mesmo.

As palavras de Bertie golpearam Susan. Seguiu-se uma onda de culpa.

– Eu devia ter mantido Duquesa comigo.

– A culpa não foi sua. – Ele estendeu o braço e segurou a mão dela. – Os nossos militares vão ter a sua informação. Mas eles não vão saber o que significa para você.

Susan observou Bertie cuidadosamente reescrever a mensagem, muito mais curta do que a que ela decifrou, e terminou assinando: Tenente de Voo Clyde Boar, RAF.

– Vovô!

Bertie pôs o lápis na mesa.

– O nosso Oliver do Maine já teve problemas suficientes com a RAF. Ser visto como fujão pode criar problemas quando ele voltar. – Ele apertou suas as mãos. – E *ele vai voltar*, minha querida.

Susan apertou seus dedos.

– Confie em mim – disse ele.

– Claro.

Bertie enrolou o bilhete, enfiou-o na cápsula e guardou tudo como antes.

– Vamos acordar os soldados.

Susan seguiu Bertie até o lado de fora e quase deu um encontrão, quando ele parou de repente.

– Deus nos ajude – disse ele.

As palavras dele provocaram arrepios em sua coluna. Susie olhou para o horizonte de Londres. Na bruma cinzenta da alvorada, os incêndios tinham a aparência de um sol monstruoso nascendo sobre a cidade.

Ela baixou a cabeça, lamentando ter escolhido olhar para cima, e ajudou Bertie a descer os degraus da varanda. A esta hora, o mundo estava no seu pior momento. Depois de ondas de sirenes, assobios e explosões, o súbito silêncio era enervante. Até os pássaros, atordoados com o bombardeio, atrasaram seu chilrear. Ela apertou o braço do avô e avançou.

Quando se aproximaram da tenda, um soldado saiu, fechando o casaco.

– Temos algo para você – disse Bertie.

O soldado soprou nas mãos, depois as esfregou. Bertie entregou-lhe a cápsula.

– Um pombo voltou para a nossa casa.

O soldado olhou para os fogos em Londres, depois virou-se para Bertie.

– Por que não voltou para os pombais?

Bertie encolheu os ombros.

– Onde está o pombo? – perguntou o soldado.

Susan deu um passo à frente e mostrou-lhe Duquesa. O pombo enfiou a cabeça debaixo da asa.

– Se outro pássaro voltar para casa, traga-o diretamente para nós – disse o soldado. – Entendido?

Bertie e Susan assentiram.

O soldado pôs a cápsula dentro do casaco e voltou para a tenda.

Susan embalou Duquesa e caminhou com Bertie em direção aos pombais.

– Tem a certeza que fizemos a coisa certa?

– Sim, minha querida. – Ele acariciou a cabeça de Duquesa com uma unha. – Ela deve estar com fome. Talvez você possa alimentar os pombos mais cedo hoje. Tenho certeza de que os outros ficarão felizes em vê-la.

Susan fez que sim com a cabeça e abriu a porta do galpão. O rangido da dobradiça fez os pombos vibrarem em seus cubículos. Ela atirou Duquesa para seu poleiro favorito, uma viga acima do barril de grãos.

Duquesa bateu as asas. Em vez de aterrissar no poleiro, ficou voejando pelo galpão.

Susan sentiu a brisa das asas de Duquesa em seu rosto. Quando a porta estava prestes a fechar-se, Duquesa saiu. A porta fechou-se.

Susan correu atrás dela. Olhando para cima, viu Duquesa voar sobre uma árvore de carpas.

– Duquesa! – gritou ela.

Bertie virou-se, antes mesmo de chegar ao chalé. Os soldados saíram de sua tenda.

Susan viu Duquesa sobrevoar a floresta de Epping. Quando o pombo deu a volta ao perímetro pela segunda vez, o coração de Susan parou de bater.

*Ela está se orientando, como se estivesse se preparando para voar para casa. Mas ela já está em casa!*

O pombo terminou seu movimento e voou para leste.

– Não! – Susan correu pelo pátio. Ela tropeçou e caiu, depois se esforçou para ficar em pé. – Duquesa!

O pombo continuou seu voo.

Susan caiu de joelhos. Seus músculos estavam fracos. Desamparada, ela viu Duquesa voar em direção ao Canal da Mancha, até que seu pombo desapareceu da vista.



# Capítulo 30



## Airaines, França

Ollie entrou no chalé e viu o Tenente de Voo Boar sentado no chão, tocando levemente a gaze sobre os olhos.

Madeleine, em pé ao lado de Boar, afastou o seu porco trufa enquanto ele farejava insistentemente as botas do tenente.

O ranger do peso de Ollie nas tábuas do chão fez Boar levantar a cabeça.

– O médico curou os meus olhos?

Ollie recordou o cheiro do anestésico, o médico manipulando a córnea cortada com um par de pinças. Uma secreção acastanhada agora manchava as ataduras do tenente.

– Sim – disse Ollie.

Boar exalou e depois começou a retirar a fita adesiva do curativo. Madeleine afastou a mão dele.

– Não. Dez dias.

Boar deixou cair a mão e lambeu os lábios, com uma crosta de saliva seca.

Madeleine colocou seu porco do lado de fora, depois encheu um copo com água de um jarro de cerâmica.

– Beba – disse ela, colocando o copo nos lábios de Boar.

Boar engoliu a água, derramando muito pelo seu casaco.

– Leve-o para o celeiro, depois volte – disse Madeleine. – Temos trabalho a fazer.

Ollie ajudou o tenente a levantar-se e guiou-o até o celeiro. As pernas de Boar ainda estavam fracas devido à anestesia, obrigando Ollie a suportar grande parte de seu peso. O braço de Ollie doía dentro da tipoia, não importava o quanto ele tentasse isolá-lo. O estresse adicional do peso de Boar fez seu tornozelo inchado vibrar. Ele queria desesperadamente descansar, mas

temia que um pelotão da Wehrmacht pudesse chegar a qualquer momento e vê-los ao ar livre. Então, aguentou a dor e seguiu em frente.

Chegando ao celeiro, Ollie deitou Boar no chão e limpou uma área que continha batatas moídas. O lugar cheirava a mofo e vegetais podres. Na noite anterior ele tinha prestado pouca atenção ao cheiro, distraído pela dor esmagadora no ombro deslocado, como uma asa de galinha quebrada por um açougueiro. Ele reparou que Boar, ainda tonto, não parecia importar-se com o fedor. O tenente descansou a mão sobre sua pistola, inclinou-se para trás e imediatamente adormeceu.

Enquanto Ollie voltava para a casa, viu Louis aninhado ao lado de um arbusto, a cabeça apoiada nos cascos da frente. Ollie olhou ao redor da fazenda para ter certeza de que não havia nenhum veículo se aproximando, então se abaixou e acariciou o porco na cabeça. Louis torceu a cauda e fungou.

– Pode entrar agora – disse Madeleine, em pé na porta. Ollie pensou que a mulher estivesse falando com ele, até o porco se levantar e trotar para dentro. Seus cascos batiam no assoalho.

– Ele é esperto – disse Ollie, entrando no chalé. – Nunca vi um porco *tufu* antes.

Madeleine riu e tirou um cigarro do bolso.

– Trufa.

– Trufa?

– Não sabe o que é uma trufa, sabe?

Ollie notou uma rouquidão na garganta da mulher, como se anos de fumaça sobre as cordas vocais tivessem abaixado sua voz uma oitava inteira.

– Não – disse ele.

Madeleine tragou o cigarro. A pele enrugada se esticou sobre suas bochechas murchas.

– Vou ensinar a você o que são trufas – disse ela, exalando fumo. – Mas primeiro, temos trabalho a fazer. – Ela retirou uma caixa de ferramentas de madeira de um armário sem porta, escondida por cortinas feitas de um saco rústico. Colocou a caixa sobre o balcão, pegou um martelo e uma pequena barra. – Mova a mesa.

Ollie deslizou a mesa para o lado da sala. Seu ombro doeu.

– Tire as tábuas. – Madeleine bateu com o pé no chão. – Mas não machuque a madeira.

Ollie olhou para ela, e de repente percebeu o que estavam prestes a fazer.

– Tem certeza de que quer fazer isso?

Madeleine tragou profundamente o cigarro, depois exalou.

– A Wehrmacht vai passar por aqui. Um de seus oficiais costuma vir buscar minhas trufas. – Ela arranhou o porco atrás das orelhas. – Eles iriam encontrar vocês dois se revistassem o celeiro.

Ollie pegou no martelo e na barra, depois hesitou.

– Se ficarmos no celeiro e formos apanhados, você poderia fingir que não sabia que estávamos lá.

– Não importaria. Eles atirariam em mim de qualquer maneira. Quando os alemães invadiram, havia soldados britânicos que não conseguiram sair de Dunkirk. Eles se esconderam em porões, galpões e celeiros. Muitos foram capturados. Os residentes franceses foram alvejados, independentemente de saberem que os soldados estavam lá. – As cinzas caíram de seu cigarro. – Os nazistas não toleram os que estão na companhia do seu inimigo.

A culpa inundou a cabeça de Ollie. Ele detestava a ideia de colocar aquela mulher em risco. Porém, considerando sua condição física, não tinha muita escolha.

Ela o encarou. Bolsas escuras jaziam embaixo de seus olhos.

– Os nazistas saquearam o nosso país. Eles mataram a maioria dos nossos soldados, e os que tiveram a sorte de serem capturados, foram enviados para campos de prisioneiros. Estamos famintos, esperando em filas intermináveis por pedaços de pão enquanto eles comem a nossa carne e bebem o nosso vinho. Até a nossa polícia se tornou covarde, preferindo colaborar com eles a lutar. – Ela pôs o cigarro em um cinzeiro de barro e tirou outro do bolso. – As bandeiras nazistas tremulam em nossas ruas, até nas escolas.

Ollie ajustou a tipoia em volta do pescoço. O ar ficou espesso. Ele não podia imaginar o que Madeleine estava sofrendo. Uma

prisioneira em seu próprio país.

Madeleine arregaçou as mangas do suéter, expondo os punhos ossudos, e acendeu o cigarro.

– Você me lembra dos meus gêmeos, Marius e Marcel.

– Como assim? – Ollie perguntou.

– Comprometidos a lutarem por uma crença, apesar da dificuldade. – A fumaça que se erguia do cigarro se espalhou pelo teto. – Eram bons rapazes.

Ollie afastou as ferramentas e sentou-se ao lado de Madeleine.

– Marius gostava de ler e sonhava em se tornar professor. Estes são os livros dele – disse ela, apontando para uma estante.

Ollie olhou para as fileiras de livros, que destoava do chalé rústico, como porcelana fina em uma mesa de piquenique.

– Não se surpreenda – disse Madeleine.

– Não me surpreendi.

Ela bateu levemente em sua mão.

– Não minta.

– Bem, talvez um pouco.

A mulher sorriu.

– Minha família era bem-educada. Mas escolhemos uma vida mais simples. – Ela ficou em pé e apanhou um retrato na estante.

– Marcel queria ser um caçador de trufas como Guillaume, seu pai. Estes eram os meus rapazes – disse ela, entregando a foto a Ollie.

Ollie olhou para a foto de dois rapazes com uniformes de escola bem passados. Os gêmeos idênticos eram imagens espelhadas um do outro. Em pé ao lado dos rapazes estava um homem e uma mulher.

– É você, Madeleine?

– Sim. – Ela escondeu uma mecha de cabelo grisalho atrás da orelha. – Eu já fui bonita.

– Continua adorável – disse Ollie.

– Que rapaz gentil – disse ela, olhando para a foto. – Lamento ter poucas fotos para mostrar. Eram bonitos, fortes e, acima de tudo, cavalheiros. – Ela fechou os olhos. – Marius e Marcel foram mortos no campo de batalha.

– Lamento demais – disse Ollie, com o coração apertado.

Ela assentiu, devolveu a foto ao seu lugar na estante e então se sentou.

– Os meus filhos nasceram no mesmo dia, morreram no mesmo dia. Juntos. – Ela deu uma tragada no cigarro e olhou para as unhas, manchadas de nicotina. – Foi difícil seguir em frente, especialmente para Guillaume. Ele teria ido para a guerra, se eu tivesse deixado, apesar de ser velho demais para lutar.

Ollie reparou em um chapéu de homem pendurado no cabide perto da porta da frente.

– É de Guillaume – disse Madeleine.

– Onde está ele? – Ollie perguntou.

Ela respirou fundo e exalou.

– Guillaume estava entregando trufas em Arras quando os alemães invadiram. Ele não voltou para casa.

Ollie notou um brilho nos olhos da mulher. As linhas em seu rosto pareceram mais profundas.

– O meu coração ainda acredita que Guillaume um dia entrará por aquela porta. Mas minha cabeça pensa o contrário. – Ela tossiu, depois limpou os olhos com a palma da mão. – Há um rumor de que centenas de homens da Resistência Francesa foram executados em Arras. Apesar de ser um velho, temo que meu marido tenha tentado lutar.

Louis ficou em pé e caminhou para o lado de Madeleine. O porco deu uma cutucada em sua perna. Ela coçou atrás de sua orelha.

– Até Guillaume chegar, vamos caçar trufas. Certo, Louis?

O porco grunhiu.

Ela fungou, limpou o nariz com a manga e mudou de assunto.

– Então, Ollie, por que um americano estaria em um avião da RAF? Os Estados Unidos entraram na guerra?

– Até onde sei, os Estados Unidos planejam permanecer neutros – ele respondeu.

– Então como você veio parar aqui?

– É uma longa história.

– Tenho tempo. – Madeleine bateu no chão com o salto do sapato. – Pode me contar enquanto verifica as tábuas.

Ollie ajoelhou-se e começou a trabalhar no assoalho, mas rapidamente percebeu que seria difícil extrair pregos usando apenas um braço. Na verdade, era quase impossível deslizar o pé de cabra por baixo das cabeças dos pregos. Cortar pedaços de madeira poderia expor os pregos, mas martelar as tábuas não era uma opção. Então Madeleine ajudou, segurando as tábuas no lugar enquanto ele batia com o martelo. Funcionou. Embora de maneira lenta e entediante, o pé de cabra se prendeu embaixo da cabeça do prego. Ele avançou, fazendo a tábua ranger. Tentou manter um lado do corpo firme, mas não adiantou. A dor estendeu-se para dentro da cavidade do ombro. Ele conseguiu soltar dois pregos antes de precisar fazer uma pausa.

– Doeu? – Madeleine perguntou.

Ollie assentiu e encostou-se à parede. Ele estava suando, apesar de a temperatura no chalé ser baixa o suficiente para refrigerar carne.

O som de um automóvel fez Madeleine olhar pela janela. Ela apertou o cabo do pé de cabra. O zumbido do motor desvaneceu-se à medida que o veículo passou.

– É melhor acabarmos logo – disse Ollie, pegando o martelo. A tarde toda eles trabalharam na remoção de tábuas do assoalho. Para se distrair das dores que se irradiavam no ombro, ele contou a Madeleine sobre sua família, a viagem para a Grã-Bretanha, e o sonho de voar para a RAF, só para acabar trabalhando em uma missão para o Serviço Nacional de Pombos. Mas acima de tudo ele falou sobre Susan, e, pela primeira vez desde que despencara na França ocupada pelos nazistas, ele não notou a dor.

– Os pombos são inteligentes, assim como Louis – disse Ollie, colocando uma tábua de lado. – Susan é uma adestradora notável. Ela vai nos ajudar a vencer a guerra.

Madeleine sorriu e ajustou o cigarro na boca.

Ollie removeu a última tábua, fazendo uma abertura de noventa centímetros de diâmetro, grande o suficiente para rastejar para dentro. Ele enfiou a cabeça no buraco. O chão era de terra. Havia teias de aranha. Cheiro de terra e de ar estagnado. O chalé, ou pelo menos a área sob a cozinha, tinha

sido construído sem porão. Era uma simples fundação de paralelepípedos. Não havia mais do que dois metros de espaço entre a terra e as tábuas.

Com pedaços de lona que Madeleine trouxe de um galpão, Ollie alinhou o chão do espaço. Ele substituiu as tábuas, como peças de um quebra-cabeça, e notou os buracos visíveis deixados pelos pregos que faltavam. Então, removeu as cabeças dos pregos com um par de tesouras grossas de podar, depois as colou sobre os buracos usando uma pasta que eles fizeram com farinha e água. Levou o dia todo. Com exceção de alguns arranhões, as tábuas soltas ficaram quase imperceptíveis.

Enquanto Ollie admirava o trabalho, ouviu um chiado. Cheiro de cebola salteada. Sua boca se encheu de água. Foi até Madeleine, que estava mexendo em uma frigideira de ferro com uma colher de pau, num fogão a lenha.

Madeleine jogou lá dentro um punhado de cenouras flácidas, incluindo seus talos murchos.

– Com fome?

– Sim – disse Ollie. O aroma das cebolas caramelizadas era intoxicante. Ele não se lembrava da última vez que comera.

– Vá buscar seu amigo – disse ela, apontando com a colher.

Ollie encontrou o tenente tal como o tinha deixado. Dormindo. Foi preciso várias tentativas para acordá-lo, e ele teve de recorrer ao pontapé nas botas.

Boar sentou-se lentamente e esfregou o rosto.

– Quanto tempo eu dormi?

– O dia todo – disse Ollie.

– Você exagerou na anestesia, ianque. – Ele respirou fundo.

Ollie deu ao tenente um momento para se levantar, depois o conduziu até o chalé, onde Madeleine estava distribuindo vegetais cozidos em um prato. Ele ajudou Boar a se sentar em uma cadeira enquanto Madeleine punha a mesa. Um aroma amanteigado de vegetais no vapor encheu o nariz de Ollie. Sua barriga roncou.

Madeleine colocou um garfo na mão do tenente.

Boar cegamente procurava em seu prato, os dentes de metal batendo contra a cerâmica. Depois de espetar um pedaço de

cenoura, enfiou-o na boca, mastigou-o e se engasgou. Ele cuspiu a comida na palma da mão e a colocou na lateral do prato.

– Leve-me de volta ao celeiro, Ianque. – Boar baixou a cabeça na direção da mesa. – Preciso descansar.

– Nós vamos dormir aqui dentro – disse Ollie, levantando-se da mesa.

Ollie removeu as tábuas do chão e ajudou Boar a entrar no buraco. O tenente entrou, como um urso que penetrava em uma caverna para hibernar.

Quando Ollie voltou à mesa, Madeleine inclinou-se sobre o prato dele e esfregou algo em um ralador. A neve negra salpicou sua refeição.

– Talvez precise de alguma coisa mais – disse Madeleine.

– Trufas?

Ela assentiu.

Ollie não sabia se eram as trufas, ou se era por não ter comido nos últimos dois dias, mas a refeição simples de cebolas e cenouras refogadas foi extraordinária. A trufa, embora feia como uma batata mirrada, deu um leve sabor de alho e terra à comida. Foi uma das melhores refeições de que ele se lembrava. A última vez que provou algo tão bom foi quando comeu a sopa de Susan, temperada com moluscos que o fizeram correr para o banheiro. Ele sentiu um puxão nos cantos da boca e percebeu que estava sorrindo.

– Gostou? – Madeleine perguntou.

– Sim – disse Ollie. Ele comeu a comida e depois tomou um copo de água fria. Olhou para o porco, dormindo no canto da sala. – Bom trabalho, Louis.

O porco mexeu as orelhas, mas continuou dormindo. Madeleine sorriu e continuou sua refeição.

Ollie fez companhia a Madeleine até ela acabar de comer, percebendo quão rude havia sido ao devorar sua comida tão rapidamente. Ele a ajudou a tirar a mesa, depois levou Louis ao celeiro para passar a noite. Ficou surpreso ao ver que o porco o seguia, mas o animal obviamente sabia que era hora do jantar. A pedido de Madeleine, atirou um punhado de batatas no comedouro de Louis. As batatas, se é que se podia chamar

assim, estavam em mau estado: pretas, moídas, cobertas de musgos e com larvas. Era inquestionável que estavam estragadas. Não podiam ser comidas. Mas Ollie rapidamente descobriu que Louis não era um conhecedor de tubérculos. O porco comeu as batatas, com larvas e tudo, e depois se deitou de lado para descansar. Ollie olhou para o bebedouro vazio e perguntou o que o inverno que se aproximava faria aos franceses. *Eles passarão fome? Vão comer batatas podres? Larvas? Ou pior?* Ele sacudiu o pensamento da mente e deixou o celeiro.

Quando voltou, Madeleine tinha acendido uma vela e fechado as cortinas. Ela colocou dois cobertores de lã esfarrapados no esconderijo. Ollie entrou no buraco do chão, com cuidado para não pisar no tenente adormecido. Ele se deitou, sentindo-se grato por ter um pedaço de lona debaixo das costas, e viu Madeleine colocar as tábuas sobre eles. Tábua a tábua, o buraco por cima dele diminuiu.

Ele olhou para cima através da fenda no chão.

– Madeleine – disse ele.

– *Oui?*

– Obrigado.

A mulher assentiu. Baixou a última tábua e selou o buraco.

Tudo ficou escuro. A madeira rangeu enquanto Madeleine deslizava a mesa por cima dele. Os passos dela ficaram mais distantes. Então, silêncio. Se não fossem os roncos de um tenente da RAF, ele teria acreditado que estava preso em um caixão.

Ollie fez uma bola com o cobertor e a usou para elevar o braço. Tentou dormir, mas não conseguiu descansar, apesar da exaustão. Não era por causa da dor constante no ombro e do latejar do tornozelo cada vez que mexia os dedos dos pés. Era o arrependimento. Sua mente estava repleta de erros e oportunidades perdidas. *Por que deixei Epping? Como pude ficar preso em um Blenheim? Voltarei a ver Susan? Por que eu não disse mais nada?*

Ele pensou em Susan. A ressonância encantadora de sua voz. A forma como seu cabelo loiro-areia assentava

graciosamente em seus ombros. O aroma sutil de lavanda de seu perfume. A maneira como a pele dele formigava quando ela se inclinava sobre ele para servir o chá. A silhueta de suas mãos delicadas, iluminada à luz de velas, enquanto ela tricotava um suéter para Bertie. Seu desejo de salvar a Grã-Bretanha e a crença de que os pombos podiam ganhar a guerra. Ele a adorava. Tinha saudade dela. *Deus, queria que as coisas pudessem ter sido diferentes*, pensou ele.

O tempo estava se esgotando. Um dia, talvez uma semana. Ele não podia viver debaixo do assoalho para sempre. Teriam de sair, e, quando o fizessem, os nazistas acabariam por encontrá-los. Não havia futuro. Só o passado e o presente. Então ele passou a noite revivendo seu breve tempo com Susan, uma e outra vez, até que não conseguiu mais manter os olhos abertos.



# Capítulo 31



Airaines, França

As cócegas no pescoço de Ollie o fizeram se mexer. Ele respirou fundo, sentindo o cheiro de solo úmido e madeira velha. Abriu os olhos, mas tudo ficou preto. *É noite?*

*É dia?*

Algo passou por sua clavícula. Sonolento, chegou a coçar debaixo do colarinho e tocou em alguma coisa. Longa. Fina. Cabeluda. A adrenalina correu por seu corpo. Ele tentou agarrá-la, mas o que quer que fosse, entrou rapidamente embaixo de sua camisa. Ele se sacudiu, batendo a cabeça em uma viga do chão.

– Cristo, iaque! – Boar disse, acordando. – O que diabos você está fazendo?

– Inseto – disse Ollie, procurando em sua camisa. Boar deu um pontapé na perna de Ollie. – Volte a dormir.

O inseto correu para a axila de Ollie. Tremores na coluna. Centenas, talvez milhares, de pernas peludas rastejaram sobre sua pele. Uma centopeia? Ele deslizou a mão debaixo do braço, mordeu o lábio para proteger a dor que agora estava flamejando para dentro do seu ombro e puxou o intruso para fora, que se contorcia como um verme prestes a ser colocado em um anzol de pesca. Os insetos, especialmente aqueles que ele não conseguia ver, davam-lhe arrepios.

Ele o jogou para o lado e imediatamente percebeu que tinha jogado na direção errada quando ouviu algo que parecia com o tenente tendo uma convulsão.

– Maldito! – Boar limpou o uniforme como se estivesse cercado de abelhas.

Ollie o ouviu tirar alguma coisa de sua roupa, o barulho suave do inseto aterrissando em algum lugar nas entranhas do espaço abaixo do assoalho.

Boar deu um pontapé na canela de Ollie.

– Eu devia ter atirado em você quando estávamos no campo.

Ollie deu uma cotovelada nas costelas do tenente.

– Você só tem a mim.

– É disso que tenho medo.

Ollie temeu que o tenente sacasse a pistola ou, pelo menos, o desse outro murro. Afinal de contas, o anestésico tinha desaparecido. Apesar do estado de seus olhos, Boar estava em melhor forma física. Ollie, por outro lado, estava fraco. No confinamento apertado do espaço onde estavam, o tenente podia tê-lo espancado se quisesse. A única coisa que deteve Boar, acreditava Ollie, foi o fato de ele não conseguir ver. E o fato de talvez o tenente precisar dele temporariamente. Infelizmente, considerando a falta de treinamento militar de Ollie ou de conhecimento das rotas de fuga, ele também precisava do tenente. Quando a dor em sua canela diminuiu, ele subitamente percebeu que Boar poderia não ser o destemido piloto da RAF que ele pensava que era. Afinal, o homem tinha mais medo de insetos do que ele pensava, o que fez Ollie rir.

– O que é tão engraçado? – Boar perguntou.

– Você. – Ollie deu outra gargalhada.

– Você é um maldito lunático, ianque.

O riso de Ollie desapareceu, e ele de repente percebeu que, se não fosse por suas escolhas – ou, mais precisamente, por inúmeros erros de julgamento –, poderia estar acordando em um país neutro. Em vez disso, estava dormindo em um buraco na França ocupada pelos alemães, na companhia de um tenente mal-humorado.

– Talvez você tenha razão – disse ele. Ollie ouviu o ranger de madeira do arrastar da mesa. Um momento depois, Madeleine removeu as tábuas. A luz do sol inundou o buraco. Ele apertou os olhos e os protegeu da claridade.

– Estão falando muito alto – disse Madeleine. – Querem que a Wehrmacht os encontre?

Quando os olhos de Ollie se ajustaram, ele viu o focinho rosa de Louis. As narinas do porco torceram-se quando ele cheirou o buraco. Ollie estendeu a mão e acariciou o queixo do animal.

Louis grunhiu.

– Que horas são? – Ollie perguntou.

– É de manhã – disse Madeleine. Ela pegou um fósforo e acendeu um cigarro.

Ollie rastejou para fora do buraco, depois ajustou cuidadosamente a tipoia que segurava seu braço. Esfregou os dedos, que estavam frios pela falta de circulação.

Boar ficou em pé, depois se sentou no chão, com as pernas balançando no espaço abaixo. Esfregou o curativo no olho e farejou.

– Tem outro cigarro?

Madeleine soprou, abriu as narinas e depois deu o cigarro a Boar.

Ollie sentou-se pacientemente enquanto Madeleine e o tenente fumavam, passando o cigarro um para o outro até que uma fina névoa encheu o chalé. O tempo todo, ele coçava Louis atrás das orelhas.

Madeleine descansou o cigarro em um cinzeiro de barro, cheio de restos de papel enrolado a mão. Foi para a cozinha e preparou pão cinzento e café amarelado.

Sentado à mesa, Ollie mordeu o pão endurecido e sentiu estalar um dente. Olhou para Boar, mordendo seu pedaço de crosta, como um cão mastigando couro cru.

– *Tremper.* – Madeleine balançou a cabeça, depois mergulhou o pão no café.

Ollie seguiu o exemplo e afundou seu pão na mistura amarela, um café feito a partir do que ele acreditava ser cevada torrada.

O pão amoleceu muito bem, mas tinha gosto de palha moída. Ele lavou-o com o café, poluído com pedaços de matéria cinzenta. Apesar do sabor e textura do pão, era bom ter algo quente na barriga. Dormir no chão tinha baixado a temperatura de seu corpo. Sentiu-se como um réptil que precisava desesperadamente do sol.

– Bem – disse Madeleine, acendendo outro cigarro. – O que vamos fazer com vocês?

– Assim que eu puder enxergar, vamos embora – disse Boar. Ele bebeu o café e depois pôs o copo na mesa. – Enquanto isso, vamos avisar a RAF onde estamos, acreditando que o maldito pássaro pode atravessar o Canal da Mancha.

Ollie olhou para cima do seu copo vazio e viu que Madeleine o encarava. Sua mente acelerou. *Duquesa tinha chegado à casa de Susan? Boar me mataria por ter libertado o pombo?* Ollie se segurou na mesa e disse:

– Sobre o pombo...

– Quer mais café, tenente de voo? – Madeleine interrompeu.

Boar assentiu.

Ollie apreciou a tentativa de Madeleine de atrasar a notícia da libertação de Duquesa. Mais cedo ou mais tarde, porém, ele teria de dizer ao tenente. Quando o fizesse, provavelmente teria o inferno para pagar.

– Para onde vocês vão? – Madeleine perguntou, enchendo o copo de Boar. Ela colocou o bule no centro da mesa. O vapor saiu do bico.

– Eu vou descobrir. – Boar bebeu seu café.

Ollie olhou para o tenente. No ar, o oficial era sem dúvida um piloto destemido. Mas agora ele estava preso, sem uma esquadrilha para liderar a batalha e, no momento, cego. Estranhamente, o piloto espancado parecia tímido e inofensivo, como uma cobra com as presas cortadas.

– A única área desocupada é a *zona livre*, bem ao sul – disse Madeleine. – A menos que você planeje roubar um avião ou nadar no Canal da Mancha.

– Então, vamos para a *zona livre* – disse Ollie.

Boar esfregou a borda do copo com o polegar.

– Quem vai nos ajudar a chegar lá? O exército francês? – Ele encarou Ollie. – Caso você não tenha ouvido, eles foram dizimados.

Ollie olhou para Madeleine. Os ombros da mulher caíram. Os olhos dela ficaram brilhantes. O rosto de Ollie esquentou. Sem pensar, ele agarrou o colarinho do casaco do tenente.

Boar tentou se desvencilhar, mas o aperto de Ollie manteve-se firme.

– Madeleine perdeu seus filhos nesta guerra. – Ollie afrouxou o punho, depois baixou a mão. – E o marido dela está desaparecido desde a invasão.

Boar endireitou o casaco e olhou na direção de Madeleine.

– Se eu soubesse, Madeleine, não teria feito essa observação. – Ele segurou o coldre da pistola. – Encoste em mim de novo, ianque, e vai desejar que os nazistas tivessem te encontrado.

– Chega. – Madeleine tragou seu cigarro e soprou fumaça sobre a mesa, criando uma barreira de nuvens entre Ollie e o tenente. – Temos muito o que fazer, se vocês quiserem alguma chance de voltar para casa.

– Madeleine – disse Boar –, com todo o respeito, há poucas probabilidades de voltarmos para a Grã-Bretanha. Quando meus olhos estiverem curados, pretendo usar minhas balas na Wehrmacht, claro, se não as usá-las neste ianque.

– Você será mais útil como piloto para combater a Luftwaffe. Sim?

– Talvez. – Boar bebeu o último gole de seu café e olhou em direção a Madeleine. – Meus sentimentos.

– *Merci* – disse ela.

As palavras de Boar surpreenderam Ollie. Ele acreditava que o piloto era um maldito insensível e se perguntava se o ferimento havia revelado temporariamente um traço de consciência humana, enterrado sob grossas camadas de calos de guerra.

Madeleine pigarreou, depois pôs o cigarro na mão de Boar.

Enquanto Madeleine e o tenente partilhavam outro cigarro, Louis trotou para a porta. Ele farejou e arranhou os cascos no chão. Madeleine começou a levantar-se e parou quando Ollie colocou a mão no ombro dela.

– Vou deixá-lo sair – disse Ollie. – Obrigado pelo café da manhã. – Madeleine sorriu.

Ollie estava ansioso por passar um breve momento do lado de fora. Afinal de contas, parecia bastante claro que passaria os próximos dias, pelo menos até que seu corpo se recuperasse,

respirando ar estagnado embaixo do assoalho e tabaco queimado. Quando ele abriu a porta, um pássaro disparou sobre sua cabeça. Ele se abaixou. O porco guinchou. O tenente saltou e sacou a pistola.

Ollie olhou para cima e viu o pássaro bater as asas até pousar sobre o balcão.

– Que diabos é aquilo? – Boar disse, agarrando-se à arma.

– Um pombo – disse Madeleine, colocando uma mão no braço de Boar.

Boar expirou com força e depois devolveu a pistola a seu coldre.

– Mantenha o maldito pássaro fechado na gaiola, ianque.

No início, Ollie pensou que seus olhos o tinham enganado. *Não pode ser Duquesa. Mandei-a para casa. Ela voou para longe.*

O pássaro ergueu a cabeça, e em seguida agitou as penas luminescentes. Ollie pegou Duquesa no balcão.

O pombo arrulhou.

A primeira coisa que Ollie notou foi que as penas dela estavam frias.

Então ele reparou que sua cápsula tinha sumido.



# Capítulo 32



## Epping, Inglaterra

Susan examinou o galpão. Cubículos vazios. Dos 500 pombos soltos sobre a França, apenas 104 tinham regressado, um em cada cinco. E apenas dois tinham regressado aquela manhã. Nada de Duquesa. *Por que é que ela tinha ido embora? Tinha sido atingida por um míssil?* No fundo, Susan também desejava poder voar para longe. Ir para um lugar seguro. Uma terra onde a comida era abundante e não era adquirida através de contas em um livro de racionamento. Um lugar sem sirenes e bombas. Mas ela não podia deixar Bertie, seus pombos e a crença de que Ollie um dia viria para casa.

Ela colocou a mão no bolso do casaco e tirou o bilhete. Tinha lido o papel inúmeras vezes, cada uma com um pouco de culpa no peito. Ollie tinha sido uma vítima da Operação Columba, sucumbindo como um dos seus pombos na guerra.

Ela colocou o bilhete de volta no bolso, cuidou dos pombais principais e entrou. Viu Bertie, com o rosto pálido, desligando o telefone.

– O que houve?

– Fiz chá para você – disse Bertie, esquivando-se à pergunta. Sentou-se à mesa da cozinha e bateu na cadeira ao lado dele.

Ela se sentou. Uma onda de ansiedade aqueceu sua pele.

– Quem era?

Ele lhe passou uma xícara cheia.

– Serviço Nacional de Pombos. Pediram mais quinhentos.

– Quando?

– Em uma semana.

Susan balançou a cabeça.

– Só temos trezentos prontos.

– Teremos de preparar mais. – Bertie suspirou. – E se for necessário, usamos os que acabaram de chegar.

– Não há tempo suficiente.

– Não temos escolha, minha querida.

– Diga para tentarem outra fazenda.

– Susan – disse Bertie –, os militares pediram especificamente os nossos pombos.

Ela apertou a xícara. O chá morno derramou-se sobre seus dedos.

– Por quê?

– Devem ter conseguido algo importante; caso contrário, teriam simplesmente requisitado pombos da próxima fazenda da lista. – Bertie sorriu. – Eles estão trabalhando bem, minha querida. Os nossos pombos estão trazendo informações relevantes da França. E estão informando bem os nossos militares sobre as áreas para onde Hitler está levando suas forças.

Susan tentou sorrir, mas já tinha perdido demais. Era o que ela queria, que a Operação Columba fosse um sucesso. Mas não às custas de Ollie. Ela levantou-se da cadeira.

– Aonde vai? – Bertie perguntou.

Ela apanhou o casaco.

– Tenho quinhentos pombos para preparar.

– Eu vou ajudar. – Bertie ficou em pé, mancou em direção à porta e pegou o casaco.

O ruído dos joelhos de Bertie fez Susan parar.

– Devia descansar.

– Vou descansar muito quando derrotarmos o bárbaro *Führer* alemão – disse Bertie. – Até lá, serei ainda mais implacável que a sua Luftwaffe.

Susan pegou no braço do avô e os dois se dirigiram aos pombais. Começaram a recolher pombos em cestos para se prepararem para um voo de treino. Enquanto colocava cestos na carroceria do caminhão, ela notou seu avô mancar para um dos soldados, em pé do lado de fora da tenda, fumando um cigarro.

– Pode nos ajudar? – Bertie perguntou.

– Temos as nossas obrigações, senhor. E vocês têm as suas.  
– O soldado acendeu o cigarro e voltou para sua tenda.

– Cretino – disse Bertie, voltando-se para Susan. – Eles acampam na nossa terra e até comem a nossa comida, mas não levantam um dedo para nos ajudar.

Susan reparou que as bochechas de Bertie ficaram vermelhas.

– Obrigações, o meu rabo – disse Bertie. – Sentam-se na tenda, à espera de que os malditos sinos soem. Ouça o que eu digo, minha querida. Na Grande Guerra, os nossos militares não eram tão preguiçosos.

Susan viu Bertie apanhar um cesto e mancar até o caminhão. O fato de os soldados estarem sentados dentro da tenda, provavelmente jogando cartas ou dormindo, a deixou furiosa. Um velho que mal conseguia andar estava trabalhando duro debaixo dos seus narizes. E eles não faziam nada. Então, antes que perdesse a coragem, ela marchou para a tenda e abriu a porta de tela.

Um soldado que estava lendo uma revista a fechou. Seu camarada que dormia na cama despertou de repente.

– Levantem esses traseiros! – A pulsação de Susan bateu em seus ouvidos.

Os homens ficaram vermelhos como se uma mulher os tivesse apanhado no banho.

– Venham aqui fora nos ajudar! – Ela apontou. – Caso contrário, vou telefonar para o seu comandante e informar que passam o dia todo dormindo ao invés de trabalhar.

O soldado que estava lendo a revista disse:

– Você não faria isso.

– Sim, eu vou. – Susan pôs as mãos nas ancas. – Ou prefere que eu faça uma chamada para o Vice-Marechal do Ar Keith Park?

As mandíbulas dos soldados se abriram. Olharam um para o outro, e depois correram para fora.

Bertie, carregando um cesto de pombos, parou e sorriu. Ele viu os soldados pegarem cestos e caminharem em direção ao caminhão.

– Muito bom – disse ele, ao aproximar-se de Susan.  
– Não acredito que fiz isso. – Ela respirou fundo, tentando acalmar seu coração acelerado.  
– Usar o nome foi um belo truque, algo que eu deveria ter feito. Mas acho que foi o seu discurso que fez os sujeitos se mexerem.

Os ombros de Susan relaxaram.

– Ouvi a vovó falar assim uma ou duas vezes.  
– Sempre funcionava comigo. – Ele sorriu para Susan e voltou ao trabalho. – Mexa esse traseiro – ele riu sozinho.

Durante o resto da manhã, ela e Bertie colocaram pombos em cestas, enquanto os soldados, ocasionalmente xingando baixinho, guardaram tudo no caminhão. Enquanto a linha de montagem funcionava eficientemente, Susan sabia que os treinos seriam a menor de suas preocupações. O grande problema era a cota de 500 pombos. Dentro dos pombais, ela selecionou todos os pássaros que eram crescidos e fortes o suficiente para voarem sobre o Canal, apesar de muitos deles terem recebido pouco treinamento. Assim, para assegurar sua orientação na pista de treino, ela misturou a eles cerca de trinta aves veteranas, fatigadas do regresso da França. Quando terminou, os pombais ficaram sem nada além de filhotes e mães que chocavam ovos.

Ela insistiu que Bertie ficasse em casa para vigiar a volta dos pombos. Ele argumentou, mas finalmente cedeu quando ela apontou que os soldados, sentados dentro de sua tenda, estavam agora de mau humor e que alguém devia ficar e garantir que as coisas corresse bem. Antes de sair, ele lhe fez um almoço, um pedaço de pão torrado para disfarçar que era velho e um pouco de queijo. Enquanto se afastava, Susan notou Bertie sentado na varanda à espera de que outro pombo surgisse no horizonte.

A viagem por Essex foi tranquila; havia poucos carros e menos gente na estrada. Parecia que toda a Inglaterra estava hibernando, preparando-se para um longo inverno ou outra rodada de bombardeios. Finalmente, ela chegou a Clacton-on-Sea. À beira da estrada, notou três membros da Guarda

Nacional, voluntários muito velhos ou fisicamente incapazes de se alistar, arrancando uma placa de sinalização. Seus casacos cobriam a maior parte de seus uniformes, mas eram facilmente reconhecíveis pelos quepes militares verde-oliva. Suas armas – uma variedade de velhos rifles de caça – estavam apoiadas como madeira no tronco de uma árvore. Ela reduziu a marcha até parar e baixou o vidro.

– O que estão fazendo? – Susan perguntou.

Um homem de pele fina e cinzenta com papadas inchadas, como um esquilo escondendo nozes, deixou cair a pá e parou ao lado do caminhão.

– Preparando tudo para a invasão.

Os nós dos dedos de Susan ficaram brancos quando ela agarrou o volante.

O homem ajeitou o quepe e colocou as mãos, cobertas de terra, na porta.

– Qual é o seu trabalho?

– Serviço Nacional de Pombos. – Ela hesitou, então pegou um crachá da organização, uma medalha metálica que ela preferia guardar dentro da bolsa em vez de usar na lapela, e entregou a ele.

Ele olhou para o distintivo, depois para os pombos na parte de trás do caminhão.

Susan reparou que os olhos do homem se abrandaram.

– Meu filho, Andrew, quando era pequeno, adorava alimentar pombos no parque. – Ele pigarreou e devolveu o crachá. – Ele gostava de dar a eles a casca de seus sanduíches.

Susan sorriu e colocou o crachá de volta na bolsa.

O homem exalou, seu hálito formando uma névoa no ar frio.

– Andrew não voltou de Calais.

As palavras dele a surpreenderam. Mas Susan sabia, pelo que ela e Bertie haviam lido nos jornais, que alguns milhares de soldados britânicos em Calais tinham se mantido firmes contra a invasão alemã. Lutaram até o fim, dando tempo para evacuar as tropas da França. Ao todo, mais de 300.000 soldados haviam fugido do porto de Dunkirk em uma frota de embarcações militares e barcos de pesca raquíticos. Era o milagre de Dunkirk.

Os homens de Calais tinham desaparecido. Eram o que Bertie chamava de cordeiros do sacrifício.

– Ele ficaria orgulhoso de seu pai, que trabalha duro para proteger seu lar. – Ela fez contato visual com o homem. – Vou incluir Andrew em nossas orações.

– Obrigado. – O homem fungou e depois endireitou as costas. – Sugiro que termine logo o que tem que fazer e vá para casa. Eles têm vindo mais cedo nas últimas noites.

Susan assentiu e se afastou, impressionada por saber que a visão de um pombo poderia ressuscitar memórias alegres para o homem. E triste pelo sacrifício de tantos jovens, e por saber que provavelmente muitos mais se seguiriam.

Ao longo do percurso, ela notou mais guardas e logo percebeu que eles estavam apagando o que parecia ser cada sinal de trânsito na península. Os sinais, fortes demais para serem arrancados com meras ferramentas de jardim, tinham sido pintados por cima. A costa de Essex era um labirinto de estradas sinuosas, e parecia que os militares, ou pelo menos a Guarda Nacional, não queriam facilitar o caminho para os alemães. *Indicar algumas curvas erradas atrasaria o exército de Hitler?* Ela chegou à costa à tarde. Tinha mudado ou, mais precisamente, havia sido transformada em posto militar avançado desde sua última visita. Em vez de descarregar ou tirar um momento para comer o almoço que Bertie tinha preparado para ela, foi compelida pela curiosidade a ver o que tinha sido feito no local. Então estacionou o caminhão e saiu.

O cume acima da linha da costa estava cheio de guaritas reforçadas por estruturas de concreto com fendas retangulares servindo como janelas. A praia, antes imaculada, estava agora coberta com o que pareciam ser milhas e milhas de arame farpado, grandes bobinas cobertas por superfícies afiadas. Enormes canhões apontando para o céu haviam sido erguidos nos penhascos acima da orla. Soldados em cada uma das guaritas vigiavam o Canal da Mancha.

A realidade de que a invasão estava chegando fez suas pernas tremerem. A Grã-Bretanha preparava-se para a guerra no litoral. E em algum lugar, muito além daquelas águas cinzentas

de ardósia, estava Ollie. Ela juntou as mãos e rezou para que ele chegasse em casa. Mas em qual casa? Uma Grã-Bretanha ocupada por alemães?

Susan esperava ouvir comandantes militares gritando ordens, soldados movendo mísseis e caixas de munição. Mas a península estava estranhamente silenciosa. *A calma antes da tempestade nazista*, pensou ela. Apenas gaivotas piando, flutuavam como pipas sobre as ondas. Ao olhar para uma das guaritas, ela reparou que o soldado não se mexia. Disciplinado. Estoico. Cumprindo seu dever. Porém, segundos depois, uma gaivota, aparentemente cansada de lutar contra o vento, deslizou e aterrissou no capacete do homem.

Ela esperava que o soldado afastasse o pássaro, mas ele manteve a atenção no mar. Seu cabelo se arrepiou na parte de trás do pescoço.

– Olá – Susan gritou, sua voz parecendo afogada pelo som do oceano. O soldado permaneceu firme. Ela gritou outra vez. Mas nem o soldado, nem os outros fizeram qualquer esforço para ouvi-la.

Ela reuniu coragem e rastejou até a guarita. A gaivota voou, fazendo o capacete do homem se inclinar. O soldado, sem se incomodar, continuou a vigiar o Canal da Mancha. Alguns passos adiante ela percebeu que o soldado – se é que alguém podia chamá-lo assim – não era nada mais do que um manequim vestido com um uniforme militar. O capacete estava cheio de excrementos de gaivota. Um choque abalou seu corpo. Em um local mais adiante, ela encontrou não apenas um manequim, mas uma guarita construída de tijolos soltos, pintada com tinta cinzenta. As armas erguidas para proteger a costa eram canos de esgoto; seus barris não faziam mais do que coletar água da chuva. Toda a fortificação da praia era uma farsa. Todas as guaritas, armas e soldados eram falsos. A única coisa que parecia real era o arame farpado. *Deus nos ajude*, ela pensou.

Onde estava o exército britânico? Os alemães não precisavam mais do que um par de cortadores de arame baratos para passar por Essex. A Guarda Nacional, armada com espingardas de caça, facas amarradas a postes como baionetas

e coquetéis molotov, mal conseguiria atrasá-los. Eles marchariam por Epping, depois alcançariam Londres. Susan queria chorar. Desistir. Em vez disso, obrigou-se a voltar para o caminhão.

Assustada pela fortificação fictícia, demorou mais de uma hora para descarregar os pombos. Quando colocou a última cesta sobre a grama, as aves, sentindo o início de sua viagem, começaram a se agitar. Uma a uma, Susan abriu as portas. Os pássaros foram até o céu. Enquanto circundavam o perímetro, uma onda de tristeza fez os ombros da jovem caírem, percebendo que era seu último voo de treinamento. Considerando a taxa de sobrevivência da missão, era também a última vez que ela os via voar como um bando.

Susan recolheu os cestos vazios e foi embora. Na estrada, a poucos quilômetros dali, ela errou uma curva, devido à ausência de sinalização ou ao fato de ainda estar perturbada pelo exército britânico de manequins. Independentemente do motivo, ela se viu no fim da península antes de perceber o que tinha feito.

O sol estava afundando sobre as árvores. Tinha demorado demais e teria sorte se voltasse antes de escurecer. Então, ela virou o caminhão. O sanduíche que Bertie fizera caiu no chão. Ela pisou no acelerador. O motor rugiu. O vento assobiava através das gaiolas vazias. Tentando economizar tempo, decidiu tomar o que acreditava ser um atalho e se perdeu novamente. Ela já havia estado em Clacton-on-Sea dezenas de vezes, mas, sem os sinais de trânsito, tudo parecia diferente; era como se tivesse sido jogada em um labirinto de jardim. Ela lutou para encontrar a saída. Infelizmente, estava escuro quando chegou à estrada principal de Clacton-on-Sea.

Aderindo ao apagão, ela manteve os faróis desligados. A estrada, pouco visível, exigia que conduzisse devagar. O campo estava vazio. Todos os moradores, pareceu a Susan, tinham se recolhido em abrigos. Antes de chegar a Epping, as sirenes uivaram. Dezenas de holofotes perto do Campo de Aviação de North Weald esquadrihavam o ar. Feixes brancos entrecruzaram as nuvens. Ela agarrou o volante. Em poucos minutos, as armas antiaéreas dispararam. As explosões agrediram suas orelhas. Clarões de explosões aéreas iluminaram

o céu. Ela dirigiu mais rápido, lutando para manter o caminhão na estrada.

Susan chegou ao chalé quando as primeiras bombas atingiram Londres. Através do para-brisa, ela viu luzes brancas e quentes iluminarem o horizonte. Segundos depois, as ondas sonoras bateram. Rumores de explosões. O chão, o caminhão e até seus ossos pareciam vibrar. Ela desceu do veículo, deixou a chave na ignição e correu para casa. O cheiro de pólvora queimada encheu seus pulmões. Ela abriu a porta e gritou:

– Vovô!

Bertie se levantou de uma cadeira da cozinha – colocada perto de uma janela frontal – e jogou os braços ao redor dela.

Susan sentiu um aperto enorme.

– Desculpe.

Bertie olhou para ela.

– Você está bem, minha querida?

Ela assentiu.

– Tentei fazer os soldados me ajudarem a procurá-la, mas eles não saíram dos seus postos. Covardes.

– Os pombos conseguiram voltar? – Perguntou ela.

– Todos eles.

– Algum da Operação Columba?

Ele balançou a cabeça e depois soltou o peso na cadeira.

– O que aconteceu?

Susan ouviu uma grande explosão e hesitou.

– Retiraram toda a sinalização da estrada.

Bertie levantou as sobrancelhas.

– Por quê?

Susan engoliu.

– Preparação para a invasão. – Ela não teve coragem de lhe contar que a costa estava sendo protegida por manequins de lojas de departamentos.



# Capítulo 33



## Epping, Inglaterra

Susan olhou para sua tigela de mingau de aveia. Apesar de sentir fome, e do fato de suas costelas começarem a aparecer como as de um cão perdido, ela não conseguia levantar a colher. Não tinha dormido nada. O bombardeio fora extraordinariamente pesado. Tão feroz que ela pensou que não restaria nada de Londres, exceto um buraco até o núcleo da Terra.

Durante grande parte da noite, as sirenes uivaram. Armas foram disparadas. A terra tremeu. Com seu cobertor, Susan se enrolou em um casulo e rezou até que seus dedos doessem. Rezou pela segurança dos londrinos, pela sobrevivência da Grã-Bretanha e pelo retorno de Ollie para casa. E esta manhã ela acordou para descobrir que apenas mais um pombo tinha regressado da França. Um em quase 400 que ainda estavam desaparecidos. Não era Duquesa.

– Precisa comer alguma coisa – disse Bertie.

– Não consigo.

– Tente – disse ele. – Temos de manter nossa força para vencer a guerra. – Susan pensou em Clacton-on-Sea. As guaritas falsas. Soldados manequins. Pela primeira vez, sua esperança de vencer a guerra não só tinha desaparecido como havia sido extinta. Na melhor das hipóteses, os britânicos teriam de encontrar uma forma de viver sob o domínio de Hitler.

Bertie empurrou a tigela dela de volta.

– Seja como um ovo, minha querida.

Os olhos dela estavam lacrimejantes. Ela limpou as bochechas e pegou a colher, depois comeu cada colherada da aveia, sem leite, especiarias ou açúcar. Deixando a colher na tigela, ela pensou que a Operação Columba precisaria de um

milagre, a descoberta de uma fraqueza na armadura nazista, para que a Grã-Bretanha sobrevivesse.

Ela passou a manhã cuidando dos pombos. Enquanto limpava os pombais, Susan olhou para o céu, esperando ver Duquesa sobrevoar as bétulas. Mas as árvores estavam vazias, exceto pelos esquilos atrevidos que lutavam para recolher nozes para o inverno. Enquanto se desfazia dos excrementos no cesto de lixo, ouviu um caminhão militar na estrada. Os soldados, alertados pelo som do motor, saíram de sua tenda. Bertie apareceu à porta do chalé e fechou o casaco.

Susan soube rapidamente que os militares estavam trazendo gaiolas com paraquedas para a próxima soltura de pombos. Mas desta vez as gaiolas não eram nada parecidas com as usadas na missão anterior. Não eram gaiolas, nem cestos. Eram tubos. Nada mais do que papelão, tubos remanescentes onde se colocavam cartazes, com pequenos paraquedas fixados. Sem tela, apenas com orifícios perfurados nas tampas das extremidades para o ar entrar. O pombo seria trancado dentro de um sarcófago tubular.

– É desumano! – Bertie disse, inspecionando um tubo.

O soldado que fazia a entrega, um homem com o queixo quadrado, a pele com sardas e cabelo da cor de uma cabine telefônica, aproximou-se de Bertie e disse:

– É um novo layout.

– Novo layout o meu rabo – disse Bertie. – É um tubo de correio.

– Eles não vão conseguir se mexer – acrescentou Susan. – Nem enxergar.

– As gaiolas ocupavam muito espaço no Blenheim. – O soldado soprou seus dedos para aquecê-los, então enfiou as mãos no casaco. – Com isso, precisaremos de menos aviões, arriscando menos pilotos.

Susan não conseguia imaginar seus pombos sendo empilhados em tubos. Não eram pedaços de papel que não podiam ser amassados. Eram pombos. Seus lindos, inteligentes e fiéis pombos. Esses animais dedicados poderiam ser a única fonte de informação da Grã-Bretanha sobre o que o inimigo

estava fazendo através do Canal da Mancha, e estavam sendo tratados como correspondência de segunda classe. Ela queria pisar nos tubos, rasgá-los e queimá-los na lareira do avô.

Enquanto ela olhava para uma pilha de tubos, sua mente disparou. *O soldado teria contado tudo? As gaiolas funcionavam? Todos os paraquedas iriam abrir?* Susan tremeu. Ela desejava que Ollie estivesse ali, garantindo que os paraquedas iriam fazer os pombos flutuarem em segurança até o chão.

Ela observou os soldados descarregarem os últimos tubos e ir embora, os pneus cavando sulcos profundos na lama. Virou-se para Bertie e reparou que seu rosto estava vermelho, e ele tinha as mãos cerradas.

– Você está bem? – Perguntou ela.

– O exército está transformando a missão em um circo – disse ele dirigindo-se ao pátio.

– Aonde vai?

– Esticar as pernas.

– Leve a sua bengala.

Ele balançou a cabeça e arrastou-se para o campo.

Susan suspeitava que ele iria para o celeiro. Bertie valorizava suas ovelhas, que usava apenas para tosquiar a lã. O som das ovelhas balindo, embora não tão reconfortantes como o arrulho dos pombos-correio, pareciam reconfortá-lo. E, já que os pombais estavam agora cheios de tubos de papelão e paraquedas que iriam fazer subir sua pressão arterial, passar tempo com as ovelhas seria uma boa maneira de esquecer a Operação Columba, ainda que por pouco tempo.

Ela cumpriu suas tarefas, cuidando dos pombos para a remessa da manhã. Serviu comida. Reabasteceu os bebedouros. Examinou os filhotes. Até consertou tábuas soltas que separavam os cubículos. Qualquer coisa para manter sua mente ocupada.

Depois que Susan terminou de varrer, ela entrou no chalé e preparou o almoço, embora não fosse nada além de restos de farinha de aveia misturada com pedaços de nabos murchos. Ao colocar a comida na mesa, notou que eram quase duas horas, um pouco tarde para almoçar, considerando que o sol se poria

em poucas horas. Então ela foi buscar Bertie, esperando que ele estivesse apreciando seu tempo tão curto de descanso. Ao cruzar o campo, um rebanho de ovelhas, amontado em uma das poucas seções restantes de grama verde, começou a se dispersar. O que ela viu, lhe tirou o fôlego.

Um sapato. Uma perna. Um grito preso em sua garganta. Susan tropeçou e caiu. Ela lutou para se levantar, pisou na saia e caiu de joelhos. Ovelhas se espalharam. E lá estava ele, de barriga para baixo, rodeado de cordeiros chorões.



# Capítulo 34



## Airaines, França

– O tenente de voo não gosta de você – disse Madeleine, caminhando com Ollie até o celeiro. Louis trotava bem atrás deles.

Ollie se virou para o chalé.

Madeleine esfregou o focinho de Louis, fazendo o porco fungar.

– Está zangado porque você ficou preso dentro do avião dele?

Ollie abriu a porta do celeiro.

– Digamos que ele não gosta de americanos. – Ele cuidadosamente removeu Duquesa de sua tipoia e então a colocou na gaiola que tinha escondido debaixo de um monte de palha. Duquesa fechou os olhos, como se estivesse com sono, depois enrolou a cabeça debaixo das asas. Ele ficou em pé, com o tornozelo duro e dolorido, e olhou para Madeleine. – Especialmente os que atacam um oficial.

Madeleine riu. Um ronco se ouviu de seus pulmões.

– Por causa de uma mulher? – Ele assentiu. – Susan?

– Você podia ler mãos, Madeleine. – Ollie enfiou um dedo na gaiola e examinou a perna de Duquesa, perguntando como ele poderia ter falhado ao prender a cápsula. *O que posso usar para anexar uma mensagem agora? Fio? Arame? Fita adesiva?* – Suponho que não consiga me dizer onde posso encontrar uma cápsula para pombos-correio.

Ela fez uma pausa, depois olhou para longe.

– *Oui*.

Ollie ajustou o peso. O tornozelo inchado pressionando sua bota.

– Onde?

– Uma hora floresta adentro – disse Madeleine. – Louis e eu voltávamos de recolher trufas quando os paraquedas caíram do céu.

– Como eu chego lá?

– É perigoso demais – disse Madeleine. – A Wehrmacht tem patrulhas. E a Luftwaffe possui um campo de aviação na área. Eles iriam vê-lo.

– Posso me misturar a eles – disse Ollie, apontando para sua roupa.

– O seu inglês vai fazer com que seja baleado.

Ele engoliu.

– Tenho que tentar. Precisamos de outra cápsula. E, se houver mais pombos, podemos usá-los para enviar informações para a Grã-Bretanha.

Madeleine hesitou, depois disse:

– É melhor ir à noite.

Ollie balançou a cabeça.

– As chances de encontrar uma cesta no escuro, especialmente quando não posso usar uma lanterna, seriam quase inexistentes. Além disso, os pombos, se ainda não foram encontrados, não vão durar muito. Está frio, e eles não têm água.

Madeleine tirou um fio solto de seu suéter.

– Diga a Boar que você tentou me impedir – pediu Ollie –, mas eu insisti em dar uma olhada no entorno.

Ela cruzou os braços e baixou a cabeça.

Ollie colocou a mão no ombro dela.

– Não quero ser apanhado. Mas, se for capturado, nunca contarei que você me ajudou.

– Siga o riacho – disse ela, relutantemente. Depois de lhe dar detalhes de onde tinha visto os paraquedas caídos, deu um suspiro profundo. – Tenha cuidado.

Ele assentiu com a cabeça e fechou o casaco.

Se Ollie soubesse o quanto seu tornozelo doeria, não teria partido. Quinze minutos após começar a caminhada pela floresta, seu pé estava latejando. E, como uma fileira de dominós, a dor subiu pela perna e provocou um espasmo no ombro. Logo seu pé

estava queimando, forçando-o a perder um tempo precioso para encontrar um ramo em forma de osso para usar como muleta. Ollie mancou através da vegetação rasteira. Escalou troncos cobertos de musgo e percorreu riachos pouco profundos, usando a lembrança das instruções de Madeleine para guiar seu caminho.

Em menos de uma hora, ele chegou a um pasto semelhante ao que Madeleine tinha descrito. Sentando-se para descansar, apertou a tipoia para evitar que seu ombro se deslocasse, então soltou os cadarços das botas. Instantaneamente, sentiu alívio na pressão. Subiu a perna da calça e espiou dentro da bota. Seu tornozelo, quase o dobro do tamanho normal, estava da cor de uma berinjela. Ele fez uma careta. Se não estivesse quebrado, como o médico francês tinha dito, podia jurar que seus ligamentos tinham sido esticados em um puxador de caramelos.

Pensando em aplicar lama fria para reduzir o inchaço, ele olhou o terreno. O campo estava nu. O que tinha sido plantado havia sido colhido. Restos de plantas mortas jaziam no solo, como se o campo tivesse sido atacado por gafanhotos. No extremo oposto, um movimento chamou sua atenção: um barulho suave, como se um travesseiro tivesse sido jogado no campo. Ele piscou. O vento assobiou. E o paraquedas sedoso bateu, expondo uma gaiola de madeira. Ele se levantou e mancou naquela direção.

Vários passos à frente, ele ouviu o que parecia um cortador de grama. Congelou. Prendeu a respiração. Ouviu. O ruído do motor aumentou. Ele se virou e tentou correr. A dor atravessou-lhe o pé. A muleta machucava sua axila, enviando línguas de fogo para o ombro. Ele saltou com um pé. O motor gritava. Ele mergulhou no mato assim que três soldados da Wehrmacht, dois em uma motocicleta, o terceiro em um *sidecar*, com uma metralhadora armada, subiram uma colina. Ollie ficou deitado. Ele rezou para que não tivesse sido visto.

O soldado no *sidecar* apontou. A moto gritou até parar. Os soldados saíram, colocaram as armas sobre os ombros e entraram no campo.

*Maldição.* Ele queria se cobrir com sujeira e folhas caídas, mas temia que qualquer movimento chamasse a atenção deles.

Quando o primeiro soldado chegou à gaiola, levantou o paraquedas com a ponta do rifle.

– *Taube* – disse ele. Os outros se aproximaram.

O soldado, um homem alto e esguio que estava dirigindo a motocicleta, levantou seu rifle e bateu com o cabo da arma na gaiola. Um ruído seco ecoou sobre o campo. Um bando de estorninhos saltou de uma árvore, fazendo os soldados olharem na direção de Ollie.

Ele baixou a cabeça, o queixo pressionado contra a terra.

A atenção dos soldados se voltou para a gaiola. O mais alto deles colocou a mão dentro e arrancou a cápsula, produzindo um estalido, como um lápis quebrando.

Ollie apertou as mãos.

O soldado desapareceu a parte de cima e olhou para dentro da cápsula. Uma perna cortada pendia do fecho.

– *Nichts* – disse o homem, atirando a cápsula dentro da gaiola quebrada. Pisou nos destroços, como se estivesse apagando um cigarro.

Os soldados, parecendo satisfeitos com o fato de não haver mais gaiolas nas proximidades, retornaram a seu veículo. O condutor ligou o motor e acelerou. Fumaça saiu do escapamento. Enquanto eles se afastavam, Ollie ouviu, sob o ruído da motocicleta, o que ele achava que era uma risada.

Quando Ollie teve certeza de que eles não voltariam, ficou em pé e mancou para o campo. A cada passo, a base de sua muleta afundava no solo. Folhas secas se agarravam a seu casaco; ele não fazia nenhum esforço para limpá-las. O cheiro de fumaça permanecia no ar. Ele continuou até chegar aos restos mortais da ave.

O tronco do pombo tinha sido achatado, suas asas amassadas como folhas de origami. Quando Ollie colocou a mão na gaiola para apanhar o recipiente, sua mão tocou o pássaro e ele notou que seu corpo ainda estava quente. A cabeça do pombo estava torcida. Penas ensanguentadas agarradas à gaiola. Ele removeu cuidadosamente a perna presa ao fecho. Ao

colocar a cápsula no bolso, pensou em Susan e lamentou não ter chegado antes.

A viagem de volta levou mais tempo, já que Ollie teve de fazer várias paradas para descansar, apoiar a perna e facilitar o fluxo de sangue para o tornozelo. Quando chegou a um caminho bifurcado temeu ter se perdido, até que reparou, à distância, no campanário da igreja da vila de Madeleine, Airaines. Enquanto se virava para pegar a direção certa, o som de motores aéreos chamou sua atenção. Ele entrou debaixo de um pinheiro. O zumbido cresceu. Momentos depois, uma esquadrilha de Messerschmitt invadiu a floresta. Em vez de ganhar altitude, os caças formaram uma fila. O trem de pouso baixou e eles desapareceram debaixo das árvores do lado oposto do caminho.

As escolhas inundaram sua mente. Ele podia voltar para a casa de Madeleine. Afinal, tinha conseguido a cápsula de que precisava. O tornozelo, sem mencionar o ombro, doía como o diabo. Mas como poderia ele deixar passar a oportunidade de reunir informações úteis? Por enquanto, a única notícia que podia mandar de volta para Susan – e para a RAF – era que ele e Boar estavam escondidos como ratos debaixo das tábuas do assoalho. Antes de poder mudar de ideia, atravessou a estrada e seguiu um caminho entre os pinheiros.

As folhas caídas criavam um cobertor macio debaixo dos pés. Ele seguiu em frente. Em minutos, chegou à borda de um campo de aviação. Debaixo de uma copa de ramos, deitou-se no chão. Seu estômago revirou. O ritmo de seu coração acelerou. Quatro pistas haviam sido criadas pelos alemães, que haviam tomado várias fazendas e levado seus tratores, agora estacionados ao longo de uma cerca de arame farpado. Onde antes as colheitas eram cultivadas, agora havia um porto para uma armada Luftwaffe.

Ao longo da margem do campo havia dezenas de caças Messerschmitt, seus narizes negros e corpos cinzentos e elegantes lhes dando uma aparência feroz, mesmo no chão. Havia mais de quarenta bombardeiros Heinkel, cada um grande o bastante para conter explosivos suficientes para pulverizar um quarteirão. Havia numerosos Stukas, feios mosquitos mecânicos

com a reputação de terem um mergulho preciso. Ali estavam também diversas outras aeronaves que Ollie não reconheceu. Ele tinha lido sobre a crescente superioridade aérea da Alemanha na Biblioteca Buxton. Tinha visto seus aviões sobre Epping e o Canal da Mancha. Mas nada o preparou para a visão ameaçadora da Luftwaffe em repouso, como se ele tivesse entrado na toca de leões adormecidos.

Perto de um hangar, soldados estavam carregando bombas e caixas de munição para um caminhão, provavelmente se preparando para outra noite de ataques. Ao lado de uma pista, havia centenas de tambores de petróleo.

Ollie avançou e depois parou. No canto mais distante da pista, uma sentinela percorria o perímetro, uma metralhadora pendurada no ombro. Sua mão estava presa a um pastor alemão.

*Meu Deus.*

Ollie examinou a área. Na extremidade do campo, o terreno inclinou-se acentuadamente para cima, na direção de um grupo de pinheiros murchos. Se ele conseguisse chegar lá, teria uma vista privilegiada das pistas, permitindo-lhe obter um inventário preciso das aeronaves. Mas ele estaria ao lado da cerca e provavelmente seria visto quando a sentinela dobrasse a esquina. No mínimo, o cão farejaria seu cheiro. Afinal, ele cheirava a suor e no momento era bom que o vento estivesse soprando a favor dele; caso contrário, ele já poderia ter sido descoberto.

Quando estava prestes a rastejar para a floresta, ouviu um grito. A sentinela teve a atenção despertada e estendeu o braço em saudação. Um oficial, a julgar pela forma curva do quepe, aproximou-se da sentinela. O cão sentou-se em seu lugar como uma estátua de jardim.

Ollie hesitou. O oficial conversou com a sentinela. Passou um minuto. Ele olhou para o local na esquina do campo – vinte, talvez trinta metros de distância. Em vez de desperdiçar mais um segundo, Ollie rastejou para a frente. Sublimou a dor no ombro e no tornozelo, e chegou ao seu destino. Quando olhou para cima,

viu que o oficial tinha partido. E o sentinela estava vistoriando a cerca.

Ele rapidamente contou aviões na primeira pista. Depois na segunda.

A sentinela avançou. O cão farejou o chão, os ombros flexionados debaixo do pelo castanho espesso.

Ele contou o restante das aeronaves, esperando ter uma visão precisa do campo de aviação. E, quando entrou na floresta, o cão latiu.

*Merda.* Ele tropeçou e se atrapalhou com a muleta. Um espasmo no tornozelo.

Outro latido. Mais alto.

Ollie imaginou a sentinela libertando o cão, que agora galoparia para cravar nele seus dentes caninos afiados. A qualquer momento, ele esperava que o cão o atacasse pelas costas. Mastigasse a pele de seus braços. Acabasse com ele. Sua respiração ficou mais difícil. Ele mancou para a frente, a dor cada vez mais difícil de suportar.

Um motor de avião rugiu. As pás da hélice zumbiram, fazendo murmurar o crepitar das agulhas de pinheiro debaixo de seus pés. Ao chegar aos trilhos da ferrovia, ele percebeu que o cão havia parado de latir. Ele esperava que o animal só tivesse ficado assustado com o avião que se preparava para decolar. Mas Ollie não permaneceu lá para descobrir. Ele rastejou pela floresta, determinado a enviar a informação a Susan.



# Capítulo 35



## Airaines, França

– Por onde andou, ianque? – Boar disse, quando Ollie entrou na casa.

Ollie colocou Duquesa, enrolada em uma bola de penas dentro da gaiola, na mesa. Ele caiu em uma cadeira e limpou o suor do rosto.

Madeleine, mexendo uma panela de couve cozida, pousou a colher e trocou-a por um cigarro.

– Não te dei permissão para sair. – Boar ajustou o curativo cobrindo os olhos dele.

Ollie soltou os cadarços e colocou o pé dolorido em uma cadeira.

– Não estou na RAF.

– Não quero saber, ianque. – Boar tocou no coldre. – Não vou tolerar que nos ponha em risco.

Ollie olhou para Boar. Ele suspeitou que o tenente, apesar de não poder ver, estava perto o suficiente para não ter problemas para meter uma bala nele. Mas depois de seus encontros com a Wehrmacht e a Luftwaffe, Boar parecia quase inofensivo. Ele tirou a cápsula do bolso e colocou-a na mesa.

Ao ouvir o som, Boar virou a cabeça.

– O que é isso?

– Tenho informações para mandar para casa – disse Ollie.

Madeleine sugou seu cigarro. A ponta brilhava e ardia. Ela olhou para Louis, descansando no chão.

Boar olhou na direção de Ollie.

– O que você viu?

Ollie contou a eles sobre a patrulha da Wehrmacht e como tinha tropeçado sem querer no campo de aviação da Luftwaffe.

Ele descreveu a localização precisa do aeródromo, incluindo os tipos e a quantidade de aviões, depois pegou lápis e papel guardados na gaiola de emissão militar da Duquesa. Quando começou a documentar suas descobertas, o som de um motor de carro o fez congelar.

Boar apertou as mãos.

– Você foi seguido?

Ollie pensou na sentinela. *O cão seguiu meu cheiro?*

– Depressa. – Madeleine atirou o cigarro na pia. O motor rosnou. Louis grunhiu. Empurraram a mesa para o lado e rapidamente arrancaram as tábuas. Os freios gritaram. O motor resfolegou e depois parou. Boar entrou no buraco. Ollie o seguiu. Madeleine pegou uma tábua.

– Espere – disse Ollie. – Duquesa. – A porta de um carro bateu.

Madeleine arrancou a gaiola da mesa, fazendo Duquesa bater as asas. Ela baixou o pombo até o buraco. As tábuas foram colocadas no lugar. Enquanto ela deslizava a mesa sobre o chão, houve uma pancada forte. Louis grunhiu. Ela esfregou a cabeça do porco, depois foi até a porta.

– *Herr* Dietrich – disse Madeleine, abrindo a porta.

Através de uma fenda no chão, Ollie viu o que acreditava ser um oficial das SS nazista. O homem usava um uniforme cinzento com uma suástica bordada na manga esquerda. Seu quepe era dourado com insígnias prateadas do crânio e da águia. Coturnos polidos brilhavam como vidro vulcânico. A pulsação de Ollie aumentou.

O nazista tinha pele de cera e pálpebras cor-de-rosa que pareciam quase translúcidas. E, o que o diferenciava, era que faltava um pedaço da sua orelha esquerda, como uma asa de uma mariposa que tinha sido cortada ao meio. A ausência da cartilagem fazia seu boné ficar torto.

O oficial olhou para Louis e enrugou o nariz.

– *Schweinestall*.

Madeleine apanhou a sacola de couro e deu a ele uma mão cheia de trufas. O nazista sentiu o peso na mão e balançou a cabeça. Ele pegou a sacola de Madeleine.

Louis fungou.

Ollie sentiu Duquesa se mexer em sua gaiola. Ele se preparou, pronto para saltar do buraco.

O nazista esvaziou a mochila de Madeleine. Trufas atiradas sobre a mesa. E uma pequena trufa, do tamanho de uma amora, caiu no chão, rolou e assentou ao lado do buraco pelo qual Ollie espiava.

O rapaz olhou para a trufa, que bloqueou parcialmente sua visão. Preparou-se para que o nazista apanhasse o cogumelo caído e reparasse na fenda, nas tábuas soltas. Talvez Boar pudesse disparar, mas, considerando sua falta de visão, ele teria sorte em conseguir um golpe letal. Então o nazista descarregaria sua arma. Ollie imaginou projéteis partindo as tábuas, seu corpo perfurado com chumbo. Este buraco seria seu túmulo. O desespero invadiu seu estômago. Ele lutou para controlar a respiração.

O nazista recolheu as trufas da mesa e as colocou na lateral de seu quepe, usando-o como cesta. Levou um fungo até o nariz e cheirou.

Ollie viu a mão de Madeleine passar próxima ao buraco de observação. A trufa desapareceu. Ele apertou os olhos e a viu tirar o fungo e colocá-lo no boné do nazista.

– *Sie finden mehr* – disse o nazista, admirando seu tesouro de trufas. Madeleine baixou a cabeça.

O nazista virou-se para sair e encontrou Louis bloqueando o seu caminho. Balançou a perna para trás e afundou a bota nas costelas do porco.

Louis guinchou. O porco disparou sobre o chão, derrubando uma cadeira.

A pele de Ollie ficou quente. Ele queria matar o nazista. Enquanto pensava em roubar a pistola de Boar, ouviu a porta abrir quando o agente saiu.

Em pouco tempo, o motor voltou a funcionar. Os pneus cuspiram cascalho e o carro foi embora. Um momento depois, a mesa raspou o chão e Madeleine arrancou as tábuas do buraco.

– Você está bem? – Ollie rastejou para fora.

Madeleine acenou com a cabeça.

– E Louis? – Ollie perguntou.

Ela esfregou as costelas do porco, fazendo seu rabo se contrair.

– *Oui*.

– Nazista desgraçado – disse Boar, sentando-se no chão.

Duquesa bateu as asas. Ollie retirou a gaiola do esconderijo e a colocou sobre a mesa.

Boar pressionou as mãos sobre seus olhos enfaixados.

– Você acha que seu pássaro pode levar uma mensagem à RAF?

– Eu sei que ela pode – disse Ollie.

Ollie terminou de escrever a mensagem, depois tirou Duquesa da gaiola. Prendeu a cápsula nela, inseriu o bilhete e levou o pombo para fora.

– Vamos tentar de novo – Ollie sussurrou para Duquesa. – O recipiente está melhor desta vez.

Duquesa arrulhou.

Ollie atirou Duquesa para o ar. Enquanto o pombo sobrevoava o perímetro, ele pensou em Susan e em sua viagem a Clacton-on-Sea. Uma imagem de seu cabelo loiro-areia dançando ao vento do Mar do Norte. Os olhos dela, cor de safira, olhando para o céu enquanto seus pombos voavam para longe. As pilhas de gaiolas vazias. E a crescente sensação de mau presságio, quando Susan lhe disse que a maioria dos pombos não regressaria da França.

Ollie viu Duquesa desaparecer sobre as árvores. Voltou para a casa, esperando que em apenas algumas horas Susan estivesse lendo sua mensagem.



# Capítulo 36



## Epping, Inglaterra

Susan rastejou pelo campo até Bertie. Seus membros estavam flácidos como os de um espantalho caído. Os cordeiros, espalhados pelo lugar, davam berros vacilantes. Ela tocou em seu ombro. Sem movimento. Sua respiração acelerou, soltando pequenas nuvens no ar frio. Ela o rolou e encontrou seus olhos fechados. A lama cobria suas bochechas. O sangue coagulado agarrava-se à testa dele.

Susan tremeu. Rapidamente, colocou a orelha em seu peito. Uma batida. Depois outra. O peito subiu lentamente e depois desceu.

– Vovô!

Ele gemeu. As pálpebras tremeram, mas não se abriram. Lágrimas brotaram dos olhos dela.

Bertie engoliu em seco.

– Susan – sussurrou ele.

– Estou aqui. – Ela tocou sua face.

– Eu caí. – A mão dele se levantou, depois foi para o chão.

Ela tentou levantá-lo, mas o corpo dele estava muito pesado.

– Preciso encontrar ajuda – disse ela, olhando pelo campo. O chalé era um mero grão à distância. Sem outra escolha, ela rapidamente tirou o casaco, arrancando dois botões na pressa, e o colocou sobre o peito do avô.

Bertie abriu lentamente os olhos.

– Me dê só um momento, minha querida.

– Eu volto já – disse ela, apertando sua mão. Antes que ele pudesse discutir, ela se levantou e correu pelo pasto das ovelhas. Sua pulsação estava alta. O ar frio pinicava sua pele. As botas

afundaram no solo molhado, fazendo-a perder uma delas. Ela apanhou a bota e calçou, depois continuou a correr para casa.

Enquanto se aproximava do chalé, ela deu um grito profundo que rasgou suas cordas vocais. Ela gritou outra vez. Mais alto. E os soldados saíram da tenda.

– O que foi? – perguntou um soldado, esfregando os olhos, como se tivesse acordado de uma sesta.

– Meu avô... – Susan inspirou o ar e apontou. – Meu avô desmaiou. Preciso de ajuda.

Ele fez uma pausa, depois disse:

– Não podemos deixar o nosso posto. Vou chamar uma ambulância.

– Não há tempo!

O soldado endireitou as costas. Olhou para o camarada. Susan agarrou a manga de seu uniforme.

– Agora!

Talvez tenham sido seus gritos ou a recente informação de que ela tinha um pouco de autoridade. Ela não se importava. Precisava de ajuda. A ajuda de qualquer um. Finalmente, depois de um duro puxão no braço do homem, os soldados desconsideraram as instruções escritas para permanecerem em seus postos e correram em seu auxílio.

Quando se aproximaram de Bertie, ele estava sentado esfregando um grande galo na testa. Tentou ficar em pé e caiu. Suas pernas estavam fracas, como gravetos sustentando um piano. Susan pediu que os soldados o carregassem, apesar da recusa de Bertie em pedir ajuda.

– Ponham-me no chão – disse ele.

Os soldados o ignoraram e o seguraram, marchando com ele pelo campo enlameado.

– Ponham-me no chão, estou mandando.

Os soldados o carregaram, braços apertados sob as pernas e costas de Bertie, como uma cadeira humana. Quando finalmente chegaram ao chalé, colocaram-no no sofá. Susan telefonou para o médico. Os soldados olharam um para o outro e correram para fora, enxotados pelas reclamações de Bertie por carregá-lo contra sua vontade ou, mais provavelmente, quando ele, de

alguma forma, reuniu forças para pegar sua bengala e tentou dar um golpe neles. Quando o Dr. Collins chegou, Bertie insistia que precisava voltar ao trabalho, apesar de sua incapacidade de ficar sozinho.

O Dr. Collins, um homem gordo com óculos grossos e mãos pequenas e infantis, limpou o corte na cabeça de Bertie com uma haste de algodão e álcool. Tirou um estetoscópio da mala e ouviu o peito de Bertie.

– O galo está aqui – disse Bertie, apontando para a protuberância na testa.

O Dr. Collins continuou a ouvir seu peito, na frente e nas costas, depois retirou o estetoscópio dos ouvidos.

– Você pode ter sofrido uma concussão. – Ele enrolou o instrumento e olhou para Bertie. – E seu coração está dilatado.

Susan respirou fundo.

– Que besteira – disse Bertie. – Simplesmente levei um tombo e bati a cabeça.

Susan olhou para Bertie, a pele ainda pálida e as roupas rígidas da lama seca.

– Sentiu tontura antes de cair? – Perguntou o médico.

– Não – disse ele.

– Vertigem? – Bertie balançou a cabeça. – Quero que descanse – disse o médico.

– Tenho trabalho a fazer – disse Bertie.

Susan deu um passo na direção do avô. Ela olhou para o médico, o mesmo que a tinha trazido ao mundo. Quando era criança, ele a tinha curado de um caso agudo de tosse convulsiva.

– Não devíamos ir para o hospital?

O Dr. Collins suspirou.

– Receio que recuperar-se em St. Margaret não seja uma opção. Os quartos estão lotados. Todos os dias recebemos pacientes de Londres.

– Não preciso ir para o maldito hospital – disse Bertie.

O médico tirou um frasco da mala e colocou-o em um suporte ao lado do sofá.

– Quero que coloque um destes debaixo da língua se sentir dores no peito.

– O meu coração está bom. – Ele bateu na mala do médico. – Mas, se tiver alguma coisa aí dentro para joelhos bambos, eu aceito.

O médico olhou para ele.

– Espero que os nossos rapazes na guerra sejam tão persistentes como você, Bertie.

Susan olhou para o frasco castanho com uma rolha de cortiça. Ele continha minúsculos comprimidos brancos, como aspirina cortada em quartos.

– Nitroglicerina – disse o Dr. Collins. – É para a angina.

Susan assentiu.

– Não tenho angina – disse Bertie. – Nem tenho um coração dilatado. Eu pisei em um buraco de coelho, pelo amor de Deus. A única coisa que tenho são pernas fracas e uma dor de cabeça maldita por causa das bombas daquele ditador psicopata.

O Dr. Collins colocou uma mão no ombro de Bertie.

– Descanse.

– Vou descansar quando ganharmos a guerra. – Bertie respirou fundo e endireitou as costas.

O Dr. Collins olhou para Susan enquanto vestia o casaco.

– Falo com você amanhã. – Ele colocou o chapéu e se despediu.

Susan seguiu o médico até seu carro. Ela olhou para suas galochas, cobertas de lama.

– Ele vai ficar bem?

O médico atirou sua mala sobre o banco do passageiro.

– Bertie se esforça além da conta.

Susan cruzou os braços e mordeu o lábio. *O que foi que ele ouviu através daquele estetoscópio?*

O médico hesitou, depois olhou para a tenda militar no pátio.

– Há um rumor em Epping de que os seus pombos foram para a guerra.

Susan ignorou o comentário. Meteu a mão no bolso e segurou o bilhete de Ollie.

– Vai ter que fazer as tarefas de Bertie – disse o médico, sentando-se ao volante. – Até que ele se recupere – acrescentou.

Susan viu o médico afastar-se, a parte de baixo de seu carro raspando nos sulcos profundos deixados pelo comboio de veículos militares. Depois, voltou para Bertie, que já estava dormindo no sofá. Parecia exausto. A lama ainda estava em suas bochechas e roupas. *Eu limpo mais tarde*, ela decidiu. Apanhando uma colcha de retalhos desgastada que sua avó tinha costurado, o cobriu gentilmente. Os outros cobertores eram mais espessos, mais macios e, sem dúvida, mais quentes. Mas esta peça esfarrapada era sua favorita.

Bertie abriu os olhos e forçou um sorriso.

– Um pouco de descanso, minha querida, e logo voltarei ao trabalho.

Susan enfiou a colcha sobre os ombros dele, olhou para o frasco de comprimidos e se perguntou se o remédio iria juntar poeira, assim como a bengala. No fundo, já sabia a resposta.



# Capítulo 37



## Epping, Inglaterra

Bertie dormiu a maior parte do dia. A cada hora, Susan ia vê-lo apenas para descobrir que não tinha se mexido. Ela fazia uma pausa, esperava para ver o peito levantar-se e depois saía calmamente. Foi bastante angustiante ver seu avô, sempre tão ativo, dormir durante a tarde, embora ela soubesse que ele precisava descansar.

Quando Bertie finalmente acordou, Susan lavou a sujeira de seu rosto, então reuniu uma pilha de roupas limpas. Enquanto ele se trocava na sala de estar, dada a privacidade pela cortina pendurada na porta da cozinha, ela preparou um caldo feito de couve cozida. Derramou a mistura aquosa em uma tigela, e se perguntou se ele havia contado tudo a ela. *Ele sentiu tontura? Seu peito doía? Em caso afirmativo, ele me contaria? Claro que não.*

Ela pegou uma colher e levou a tigela até Bertie. Ao entrar na sala de estar, viu que ele tinha conseguido, de alguma forma, manobrar seu corpo até a cadeira. Uma pilha de roupa suja estava a seus pés. Parecia exausto. O queixo tinha caído. Os olhos estavam fechados. Ela olhou para a tigela de caldo. A pequena quantidade de nutrientes da couve mal dava para acalmar a fome, quanto mais para cuidar de um idoso convalescente. Quando colocou a tigela na bancada ao lado da cadeira dele, Bertie se mexeu.

– Obrigado, Susan – disse Bertie. – Mas eu quero me sentar à mesa.

– Está se sentindo melhor? – Perguntou ela.

Ele assentiu e tentou ficar em pé, depois caiu de novo na cadeira. Ele grunhiu, e estendeu a mão.

Susan ajudou-o a levantar-se. O crepitar dos joelhos de seu avô reverberou através dos ossos dele até suas mãos. Lentamente, ela o ajudou a se arrastar para a mesa.

– Não quero que se preocupe comigo – disse ele, sentando-se.

– Coma, depois descanse. – Ela pegou a tigela de caldo e colocou à frente de Bertie, notando que as rugas nos cantos de seus olhos estavam mais fundas.

Ele bateu na mão de Susan.

– Foi só um tombo, minha querida. Estarei melhor amanhã. – Ele pegou na colher e provou o caldo. – Delicioso. Nunca imaginei que uma sopa caísse tão bem.

Susan o viu tomar o caldo, a mão dele tremendo ao levar a colher até a boca.

– Que tal você ficar de vigia para o caso de os pombos retornarem – ela disse, – enquanto eu cuido dos pombais?

Bertie baixou a colher.

– Podíamos colocar sua cadeira na varanda – acrescentou.

Ele fez que sim com a cabeça.

Ela esperava que ele reclamasse e o fato não ter feito isso a deixou angustiada.

– Só esta tarde – acrescentou ela, percebendo imediatamente que estava tentando se tranquilizar.

– Talvez seja uma boa ideia que um de nós fique de vigia – disse Bertie. – Os soldados são uns idiotas.

Susan lavou a louça, depois mudou a cadeira da sala de estar de Bertie para a varanda. Foi preciso algum esforço para espremer a peça estofada de grandes dimensões através do batente da porta; ela teve de virar a peça de lado e movimentá-la bastante. Enquanto ele se sentava na cadeira, reparou que o tecido tinha sido rasgado.

– Desculpe – disse ela, enfiando o recheio dentro da aba rasgada do tecido. – Vou consertar.

– Deu personalidade à cadeira, minha querida – disse ele, batendo em seu braço.

Ela cobriu-o com camadas de cobertores. Ao lado dele, colocou sua bengala e o frasco de comprimidos, embora

soubesse muito bem que ele nunca tocaria em nenhum dos dois. Depois foi trabalhar.

Durante o resto da tarde, ela se obrigou a cumprir seus deveres. Não queria deixar Bertie sozinho, mas não tinha escolha. Quinhentos pombos precisavam estar preparados para a missão seguinte, que seria a menos de uma semana, e, pelos seus padrões, as aves não estavam prontas. Nem um pouco. Elas precisavam de mais alguns treinos de voos, mas só teriam tempo para um, talvez dois, no máximo. Normalmente ela selecionava apenas os pombos mais fortes. No entanto, para cumprir o prazo, teria de confiar em qualquer pombo capaz de fazer um voo de três horas. Em seguida, as cápsulas teriam de ser fixadas às pernas, uma tarefa que levaria a maior parte do dia. A pior etapa seria colocar os pombos naqueles tubos horríveis. Ela estava determinada a não deixar Bertie ver seus pombos enfiados nos tubos como correspondência. Esse trabalho ela faria sozinha.

Ela tinha uma meta para cumprir. A sobrevivência da Grã-Bretanha repousava nas asas desses pássaros, acreditava ela. Mas ela lutava para se concentrar, a imagem de seu avô, de braços em um pasto, continuava aparecendo em seu cérebro. Para se distrair, ela raspou as fezes com uma pá, apesar de o chão estar bastante limpo, esfregando até que o piso de madeira compensada se descascou e bolhas começaram a se formar em seus dedos. Então, ela se sentou no canto do galpão, envolveu os braços em torno dos joelhos e chorou.

*A culpa é minha.* Deve existir algo que eu pudesse ter feito. Na privacidade do pombal, apenas os pombos testemunharam sua vulnerabilidade. E ela sabia muito bem que, quando saísse, teria de esconder sua fraqueza. Ela não tinha escolha, acreditava, além de ser forte. Resiliente. Enxugou as lágrimas e depois espiou por uma fenda na porta, preparando-se para o que tinha pela frente. Ficou aliviada por ver Bertie desperto e analisando o céu. Mas sua bengala e o frasco de comprimidos, pelo menos a distância, pareciam mais afastados de sua cadeira.

Susan foi trabalhar, examinar e contar pombos. Porém, alguns minutos depois, quando estava arrancando um filhote

gorducho de seu ninho, ouviu Bertie gritar.

– Susan!

O coração dela palpitou. Um vislumbre de seu avô caído na varanda surgiu em sua mente. Ela colocou o pombo em seu cubículo e saiu correndo para encontrá-lo inclinado para a frente em sua cadeira. Ela exalou, aliviada ao ver que ele não estava em perigo.

Bertie obrigou-se a levantar, usando o corrimão da varanda como muleta, e apontou.

Quando suas batidas começaram a se normalizar, ela olhou para o céu. Bem acima da floresta, um pombo. O golpe suave e imperceptível das asas fez a pulsação de Susan voltar a acelerar.

*Duquesa!*

– Ali! – Bertie gritou.

Susan viu Duquesa aproximando-se do galpão. E, como ela, os soldados, alertados pelo tumulto de Bertie, saíram de sua tenda.

Duquesa esvoaçou para a pista de pouso montada no topo do galpão. Em vez de entrar no pombal através da cortina de alarme, ela virou o pescoço e viu os soldados se aproximarem.

Quando Susan pôs os pés no chão, notou que uma cápsula vermelha estava presa à perna do pombo e parou.

– Por que o pombo não entra? – perguntou um soldado para Susan.

Ela hesitou, acreditando que estava enganada. *Não pode ser Duquesa. Ela não tinha uma cápsula quando voou para longe.* Mas, enquanto olhava para o pombo, suas pernas bambearam como flores de jardim e ela teve certeza.

O soldado, parecendo impaciente, aproximou-se do local.

– Não toque nela – disse Susan. – Ela vai entrar sozinha.

O soldado deu-lhe as costas e se ergueu. Esticou os dedos como garras e tocou a asa do pássaro.

Duquesa inclinou a cabeça e depois lhe deu uma bicada dura.

– Ai! – Ele puxou a mão para trás. – O maldito pássaro me bicou.

– Deixe-a em paz! – Susan gritou.

O segundo soldado seguiu pelo lado oposto. Trabalhando em dupla, conseguiram encurralá-la. Duquesa agitou suas asas.

Susan não sabia o que fazer. Ela queria usar a bengala de Bertie para afastá-los. Em vez disso, correu atrás dos soldados e acenou com os braços. *Xô!*

Duquesa afofou as asas. Pestanejou. Enquanto a mão de um soldado deslizava para suas pernas, ela esticou as asas e voou.

– Maldição! – disse o soldado.

Duquesa parecia um dardo. Saltou para a esquerda, depois para a direita, e desapareceu atrás do chalé.

– Veja o que você fez. – Susan colocou as mãos na cintura. – Ela se assustou.

Os soldados olharam um para o outro, depois correram para o chalé. Bertie balançou a cabeça quando os soldados passaram pela varanda, vendo os dois homens desaparecerem ao virar a esquina, perto de uma fileira de roseiras. Segundos depois, Duquesa apareceu no telhado, mergulhou fortemente e aterrissou no chão da varanda.

Bertie tentou agarrar o pombo. Mas os joelhos dele bambearam e falharam. Agarrou-se ao corrimão, como se fosse um salva-vidas.

Susan correu. Ela estava a 20 metros do chalé, mas já ouvia os soldados se aproximarem. Eles tinham atravessado o jardim e vinham na sua direção. Eles alcançariam Duquesa primeiro. A ideia de eles tocarem em seu animal fez disparar uma chama de raiva. Ela abaixou a cabeça e forçou suas pernas a se moverem mais rápido, esperando que os soldados tropeçassem.

Ela chegou à varanda no mesmo momento que os soldados. Mas não importava. Duquesa tinha desaparecido. E Bertie, cansado de ficar em pé, tinha caído em sua cadeira.

– Para onde ele foi? – perguntou um soldado, limpando o suor da testa.

– Idiota Um e Idiota Dois – Bertie murmurou.

– Perdão? – O soldado tirou o quepe.

– Eu disse que o pombo está um pouco assustado. E um pouco cansado. – Bertie inclinou-se na cadeira e ajustou o

cobertor sobre os joelhos. – Vocês a afugentaram para a floresta. Pode demorar horas até ela voltar.

– Maldito pássaro – disse o soldado. – Por que não entrou no galpão?

O rosto de Susan esquentou.

– Ela estava só descansando! Como você se sentiria depois de horas batendo os braços?

O soldado pigarreou e depois cuspiu no gramado.

– Sugiro que fique na sua tenda até o alarme soar – disse Bertie.

O soldado inflou o peito.

– Tenho que lembrá-lo de que estamos no comando?

– Não – disse Bertie. – Mas se continuar a se comportar como uma criança que persegue borboletas, aquele pombo nunca mais voltará para casa.

Os soldados olharam um para o outro, depois caminharam até a tenda e entraram.

– Os nossos militares designaram claramente os mais incompetentes para a nossa missão – disse Bertie.

Susan analisou a floresta.

– Para onde ela voou?

– Para cá.

Ela virou-se.

Bertie levantou o cobertor em seu colo para expor Duquesa, escondida em cima de sua barriga.

Susan cobriu a boca.

Ele embrulhou Duquesa no cobertor.

– Vamos entrar?

Susan o ajudou a entrar e rapidamente fechou a cortina negra, o tempo todo tentando imaginar como ele conseguira alcançar Duquesa. Ela desembrulhou o cobertor que escondia o pombo.

– Ela voou até mim quando os soldados se aproximaram. – Ele tossiu e pigarreou. – Eu simplesmente a cobri com o meu cobertor.

Susan segurou Duquesa, acariciando suas asas.

O pombo arrulhou.

Bertie apontou.

– De onde veio a cápsula?

Susan soltou o recipiente e, com delicadeza, acomodou Duquesa sobre a mesa. Desta vez não precisou que o avô a incitasse para inspecionar o que estava lá dentro. Ela desparafusou a parte de cima e tirou o papel.

ALKFQ NPTMI HLCXP QNMVX PUTXJ GQZKE  
HIQAN SYAEF AMVXQ PLWTR OSJWL IWLNF  
QLKDF SLIEF SOEVC PLEFV AMEFL YELFP  
JSPFD SKEAF RHBVC WYGHI OPAEF HUVQA  
URPXY QOSDM OPZQR TWNVI BZITE OPNCT  
IGBVM WPORL QBVXI OLKSE JGBMV PIXSW  
TZCOP VQWEM KWLKV YSLEK OPAVE CXPTY  
FJGLE KPQCX MBKSQ PEOJS TYAWM ZYRTP

A jovem abriu o livro de códigos e começou a decifrar a mensagem. À medida que escrevia, uma sensação de déjà-vu tornou suas pernas fracas. Ela terminou e entregou o papel a Bertie.

– Não estou com meus óculos de leitura. – Susan fez uma pausa, depois leu o bilhete.

*Susan,*

*Duquesa foi levada... Tentei recuperá-la, mas o campo de aviação foi atacado. O avião alçou voo comigo e Duquesa a bordo. Missão concluída. Avião abatido na França. Atirador e copiloto mortos. O Tenente de Voo Boar e eu estamos escondidos.*

– É a mesma mensagem – disse Bertie. Susan balançou a cabeça.

– Há mais.

*Wehrmacht por toda parte. A Luftwaffe usa um campo de aviação próximo, 3 km ao sul de Airaines.*

*46 bombardeiros Heinkel, 60 caças Messerschmitt, 23 Stukas, 16 aeronaves desconhecidas, muitos tambores de petróleo, 3 hangares de bombas.*

*Ollie*

*P.S. Susan, seus pombos foram corajosos. Eu queria estar com você para vê-los regressar.*

Susan colocou a mão no bolso do casaco e pegou o bilhete anterior, amolecido como algodão depois de inúmeras leituras. Colocou ambos os pedaços de papel na mesa.

– Santo Deus – disse Bertie, esfregando o galo em sua cabeça. – Ela voou de volta para França.

– Mas ela é um pombo-correio só de ida – disse Susan. – Não foi treinada para voos de ida e volta.

– Não é comum os pombos serem chocados em tigelas de café da manhã. – Ele acariciou Duquesa com um dedo. – Mas esta nasceu assim.

Susan olhou novamente para o bilhete, certificando-se de que seus olhos não a enganavam.

– Ollie deve pensar que sua primeira mensagem não chegou até nós.

Bertie fez uma pausa e coçou o bigode.

– O nosso Oliver provavelmente acreditou que a cápsula original caiu, e que Duquesa simplesmente voltou para ele. Ollie deve ter tentado de novo, usando uma cápsula de outro pombo.

A ideia de Ollie tentando desesperadamente transmitir uma mensagem fez a cabeça dela vibrar. Susan passou a mão por cima das asas de Duquesa.

– Você acha que é possível ela levar uma mensagem de volta para ele?

– Duquesa já provou que pode, minha querida.

– Mas isso vai colocá-la em risco.

– Sim – disse Bertie. – Mas ela pode voltar assim mesmo. Afinal, ela retornou para Oliver sozinha.

Susan recordou a imagem de Duquesa voando para longe, suas súplicas desesperadas ignoradas. Sacudiu esse pensamento e foi para a cozinha, encheu uma xícara de chá com água e a colocou na frente de Duquesa.

O pássaro mergulhou o bico. Gotas de água cobriram a mesa.

Em vez de arriscar chamar a atenção dos soldados indo a um galpão para recolher grãos, Susan raspou um punhado de migalhas do fundo de uma assadeira que não era usada havia quase um ano. Espalhou os pedaços na mesa. Enquanto Duquesa bicava a comida, pegou papel e um lápis, e então começou a rabiscar.

– Vai tentar mandá-la de volta? – Bertie perguntou.

Susan assentiu.

– Não suporto a ideia de forçá-la partir. Mas, se ela voar para longe outra vez, pelo menos ela levará uma mensagem.

A jovem demorou vários minutos para codificar um bilhete. Na metade do caminho de sua escrita, virou o rosto para cima e viu Bertie transpondo a mensagem de Ollie para outro pedaço de papel, assim como ele havia feito antes. *O nosso Oliver do Maine já teve problemas suficientes com a RAF*, ela lembrou-se do avô dizendo. *Ser visto como um passageiro clandestino pode criar problemas quando voltar... E ele voltará, minha querida*. Ela precisava tanto ouvir essas palavras outra vez. Os militares teriam a informação, mas manteriam Ollie fora de cena. Então, como antes, Bertie assinou a mensagem alterada, *Tenente Clyde Boar, RAF*.

Susan terminou seu bilhete codificado e colocou-o dentro do recipiente. Depois que Duquesa terminou de bicar suas migalhas, ela afixou a cápsula na perna do pombo.

Duquesa abanou as penas da cauda e sapateou, como se estivesse testando o peso do pacote.

Bertie deu uma palmadinha em Duquesa, depois se enfiou em sua cadeira.

Susan pegou Duquesa e a levou até a janela. Ao espreitar pela cortina, certificou-se de que os soldados não estavam fora da tenda. Olhou para Bertie, fraco demais para ficar em pé.

– Se ela voar para o galpão, chegarei até ela antes dos soldados. E trocarei meu bilhete pela sua mensagem.

– Você sempre foi muito rápida – disse Bertie, deslizando seu papel para a borda da mesa.

Ela forçou um sorriso e apertou Duquesa contra sua face. Penas acariciaram o seu rosto.

– Não vou forçá-la a partir – sussurrou.

Duquesa piscou os olhos.

Ela beijou a cabeça do pombo.

Antes de perder a coragem, abriu as cortinas e levantou a janela em silêncio. Duquesa se preparou para decolar. Suas garras raspavam as palmas das mãos de Susan. Ela atirou o pombo para o ar.

Duquesa bateu as asas. Esvoaçou, depois ganhou altitude. Susan se segurou no peitoril da janela.

Duquesa sobrevoou as bétulas. Em vez de descer para os pombais, voou para leste. Em direção ao Canal da Mancha.

Susan, incapaz de suportar ver o pombo voando para longe outra vez, baixou a cabeça. As probabilidades trabalhavam contra Duquesa. Os cubículos vazios eram toda a estatística de que Susan precisava; seria difícil para ela chegar à França, quanto mais voltar para casa. Ao fechar a janela, uma onda de culpa dominou seu corpo.



# Capítulo 38

←←—————→→  
Airaines, França

Ollie, Madeleine e Boar sentaram-se para um jantar de pão cinza velho e nabos fritos em gordura quente. Um jarro de vidro coberto de pó, um recipiente que era usado para armazenar vinagre, jazia no centro da mesa. No fundo do jarro havia uma camada espessa de levedura morta. Madeleine despejou o líquido dourado em copos, com cuidado para não movimentar o sedimento, e deslizou-os para Ollie e Boar.

– Esperei três horas na fila do açougue por uma minúscula tira de gordura. – Ela suspirou, depois serviu-se da bebida. – Troquei a última das minhas trufas por esta baguete que não dá para comer e o que está nesta garrafa. Tem gosto de... acho que costumava ser *brandy* de maçã.

Ollie cheirou seu copo. Os vapores de carvalho encheram seu nariz. Deu uma dentada no nabo e depois o lavou com um gole. Não tinha nenhum gosto de maçã ou de outra fruta. O teor alcoólico era alto, queimando a garganta e fervendo no estômago vazio, como se tivesse engolido um carvão quente.

Boar alisou o curativo sobre seus olhos, então passou as mãos sobre a mesa tentando encontrar seu copo. Ele engoliu o *brandy*.

Madeleine encheu a taça do tenente e depois baixou a mão para dar uma palmadinha na cabeça de Louis.

– Amanhã vamos procurar mais trufas. E depois arranjar uma comida melhor.

O porco grunhiu.

Enquanto Ollie mastigava pão velho, assistiu o tenente drenar sua segunda dose de *brandy*, como se fosse água de nascente. Sem careta. Sem precisar limpar a garganta. Para Ollie, Boar

estava absorto, contando os dias até poder tirar as ataduras. E, a cada momento que passava, a irritabilidade do homem aumentava. Faltava uma semana para as ataduras serem removidas e, àquela altura, Ollie suspeitava que o tenente se transformaria num demônio, se não no próprio diabo, para conviver.

Embora Boar fosse civilizado com Madeleine, até mesmo conversando cordialmente enquanto partilhavam cigarros, o mesmo não se poderia dizer de sua atitude para com Ollie. À noite, encolhido debaixo das tábuas do assoalho próximo a Ollie, a disposição de Boar azedava. Talvez Madeleine, sentindo a irritabilidade crescente do tenente, teve a intenção de adquirir o *brandy* para abrandar o temperamento de Boar, ou para aumentar a tolerância à Ollie. Mas ele descobriu a verdadeira razão da viagem de Madeleine à vila quando ela se levantou da mesa e voltou com um mapa de Weathered.

– Consegui sua passagem – disse Madeleine, sentando-se.

Ollie a encarou.

– Maldição – disse Boar, deixando cair o garfo. Um pouco de nabo caiu no chão, que Louis engoliu.

Madeleine ignorou o comentário e deslizou o mapa para o centro da mesa.

– Falei com...

– Devia ter mantido a boca fechada. – Boar segurou o copo.

Madeleine encheu calmamente o copo de *brandy* do tenente.

– Fala francês?

– Não tem nada a ver com isso – disse Boar.

– Tem tudo a ver com isso.

Boar passou a mão em seu queixo.

– Devia ter me consultado primeiro. Vai atrapalhar a nossa fuga.

– Não importa – disse Ollie. – Está feito.

O tenente virou a cabeça para a voz de Ollie, depois bebeu um pouco de *brandy*.

Madeleine acendeu um cigarro. Deu uma tragada profunda, depois soprou a fumaça pelo nariz.

– Vocês serão levados para o sul. – Ela desenhou o dedo sobre o mapa. – Para a Espanha.

– Quem vai nos levar? – Boar perguntou.

Ela fez uma pausa e respirou fundo.

– Um amigo do meu marido.

– Guillaume – disse Ollie.

Ela acenou com a cabeça, parecendo contente por ouvir o nome do marido.

– Resistência Francesa? – Boar perguntou.

– Não – disse ela.

– Que ótima ideia – Boar zombou. – Como saberemos que não é algum dos nazistas?

Ela tragou o cigarro e entregou-o a Boar, como se fosse uma oferta de paz.

– Confie em mim. Ele não vai contar a ninguém.

Boar colocou o cigarro entre os lábios. A fumaça passou por seus olhos enfaixados.

Ollie olhou para o mapa. Concentrou-se no que havia entre a França e a Espanha. Os Pireneus. Mesmo no papel, as linhas irregulares que representavam a cordilheira pareciam impressionantes, muito mais íngremes que a cordilheira dos Apalaches, que corria pelo Monte Katahdin, no Maine. Ele se perguntou se seria fisicamente capaz de fazer uma caminhada de 500 milhas pela França, além de evitar o inimigo, e depois subir uma montanha com um pé ruim.

– Vocês partirão daqui a uma semana – disse Madeleine. – Quando o curativo do tenente for retirado e seu tornozelo tiver tido tempo para sarar.

Ollie esticou o pé. A dor atravessou seus tendões. *Pode precisar de mais tempo do que isso.*

Enquanto Ollie esfregava o tornozelo, Boar interrogou Madeleine. O tenente tentou obter detalhes sobre o guia e a rota. Mas Madeleine manteve-se firme, recusando-se a quebrar o sigilo, como um padre que tinha ouvido uma confissão.

– Não vou sobrecarregar o amigo do meu marido com mais riscos – ela disse, pegando o cigarro de Boar. – Se os nazistas encontrarem vocês antes de partirem, eles os torturarão. Não

importa quão forte você pensa que é. Você vai falar. Então eles vão matar meu amigo. – A cinza caiu do cigarro dela. – Não há necessidade de outra pessoa ser alvejada.

A boca de Ollie ficou seca. Ele sabia que, se um dos dois fosse apanhado durante a tentativa de fuga e o nome de Madeleine fosse revelado, ela seria executada. Ele passou os dedos pelo cabelo e prometeu a si mesmo que, se fosse capturado, levaria o nome de Madeleine para a sepultura.

– Muito bem. – Boar deslizou a mão sobre a mesa e encontrou a garrafa. Encheu o copo, usando o dedo para sentir o *brandy* subir.

Ollie comeu o resto dos nabos, apesar de ter perdido o apetite, e depois disse a Madeleine:

– Vou levar Louis ao celeiro e alimentá-lo.

Madeleine assentiu.

Ollie ficou em pé e foi para a janela. Espiou pela cortina para ter certeza que a área estava livre. Apenas folhas balançando. Era o crepúsculo, e o céu estava pintado em tons de laranja e azul. Ele abriu a porta e congelou. Lá fora, olhando para ele, estava Duquesa.

– Não – disse Ollie.

O pombo piscou.

– O que foi? – Boar perguntou da mesa.

– Duquesa. – Ollie a pegou e reparou que a cápsula ainda estava presa à sua perna. *Pelo menos não perdeu a mensagem outra vez.*

O pombo arrulhou.

– Vá para casa – disse Ollie, como se estivesse dando ordens a um cão vadio. Duquesa inclinou a cabeça.

Ollie saiu e lançou o pombo para o ar. Ela esvoaçou até o celeiro, depois voltou para o chalé e pousou a seus pés.

Boar ficou em pé. Caminhou cegamente, esticando os braços, até encontrar a porta.

Ollie pegou Duquesa e a atirou outra vez.

– Casa.

Duquesa deslizou para o chão. Ela chapinhou, como um pato, de volta a Ollie.

– O seu pombo é uma porcaria – disse Boar.  
– É o animal de estimação de Susan – disse Ollie. – Ela não fazia parte da missão.

Madeleine foi até lá fora. Olhou para o pombo e perguntou:

– Ela voltou?

Ollie balançou a cabeça.

– Nunca partiu.

Madeleine apontou para a cápsula.

– Já verificou o que ela trouxe? – Ollie hesitou, depois removeu a cápsula da perna de Duquesa.

O pombo sacudiu a cabeça enquanto se movimentava feito uma tartaruga de oito patas. Desatarraxou o topo, esperando encontrar o bilhete. Mas o que ele encontrou foi um pedaço de papel de carta amarelo enrolado, bem diferente do emitido pelos militares nas gaiolas de entrega. Os olhos dele se arregalaram. Ele olhou para Madeleine.

– Para dentro.

Ollie colocou Duquesa na mesa e sentou-se. Madeleine sentou-se ao lado dele enquanto Boar permanecia em pé.

– O que diz? – Boar perguntou, enquanto Ollie desenrolava o bilhete.

Ollie olhou a mensagem, uma série de palavras de cinco letras. Sua pulsação acelerou.

– Está em código. – Ele tirou o livro do casaco e começou a decifrar.

Madeleine inclinou-se sobre o ombro de Ollie.

– Ande logo, Ianque – disse Boar.

Depois de alguns minutos, Ollie acabou de decodificar. Respirou fundo, depois leu a mensagem em voz alta.

*Ollie,*

*Informação transmitida para a RAF. Não sei se Duquesa o alcançará. Não a alimente. Só água. Aumenta as probabilidades de ela voltar para casa.*

Ollie olhou para Duquesa, bicando um pedaço de pão cinza.

– Desculpe – disse ele, removendo a migalha.

O pombo inclinou a cabeça, depois se sentou, como uma galinha chocando um ovo.

– É só isso? – Boar perguntou.

– Há mais. – Ollie continuou lendo.

*Preparando a segunda etapa da Operação Columba. Bertie doente. A guerra está lhe fazendo mal. Bombas caindo. Penso muito em você e rezo pelo seu regresso. Susan.*

– E quanto à RAF? – Boar perguntou.

– Nada. – Ollie dobrou a mensagem e colocou-a no bolso.

– Maldição – disse Boar. Passou a mão por cima da mesa e encontrou o copo, depois bebeu um gole de *brandy*. – A mensagem devia ter vindo da RAF, não dela.

Ollie notou o tom de inveja na voz de Boar.

– Duquesa não é um pombo militar.

– Bobagem – disse Boar. – Arranje um pouco de papel. Eu vou dizer o que deve ser escrito.

Durante os minutos seguintes, Boar ditou uma nota para a RAF. Ollie rabiscou, mas ignorou as ordens do tenente. Em vez disso, ele codificou a sua própria mensagem. Quando Boar terminou, ele já tinha finalizado seu próprio bilhete, com suas palavras. Felizmente Ollie não tinha bebido o *brandy* e era capaz de recitar a mensagem de Boar de cor.

O tenente, aparentemente satisfeito, sentou-se em uma cadeira.

Ollie colocou o bilhete na cápsula. Olhou para o tenente, bêbado e enfaixado, e perguntou o que passava por sua mente desde que Boar o espancara na Casa de Vidro.

– Por que odeia os americanos?

Boar baixou o copo.

– Vocês são todos uns covardes.

– Você não sabe nada sobre nós – disse Ollie, apertando a tampa da cápsula.

– Sei muito mais do que você pensa, ianque. – Ele olhou para Ollie. – Chega tarde na festa, conquista nossas mulheres, depois vai para casa.

Madeleine cruzou os braços.

Ollie colocou a cápsula sobre a mesa.

– Do que você está falando?

Boar levantou-se e tropeçou.

– O meu pai era americano. – Ollie olhou para o tenente. – O bastardo foi alocado perto de Epping. – Boar agarrou a mesa para se manter firme. – Como os outros malditos americanos, ele se escondeu por três anos após o início da Grande Guerra. O covarde nunca esteve em combate, por isso arranjou tempo para se engrajar com minha mãe. Engravidou-a, e quando o seu regimento foi mandado para casa, prometeu voltar por ela. Mas minha mãe nunca mais ouviu falar dele. Nenhum telegrama. Nenhuma carta. – Ele fez uma pausa, tentando evitar que seu corpo balançasse. – A mulher me deu o nome do meu pai e me faz lembrar sempre daquele que nunca se preocupou comigo.

– O que ele fez foi horrível – disse Ollie. – Mas não somos todos como o seu pai.

Boar jogou o braço para trás, como se estivesse prestes a dar um pontapé, mas perdeu o equilíbrio, caindo sobre a mesa, fazendo um prato se estilhaçar no chão.

Madeleine pegou no braço de Boar e ajudou-o a chegar ao sofá. O tenente inclinou a cabeça para trás e murmurou algo que Ollie e Madeleine não entenderam. Segundos depois, começou a roncar.

– Nossa – disse Ollie –, não é à toa que ele me odeia.

– O que devemos fazer? – Madeleine perguntou.

– Deixe-o dormir. Vou colocá-lo embaixo do assoalho mais tarde.

Ela apontou para Duquesa.

– E quanto a ela?

– Vou libertá-la de manhã. – Ele pegou Duquesa e prendeu a cápsula à perna. Ela se contorceu, depois voou até a porta.

– Ela quer ir embora – disse Madeleine, e Duquesa bicou a porta.

– Acho que os pombos não voam à noite.

– Como você sabe?

– Apenas um palpite. – Ele ajoelhou-se na frente de Duquesa, depois acariciou suas costas. – Precisa descansar.

Duquesa piscou os olhos e depois bicou.

– Está bem. – Ele espiou pela cortina e depois abriu a porta.

Duquesa passou pelo batente, bateu as asas e desapareceu na noite.



# Capítulo 39



## Airaines, França

Ollie sentou-se no celeiro com as mensagens decodificadas no colo. Soprou em seus dedos, entorpecidos pelo frio, e leu as palavras de novo. E outra vez.

Nos últimos cinco dias, ele havia se correspondido com Susan. Todas as tardes, Duquesa descia do céu e pousava graciosamente à porta de Madeleine. E, considerando que os voos do pombo tinham se tornado muito precisos, como os horários de chegada a uma estação de trem, Ollie quase sempre já ficava esperando atrás das cortinas, preparado para pegá-la e levá-la para dentro da casa.

Depois de remover a cápsula de Duquesa, ele acariciava suas asas e lhe dava água fresca, enquanto os batimentos de seu coração aumentavam. Então ele abria a cápsula para apanhar o bilhete. E ali, em um pequeno pedaço de papel de carta amarelo enrolado, estavam as palavras de Susan, escondidas sob uma infinidade de códigos.

As mensagens de Susan, que o Tenente de Voo Boar exigiu que fossem lidas em voz alta, confirmavam que a informação sobre o campo de aviação estava sendo transmitida para a RAF. Mas não havia nada diretamente da RAF. Não surpreendia Ollie que a RAF não estivesse se comunicando com eles. Afinal, Duquesa era o animal de estimação de Susan, e os militares britânicos tinham recentemente fugido da França e estavam ocupados com os bombardeios da Luftwaffe, isso sem mencionar o preparo para a invasão alemã. Além disso, não havia nada que os militares pudessem fazer por eles. Atrás das linhas inimigas, eles estavam sozinhos.

As mensagens de Susan continham, sobretudo, fragmentos de notícias e palavras de esperança que eram dirigidas a Ollie, que ele deixava propositadamente de fora durante as leituras para Boar. Não que ele temesse o oficial, embora ele tivesse que admitir que o homem era intimidador, até mesmo vendado. O fato é que parte do que estava nos bilhetes não era da conta de Boar.

Ollie se encostava em uma porta do celeiro e lia as notas decifradas, concentrando-se nas palavras finais de Susan. Sussurrando, em algum lugar dentro da cabeça dele, estava o doce som da voz dela.

*Sinto saudade. Queria que estivesse sentado ao meu lado.*

Ollie tocou gentilmente no papel e depois leu outra mensagem:

*Espero que a guerra acabe em breve e que estejamos juntos.*

*Queria poder estar com você. Abraçá-la. E nunca mais deixá-la ir embora.* Mas ele não podia dizer isso. Nada disso. Afinal de contas, as chances de ele sair da França eram poucas, na melhor das hipóteses. Ele não poderia imaginar causar-lhe mais tristeza. Ela já tinha perdido demais. E agora ele sabia que a saúde de Bertie estava debilitada. Por mais que quisesse saber mais, o máximo que podia fazer era um diário de suas emoções, que ele mantinha escondido dentro do livro de código.

Ele lia as mensagens de Susan uma segunda vez, depois tirava um pedaço de papel e começava a escrever. Esperava que Duquesa tivesse chegado a Epping. Ele teria outra mensagem, que incluía a recente visão de uma dúzia de tanques Panzer, pronta para enviar quando Duquesa chegasse. À medida que escrevia, perguntava-se se devia contar a Susan sobre os pombos.

Ele soubera por Madeleine, quando ela voltou para casa depois de ficar em pé durante mais de quatro horas na fila para comprar pão, que alguns dos franceses famintos tinham começado a comer pombos da Operação Columba. Ao cair no

campo devastado, alguns dos pombos, dependendo de quando a pessoa que os encontrou havia tido a sua última refeição, eram vistos como pacotes de comida. Em vez de enviar o que eles poderiam considerar como uma mensagem inútil para a Grã-Bretanha juntamente com o que poderia ser uma refeição para crianças desnutridas, os franceses estavam contrabandeando pombos para suas casas e comendo-os. Ollie esperava que as histórias de Madeleine fossem exceções, mas, considerando as sobras racionadas que ela tinha permissão para trazer do mercado para casa, ele temia que a situação só piorasse. E muito.

Para complicar as coisas, a Wehrmacht tinha alistado falcões. Durante o último reconhecimento de Ollie no campo de aviação, havia um soldado alemão na extremidade do campo com um falcão empoleirado em seu braço. Ollie esperava contar apenas aviões, seus números parecendo se multiplicar como roedores em um silo de milho. Mas, enquanto olhava através da vegetação rasteira, seus olhos foram desviados das fileiras de caças Messerschmitt para aquele soldado.

O soldado deixou cair o binóculo, levantou o braço e retirou a venda de couro do falcão. O predador despertou, bateu suas grandes asas e subiu em direção ao céu. Ollie viu seu alvo. Um pássaro, bem acima de uma fileira de pinheiros, a menos de cem metros de distância. E ele sabia, pelo breve tempo com Susan, que era um pombo. O falcão o sobrevoou. O pombo, inconsciente de seu predador, continuou seu voo em direção ao Canal da Mancha. Em segundos, o falcão arreganhou suas garras e apanhou o pombo em pleno voo. Ele deslizou para o chão com a presa em seu poder. Enquanto via o falcão arrancar a carne com o bico, Ollie rezava para que Duquesa não voasse perto do campo de aviação. Apesar de ser um pombo ágil, ela não seria páreo para um falcão.

Ollie pressionou o lápis contra o papel. O ar dentro do celeiro cheirava a estrume. Ele lutou entre a verdade e a fé, se deveria incluir detalhes sobre o destino dos pombos ou acreditar que a missão, apesar de suas perdas, acabaria tendo sucesso. No final, omitiu as notícias sobre as baixas dos pombos.

Ele terminou o bilhete e colocou-o no bolso, depois esfregou o pé dolorido. Os últimos dias tinham feito algum bem a ele. O inchaço havia diminuído. Apesar de ter tido dificuldade para levantar o cotovelo, foi capaz de remover a tipoia e andar com o braço a seu lado. Estava se sentindo melhor, talvez o suficiente para fazer a tentativa de fuga. Mas não podia dizer o mesmo quanto ao tenente.

Os olhos de Boar ainda estavam enfaixados. Demoraria mais dois dias até o médico voltar para examiná-lo. Durante a última semana, Boar e Ollie haviam ficado longe um do outro, tanto quanto dois homens dormindo no confinamento de um espaço minúsculo conseguiam. Ficou claro, pelo menos para Ollie, que não havia como mudar o descontentamento de Boar em relação a ele, um americano se correspondendo com uma inglesa. E as mensagens diárias de Susan só pareciam alimentar a inveja de Boar.

Quando Ollie estava prestes a sair do celeiro, ouviu um motor. O barulho de pistões aumentou. Ele parou. Agachou-se. O motor parou. Ele espiou através de uma fenda na parede. Um oficial nazista saiu de seu veículo e ajustou o quepe sobre a orelha parcialmente deformada. Em contraste com seu uniforme escuro, a pele de cera parecia brilhar.

*Dietrich.* Ollie congelou. Sua mente acelerou. *Madeleine teria tempo de esconder Boar?*

As botas do nazista esmagaram o cascalho. Ele se aproximou da porta e bateu.

Tremores percorreram a espinha de Ollie.

Dietrich tirou as luvas de couro e bateu com mais força.

Ollie procurou um lugar para se esconder. Uma minúscula pilha de feno. Um monte de batatas podres.

A porta do chalé se abriu.

– *Herr Dietrich* – disse *Madeleine*.

O nazista empurrou-a para o lado, entrou e fechou a porta.

As dúvidas inundaram a cabeça de Ollie. *Ficar? Esconder-se? Fugir?* Ele lutou para limpar sua mente. Apesar de seus instintos de fuga, ele ficou. Esperou. Minutos se passaram. Sua pele ficou fria. Enquanto analisava a decisão de se esconder na floresta,

ele ouviu um ruído forte, como uma cadeira caindo. Gritos. Mais gritos. Os cabelos em sua nuca se arrepiaram.

Ollie olhou através da fenda. Ele esperava ouvir tiros. Em vez disso, a porta do chalé se abriu. Dietrich, segurando Louis pela perna traseira, arrastou o porco para fora. A adrenalina inundou as veias de Ollie.

Louis guinchou e se agitou, tentando freneticamente cravar seus cascos frontais na terra. Mas o pequeno porco trufado, não maior que um buldogue, não era páreo para o nazista.

– *Arrêtez!* – Madeleine gritou, enquanto corria para fora do chalé.

Dietrich puxou o porco para o pátio e tirou a correia da pistola.

Louis, tentando desesperadamente fugir, torcia e arqueava a cabeça em direção à Madeleine.

Ollie cerrou os punhos.

Em um movimento fluido, Dietrich removeu a pistola e apontou para o porco que se contorcia.

Madeleine, atingindo Dietrich, bateu com as mãos no peito do nazista.

Dietrich rosnou. Ele levantou o braço e bateu em Madeleine com sua pistola, jogando a cabeça da mulher para trás e derrubando-a no chão.

Ollie analisou o celeiro. Um ancinho. Pilhas de batatas moles. Tábuas partidas. Acima dele, pendurado em um gancho de ferro, uma foice quebrada sem cabo, com a lâmina lascada e enferrujada. Ele a agarrou mesmo assim.

Madeleine levantou lentamente a cabeça. As folhas secas se agarraram ao cabelo dela. Uma gota de saliva pendurada no lábio inferior. O peito dela estava pesado enquanto sugava o ar. De alguma forma, ela conseguiu levantar-se, vacilando, como se estivesse prestes a cair, depois aproximou-se de Dietrich.

O nazista balançou a cabeça. O porco se contorceu em suas mãos.

Madeleine, o cabelo molhado de sangue, implorou:

– *S'il vous plaît. Libérez-le.*

Dietrich apontou a pistola para seu rosto.

Ela fechou os olhos. Suas mãos tremeram. Mas ela se manteve firme.

Se não fossem os gritos de Louis e o fato de Dietrich estar de costas para ele, Ollie não poderia ter se aproximado sem ser visto. Naquele momento, um porco contorcendo-se e uma francesa atrevida tinham toda a atenção de Dietrich. Pelo menos até ele puxar o gatilho. E seria o fim: dos gritos de Louis, do choro de Madeleine. Ollie mancou mais depressa. Sua pulsação estava acelerada. Dez passos. Cinco passos. E então, o som do cascalho esmagado debaixo das botas.

Dietrich virou-se. Pupilas dilatadas. Uma careta no rosto. Ele virou a arma.

Ollie balançou para trás. Ele avançou e ergueu a lâmina enferrujada e a desceu na mão do homem. Esperou uma descarga de pólvora e um projétil perfurando sua caixa torácica. Em vez disso, um estalo alto, como um ramo de nogueira que tinha sido balançado contra a base de uma árvore.

Dietrich uivou. A pistola caiu.

Ollie olhou para a mão do nazista, um polegar em um ângulo obtuso, como se ali tivesse de repente crescido um dedo extra. Ele esperava que Dietrich fugisse. Se escondesse. No mínimo, levantasse as mãos em rendição. Porque, acreditava Ollie, isso é o que um humano típico faria. Mas ele rapidamente percebeu que o nazista não era um homem comum quando o alemão veio até ele como um gladiador. Mãos estendidas. Um osso, parecido com um pedaço de giz ensanguentado, saía de seu polegar.

*Está bem. É você ou eu.* Ollie balançou. Enquanto a lâmina cortava o ar, um mal-estar inundou seu estômago. Ele tinha subestimado a rapidez de Dietrich. E apostou muito alto.

Dietrich abaixou-se, disparou para a frente e bateu o ombro na perna de Ollie.

O joelho de Ollie se dobrou. Seu tornozelo cedeu, e ele caiu com Dietrich sobre o peito. Seu pé estava esticado e o ombro ferido, prestes a se desencaixar. Ele lutou para usar a lâmina. Mas Dietrich, como um cão raivoso, mordeu a manga do casaco de Ollie. Incisivos em sua carne. A dor inundou seu braço e ele deixou cair a lâmina.

A mandíbula de Ollie levantou-se quando Dietrich, com seu único braço bom, deu-lhe um murro. Atordoado, ele se jogou sobre a lâmina.

Madeleine gritou. Ela batia os punhos contra as costas de Dietrich.

O nazista enfiou o cotovelo no rosto dela. Seus gritos altos foram sufocados enquanto o ar lhe saía dos pulmões. Ela caiu, com a mão acima do estômago.

Dietrich saiu de cima do peito de Ollie. Inicialmente, o jovem pensou que o nazista tivesse encontrado a lâmina e estava se preparando para afundá-la em seu crânio. Em vez disso, viu Dietrich se mexer feito um caranguejo. A poucos metros de distância, estava a pistola.

O nazista estendeu o braço. Seus dedos se esticaram em direção à arma.

Ollie mergulhou, agarrando a perna de Dietrich.

Uma bota esmagou a bochecha de Ollie. Sua vista ficou turva. Ele lutou para limpar a névoa em sua cabeça e percebeu que Dietrich estava fora de seu alcance. Acabou, ele pensou. Poucos segundos era tudo de que o nazista precisava. Ele já esperava ouvir os tiros. Em vez disso, um grito agudo. Levantou a cabeça e viu um rastro de sangue no pátio. E Dietrich com a lâmina cravada em suas costas. Em pé sobre ele, estava o Tenente de Voo Boar.

Dietrich balançou os braços. Se contorceu. Virou. Mas não conseguia alcançar a lâmina, colocada como um arpão entre seus ombros.

Boar agarrou Dietrich pelas costas, afundando a lâmina em seu corpo. O nazista gritou. O tenente agarrou o pescoço de Dietrich. Os músculos do antebraço dele flexionaram-se ao cortar o ar do homem. Dietrich chutou. As pernas enfraqueceram, os pés se debateram. E então, o corpo dele parou.

Ollie rastejou até Madeleine.

– Você está bem?

Ela assentiu. Sangue e sujeira marcavam seu rosto. Louis cheirou sua mão.

Boar soltou o punho do pescoço de Dietrich, depois ficou sobre seu corpo.

– Idiotas – disse ele, de costas para Ollie. – Arriscaram as nossas vidas por um maldito porco.

– Ele ia matá-la – disse Ollie.

O tenente virou-se.

A primeira coisa que Ollie notou foi o curativo ausente de Boar. A segunda, os olhos do tenente. Um deles estava limpo e alerta. O outro estava morto, como alabastro não polido.



# Capítulo 40



## Epping, Inglaterra

Susan prendeu a cápsula à perna do pombo, acariciou suas asas e gentilmente deslizou o pássaro para dentro do tubo de papelão. Sentiu o peso do pombo afundá-lo para o fundo do recipiente. Vedou a tampa, cheia de furos para permitir a entrada de ar, e colocou o tubo com os demais no canto do galpão. Empilhou-os em uma pirâmide, com cuidado para não girar os pombos de cabeça para baixo, percebendo que em poucas horas os militares os carregariam em aviões como correio aéreo.

Ela levantou um paraquedas e esfregou o material sedoso entre os dedos. O paraquedas parecia ser terrivelmente pequeno, mais adequado para flutuar um soldado de brinquedo de uma janela do segundo andar do que lançar um pombo de um avião. Além disso, os tubos de papelão pareciam frágeis em comparação com os antigos cestos da RAF. Ela compreendeu as razões pelas quais os militares tinham feito as mudanças. *Pacotes menores equivalem a menos aviões e menos pilotos mortos.* Mas ela os detestava mesmo assim. Os tubos eram demasiado escuros e apertados, pareciam caixões. Não era o jeito certo de se tratar um pombo que arriscava a vida para salvar a Grã-Bretanha. Ela deixou cair o paraquedas e continuou a carregar. E, a cada pombo que retirava de seu cubículo, a ansiedade aumentava dentro do peito.

Susan começou a preparar o último dos pombos para a missão antes do amanhecer, acordando bem antes de Bertie. Ele mal tinha dormido à noite – ou nos últimos dias –, ficando acordado por causa de seus acessos de tosse. Parecia que as únicas vezes em que ela não o ouvia chiar ou assoar o nariz tinha sido durante explosões ensurdecedoras de fogo antiaéreo.

*Vovô tinha razão*, ela pensou. Provavelmente não havia nada de errado com o coração dele. Apenas seus joelhos fracos e um resfriado comum que tinha progredido até a beira da pneumonia, dado o chiado em seu peito. Ainda assim, o Dr. Collins insistiu que Bertie continuasse a tomar vasodilatador e começasse a ingerir comprimidos de sulfa. Mas os remédios e as horas passadas com a cabeça envolta em uma toalha sobre uma vasilha com vapor de água pouco fizeram para aliviar sua congestão.

– Não há lugar no St. Margaret. As camas estão cheias de homens vindos de Londres – disse o Dr. Collins. – Ele receberá melhores cuidados em casa.

Mas a infecção continuou a crescer em seu peito. Munida de nada além de comprimidos de sulfa, rações fracas, chá aguado e óleo de eucalipto velho que tinha perdido o cheiro, ela se perguntava se o tratamento lhe fazia algum bem.

Susan colocou o último pombo em um recipiente, selou a tampa e o acrescentou cuidadosamente à pilha. Sua mente girava. Seu corpo pulsava de dúvidas. Para se tranquilizar, nem que fosse por um momento, ela pegou seu casaco e tirou dele a mensagem decodificada de Ollie. E a leu pela quarta vez.

*Susan,*

*Estou feliz pelas suas mensagens. Uma vez você me disse que a sua missão iria vencer a guerra. Agora, mais do que nunca, acredito em você.*

Ela olhou para a pilha de tubos. O pombal, antes cheio de pombos-correio, estava silencioso, exceto pelo roçar de garras no papelão.

*Desejo a Bertie uma rápida recuperação. Com você a seu lado, ele logo estará bem.*

*Suas cartas me dão força. Ouço sua voz quando leio as palavras. Vou fugir.*

*Prometo voltar a Epping.*

*Ollie*

Susan dobrou o bilhete e colocou-o dentro do casaco. Reunindo suas forças, entrou no galpão.

Nas últimas noites, a batalha aérea tinha sido feroz. As armas antiaéreas dispararam. A terra tremeu. A louça caiu das prateleiras. E agora o pasto de ovelhas estava salpicado de estilhaços, como feias pedras de granizo negras. Enquanto andava pelo pátio, Susan percebeu um brilho diferente entre os estilhaços. Ela parou. Viu uma cápsula de projétil de latão, do comprimento de uma goma de mascar. Ela imaginou que a cápsula vinha de um caça da RAF ou de um bombardeiro da Luftwaffe. Ela o apanhou. O metal frio fez sua pele se encolher. Em vez de verificar as marcas, ela a atirou na direção da floresta; o objeto pousou a vários metros de distância de uma faia.

– Odeio esta guerra! – gritou ela.

Um ruído veio da tenda da RAF ainda erguida no pátio. Um soldado colocou a cabeça para fora.

Susan olhou para ele.

– Você me ouviu.

O soldado, assustado, baixou a cabeça.

Quando se aproximou da porta do chalé, ela ouviu um chiado. Um engasgo. Uma tosse molhada. Olhou pela janela, agora parcialmente aberta para Duquesa. Uma rajada de vento frígido fez a cortina negra oscilar.

*I had a little bird, its name was Enza. I opened the window, and in flew Enza.*

Ela tremeu. Puxando o casaco em volta do corpo, entrou no chalé.



# Capítulo 41



## Epping, Inglaterra

Susan entrou em casa em meio a uma onda de tosse profunda. O ar estava úmido das panelas a vapor que tinham sido deixadas no fogão para aliviar a congestão de Bertie. A névoa cobriu as janelas. Até o teto estava molhado. O primeiro andar, ao que parecia, tinha sido transformado em uma tenda de defumação. Ela pendurou o casaco e caminhou na direção de Bertie, esparramado no sofá debaixo de camadas de cobertores de lã.

– Levantou cedo – disse Bertie, abrindo os olhos.

Susan acenou com a cabeça, notando a rouquidão em sua voz.

– Um caminhão militar estará aqui dentro de uma hora.

Ele tossiu e cuspiu em um pedaço de tecido esfarrapado.

– Receio ter sujado todos os nossos lenços.

Ela tocou em seu braço.

– É por isso que os temos.

Bertie dobrou o lenço e inclinou-se para trás.

– Como se sente?

Ele lutou para remover o catarro da garganta.

Susan pegou uma xícara, cheia até a metade com chá morno, da mesa lateral e a levantou até seus lábios.

Ele bebeu. Devagar. Engoliu.

Ela pousou a xícara.

– Está com fome?

Ele balançou a cabeça.

– Óleo de eucalipto?

Ele pressionou o lenço sobre a boca para abafar a tosse, depois baixou a mão.

– Precisamos conversar.

– Precisa descansar.

Ele obrigou-se a sentar-se. Os cobertores caíram do colo.

– Os pombos estão prontos?

– Sim. – Ela olhou para o avô. Sem energia para fazer a barba, os fios brancos brotaram em seu rosto. Olheiras escuras jaziam sob os olhos, e seu hálito estava azedo devido à infecção nos pulmões.

Bertie estendeu a mão e apertou levemente os dedos dela. Susan forçou um sorriso.

Ele soltou sua mão, depois puxou os cobertores.

– Você está fazendo a diferença nesta guerra, Susan. Apesar das perdas, os nossos pombos estão trazendo informações sobre o exército de Hitler.

Ela pensou nos cubículos vazios, nas centenas de pombos desaparecidos.

– Precisamos de mais para treinar.

– Não vamos receber mais. – Ele assoou o nariz, mas não produziu nada além de um gargarejo grosso.

– Como sabe?

– Já falei com Jonathan Wallace, do Serviço Nacional de Pombos.

– Isso não é justo – disse Susan. – Só porque você não está bem não significa que não possamos continuar com a Operação Columba. Eu vou falar com o Sr. Wallace, explicar que sou capaz de dar conta do trabalho extra até você se recuperar. – Ela se aproximou do telefone.

– Não tem a ver com minha condição, querida. – Ele se esforçou. – É a nossa localização.

Susan parou. Ela se virou e olhou para ele.

– Nossa fazenda fica perto de um campo de aviação da RAF, um alvo para a Luftwaffe. – Ele tossiu, depois pegou a xícara e bebeu. – Também estamos debaixo do seu maldito caminho de voo para bombardear Londres. Não é seguro.

– O que podemos fazer? – Perguntou ela.

– O Serviço Nacional de Pombos está montando fazendas de treino em Northampton, longe dos bombardeios. – Ele limpou a garganta. – Jonathan está reservando uma posição para você.

– Não sairei daqui.

– A Grã-Bretanha precisa de você. – Ele pausou, então colocou o lenço sujo debaixo do cobertor, como se fosse para esconder a evidência de sua condição. – Em breve não teremos mais pombos. A menos que você vá para Northampton, deixará de fazer parte da Operação Columba.

Ela se aproximou da cadeira dele.

– Não vou deixá-lo.

– Eu vou encontrá-la depois, minha querida. – Ele olhou para o frasco de comprimidos de sulfã na mesa lateral. – Os McCrearys podem cuidar de mim até eu estar melhor.

– Que tolice. – Susan cruzou os braços. A Sra. McCreary era uma mulher doce que, sem dúvida, se esforçaria para cuidar de Bertie. Mas seu marido, um homem fraco que passava a maior parte do dia escondido no porão, seria de pouca ou nenhuma ajuda. De qualquer forma, ela nunca deixaria Bertie. Nunca. Em vez de discutir, ela se inclinou sobre ele e tirou a xícara de suas mãos. – Falamos disso mais tarde.

Na cozinha, preparou chá. Quando as folhas estavam mergulhadas, ela o ouviu tossir, lutando para expelir o muco dos pulmões. Uma repentina sensação de impotência caiu sobre Susan. Ela queria chorar. Desistir. Em vez disso, mordeu o lábio e enterrou as lágrimas. *Seja como um ovo.*

Enquanto ela levava o chá para a sala de estar, um ruído veio do andar de cima. Ela colocou a xícara na mesa lateral de Bertie, derramando o líquido. Ela se virou para ver Duquesa descer as escadas e pousar no sofá.

Susan correu para Duquesa e a pegou nos braços. Penas frias pressionadas contra sua pele.

– A janela aberta do seu quarto funciona muito bem para evitar os soldados – disse Bertie.

Susan beijou Duquesa na cabeça. Ao remover a cápsula da perna do pombo, uma pena da cauda caiu no chão. Ela parou, percebendo que as cores fluorescentes de Duquesa já pareciam esmaecidas, como se estivessem branqueadas pelo sol. Juntamente com o ritmo acelerado dos batimentos do pássaro, Susan percebeu que Duquesa não estava arrulhando. Ela soprou

ar quente sobre as suas asas geladas. Depois de alguns minutos, Duquesa começou a produzir um sopro suave. Susan suspirou. Ela apanhou um frasco de grãos que tinha armazenado na cozinha e atirou a ração sobre a mesa. Suavemente, colocou o pombo à frente da comida.

Duquesa deu algumas bicadas, depois sentou-se e fechou os olhos. Susan empurrou-lhe os cereais.

O pombo não fez nenhum esforço para comer.

– Ela está cansada – disse Susan a Bertie. – É demais para ela.

Duquesa enfiou a cabeça debaixo da asa.

Bertie inclinou-se para a frente, tentando ter uma visão melhor da cadeira.

– Ela está a fazendo o que acredita ser o seu dever.

Susan hesitou, depois abriu a cápsula e tirou o bilhete.

– Não precisa ler tudo para mim – disse Bertie. – Diga-me qual é a informação, e vou escrevê-la no papel para os soldados.

Susan assentiu.

Bertie tirou um comprimido de sulfa do frasco na mesa e engoliu-o com um gole de chá. Olhou para Susan.

– Vai voltar a vê-lo, minha querida.

Ela se aproximou do avô e deu-lhe um abraço.

– Não chegue tão perto. Não quero que fique doente.

– Não me importa. – Ela o abraçou forte, reparando que tinha perdido peso. Sentiu os ossos salientes debaixo do pijama.

Duquesa levantou a cabeça, esticou as asas e voou até a cadeira de Bertie.

Ele acariciou uma asa com o dedo.

Susan apanhou um bilhete que já tinha escrito para Ollie. Começou a colocá-lo na cápsula e hesitou. Pegou um lápis e o livro de código e depois acrescentou à mensagem.

*Talvez precise partir para Northampton. Volte para mim. Estarei à espera.*

Ela enrolou o papel, colocou-o dentro da cápsula e prendeu-o à perna de Duquesa.

Duquesa voou para a janela. Ela bicou o vidro.

– Não – disse Susan. – Precisa descansar.

Duquesa inclinou a cabeça e estufou as penas. Bicou o vidro.

Susan pegou Duquesa e acariciou seu dorso.

Duquesa se contorceu para sair das mãos de Susan. O pombo voltou para a janela e bicou com mais força.

Bertie tossiu.

– Ela quer ir embora.

– É muito cedo.

Durante vários minutos, Duquesa bateu incessantemente no vidro. Cada vez que Susan tentava tocá-la, o pombo voava para longe e depois caminhava ao longo do rodapé. Depois da sexta tentativa de Susan de acalmá-la, Duquesa deu a volta na sala de estar.

Uma brisa soprou o rosto de Susan. Ela virou-se e viu Duquesa sobre a lareira.

– Por favor – disse Susan. Lentamente, caminhou na direção da lareira e gentilmente esfregou o tufo macio na cabeça de Duquesa. – Um pequeno descanso.

Duquesa a bicou. Suas garras arranharam a madeira.

Susan olhou para Bertie e notou que estava apontando para o teto.

Um estremecimento a percorreu. *A janela do meu quarto.* Ela olhou para cima. Bertie acenou com a cabeça.

Quando Susan se virou para ir para o quarto, Duquesa saltou para o ar e voou pelas escadas. O coração de Susan acelerou. Ela correu, suas galochas parecendo sapatos de mergulho em alto-mar enquanto ela escalava os degraus. Ao chegar ao quarto, encontrou Duquesa empoleirada no parapeito da janela.

– Espere!

Duquesa saltou do parapeito.

Susan enfiou a cabeça pela janela. O vento frio mordeu suas faces. Ela observou Duquesa bater as asas, usando mais esforço do que o habitual, como se sua cápsula estivesse cheia de areia. À medida que seu pombo cansado ganhava altitude lentamente, Susan tremia. *Não há lugar para descansar sobre o Canal da Mancha.*



# Capítulo 42



## Airaines, França

– Queime-o na floresta. – disse Boar, em pé sobre o corpo. – E esconda o carro no celeiro.

Com a boca aberta, Ollie olhava para Dietrich. O sangue escorria de sua mão despedaçada.

– Não.

– Faça isso – Boar gritou.

Ollie se virou para Madeleine, sentada ao lado dele no chão e pressionando uma mão no corte do couro cabeludo.

– Não podemos deixar nenhuma prova. Os nazistas conhecem a rotina dele. Vão revistar este lugar e culpar Madeleine.

Boar se aproximou deles.

Madeleine olhou para cima e ofegou.

– O seu olho!

Boar tocou seu rosto, como se estivesse esperando encontrar um de seus olhos ainda enfaixado. Em vez disso, encontrou uma córnea mirrada. Sua face ficou lívida.

Madeleine tocou no braço do tenente.

Boar se virou. Ele invadiu o chalé, deixando a porta aberta.

– Deixe-me ver. – Ollie ajoelhou-se ao lado de Madeleine e examinou sua cabeça. Perto de sua testa havia um corte profundo. E uma protuberância do tamanho de uma pequena pedra de rio. Ele arrancou uma folha seca do cabelo da mulher, depois puxou um lenço do bolso e pressionou-o cuidadosamente na ferida.

– *Merci* – disse Madeleine.

O que aconteceu?

– *Herr* Dietrich veio buscar suas trufas. Eu esperava que ele demorasse mais alguns dias. – Ela esfregou a cabeça de Louis.

O porco bufou.

– Quando eu lhe disse que não havia trufas, ele ficou zangado e disse que ia matar meu *schwein*.

– Jesus – disse Ollie. – Só por isso?

– Os nazistas são muito intolerantes. – Ela tirou o lenço de Ollie e olhou para o tecido ensanguentado. – Mesmo com uma mulher que negligenciou sua caça à trufa.

Ollie ajudou Madeleine a levantar-se.

– Você esteve ocupada nos ajudando. Desculpe, nós a metemos nesta confusão. – Ele olhou para o carro do nazista; sua grade brilhante e seus faróis pareciam olhar de volta para ele. Fez uma pausa, depois tirou o casaco.

– O que está fazendo? – Perguntou ela.

– Vou tratar disso. – Ele tirou a camisa.

– Mas o tenente de voo...

– Sei o que Boar disse, mas não vou deixar este nazista ou o carro dele na sua fazenda para os alemães encontrarem. – O vento frio bateu em sua roupa de baixo, causando arrepios em seus braços. Entregou a roupa a Madeleine, depois se aproximou de Dietrich e começou a desabotoar a túnica do oficial.

– Não – disse Madeleine.

Ollie terminou de desabotoar o casaco de Dietrich, percebendo que a temperatura do corpo do homem já estava começando a baixar. Ele tirou os braços do nazista das mangas. Ao tentar tirar a túnica, a roupa ficou presa às costas do cadáver. Ollie engoliu seco, rolou o corpo e levantou a túnica sobre a foice que saía de sua coluna. Controlando uma onda de náuseas, escorregou para dentro da veste, depois pegou o quepe e a pistola de Dietrich.

Madeleine agarrou seu braço.

– Não faça isso.

Ollie se afastou, então abriu o porta-malas do carro, só para descobrir que mal comportaria um saco pequeno, quanto mais um nazista. Sem opção, agarrou Dietrich pelas botas e arrastou-o para o carro. Lutando para levantar o peso com seu ombro ruim,

Ollie empurrou o corpo para o chão do banco traseiro. Ele cobriu o nazista com uma capa de couro preto que estava dobrada sobre o banco do passageiro.

Ollie olhou para Madeleine enquanto abotoava a parte de cima da túnica. O colarinho apertou seu pescoço.

– Preciso que você confie em mim.

Madeleine apertou o lenço. Louis se encostou à perna dela.

– Não deixe Boar fazer nada estúpido. – Ele colocou uma mão no ombro dela. – Ele vai ouvi-la.

Relutantemente, ela acenou com a cabeça.

– Encontre o amigo do Guillaume. Diga a ele que vamos partir amanhã. Se eu não voltar até de manhã, vão embora sem mim. – Antes que Madeleine pudesse responder, ele entrou no carro e fechou a porta. Quando chegou à ignição, reparou que faltava a chave. Ele a encontrou ao inclinar-se para o banco de trás e procurar nos bolsos da calça de Dietrich. Sua mão pulsou quando inseriu a chave na ignição.



# Capítulo 43

←←—————→→  
Airaines, França

O Tenente Boar tentou usar a parte de trás de uma colher para ver seu reflexo, mas o estanho estava muito manchado. Ele atirou o utensílio de volta à pia e foi para o quarto de Madeleine. Embora raramente tivesse deixado o confinamento da cozinha, a não ser para dormir debaixo das tábuas do chão, sabia exatamente onde o quarto dela estava localizado pelo ranger de seus passos. Ele encontrou o que procurava acima de um lavatório, um espelho lascado com moldura dourada. Boar se aproximou de seu reflexo. E viu um monstro. O olho esquerdo estava bom, embora sua sobrancelha estivesse inchada e o branco do olho estivesse completamente ensanguentado. Mas o lado direito estava horrível. Uma pálpebra desfigurada tinha sido costurada. Os cílios tinham desaparecido. E a córnea estava afundada e nublada, como um peixe morto. Ele tocou no olho, enrugado e ferido. O globo ocular continha algo que parecia um pedaço de cartilagem.

Boar bateu com o punho contra o espelho, enviando fragmentos de vidro pelo chão. Pressionou as mãos contra o rosto. *Nunca mais voltarei a voar.* Sua respiração acelerou. Tentou se equilibrar em pé. Sob os cacos de vidro debaixo das botas, ouviu um som mecânico e o barulho de um motor. Ele arrancou a pistola do coldre e correu para a porta. Na varanda, viu o carro do nazista se afastando, o ianque atrás do volante. Seu ódio ferveu. *A culpa é sua.* Ele levantou a arma.

– *Arrêtez!* – Madeleine gritou do pátio.

Boar apontou para o vidro traseiro. A única razão pela qual ele não tinha usado a pistola para matar o nazista era o risco de

os tiros alertarem a Wehrmacht. Mas agora ele não se importava. Seu dedo se tensionava sobre o gatilho.

Madeleine correu em direção à varanda. O porco guinchou.

Ela acenou com os braços.

– Por favor... não!

Boar apertou os olhos. Sua percepção de profundidade, com um único olho, tinha desaparecido. Enquanto estreitava a visão para a silhueta atrás do volante, Madeleine agarrou seu braço, fazendo-o perder seu alvo.

– Ele está tentando ajudar – disse Madeleine.

– Maldito. – Ele baixou a pistola e viu o carro desaparecer.

Louis roçou a perna de Madeleine. Ela deu uma palmadinha na cabeça do porco, que fungou e se aninhou debaixo de um arbusto.

Madeleine parou para recuperar o fôlego, então apanhou o casaco e a camisa de Ollie do pátio e entrou no chalé.

Boar, reparando que um pedaço do cabelo de Madeleine estava encharcado de sangue, guardou a pistola no coldre. Ele a seguiu para dentro e a ajudou a se sentar em uma cadeira. Pegando o lenço de suas mãos, mergulhou a ponta em uma panela de água e suavemente passou no couro cabeludo da mulher.

– *Merci*. – Ela olhou para ele.

Boar pigarreou.

– Estou cego do olho direito.

– Vou chamar o *docteur*.

Boar negou com a cabeça.

– Está acabado.

– Lamento.

Ele continuou a examinar o ferimento de Madeleine.

– Sinto muito por ter quebrado seu espelho.

Ela suspirou.

– Fez bem. Não tenho tido motivos para me olhar já faz algum tempo.

Boar pressionou o corte até a hemorragia estancar. Limpou o cabelo dela, deixando uma área de raiz cinzenta tingida de vermelho.

Madeleine pegou o lenço das mãos de Boar e colocou-o sobre a mesa. Ela remexeu em um cinzeiro e pegou a bituca de um cigarro. Ela o limpou com um dedo, acendeu e entregou a ele.

Boar deu uma tragada e bateu as cinzas. Uma pequena quantidade de tabaco queimado encheu seus pulmões.

Madeleine ficou em pé e se agarrou ao próprio casaco.

– Você devia ir se deitar. – Boar deixou cair o resto de papel queimado no cinzeiro.

Ela o ignorou, pegou um chapéu pendurado em um gancho ao lado da sacola de trufas e o colocou na cabeça. Ela ajustou a aba para cobrir a protuberância da têmpora.

– Os nazistas vão perceber que um dos oficiais está desaparecido. – Ela abotoou o casaco e abriu a porta. – Vão refazer os passos de Dietrich, incluindo suas visitas para requisitar minhas trufas.

Uma rajada de ar frio bateu no rosto de Boar.

– Aonde você vai?

– Falar com meu amigo. – Madeleine o encarou. – Vocês vão embora amanhã. – Ela saiu e fechou a porta.

Ele pensou em pará-la. Mas não importava. Na verdade, nada mais importava. Embora seu coração batesse, os pulmões retivessem ar e os membros funcionassem, ele estava quebrado. Inútil. Todas as fibras de seu corpo queriam lutar. Mas agora, mesmo que regressasse à Grã-Bretanha, nunca comandaria um esquadrão. Também não lhe seria permitido lutar com um olho só. Na melhor das hipóteses, seria designado para trabalhar atrás de uma mesa. *Maldição*. Ele pegou sua pistola e conferiu a munição, incluindo as balas do pente sobressalente que estava preso ao cinto. Consumido pelo ressentimento, decidiu que mataria o maior número possível de nazistas e guardaria uma bala para si mesmo. E talvez outra para o ianque.

Uma hora mais tarde, sentado na cadeira à espera de que Madeleine ou Ollie regressassem, um pequeno arranhão na varanda levou-o a erguer a pistola. Ele ficou escutando e depois rastejou até a janela. Ao recuar a cortina, espreitou lá fora. Nada.

*Peck. Peck.*

Reconhecendo o som, exalou e abriu a porta.

Na varanda, Boar viu o que devia ser o pombo do ianque, considerando sua plumagem vibrante.

– Parece um pavão ensanguentado. – Ele balançou a cabeça.  
– Me admira que não tenha sido abatido.

Duquesa olhou para cima e sacudiu suas penas. Boar aproximou-se do pássaro. O pombo se assustou, esticando as asas, preparando-se para voar.

Ele parou. Lentamente, enfiou a arma no coldre. Duquesa voou para o pátio.

Boar cerrou os dentes. Ficou parado, depois se voltou para dentro da casa e disse:

– Ianque, o seu pássaro voltou. Venha buscá-lo antes que voe para longe.

Ele entrou, deixando a porta aberta. Pressionando as costas contra a parede, fora da vista do pombo, esperou. Passaram-se vários minutos. Quando estava prestes a desistir, ouviu um tremor e depois um roçar. Um momento depois, o pássaro estava lá dentro.

Boar bateu a porta. Um estalo foi ouvido através do chalé. Duquesa saltou e bateu as asas.

Ele viu o pássaro do ianque revoar dentro da sala, batendo contra a cortina e derrubando um copo da mesa. Percebendo que seria difícil agarrar um pássaro com as mãos nuas, mesmo em um cômodo pequeno, Boar pegou um cobertor de seu buraco debaixo das tábuas do chão. Atirou o cobertor, como uma rede, para o ar.

Duquesa conseguiu desviar. O cobertor resvalou em sua cauda e caiu no chão. Ela aterrissou na estante de livros.

Boar apanhou o cobertor e, segurando-o como uma rede, aproximou-se do pássaro.

Duquesa, seu corpo inclinado, cravou as garras no poleiro onde estava.

Boar atirou o cobertor. O pássaro e vários livros caíram no chão. Debaixo do tecido de lã, uma pequena protuberância se debatia. Ele deslizou a mão para dentro, envolveu os dedos nas asas e puxou o pássaro.

Duquesa o bicou, flexionando as pernas finas.

Boar apertou o punho e reparou na cápsula.

Virando o pombo para cima, tirou o tubo de sua perna. Atirou o pássaro dentro do cobertor, amarrando as pontas para evitar que escapasse.

Desatarraxou a tampa, tirou o bilhete de dentro da cápsula e olhou fixamente para as letras embaralhadas.

– Mas o que é isso? – murmurou. Quando estava prestes a colocar o bilhete de volta na cápsula, notou o casaco do ianque pendurado no cabide. Examinou seus bolsos e encontrou o livro de códigos na parte interna do peito. Abriu a capa, e diversos bilhetes caíram. Ele os apanhou no chão. Enquanto lia as mensagens, uma variação muito diferente do que o ianque tinha lido para ele, sua pele esquentou.

Duquesa se debateu. O cobertor torceu.

Boar pisou no cobertor e pôs a bota por cima da protuberância. Quando começou a baixar o pé, parou.

Apesar da vontade de esmagar o pombo do ianque, sentou-se à mesa e decifrou a mensagem. A bílis ácida queimava em seu peito. Ele amassou o papel, atirou-o à lareira e o viu incendiar-se. Depois, apanhou lápis e papel. E, usando o livro de códigos, começou a escrever.



# Capítulo 44



## Airaines, França

O coração de Ollie batia forte enquanto ele dirigia na estrada em direção à vila. O interior do carro, embora vazio, cheirava mal, a queijo e carne curada, como se Dietrich gastasse todo o seu tempo arrancando comida de aldeões famintos. Madeleine, Ollie percebeu, não era a única pessoa explorada em Airaines.

Ele movimentava o câmbio, tentando aprender como mudar de marchas em um carro estrangeiro. *Para onde vou? Até onde vou chegar?* Temendo que as estradas fossem controladas pela Wehrmacht, tinha caminhado sempre pelos bosques em suas tentativas de obter informações sobre o campo de aviação. A três milhas dali, descobriu que suas suposições estavam corretas.

Enquanto Ollie fazia uma curva, viu um soldado da Wehrmacht bloquear a estrada com o que parecia ser um cavalete de madeira. O soldado empunhou sua espingarda.

O medo invadiu o corpo de Ollie, fazendo seu pé escorregar do pedal do acelerador. Sua pulsação aumentou com a desaceleração do carro. Ele pegou a pistola do banco do passageiro e a enfiou debaixo da perna.

O soldado, com a arma apoiada no ombro, caminhou para o meio da estrada.

A mente de Ollie acelerou. *Virar e voltar? Furar o bloqueio?*

Ele ajustou o quepe e agarrou o volante. Quando estava prestes a pisar no acelerador, o soldado agarrou o cavalete. Ollie hesitou e notou as pequenas bandeiras nazistas montadas em cada um dos para-lamas inclinados. Tecido vermelho estampado com suásticas pretas ao vento.

O soldado empurrou o cavalete para a margem da estrada e, em seguida, liberou a passagem para Ollie, fazendo um

movimento de braço, duro e reto, em uma saudação nazista.

Ollie olhava para a frente, evitando contato visual. Ao aproximar-se, levantou o braço, imitando o soldado, e viu sangue em seu punho. O ar ficou preso em seus pulmões. Rapidamente, baixou a mão enquanto se aproximava do rapaz. Mudou de marcha e acelerou. No espelho retrovisor, esperou ver o soldado levantar a espingarda. Em vez disso, o cavalete foi arrastado de volta para o meio da estrada.

Durante dois, talvez três minutos, a estrada permaneceu livre, até que um comboio de caminhões da Wehrmacht se aproximou pelo sentido oposto. Soldados empoleirados na parte de trás dos caminhões olharam para ele enquanto passava.

Ollie baixou o quepe na cabeça, esperando que eles não o reconhecessem como um garoto de fazenda do Maine disfarçado de oficial nazista ou estranhassem o volume peculiar na parte de trás do veículo. O vento dos caminhões invadiu o automóvel. Ele estabilizou o volante e sentiu algo descer por suas costas, percebendo rapidamente que era o sangue do casaco de Dietrich escorrendo em sua camisa. Quando o último caminhão passou, baixou o vidro e aspirou o ar.

A poucos quilômetros dali, o caminho transformou-se em um descampado. O carro sacolejava. O corpo de Dietrich pressionava o encosto do banco do motorista.

Ele dirigiu até a margem do bosque e enfiou o veículo embaixo de uma fileira de pinheiros. Pisando no acelerador, empurrou o carro para dentro da cobertura, até que os pneus afundassem na lama. Desligou a ignição e saiu. Examinando a área, ele viu os restos de uma casa de fazenda queimada a 50 metros de distância. O telhado havia desaparecido, as janelas estavam quebradas e as paredes estavam cheias de marcas. Ele puxou o corpo de Dietrich, que estava começando a endurecer com o rigor mortis, do banco de trás. Incapaz de endireitar as pernas do nazista, joelhos grudados ao tronco, Ollie colocou Dietrich em cima da capa e usou-a para arrastá-lo pelo chão.

Ao aproximar-se da casa, viu um poço de pedra rodeado de arbustos altos. Ele puxou com mais força. Seu ombro latejou. Alcançando o poço, ele sentiu a vibração e o som de um veículo.

Fechou os olhos e ouviu o motor roncar mais perto, depois desaparecer.

Ele respirou fundo para reunir forças, depois apoiou Dietrich contra o poço. Recusando-se a olhar para o rosto do homem, ele o cobriu com o casaco. Suas costas se contraíram enquanto levantava o cadáver. Com um enorme impulso, ele empurrou Dietrich, com capa e tudo, para dentro do poço. Esperava ouvir barulho de água. Em vez disso, escutou um baque angustiante.

Ele atirou o quepe de Dietrich, juntamente com a túnica, dentro do poço. O ar frio mordeu sua pele exposta, fazendo-o se arrepender de não ter trazido o casaco. Ele voltou para o carro, depois procurou ramos de um pinheiro para cobrir o veículo. Com o tempo, o carro e Dietrich seriam descobertos. Esperou que se parecesse com uma obra da Resistência Francesa, não de uma doce mulher que recolhia trufas. Ele tirou a pistola do carro e a colocou na parte de trás da calça. À medida que a luz do dia desvanecia, seguiu seu caminho através da floresta, esperando estar indo na direção certa.

Voltar à Airaines foi muito mais difícil do que qualquer uma das excursões noturnas anteriores de Ollie. Pouco depois de se desfazer do corpo de Dietrich, começou a chover. O que iniciou como um leve chuveiro transformou-se em granizo. Sem seu casaco, Ollie lutou para evitar que seus dentes trincassem. Nuvens de tempestade esconderam a lua e as estrelas e, sem sinalizações para guiar o caminho, Ollie foi forçado a viajar perto da estrada. À medida que os faróis apareciam, ele se escondia à margem, na vegetação rasteira. As pedrinhas de gelo machucavam seu pescoço. Depois que cada veículo passava, ele retomava sua caminhada, sabendo que, dentro de alguns minutos, provavelmente estaria de volta aos esconderijos.

A estrada apresentava alto tráfego militar. Os nazistas deviam estar procurando seu oficial desaparecido, ou então a Wehrmacht cuidava da manutenção de seu rigoroso toque de recolher noturno, apesar do tempo inclemente. Bem acima das nuvens de tempestade, os bombardeiros Luftwaffe continuavam em seus esforços noturnos de reduzir a Grã-Bretanha a pó.

O que deveria ter demorado cerca de duas horas levou quase quatro. Era tarde da noite quando Ollie chegou à casa de Madeleine. Ele tremia. As roupas molhadas se agarravam à sua pele. Ele bateu à porta, incapaz de sentir seus dedos congelados. Um momento depois, uma cortina negra se moveu, expondo a luz de uma vela.

A porta se abriu. Madeleine ajudou-o a entrar e colocou um cobertor sobre seus ombros.

– Alguém o viu? – Boar perguntou, sentado à mesa.

Ollie balançou a cabeça. Ele apertou o cobertor à volta do corpo e olhou para Madeleine, um pedaço do cabelo dela ainda com crostas de sangue seco.

– Como está sua cabeça?

Ela deu de ombros, depois lhe serviu uma xícara de água quente de uma chaleira.

Ollie agarrou a xícara, permitindo que o calor descongelasse seus dedos. Ele bebeu, depois reparou em Madeleine, a cabeça baixa e o olhar no chão.

– O que houve?

O lábio de Madeleine tremeu.

– Seu pássaro voltou enquanto você estava fora – disse Boar.

Ollie colocou a xícara sobre a mesa. O cobertor caiu de seus ombros.

– Onde ela está?

Boar apanhou um toco de cigarro em um cinzeiro.

– Enviei-a de volta com uma mensagem informando a RAF da nossa fuga.

Uma câibra retorceu o abdômen de Ollie.

– Ela trouxe alguma mensagem?

Madeleine respirou com dificuldade, depois apanhou um pedaço de papel do balcão da cozinha e entregou-o a Ollie.

A primeira coisa que Ollie notou foi que a mensagem tinha sido escrita em papel timbrado da Operação Columba. E não estava codificado.

E não era a caligrafia de Susan. Enquanto lia as palavras, um choque sacudiu seu peito. Ele olhou para Boar. Seu olho ruim parecia estar cheio de fumaça.

– Foi você quem escreveu.

Boar disse:

– Vá se ferrar, ianque.

A raiva se acendeu. Ollie largou o bilhete, depois ficou em pé e segurou o colarinho do tenente.

Boar saltou para trás, derrubando a cadeira.

– Não! – Madeleine gritou.

Ollie levantou o braço e ouviu um clique, depois sentiu alguma coisa dura contra o tronco. Olhou para baixo para ver a pistola do oficial.

– O pássaro não me deixou chegar perto. – Boar pressionou seu revólver no peito de Ollie. – Madeleine o segurou.

Ollie abaixou o braço e deslizou a mão atrás das costas para pegar a pistola nazista presa em seu cinto.

– Parem! – Madeleine ficou entre eles, como um árbitro de boxe terminando uma luta.

Boar baixou a pistola.

Madeleine, com olhos lacrimejantes, virou-se para Ollie.

– Voltei da vila e encontrei o tenente de voo tentando apanhar Duquesa. Ela não se aproximou dele. – Suavemente, colocou as mãos nos ombros de Ollie. – Ela ficou perto de mim.

O corpo de Ollie ficou dormente. Ele apanhou o bilhete. Incapaz de lê-lo outra vez, enfiou o papel no bolso. Em meio a seu nevoeiro de descrença, saiu da casa e foi caminhar sob a chuva gelada.



# Capítulo 45



## Epping, Inglaterra

A terra tremeu, derrubando um dos cachimbos de Bertie de cima da lareira. Susan, que não se importava mais com os bombardeios noturnos, pegou o objeto, limpou-o na saia, e o devolveu ao lugar certo. Depois se ajoelhou ao lado de Bertie, sentado em sua cadeira. Ela apanhou uma toalha de banho de uma pequena bacia de cerâmica e limpou seu rosto.

Bertie abriu seus olhos amolecidos.

– Precisa beber alguma coisa.

– Mais tarde – disse Bertie.

Enquanto ela umedecia o pano na bacia, uma nova detonação abalou o chalé. Pedacos de gesso caíram do teto.

Bertie tossiu, um ruído que acusava catarro em seus pulmões.

– Quero que você durma no abrigo antibomba.

Susan reparou no chiado do peito de Bertie. Apesar dos comprimidos de sulfa, do óleo de eucalipto, das visitas diárias do Dr. Collins e das horas sentado diante de uma bacia de água quente e fumegante com uma toalha sobre a cabeça, a condição de seu avô estava piorando. Com o passar dos dias e o aumento da congestão, ela disfarçava seu medo fingindo otimismo, esperando que ele não notasse o temor em sua voz.

– Não – disse ela, colocando o pano na testa do avô. – Concordamos que nunca mais voltaríamos lá.

– Está piorando – disse ele.

Susan pensou nos bombardeios. A Luftwaffe tinha atacado a Grã-Bretanha todas as noites durante mais de um mês, mas ela havia parado de contar. Londres estava desmoronando. Pessoas estavam morrendo. E o inimigo não mostrava sinais de desistir.

Ao contrário, os ataques se intensificaram, tanto em frequência como em intensidade, como se a Luftwaffe contasse com um número ilimitado de aviões e explosivos. Eles continuavam a vir. Todas as noites. As bombas eram cada vez maiores. A destruição era cada vez maior. Ela havia parado de ler o jornal, temendo as notícias de fatalidades, muitas das quais abatiam civis. Ela também fazia questão de sair da sala quando Bertie ouvia o programa de rádio diário. As notícias eram deprimentes, falando das atrocidades da guerra e recordando-lhe que Ollie estava preso no meio da ocupação nazista. Hitler iria provavelmente bombardear a Grã-Bretanha até a rendição na primavera. A vida como ela a conhecia seria transformada para sempre.

– Não vou permitir que eles nos obriguem a dormir em um buraco.

Bertie tirou o pano da cabeça e o deixou cair na bacia.

– Quero que você vá para Northampton – disse ele, pegando em sua mão.

Seu toque flácido formou um caroço na garganta de Susan.

– Sempre tive orgulho de você – disse ele. – Não conseguiria imaginar uma neta melhor.

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

– Você será mais útil para a Grã-Bretanha treinando pombos do que cuidando de um velhote friorento.

– Não vou deixá-lo.

– Não é um pedido, Susan. – Ele olhou para ela, as pálpebras inchadas de febre. – É uma ordem.

Susan sentiu os dedos dele relaxarem. Ela observou a mão frágil de seu avô, com veias escuras e inchadas, caindo de seu colo.

Ele tossiu e puxou o cobertor para o peito.

– Você puxou essa teimosia de mim. Pensa que não sei?

Discretamente, ela limpou os olhos. Ele tinha falado sobre a partida para Northampton mais de uma vez nos últimos dois dias. E, conhecendo Bertie, ele continuaria se esforçando para mantê-la segura. Mas como ela podia deixá-lo? Quem cuidaria dele? Embora tivesse informado Ollie sobre se estabelecer em

Northampton, ela não estava pronta para partir. Aquela era a sua casa. O seu avô. Os seus pombos. No fundo, ela sabia que tinha de ir. Mas não hoje. Nem amanhã. O máximo que podia fazer, pelo menos por enquanto, era atrasar o inevitável.

Susan apanhou a toalha, espremeu o excesso de água e devolveu-a à testa de Bertie, notando que a pele dele estava quente ao toque.

– Está certo – disse ela. – Vou para Northampton quando você se recuperar.

Ela esperava que ele discutisse. Em vez disso, Bertie se inclinou para trás na cadeira e respondeu:

– Já lhe contei a história de como os seus pais se conheceram?

Susan sorriu.

– Sim – disse ela –, mas eu gosto do jeito como você conta.

E em meio a tosses, resfolegadas e o aroma silencioso do eucalipto, Susan ouviu uma versão muito abreviada da história de Bertie. Ela tinha escutado esse relato umas cem vezes, mas esta noite foi diferente. As palavras eram preciosas para ela, pois percebeu que haveria poucas oportunidades de ouvir essa história novamente.



# Capítulo 46



## Epping, Inglaterra

Susan olhou para Bertie, dormindo em sua cadeira. Uma vela, queimada até o fim, cintilou um âmbar apagado que brilhava sobre a sala. O peito dele levantou-se e depois caiu. Ela exalou. Recusando-se a sair do lado do avô, a jovem passava as noites no sofá em vez de na cama. Depois de uma noite em que ele tossiu assustadoramente, ela ficara feliz por ele poder finalmente descansar. E ela esperava que o pior do bombardeio desta noite tivesse acabado.

Enquanto tentava dormir, um farfalhar, como se um esquilo tivesse entrado no chalé, a fez se sentar. A almofada onde ela apoiava a cabeça caiu no chão.

Bertie abriu os olhos e pigarreou.

– Tudo bem, minha querida?

Ela assentiu, acendeu outra vela e depois ficou ouvindo. Rumor de explosões distantes. Uma rajada de vento fez o chalé ranger. Segundos depois, um ruído suave. E Duquesa desceu as escadas.

Susan disparou, querendo segurar o pombo, acariciar suas asas e aquecer suas penas. Mas ela não queria cometer o mesmo erro de deixar a janela do quarto aberta. Então, subiu as escadas e fechou as janelas para evitar que Duquesa se afastasse prematuramente. Apressando-se pelo corredor, os pensamentos sobre a mensagem de Ollie a encheram de esperança. Seu coração acelerou. Ela desceu as escadas e congelou.

Encontrou Duquesa empoleirada no colo de Bertie. Suas penas, antes lustrosas, brilhando nas cores verde fluorescente e púrpura, agora pareciam sem vida, manchadas como prata velha.

Apesar de estar no auge de sua vida, ela parecia exausta. Talvez fosse a luz das velas. Ou talvez a aparência de Duquesa tenha sido prejudicada pela condição de Bertie – barbudo, cabelo oleoso, ossos dos ombros salientes sob suas roupas de dormir.

– Ela está exausta – disse Bertie, olhando para Duquesa. Ele cuspiu no lenço.

Duquesa piscou os olhos.

– Não estou muito melhor – disse Bertie ao pombo.

Susan apanhou cuidadosamente o pássaro, soltando uma de suas garras que ficara presa ao cobertor de Bertie. Beijou o pombo na cabeça e depois acariciou as asas.

Duquesa fechou os olhos.

– Ela está gelada – disse Susan. Ela soprou ar quente por cima da pequena cabeça. Depois de alguns minutos de aquecimento, notou que Duquesa tinha adormecido. Em vez de perturbar seu descanso desamarrando a cápsula de sua perna, ela removeu cuidadosamente a mensagem e devolveu a tampa. Suavemente, colocou Duquesa no colo de Bertie.

– É demais para ela – disse Susan.

Bertie esfregou um dedo nas costas de Duquesa.

Susan olhou para seu pombo exausto e seu avô frágil. Determinada a devolver a saúde a ambos, ela decidiu prender Duquesa por vários dias antes de permitir que ela voltasse a voar. Quanto a Bertie, continuaria ministrando suas pílulas de sulfato e tratamentos de vapor até que seus pulmões carregados ficassem limpos.

Ela apertou o pedaço de papel enrolado. Mais do que nunca, precisava de Ollie. Ansiava por suas palavras, que podiam lhe dar a esperança de que tudo ficaria bem.

Enquanto desdobrava o bilhete, uma caligrafia estranha a alarmou. Rapidamente, pegou o livro de códigos e começou a decifrar a mensagem.

*Susan,*

*Lamento escrever isto. Encontrados pelo inimigo.*

*Ollie fugiu e não voltou.*

- Não! – Susan gritou.
- O que foi? – Bertie tossiu.

Susan balançou a cabeça e continuou a decodificar o texto. Ela lutou para se concentrar enquanto traduzia a mensagem.

*Suponho que tenha sido capturado. Encontrei livro de códigos em seus pertences. Não escreva mais nada. Informe à RAF que tentarei fugir amanhã.*

*Tenente de Voo Clyde Boar, RAF*

– Não pode ser... – Ela se esforçou para respirar. Suas pernas tremeram. Bertie tentou colocar os óculos.

Susan entregou-lhe o papel, depois pegou Duquesa e encostou o pombo ao peito. Enquanto Bertie lia a mensagem, ela rezava para que seu cérebro, abalado como um globo de neve pelas ondas de tremores das bombas, não tivesse interpretado as palavras corretamente. Mas ela sabia o que tinha lido. E o que significava. Não se podia negar que o que quer que tivesse acontecido na França, tinha trazido consequências trágicas.

*Não! Ollie não!* O medo se acumulou em um caroço na parte de trás de sua garganta, produzindo o desejo de vomitar. Suor frio se formou em seu pescoço. *Ele está vivo*, ela lutou para se convencer. Ele vai voltar. Mas a revelação naquele pedaço de papel era clara. A esperança de que ele voltasse para ela estava perdida. Ollie tinha desaparecido. Um espasmo de solidão torceu seu coração. Com mente e corpo dilacerados, ela começou a chorar.

Bertie baixou a mensagem e tirou os óculos. Ele estendeu os braços.

Susan libertou Duquesa e enterrou a cabeça no peito de Bertie.

- Devemos acreditar que Ollie está bem – disse ele.

Duquesa se deitou em um círculo no chão.

Susan sentiu o peito de Bertie se levantar enquanto ele lutava para conter a tosse.

- O que devemos fazer?

– Primeiro, transmitir a mensagem à RAF. – Ela se sentou e limpou os olhos.

– E depois?

– Esperar.

– Temos de fazer alguma coisa.

– Neste momento, só sabemos que o nosso Oliver do Maine está desaparecido.

Ouvir a palavra desaparecido fez Susan baixar a cabeça até as mãos.

Duquesa ergueu a cabeça. Ela perambulou pelo chão e cutucou o tornozelo de Susan com o bico.

Ela olhou para o pombo. Duquesa arranhou o chão. Susan estendeu a mão para pegá-la, mas ela voou para a janela e começou a bicar a cortina negra.

– Ela quer partir – disse Bertie.

*Ollie não está lá para receber a mensagem.* Ela apertou as mãos para que não tremessem.

Duquesa esticou as asas e voou. Deu uma volta sobre a sala de estar depois ficou revoando próximo ao teto.

Um momento depois, Susan ouviu bicadas em seu quarto. Ela olhou para cima. Quando o barulho parou, ela pensou que Duquesa tivesse desistido, até que a viu entrar na sala de estar. Em vez de pousar, Duquesa voou de cabeça na direção da cortina negra.

Susan arfou.

Duquesa caiu no chão.

– Meu Deus! – Bertie disse.

Susan foi buscar Duquesa, mas o pássaro disparou e voou novamente.

O pombo se lançou outra vez contra a janela. O estrondo do corpinho de Duquesa batendo na cortina fez Susan gritar.

Atordoada, Duquesa bateu uma das asas, debatendo-se contra a parede.

Susan pegou o pombo nos braços. Acariciou seu dorso. No entanto, seu toque só parecia piorar as coisas. As pernas de Duquesa estavam crispadas. Suas garras arranhavam o antebraço de Susan.

– O que está acontecendo?

Duquesa levantou a cabeça.

Pela hora seguinte, Susan tentou acalmar Duquesa. Ela acariciou suas asas, tentou dar comida, que ela não aceitou, e soprou ar quente sobre suas plumas. Cada vez que ela pensava que seu pombo tinha se acalmado, abria seu punho apenas para ver Duquesa se chocando contra a cortina e cair no chão, agora coberta com um cobertor para protegê-la de ferimentos. Susan até tentou colocá-la em um cesto, que pegou de um galpão. Mas o confinamento só fez Duquesa bater as asas contra a gaiola improvisada. Entre algumas outras opções, Susan decidiu embrulhar o pombo em uma toalha.

Bertie lutou para se levantar da cadeira. Seus joelhos fracos rangeram. Ele agarrou sua bengala, coberta de poeira e apoiada contra a lareira, e mancou até a neta.

Susan, segurando Duquesa, olhou para cima. A visão de Bertie se rendendo a usar a bengala fez seus olhos se arregalarem.

– Ela enlouqueceu.

– Temos de deixá-la ir – disse ele.

– Mas ela vai voar para longe. E está sem forças.

Bertie tossiu e depois teve um momento para recuperar o fôlego.

– Se ela ficar, vai se ferir.

Susan sentiu Duquesa se debatendo. A missão, parecia, tinha transformado seu animal de estimação em um pássaro selvagem. Com os olhos cheios de lágrimas, ela encarou Bertie e soube que não tinham escolha.

Bertie atravessou a sala de estar, tendo de parar duas vezes para descansar. Ao chegar à janela, puxou para trás a cortina negra e destravou o trinco. A janela se abriu.

O ar frio pareceu acalmar Duquesa. Cuidadosamente, Susan abriu a toalha para descobrir que uma pena da cauda tinha caído.

Duquesa olhou para cima, os olhos dourados brilhavam à luz da vela.

– Por favor, não vá. – Susan acariciou seu pombo.

Duquesa piscou os olhos. Ela saltou, bateu as asas e voou para a noite.



# Capítulo 47



Airaines, França

O ritmo ininterrupto da chuva no telhado do celeiro abrandou até parar. A respiração de Ollie, quando o ar frio saía, produzia uma nuvem. A luz do sol da manhã derramou-se através de rachaduras nas tábuas.

Ele tinha passado a noite sozinho no celeiro, embora Madeleine tivesse aparecido em algum momento. Sem dizer nada, ela tinha colocado o casaco sobre os ombros dele, um cobertor em seus pés, e voltou para o chalé. Durante as horas seguintes, ele tinha pensado no bilhete. *Boar escreveu a mensagem*, repetia. Ele escreveu. Mas uma voz no fundo de sua mente continuou a lembrá-lo de que Madeleine, e não Boar, tinha sido a primeira pessoa a pegar Duquesa.

O corpo de Ollie tremia de angústia. Ele sacudiu imagens da mensagem e pensou em Susan – seu porte gracioso, a delicada curvatura de suas maçãs do rosto. Um vislumbre de sua viagem a Clacton-on-Sea, a forma como ela havia ensinado a ele sobre seu arsenal de pombos, fazendo-o perceber que os pequenos pilotos, mesmo os pulverizadores de inseticida, sabiam voar muito bem. A maneira como seus joelhos se tocavam levemente ao se sentarem juntos no sofá, enviando um formigamento por sua coluna e lhe fazendo esquecer, pelo menos por um momento, da perda de sua família. Ele admirava sua bravura quando as bombas caíram sobre Londres, a crença inabalável de que sua missão permitiria que a Grã-Bretanha vencesse a guerra. E sua tenacidade para continuar, não importava o quanto as coisas corressem mal.

Ollie lutou para manter a esperança. Ao colocar as mãos no bolso do casaco para reexaminar o bilhete, ele ouviu o ruído de

cascos. Aproximou-se da porta do celeiro e espiou para fora. Viu uma carroça grande sendo puxada por um par de mulas peludas, expelindo vapor de suas narinas. Segurando as rédeas estava o que Ollie imaginou ser um padre, considerando que o homem vestia um manto marrom-escuro com o capuz cobrindo a cabeça.

A porta do chalé se abriu.

– Tenente – chamou Madeleine.

O padre puxou as rédeas. As mulas frearam, e a carroça parou.

Ollie, sabendo que devia ser o guia de Madeleine, deixou o celeiro. Ao aproximar-se, o padre virou-se e retirou o capuz, fazendo Ollie diminuir seu ritmo.

Uma máscara cobria metade do rosto do homem, abaixo dos olhos. O que parecia ser um pedaço de cobre moldado tinha sido pintado em tom de pele brilhante, um ou dois tons mais claro que a pele exposta na testa do visitante. Tufos de cabelo, do mesmo castanho-escuro das mechas laterais, foram coladas para formar um bigode.

Boar saiu pela porta e parou. Ele olhou para o padre e depois se virou para Madeleine.

– Este é o nosso homem?

Madeleine assentiu e caminhou até a carroça.

– Lucien Bellamy, amigo de meu marido.

Boar pigarreou.

– Eu não esperava um padre.

– Ele é um monge, não um padre – disse Madeleine.

Lucien deixou cair as rédeas, apeou da carroça e cumprimentou Madeleine colocando uma mão em seu ombro.

Ollie se aproximou de Lucien.

– Ollie – disse ele, estendendo a mão. O monge hesitou, depois apertou-a.

Ollie notou cicatrizes escamosas no antebraço de Lucien.

– Serviu na Grande Guerra com Guillaume?

Lucien fez que sim com a cabeça.

– Qual é seu plano? – Boar perguntou, mantendo distância.

O monge segurou um pedaço de ardósia, do tamanho de um cartão-postal, que estava pendurado em um fio ao redor de seu

pescoço, e começou a rabiscá-lo com um pedaço de giz.

– Ele fez voto de silêncio – disse Madeleine.

– Mas que boa ideia – gemeu Boar.

Lucien virou o pedaço de ardósia para que lessem:  
*Monastères.*

– Ele planeja levar vocês dois através dos mosteiros – disse Madeleine. – Até chegar à *zona livre* e eventualmente à Espanha.

– Ele entende inglês? – Boar perguntou.

Madeleine assentiu.

Boar caminhou até Lucien.

– Como planeja nos levar para Espanha?

Lucien apontou para a carroça.

Boar balançou a cabeça.

– Mesmo que a enchamos de palha, a Wehrmacht vai revistar a carroça. – Ele olhou para o monge mascarado, depois para Madeleine. – Com todo o respeito, ele parece estar se dirigindo a um baile de máscaras. Tudo que vai fazer é chamar a atenção sobre nós.

– O nome dele é Lucien – disse Ollie. – E está arriscando sua vida para nos ajudar.

– Ele vai fazer que nos matem no primeiro posto de controle.

– Boar passou a mão em seu olho ferido, como se tentasse fazê-lo funcionar.

Lucien subiu na parte de trás da carroça e se arrastou até o fundo da carroceria. Pegou uma tábua e a puxou. Um alçapão foi aberto, revelando um pequeno espaço de menos de dois pés de profundidade, percorrendo a largura da carroça por baixo do banco do condutor.

– Que inteligente – disse Ollie. Ele olhou para o compartimento escondido, dividido ao meio em um quadro horizontal. O espaço era muito menor que o buraco das tábuas do chão, mas parecia haver espaço suficiente para dois homens. Ele subiu na carroça e se encolheu na metade inferior do compartimento, tendo de recolher seus membros.

– Isso é ridículo – disse Boar.

Ollie se espremeu para fora do compartimento, depois saiu da carroça.

– Vai funcionar. – Ele tirou a pistola do casaco e colocou-a ao lado do cinto, certificando-se de que o tenente podia vê-la. Falando suavemente, para que somente Boar pudesse ouvir, ele disse:

– Madeleine será executada se formos encontrados aqui. Ela já fez o suficiente.

Boar fez uma pausa e respondeu:

– Lamento pelas notícias que recebeu, ianque.

O rosto de Ollie esquentou. Ele chegou mais perto e olhou para o olho sem vida de Boar.

– Leve Lucien e a carroça para o celeiro. Encha a parte de trás com estrume.

– Maldito rato – Boar assobiou. – Não recebo ordens suas.

– Tenho algo a fazer antes de ir embora. – Sem que Boar pudesse responder, Ollie entrou no chalé.

Lá dentro, ele pegou um martelo e pregos, depois começou a fixar as tábuas no chão. O som dos passos de Madeleine, acompanhado pelo ruído dos cascos de Louis, o fez olhar para cima.

– Se os nazistas aparecerem, não quero que encontrem o buraco – disse ele, ajustando uma tábua.

Madeleine assentiu. Ela coçou o porco atrás das orelhas, fazendo-o mexer a cauda.

Ollie batia os pregos rapidamente. Depois de fixar a última das tábuas do assoalho, deslizou a mesa de volta para o lugar.

– *N'abandonnez jamais* – disse Madeleine.

Ollie virou-se.

– Significa “Nunca desista” – acrescentou ela.

Ele fez um sinal com a cabeça, percebendo o quanto Madeleine lembrava sua mãe.

– Você podia vir conosco, fingir ser a intérprete de Lucien. Seria mais seguro para você na zona livre.

Madeleine balançou a cabeça.

– Por favor – disse Ollie. – Junte-se a nós.

Ela esfregou a cabeça de Louis.

– Tenho que esperar pelo meu Guillaume.

Por mais que Ollie tentasse convencer Madeleine a partir, ela se recusou. Ficou claro que estava determinada a esperar pelo marido desaparecido, apesar da probabilidade de que os nazistas, refazendo a rotina de Dietrich, acabassem chegando a seu chalé. Enquanto ela o levava até a porta, ele soube que ela não mudaria de ideia. E esperava que os esforços para encontrar Dietrich levassem os nazistas para longe de Madeleine.

Lá fora, para sua surpresa, ele descobriu que Boar e Lucien tinham enchido a parte de trás da carroça com estrume e algumas das batatas podres – dez batatas, quantidade grande demais até mesmo para Louis comer.

Boar limpou as mãos na calça e se aproximou de Madeleine.

– Creio que esta seja a despedida.

Madeleine, esticando-se nas pontas dos pés, beijou Boar em ambas as bochechas e então o viu subir na parte de trás da carroça.

Enquanto Ollie se preparava para se despedir, uma vibração o fez parar.

Ele se virou para ver Duquesa a seus pés.

O pombo olhou para cima e piscou.

Boar olhando da parte de trás da carroça e pressionou a bota contra uma batata podre.

Ollie pegou Duquesa e acariciou suas asas. Depois, como sempre fazia, abriu a cápsula presa à perna do pombo. Seu coração ficou apertado.

– Está vazio.

Boar cruzou os braços.

– Acho que me deve um pedido de desculpas, ianque. – Ollie ignorou o tenente. Acariciou Duquesa, reparando que ela tinha perdido peso. Suas penas, antes cheias de brilho, agora pareciam esfarrapadas. Ollie se culpou pelo estado dela. Ela arriscara sua vida levando as mensagens dele. Desejou poder enfiá-la no casaco e levá-la em segurança para fora da França. Mas ele provavelmente nunca chegaria à zona livre, quanto mais à Grã-Bretanha.

A melhor hipótese de sobrevivência para o pássaro seria voar para longe dali, como tinha feito antes.

– Não posso levá-la comigo – disse ao pombo.

O peito de Duquesa pulsou enquanto ela tomava ar.

Enquanto Ollie acariciava Duquesa, ele pensava em Susan. Uma onda de tristeza inundou sua mente. Enfiou a mão no bolso do casaco e apanhou o livro de código. Tirando um pedaço de papel, rapidamente codificou uma mensagem, então a colocou na cápsula e selou a tampa.

– Quero que você descanse junto de Madeleine. Então, voe para casa e fique lá.

Duquesa baixou a cabeça.

– Ela está fraca. Os pombos de ida e volta não devem receber comida e água no segundo local, mas ela precisa de tempo para se recuperar.

– Vamos, ianque – Boar gritou da carroça.

– Vou cuidar bem dela – disse Madeleine.

– Eu sei que sim. – Quando Ollie entregou Duquesa a Madeleine, o pombo saltou. Ollie tentou alcançá-la, mas era tarde demais. Os dedos dele resvalaram em sua cauda. As asas acariciaram seu rosto. Sem alternativa, ele viu o pombo disparar acima da carroça.

Duquesa sobrevoou a casa e lentamente ganhou altitude.

– A culpa foi minha – disse Madeleine.

– Não – disse Ollie. – Se ela quer voar, não há nada que possamos fazer.

– Ela vai voltar? – Perguntou ela.

– Não sei. – Ele viu Duquesa desaparecer sobre as árvores. Depois, Ollie se aproximou de Madeleine. Abraçou-a, e beijou sua bochecha.

– *Adieu*. – Madeleine limpou os olhos.

– Nunca vou esquecer-la. – Ollie subiu na carroça e depois deslizou para o esconderijo. Boar tinha ocupado o andar acima dele. Ollie observou Lucien fechar o cubículo, tornando o compartimento escuro, exceto por uma pequena fresta perto de seu joelho. A carroça balançou enquanto Lucien se sentava. O

estalido do couro. As mulas zurraram. E a carroça começou a se movimentar.



# Capítulo 48



## Rouen, França

Em menos de uma hora as mulas pararam. Sem ventilação, o compartimento escondido começou a cheirar a estrume e a batatas podres. O idioma gutural alemão fez o cabelo de Ollie se arrepiar na nuca. *Bloqueio de estrada? Wehrmacht?* A carroça tremeu quando Lucien se deslocou no assento acima dele.

Alguém, Ollie presumiu ser um soldado, disse algo que fez seus companheiros rirem. Ollie ouviu uma mão agarrando a lateral da carroça, a alguns centímetros de sua cabeça. Ele segurou a respiração. A qualquer momento, esperava que a Wehrmacht percebesse que as estruturas da base da carroceria estavam ligeiramente afastadas, levando-os a inspecionar a área embaixo do assento de Lucien. Em vez disso, começou a se movimentar. As mulas retomaram seu ritmo lento. E continuaram sua viagem.

Ollie sentiu uma grande pancada quando a carroça passou sobre um buraco. Ele fechou os olhos e ouviu cascos batendo. Alguns minutos depois, se assustou quando o tenente falou.

– O exército do meu pai tinha boa pontaria – murmurou Boar.

Ollie mexeu-se.

– O quê?

– Eu entendo um pouco de alemão – sussurrou Boar. – Fique quieto, ianque.

Ollie pensou em Lucien. Imaginou que a máscara do monge, sem dúvida escondendo feridas de guerra, era alvo da curiosidade dos soldados. Mas ao longo das próximas horas, à medida que avançaram com sucesso por mais dois bloqueios na estrada, ele se perguntou se era mais do que apenas a máscara do homem que os estava ajudando a passar. A cada vez que

eram forçados a parar, Ollie ouvia vozes alemãs. Uma pausa. Depois a liberação, e as mulas voltavam a andar. Só uma vez ouviu um soldado inspecionar a parte externa da carroça. E um ruído que pareceu uma haste de metal batendo na madeira. Ollie suspeitou que o soldado tivesse apenas batido na parte externa da carroça com o rifle, evitando ter sua arma, ou suas botas, cobertas de excrementos.

Depois de viajar pelo que Ollie acreditava ser a maior parte do dia, a carroça parou. Em vez de comandos alemães, ele ouviu Lucien subir na parte de trás. O painel abriu-se. Ollie esfregou os olhos, embora o sol já tivesse descido, e rastejou para fora da fenda. Apesar de o ombro ter sarado parcialmente, ainda doía. Ele suspeitou de que o tornozelo também começaria a doer quando a circulação voltasse às pernas.

Ollie pulou no chão e quase caiu. Suas pernas vacilaram, como se estivessem anestesiadas. Ele esfregou as coxas, tentando acelerar o fluxo de sangue, e notou um grande edifício de pedra de três andares, que presumiu ser um mosteiro. Na parte de trás, havia um pequeno cemitério com lápides tortas. Ollie, com as pernas formigando, seguiu Lucien e Boar até o mosteiro.

Lucien se aproximou da entrada, uma grande porta arqueada de tábuas unidas por tiras de ferro enferrujado. O homem bateu à porta, depois olhou para a estrada.

Ollie virou-se. Margeando a estrada, o céu do crepúsculo delineava uma fileira de árvores, seus ramos desprovidos de folhas. Ele notou um movimento. Uma rajada de vento carregando um cheiro pútrido de decomposição, muito pior que o cheiro de esterco e batatas podres, o fez arregalar os olhos. Dois homens e uma mulher, seus corpos inchados e mutilados, pendiam dos ramos de um grande carvalho. Cordas esticadas. Pescoços quebrados.

– Oh, não – Ollie sussurrou.

Uma brisa fez cadáveres balançarem. Os ramos rangeram. Boar virou-se para Lucien.

– Resistência?

Lucien fez que sim com a cabeça. Enquanto se preparava para bater novamente, uma portinhola de metal no centro da porta se abriu.

Um homem de óculos espreitou pelo visor. Ollie presumiu que o homem reconheceu Lucien, sem dúvida por sua máscara de cobre, porque a portinhola foi abruptamente fechada. Um segundo depois, um ferrolho estalou e a porta se abriu.

Um monge, vestido igual a Lucien, embora fosse mais velho, com o cabelo grisalho e o rosto enrugado, levou-os para dentro e trancou a porta. Sem falar, eles seguiram o monge descendo escadas de pedra estreitas que mal tinham largura suficiente para comportar os ombros largos de Boar. Uma vez no porão, o monge acendeu uma lamparina com a vela que transportava. O cômodo, que provavelmente já tinha sido um depósito, estava desocupado, exceto por uma pilha de sacos vazios.

O monge olhou para Lucien, depois rapidamente subiu as escadas.

Lucien tirou seu pedaço de ardósia e começou a desenhar.

– Precisa alimentar as mulas? – Ollie perguntou.

Lucien assentiu. Guardou a ardósia e partiu.

Boar pegou a lamparina, examinou o porão e se dirigiu até o fim do cômodo.

Eles mal se falaram o dia todo, mas isso tinha sido bom para Ollie. A julgar pela forma como Boar havia escolhido o lado oposto do recinto, ele suspeitava de que o homem não desejava estar perto dele também. Então, Ollie ajeitou pedaços de sacos e se sentou para descansar.

Uma hora depois, Lucien voltou, carregando uma pequena baguete e um jarro de argila com água.

Boar pegou o jarro e o virou em sua garganta, depois o colocou no chão.

Ollie também pegou o jarro e bebeu a água fria com gosto de minerais. Ao terminar, notou que Lucien tinha partido o pão em três pedaços.

– Onde estamos? – Boar perguntou.

Lucien balançou a cabeça.

– Melhor não sabermos? – Boar perguntou. Lucien assentiu.

– É justo. – Boar mordeu seu pedaço de pão.

Quando Ollie mastigou a refeição, reparou que Lucien não estava comendo. Em vez disso, o monge colocou a comida em seu bolso, então ajeitou uma cama com restos de tecido. Ollie esperava que Lucien dormisse no andar térreo, mas talvez os cadáveres pendurados, a um passo do mosteiro, fossem um lembrete diário de como os nazistas lidavam com os combatentes da resistência. Era provavelmente mais seguro, acreditava Ollie, que os habitantes desta abadia se isolassem de Lucien tanto quanto possível ou exigissem que ele mantivesse um controle rígido sobre os hóspedes contrabandeados.

Boar terminou seu pão, procurou um lugar no chão, inclinou-se para trás e fechou os olhos.

Lucien apagou a lamparina. O lugar ficou na escuridão.

Ollie se enrolou no chão e tentou dormir, mas, enquanto ficava deitado de lado, o livro contendo as mensagens de Susan pressionou suas costelas, ressuscitando pensamentos do que poderia ter tido. Ele passou as horas seguintes deliberando se havia alguma coisa que poderia ter feito para mudar o curso dos acontecimentos.

Tarde da noite, o arranhão de um fósforo fez Ollie se mexer. Ele abriu os olhos para ver Lucien acender a lamparina, então rapidamente abaixou seu pavio para um brilho fraco. O monge apanhou seu pedaço de pão, molhou-o com água do jarro e o colocou na palma da mão. Ollie pensou que estava um pouco tarde para comer, sem mencionar que aquela era uma maneira estranha de preparar a comida. Quando estava prestes a dormir de novo, viu que Lucien removeu sua máscara. Um choque percorreu o corpo de Ollie.

O maxilar do homem não estava apenas desfigurado: tinha desaparecido. Seu coração acelerou. No lugar onde a boca devia estar, havia um buraco enorme. Sem língua. Alguns dentes inúteis se penduravam no maxilar superior.

Ollie assistiu Lucien colocar um pouco de pão no buraco, tatear buscando o jarro de água e inclinar a cabeça para trás. A água desceu pelo esôfago do monge. Ollie sabia, pela máscara de cobre, que Lucien ocultava ferimentos da Grande Guerra.

Talvez queimaduras. Um rosto mutilado. Mas nunca esperaria que alguém pudesse viver com danos tão horríveis. E, de repente, percebeu que o homem provavelmente estava removendo sua máscara nos bloqueios de estrada, usando o rosto mutilado como uma distração. Ele se lembrou do escárnio do soldado no bloqueio: *O exército do meu pai tinha boa pontaria.* A raiva ardeu na barriga de Ollie.

Lucien inseriu mais pasta de pão no buraco. A papa molhada encheu sua cavidade.

Ele ficou quieto para dar privacidade a Lucien e notou que Boar também estava acordado, olhando fixamente, com rosto contorcido de espanto.



# Capítulo 49



## Epping, Inglaterra

Susan colocou a palma da mão na testa de Bertie. O calor que emanava da pele do avô fez suas pernas enfraquecerem. *I had a little bird, its name was Enza.* Ela correu para abrir o frasco de remédio, derramando comprimidos de sulfa no chão.

Bertie, demasiado frágil para tapar a boca, expeliu uma tosse molhada. Seu lenço, imundo, estava abandonado na mesa lateral.

*I opened the window, and...* Susan mordeu o lábio, lutando para silenciar o canto permanente dentro da cabeça. Ela pegou alguns comprimidos e colocou um na boca do avô. A mão da jovem tremia ao levantar um copo de água para os lábios do avô.

Bertie se engasgou. A água escorreu pelo queixo. Na sua segunda tentativa, engoliu o medicamento.

Susan olhou para Bertie, muito doente para se sentar e confinado a uma cama improvisada no sofá. Ela desejava poder fazer mais. Um comprimido milagroso. Intervenção divina. Algo diferente das visitas diárias do Dr. Collins para ouvir o peito de Bertie. A cada vez que o médico retirava seu estetoscópio, ele comentava que as camas do hospital estavam cheias de pacientes feridos de Londres e que Bertie estaria melhor em casa para receber os cuidados individuais de que precisava. As intenções do médico eram boas. No entanto, vendo o estado do avô piorar, ela questionava o diagnóstico e se arrependia de não ter feito mais.

– Onde estão os soldados? – Bertie sussurrou.

Susan reparou na fraqueza da voz dele.

– Levantaram acampamento esta tarde. – Ela pegou um pano e mergulhou-o em uma bacia de cerâmica com água. Enquanto

ela limpava o rosto dele, lembrou-se dos soldados carregando a barraca e seu equipamento, e então se afastando. Tinham sido designados para outra tarefa. E ela não ficou surpresa. Afinal, não havia nada para eles fazerem ali, considerando que os pombais estavam vazios e que nenhum pombo regressava da França havia mais de uma semana, incluindo Duquesa.

– Ela não vai voltar, vai? – Susan perguntou, incapaz de controlar seu pensamento.

Bertie deslizou a mão debaixo do cobertor.

Ela apertou seus dedos. Nove dias tinham se passado desde que Duquesa partira. E Susan sabia, depois de anos de competição de pombos com Bertie, que um pombo, se desaparecesse por mais de um ou dois dias, não retornaria mais.

– Northampton – sussurrou ele, quase inaudível.

– Não vou deixá-lo sozinho – disse ela. – O Serviço Nacional de Pombos pode esperar.

Ele piscou, seus olhos sonolentos e inchados.

– Não vou melhorar.

A pele de Susan ficou fria.

– Prometa que vai.

Ele parou para recuperar o fôlego, depois lambeu os lábios rachados.

– Primeiro vamos fazer você ficar bem.

Ele tossiu e depois balançou a cabeça.

Os olhos de Susan lacrimejaram. Ela acariciou o braço do avô, fino e frágil como o ramo de um salgueiro.

Bertie suspirou com dificuldade

– *Seja como um ovo*, minha querida.



# Capítulo 50



## Epping, Inglaterra

Susan foi até o telefone e descobriu que as linhas ainda estavam mudas, como nos últimos três dias. Através das cortinas, viu que o sol tinha descido, transformando o céu em índigo. Um brilho morto de âmbar traçava o horizonte. A escuridão estava chegando. Era tarde para se aventurar lá fora, mas ela não se importava. A condição de Bertie piorou e ela decidiu tomar as rédeas.

– Vou preparar o caminhão – disse, agarrando o casaco. – Vamos para o St. Margaret.

Bertie abriu os olhos, tentou falar, mas só conseguiu produzir um chiado.

Enquanto abotoava o casaco, as sirenes soaram. O horrível uivo enviou calafrios pela espinha de Susan. Ela correu para fora, sem se preocupar em fechar a porta. Ao chegar ao caminhão, baixou a porta da carroceria, sabendo que Bertie estaria fraco demais para escalar até a cabine.

As sirenes rugiram. Ela olhou para cima para ver os holofotes cruzando o céu, então concentrou sua atenção no caminhão. Sua mente se pôs a pensar em como prepararia uma cama na parte traseira. *Cobertores? Travesseiros?* De repente, ela se lembrou das camas que estavam no abrigo antibombas. Quando se virou, armas antiaéreas dispararam. Ela parou e cobriu as orelhas.

As bombas fizeram o chão tremer. Ela olhou o céu. Clarões o iluminaram, revelando a aproximação dos bombardeiros da Luftwaffe. O ronco metálico dos motores alemães intensificou-se. Ela engoliu em seco, depois correu para o abrigo.

Mais mísseis explodiram. Seus tímpanos vibraram. Ela correu mais depressa. Ao chegar ao abrigo, abriu a porta e correu para

dentro.

Na escuridão, tropeçou em algo no chão e caiu, batendo os dedos com força no piso. Vasculhou o chão de terra e encontrou a perna de madeira de uma cama, usada pela última vez meses antes, quando a Luftwaffe começara seus bombardeios noturnos. Ela arrastou a cama para fora e congelou.



Quinze mil pés acima de Epping, um piloto da Luftwaffe lutava para estabilizar seu bombardeiro Heinkel. Seis meses antes, ele tinha concluído seu treinamento de voo na Base Aérea de Fürstenfeldbruck. Apenas seis minutos antes, havia assumido a posição de líder do esquadrão após o bombardeiro principal ter sido atingido diretamente e feito em pedaços, ao cruzar a linha da costa.

Novas rodadas de explosões abalaram sua aeronave. Os estilhaços atingiram as asas. Um feixe de luz disparou através do vidro da cabine. O suor frio escorreu da testa do piloto. Assustado e confuso, acreditava que as armas antiaéreas vinham de Londres e ao mesmo tempo só queria lançar suas próprias bombas e fugir dali. E ele fez o lançamento. As bombas caíram de seu avião. O restante do esquadrão também aliviou sua carga. Vinte e duas toneladas de explosivos mergulharam na direção da terra.



Foi o som agudo acima do coro ameaçador das armas antiaéreas que obrigou Susan a parar. Centenas de sirenes gritavam. Ela já tinha ouvido aquilo antes, mas sempre à distância. O som agora era diferente. Mais alto. Mais perto. Seu corpo ficou fraco. Impotente, ela deixou cair a cama e se ajoelhou. Naquele momento fugaz, sua mente brilhou com pensamentos de um futuro que nunca viria. Ela apertou as mãos e preparou-se para o impacto.



# Capítulo 51



## Ascain, França

Ollie acordou. Respirou fundo, depois exalou e olhou em volta de seu dormitório. O luar prateado derramava-se através de uma fenda nas cortinas, iluminando as paredes de gesso nuas. Uma pequena mesa de madeira, sem objetos, jazia no canto. Os seus pés ultrapassavam o comprimento da pequena cama. O cheiro de madeira antiga e cera de vela enchia o ar. Em algum lugar no fundo do dormitório da igreja, Boar e Lucien dormiam. Ele fechou os olhos e tentou descansar, mas uma estranha inquietação atingiu seu coração.

Eles viajaram por duas semanas e três dias. Durante o dia, ele e Boar escondiam-se, amontoados como contorcionistas, atrás do fundo falso da carroça. À noite, Lucien os contrabandeava, com seus corpos duros e doloridos, para um mosteiro, igreja ou abadia. Na maioria das noites, dormiam em algum celeiro ou porão. No entanto, esta noite era uma rara ocasião em que Ollie tivera o luxo de dormir em uma cama, assim como ter quarto só para si. No entanto, apesar de contar com um lugar quente para dormir, ele estava inquieto. Pode ter sido o barulho das patrulhas alemãs na vila ou a ideia de que eles estavam prestes a embarcar na última e mais perigosa etapa da viagem. Mas, no fundo, ele sabia a razão pela qual não conseguia dormir. Então ele se sentou, calçou as botas e saiu do quarto.

Silenciosamente, andou pelo corredor escuro, com cuidado para não despertar os monges escondidos em suas celas adormecidas. Parou quando conseguiu enxergar o átrio do claustro, que ligava o dormitório ao santuário da igreja. O teto medieval se arqueava no alto de sua cabeça; a parede de vitrais

brilhava à luz da lua. Ele se sentou no chão de pedra e olhou para o vitral incrustado de vermelho, verde, dourado e roxo. A cena retratava um jardim paradisíaco. Ele supunha que as figuras angelicais e o jardim exuberante servissem como um lembrete diário para os sacerdotes e monges – uma promessa do paraíso no final de suas vidas terrenas.

– O mundo está desabando. – A voz de Ollie ressoou pelo corredor. – E vocês não fazem nada.

Ele se virou para os anjos, seus olhos virando-se para longe, como se o ignorassem ou estivessem ofendidos por suas palavras. Encostando a cabeça nos joelhos, ele passou as mãos pelo cabelo oleoso. Ficou sentado no claustro por mais de uma hora, esperando receber uma revelação. Mas nada veio. Voltando ao dormitório, encontrou Lucien e Boar acordados.

– Vamos embora, ianque – disse Boar, do lado de fora da porta. – É melhor partirmos antes do amanhecer.

Ollie apanhou o casaco no quarto e voltou para o corredor. Aproximou-se de Lucien, que segurava a placa de ardósia para mostrar um mapa aos dois. Uma linha recortada representava a fronteira da montanha entre a França e a Espanha. Uma faixa sinuosa, que Ollie acreditava ser um rio, tinha sido marcada como Bidasoa. Havia dois pontos: Ascain, a vila onde estavam; e Ergoien, na Espanha, onde Lucien presumivelmente planejava escondê-los em uma outra igreja até que pudessem pedir asilo no consulado britânico ou, no caso de Ollie, na embaixada dos Estados Unidos. Ollie acenou com a cabeça, deixando o monge saber que ele tinha entendido.

– Bom trabalho, Lucien – disse Boar.

Os olhos piscaram atrás da máscara de cobre. Lucien apagou o giz com a manga, depois enfiou a ardósia dentro do manto.

Quando partiram, Ollie notou que a igreja permanecia em silêncio.

No momento em que chegaram, na noite anterior, os monges, embora dispostos a escondê-los, tinham sumido feito ratos. Ele imaginou o clero rastejando de seus quartos e partindo para sua rotina diária assim que os três fossem embora. *É melhor fingir que não colaboraram com o inimigo da Alemanha.*

Lá fora, o ar frio espetou o rosto de Ollie. Ele soprou as mãos e olhou para a carroça. As mulas tinham cumprido o seu dever e estavam agora protegidas dentro de um celeiro. Dali, eles seguiriam a pé. Ele olhou para o sul e viu a silhueta de picos de montanha, traçada pelas estrelas. Os Pireneus.

Quando saíram da vila, Ollie pensou na viagem. Lucien tinha ido muito longe para evitar bloqueios de estrada, viajando em vias secundárias. Mas, à medida que seu caminho os aproximava da costa, a presença das tropas alemãs aumentava, a julgar pelo ruído dos tanques e o zumbido dos aviões. Eles tinham manobrado para o sul, contrabandeados no interior da carroça católica de Lucien, passando por Tours, Poitiers, Bordeaux, Dax, Anglet e, mais recentemente, pela vila de Ascain. E agora a proteção da Igreja tinha desaparecido. Adiante, uma dura escalada de dezessete horas pelos Pirineus os separava da liberdade, supondo que poderiam evitar as patrulhas espanholas, que, segundo Boar, os lançariam na prisão por atravessar ilegalmente a fronteira.

Quando chegaram à base da montanha, o ar havia se tornado úmido. Nuvens espessas bloqueavam a lua. Começaram a subida marchando para cima através de espessos pinheiros. O cheiro das folhas esmagadas sob os pés de Ollie lembrou-o de Maine, dando-lhe uma breve onda de energia. Eles continuaram sua escalada em meio a um nevoeiro denso. Lucien, liderando o caminho, desaparecia e reaparecia da névoa, como se fosse uma aparição.

Duas horas depois, começou a chover. Os pinheiros desapareceram, deixando pouca proteção contra o vento. As rajadas de água batiam no rosto de Ollie. A umidade infiltrou-se através de seu casaco. Ele começou a tremer. Tufos pesados de lama se prendiam na sola de suas botas.

No ar rarefeito, ele se esforçava para levantar os pés. Lutava para acompanhar o ritmo de Boar e Lucien. As semanas confinado em uma carroça, sem mencionar o tornozelo que não se recuperara completamente, cobravam seu preço.

– Ande logo, ianque – disse Boar, olhando para trás.

Ollie parou e sugou o ar, depois continuou a escalada.

Em poucos minutos, a montanha transformou-se em uma inclinação íngreme. O caminho, antes largo, tornou-se estreito. O tornozelo começou a inchar, pressionando contra a bota. À medida que a alvorada chegava, a chuva forte também apareceu. Gotas enormes pinicavam sua pele exposta. Sem árvores para se abrigar, Lucien parou debaixo de algumas pedras penduradas e apoiou o saco que carregava.

Boar sentou-se no chão e limpou a chuva de seu rosto.

Ollie também se sentou e olhou para o vale. Tinham viajado durante horas, contornando as encostas, mas só conseguiram chegar à metade da montanha. Apertou seu tornozelo inchado, tentando controlar os tremores. *Vou aguentar a dor. Ou rastejar, se for preciso. De qualquer maneira vou conseguir chegar em casa.*

Lucien desfez as malas, abriu um cantil e entregou-o a Ollie.

Ollie tomou um gole de água e passou o cantil a Boar.

Lucien tirou um pedaço de carne que estava enrolado dentro do saco. Colocou-a sobre uma pedra e a cortou em três pedaços com uma pequena faca. Entregou pedaços a Ollie e a Boar.

Ollie olhou para o que parecia ser um naco de carneiro cozido, com a lã ainda presa. Imaginou que os padres de Ascain, ou talvez os de Dax, a julgar pela cor deteriorada, cinza, carnuda, tinham preparado rapidamente aquela refeição. Apesar do aspecto repulsivo, ele precisava comer se quisesse ter energia para caminhar as próximas dúzias de horas. Enquanto se preparava para morder seu carneiro lanoso, notou que Lucien tinha fugido, como sempre fazia, para se alimentar em paz.

Boar suspirou, pousou a comida e saiu na chuva. Aproximou-se de Lucien, sentado em uma pedra com o capuz sobre a cabeça.

– Venha se juntar a nós.

Lucien olhou para cima.

– Vai me obrigar a comer sozinho com o ianque outra vez? – A chuva atingiu o rosto de Boar. – Prefiro a sua companhia.

A água escorreu da máscara de cobre de Lucien.

– Não me incomoda. – Boar esfregou seu olho partido. Lucien hesitou, depois se levantou e seguiu Boar.

Ollie olhou para cima e viu Boar e Lucien regressarem ao abrigo.

– Pedi a Lucien para se juntar a nós – disse Boar.

Ollie fez que sim com a cabeça. Duas semanas antes, o gesto de Boar o teria surpreendido. A viagem com Lucien suavizou Boar, para alívio de Ollie, tornando-o consciente de que um olho cego, embora significasse o fim da carreira de um piloto, era pouco em comparação com uma mandíbula ausente. Mais importante ainda, Lucien havia mostrado a Boar – e a Ollie, também – que se podia entrar na luta apesar da limitação física.

Boar arrancou um pelo de seu carneiro e o mordeu.

Lucien, de costas para os outros, tirou a máscara. Com sua faca, cortou a carne em pequenos pedaços, então colocou um deles no que restava de sua boca e o empurrou com água. Muito depois de Ollie e Boar terem terminado, Lucien trabalhava para ingerir sua refeição em pequenos fragmentos, como um paciente engolindo uma bandeja de comprimidos.

Terminada a refeição, Lucien pegou sua máscara.

– Não precisa usar isso – disse Ollie. – A não ser que o mantenha quente.

Lucien olhou por cima do ombro.

– Não há necessidade – confirmou Boar.

Lucien fez uma pausa, depois guardou a máscara em seu saco.

Recolheram os restos da refeição, incluindo a pele de carneiro mastigada, e os atiraram dentro do saco de Lucien. Estava claro, pelo menos para Ollie, que Lucien não tinha planos de deixar vestígios de suas viagens.

Escalaram durante uma hora. Para Ollie, a inclinação parecia aumentar a cada passo. Os músculos de suas coxas queimavam. Seu pé latejava. Apesar da dor, ele continuou.

Passo a passo, ele tentava se impulsionar para cima. À medida que a chuva diminuiu e a neblina começou a se dissipar, Ollie ficou aliviado ao ver Lucien parar para descansar antes de iniciarem uma caminhada ainda mais íngreme.

Boar, à frente de Ollie, parou para recuperar o fôlego. Lucien olhou para Ollie e levantou a mão.

Ollie esfregou suas pernas e olhou para cima. Reparou no que pensava ser uma sensação de paz em Lucien, livre do fardo de esconder suas feridas de guerra. O apertar de olhos do homem dava a ilusão de um sorriso de vitória, apesar do fato de não possuir uma mandíbula. Ollie respirou fundo. Ele fez um sinal com a cabeça e levantou o braço para Lucien.

Um ruído agudo disparou.

Ollie vacilou.

Lucien apertou o peito. O sangue escorreu por seus dedos.

Ollie correu em direção a Lucien, mas outro tiro o forçou a se jogar no chão. A descarga ecoou pelo vale.

Boar, já de costas, abriu o casaco e sacou a pistola.

Lucien se debatia.

Um projétil ricocheteou perto do rosto de Ollie, enviando estilhaços de calcário contra sua face. Ele rastejou até onde estava Lucien.

Boar disparou dois tiros em direção ao vale.

Ollie arrastou Lucien, seu corpo mole, pelo aterro. Ao colocá-lo atrás de uma grande rocha, viu uma patrulha da Wehrmacht, talvez seis ou sete soldados, menos de cem metros abaixo. Ele puxou do bolso a pistola que havia tirado do nazista morto, parou e puxou o gatilho, só para descobrir que a trava estava fechada. Uma bala lhe passou pela orelha. Seu coração disparou. Ele abriu a trava, disparou e errou.

Boar apressou-se em descer a colina, levando consigo pedaços de pedra. Disparou um tiro. Depois outro. Um projétil atingiu seu joelho. Ele uivou quando a sua perna direita se encolheu.

Um soldado alemão escalava a encosta 40 metros abaixo. Ollie apontou e disparou. As costas do soldado se arquearam e depois ele caiu. Os capacetes alemães se viraram quando o seu camarada caiu no chão.

Ollie correu para acudir Boar. Enquanto o arrastava pelo casaco, um projétil furou a coxa do tenente.

Boar uivou.

Eles caíram atrás do rochedo. Ollie deu mais tiros, fazendo com que a patrulha se protegesse. Virou o corpo de Lucien, já

sabendo que não havia nada que pudesse ser feito. As pupilas do homem estavam dilatadas. Um buraco do tamanho de uma ameixa havia sido aberto em seu esterno.

– Malditos – Boar grunhiu. Ele se agarrou ao manto de Lucien. Ollie notou que o joelho de Boar sangrava.

– Quantos? – Boar arfou.

Ollie espiou através da rocha. Os tiros ricocheteavam.

Ele recuou.

– Seis ou sete.

Boar, com os dedos cobertos de sangue, verificou as balas na arma. Tirou outro pente do cinto.

Ollie rasgou um pedaço de pano do forro do manto de Lucien. Ao enrolá-lo em volta da perna de Boar, reparou nos pedaços de osso ensanguentado na calça do tenente.

Boar agarrou o pano. Encolheu-se enquanto apertava o torniquete.

Ollie rastejou para o lado do rochedo e, enquanto isso, ouviu vozes em alemão. Olhou para baixo, avistando outra patrulha subindo a montanha. A adrenalina dele aumentou.

– Mais deles.

– Quantos? – Boar se arrastou para a borda da pedra.

– Dez. – Ollie olhou para a pistola, lamentando não ter revistado o veículo de Dietrich à procura de munição.

Boar olhou para baixo.

– Maldição.

Ollie analisou o cume coberto de neve.

– A única maneira de sair daqui é para cima e sobre o cume.

Boar lutou para ficar em pé em uma perna e disparou dois tiros. Ollie ouviu um grito. Uma rajada de metralhadora bateu na rocha onde estavam.

Boar tropeçou. Ele lutou para respirar e apontou para Ollie com um dedo ensanguentado.

– Me dê sua arma.

– Não – disse Ollie. – Só tenho algumas balas. E eu preciso delas.

Ele examinou ao redor da rocha e viu a Wehrmacht contornando o morro. Mais perto. Trinta metros no máximo.

– Acho que você não entendeu, ianque. – Boar respirou fundo, como um cão cansado.

Ollie se preparou para dar mais um tiro.

– Ollie.

O som do tenente usando o seu nome o fez hesitar. Ele olhou para Boar, sua calça encharcada de sangue.

– Estou oferecendo a você uma oportunidade de sair daqui. – Boar apertou o torniquete.

– Vou lutar. – Ollie se virou, preparando-se para atacar o inimigo, e ouviu um clique metálico.

– Me dê sua arma – disse Boar, pressionando a pistola na testa de Ollie.

Ollie congelou. Uma rajada de metralhadora pulverizou o rochedo, enviando pedaços de rocha para seu cabelo.

– Nós dois sabemos que não vou sair daqui – disse Boar. – Se você escolher ficar, eu puxo o gatilho. Você vai estar morto de qualquer maneira quando a munição acabar.

– Por que está fazendo isso?

Boar se inclinou para a frente e arrancou a arma da mão de Ollie. Verificou o pente e o colocou de volta na pistola.

– Preciso esclarecer uma coisa.

Ollie ouviu o ruído de pedras caindo enquanto a Wehrmacht subia a encosta.

– Do que está falando?

Boar fez uma careta enquanto se apoiava contra a rocha.

– Vai entender, se conseguir sair daqui.

– Isto não está certo.

O tenente removeu as medalhas de identificação, que estavam penduradas em cordão que pendia de seu pescoço, e as atirou para Ollie.

– Vá, antes que eu mude de ideia.

Atordoado, Ollie viu Boar inclinar-se sobre a rocha e abrir fogo. Um soldado soltou um grito agonizante. Percebendo que era a sua única oportunidade, Ollie espantou sua indecisão e correu para o aterro. A dor atravessou seu tornozelo.

Suas botas escorregavam no barranco. Balas rasgavam o calcário. Ele subiu, arrancando a pele das palmas das mãos.

Boar disparou outro tiro. Depois houve um tiroteio enquanto a Wehrmacht fechava o cerco.

Ollie se escondeu atrás de uma grande laje, encheu o peito de ar e depois pegou impulso para subir. A cada tiro que Boar disparava, Ollie ganhava alguns segundos para subir. Ele fez isso quatro vezes até chegar a uma trilha íngreme, desviando-se da vista da Wehrmacht. Continuando sua escalada, tropeçou e caiu. Lutou para recuperar o fôlego no ar rarefeito. Seus pulmões pesavam. A temperatura começou a cair. Sem vacilar, ele continuou sua subida até que a chuva se transformou em granizo e, finalmente, em neve.

Ao chegar ao cume, Ollie caiu no chão. O gelo machucou seu rosto. Ao rolar, ouviu um tiro de pistola, seguido de uma longa rajada de metralhadora e, em seguida, silêncio.



# Capítulo 52



## Os Pirineus

A descida foi muito mais difícil do que a subida. Acreditando que a patrulha da Wehrmacht continuaria sua perseguição, Ollie desprezou a prudência enquanto descia a montanha. Ao pisar em uma passarela de calcário, escorregou no gelo e caiu. Suas roupas molhadas o fizeram deslizar pela encosta coberta de granizo, como se fossem um lubrificante. Tentando firmar as pernas, ele escorregou de bruços e freneticamente tentou se segurar em algum lugar. Mas o deslizamento ficava cada vez mais rápido. Gravetos arranhavam a pele de suas mãos. Ele crispava os dedos dos pés, sentindo seus ossos se estalarem. Seu corpo deslizou até parar. Ele tentou respirar e ficou em pé, as pernas trêmulas, a centímetros da borda de um penhasco. Sua pulsação estava acelerada. Enquanto olhava para o cume, reparou que dois de seus dedos estavam torcidos. Com as mãos dormentes, ele os forçou de volta ao lugar, enviando uma pontada para o braço.

Incapaz de encontrar uma trilha, Ollie atravessou campos rochosos e declives íngremes. Com a altitude mais baixa, havia mais oxigênio, o que lhe permitia respirar melhor. Mas seu corpo estava em péssimo estado. Seus músculos, atrofiados após semanas de confinamento, queimavam. Forçado a descansar, inclinou-se contra um rochedo. Ao respirar, olhou para o cume e notou movimento. Esforçou-se para se concentrar e viu dois soldados da Wehrmacht descendo a cordilheira.

Estavam a várias centenas de metros de distância, fora do alcance de um tiro. Mas o ritmo deles era rápido, quase o dobro da velocidade de sua própria descida. Ele se agachou,

esperando que não tivesse sido visto. Segundos depois, um tiro ecoou pelo vale, atingindo o chão perto de seus pés.

Durante as duas horas seguintes, Ollie lutou para ficar fora do alcance do inimigo. Quando a Wehrmacht reduziu a distância, os tiros passaram de ecos distantes para rachaduras nítidas. Os projéteis ricocheteavam sobre as rochas. Correndo sobre o cascalho, torceu o tornozelo e caiu. A dor transpassou seu pé. Ele se levantou e tentou correr novamente, mas seu corpo só conseguiu mancar. E ele reconheceu que era questão de tempo até que os soldados o alcançassem.

O terreno pedregoso transformou-se em árvores escarpadas e, finalmente, em uma floresta espessa, colocando-o temporariamente fora da vista dos soldados. O calor retornou às suas mãos, fazendo seus dedos pulsarem. Exausto, escondeu-se na cavidade de um tronco podre e esperou que os soldados passassem por ele. Lutou para controlar a respiração, esperando a qualquer momento o estrondo das botas alemãs. Em vez disso, ouviu o som de água corrente. O *Rio Bidasoa*, pensou, recordando-se do mapa de Lucien. Sentindo que a fronteira entre França e Espanha estava ao alcance de sua mão, a indecisão dominou suas entranhas. Sua mente lhe mandava permanecer escondido. Mas um profundo desejo de voltar para casa o fez rastejar para fora de seu esconderijo.

Um tiro foi disparado. O galho perto de sua cabeça se estilhaçou. Seu coração acelerou. Ele se virou. A 50 metros estavam os soldados Wehrmacht, um deles ajoelhado com seu rifle pontiagudo, o outro com uma metralhadora apoiada no quadril. Ollie mergulhou atrás de uma árvore. As balas ricochetearam pela floresta.

Ele lutou para correr. Seu tornozelo latejava. Enquanto cambaleava através dos pinheiros, mais tiros foram disparados. Uma dor aguda golpeou seu braço, a manga ficando quente e pegajosa. O jovem rastejou através dos arbustos espinhosos. Os espinhos arranharam seu rosto. Ele avançou na direção do som da água que jorrava. Os soldados fecharam o cerco. Ele chegou ao rio e parou.

A água era caudalosa, marrom e espessa, cheia de detritos. As chuvas fortes tinham feito o rio transbordar para suas margens. Ele examinou a área. Nenhuma ponte. Não havia lugar para se esconder. Ele olhou para o abismo lamacento. O sangue escorria de seus dedos.

Um galho se partiu.

– *Dort!*

Ollie viu os soldados saírem do meio dos pinheiros. Sobrancelhas franzidas. Rostos carrancudos. Eles levantaram as armas. Sem escolha, ele saltou.

A água gelada foi um choque. Ele emergiu e sugou o ar, absorvendo um pouco de lodo. Engasgou. Ouviu tiros. Projéteis cortaram o ar perto de sua cabeça. Ele mergulhou e tentou bater as pernas. A força da corrente lhe torcia os seus membros. Ele lutou para nadar, seu casaco encharcado parecendo um cobertor de chumbo. Seu peito pesava, tentando expelir dos pulmões o ar usado. Como foi forçado a voltar à superfície, mais tiros explodiram. Ele engoliu ar e submergiu.

Quando tornou a subir, viu um soldado correndo ao longo da linha da costa com a metralhadora levantada. Ollie afundou. O alemão repôs a munição. As balas rasgaram a água.

Ele chutou com mais força, tentando impulsionar-se para mais longe no rio. Incapaz de segurar a respiração por mais tempo, emergiu e viu o soldado enfiar outro pente em sua arma. Cansado demais para mergulhar de novo, Ollie começou a assistir a margem do rio passar correndo, um borrão de lama e plantas. O soldado se apressou e apontou a arma, mas a corrente arrastou Ollie em uma curva.

Ele ouviu o soldado gritar, depois disparar sua arma. A água jorrou. Quando o rio o tirou do alcance da Wehrmacht, ele tentou nadar. Seu corpo, cheio de fadiga e frio, perdia força a cada braçada. Chegou ao meio do Bidasoa e abraçou um tronco flutuante.

Seus dentes batiam incontrolavelmente; suas articulações geladas pareciam pistões enferrujados. Ele se esforçou para manter a cabeça fora da água. As chances de cruzar o Bidasoa,

que dirá chegar em casa, diminuían com o passar do tempo, a cada respiração.

Antes que a hipotermia roubasse o que restava do calor do seu corpo, ele conseguiu colocar a mão dentro do casaco. Com os dedos dormentes e partidos, encontrou o bolso. No meio da dor e da angústia, uma visão manteve-se firme. *Susan*. Suas pálpebras ficaram pesadas. E o rio o arrastou.



# Capítulo 53



## Epping, Inglaterra

A visão de Susan estava desfocada; seus canais lacrimais estavam entupidos de fuligem. O peso dos tijolos pressionava seu peito. Ela tentou respirar, absorvendo poeira grossa misturada com o cheiro azedo da pólvora.

– Vovô – ela disse, tossindo, sua voz inaudível por causa do zumbido nos ouvidos.

Ela lutou para empurrar os escombros de cima de seu corpo, depois ficou de joelhos. Suas costelas doíam, como se tivesse levado uma paulada. Galos enormes latejavam em sua cabeça. Pelo sabor metálico em sua boca, ela sentiu que sua língua estava sangrando ou que seu nariz tinha sido quebrado. Usando o forro do casaco, limpou a sujeira dos olhos. Sua visão voltou lentamente. Quando sua mente começou a clarear, ela percebeu que a força da explosão a havia jogado no abrigo antibomba. Do teto, parcialmente desmoronado, saíam ondas de fumaça na direção das estrelas da noite. Um pouco além da porta do abrigo, que estava pendurada em dobradiças retorcidas, ela viu uma cintilação âmbar.

Ela rastejou até a porta. A primeira coisa que notou foi a cratera. Um buraco enorme, do tamanho de uma lagoa tinha substituído o que costumava ser uma densa área verde.

– Não! – Usando a maçaneta da porta como apoio, ela se esforçou para ficar em pé, depois correu, temendo o que estava prestes a ver.

Onde antes ficava o chalé, agora havia cinzas. As chamas ainda tremiam, uma mistura de resíduos explosivos e madeira triturada cercando o buraco. A chaminé tinha sido derrubada, como pedras de uma lápide quebrada.

– Vovô! – Ela mancava, o pé esquerdo sem o sapato. O prego de uma tábua partida perfurou seu calcanhar e ela caiu. Ignorando a dor que subia por sua panturrilha, ela segurou a tábua, arrancando o prego de seu pé, e então rastejou sobre a grama queimada. Ela rezou, com suas mãos pressionando o solo quente, que ele tivesse sido jogado para longe da explosão.

Ela alcançou o buraco, um cone profundo na terra. Abaixo, montes de madeira carbonizada. Uma perna da cadeira quebrada. O que costumava ser o fogão, a porta arrancada com dobradiças e tudo.

– Não! – Susan gritou, suas cordas vocais a ponto de arrebentar. Ela caiu no buraco e cavou através dos escombros. As farpas arrancaram a pele de suas mãos. A sujeira se agarrava a seu calcanhar ensanguentado. Ela removia os destroços, chorando e gritando por ele, de novo e de novo.

Ela o encontrou debaixo do que costumava ser uma cômoda. Removendo o móvel destruído, caiu de joelhos e acariciou seu rosto. Cuidadosamente, limpou suas pálpebras.

– Acorde – ela chorou. Ela puxou as pernas dele, enterradas em uma mistura de pedra, gesso e madeira quebrada. – Acorde!

O som distinto de um sino de bombeiros se aproximou, mas foi afastado pelo rugido de outra sirene de ataque aéreo. Ela baixou a cabeça até o peito imóvel de Bertie e chorou.



# Capítulo 54



Epping, Inglaterra  
21 de março de 1941

A chuva de primavera escorria sobre o chão de terra. Susan olhou para lona que cobria o grande buraco no teto do abrigo antibomba e notou que um canto estava solto. Apanhou um carretel de corda debaixo de sua cama e cortou uma tira, usando uma faca enferrujada que tinha sido resgatada dos escombros. Caminhou para o pátio. A corda encolheu-se com o vento úmido. Quando começou a firmar a lona, olhou para o local onde antes ficava sua linda casa. Os escombros haviam sido removidos e o buraco tinha sido preenchido, agora marcado de forma tênue por um recém-germinado gramado fino, com duas tonalidades mais claras que o resto do pátio. Embora os canteiros de flores tivessem sido destruídos na explosão ou pisoteados por voluntários da vila durante a demolição apressada, manchas esparsas de açafrões e narcisos ressuscitados decoravam o gramado. Fechando o terreno, uma pilha de pedra e madeira havia sido colocada ao lado do banheiro.

Passaram-se alguns meses desde o funeral de Bertie e mais de seis meses desde que a Luftwaffe iniciou seus ataques aéreos, que se repetiam quase toda noite. O tempo pouco tinha feito para aliviar sua dor. E a solidão, acreditava ela, só aumentava sua tristeza, o horror daquela noite terrível queimando profundamente dentro de sua alma.

Recusando-se a deixar Epping – e a fazenda de sua família –, ela escolhera viver temporariamente no abrigo antibomba, alimentando-se de rações frias: pão, ovos cozidos, nabos e couve. Recolhia a água, tanto para beber como para lavar, em um tambor de chuva. Dormia enterrada sob montes de

cobertores mofados, que pouco faziam para mantê-la aquecida ou abafar a guerra noturna que dominava os céus. Só não passou no abrigo a mais fria das noites, quando aceitou uma cama ocasional e um banho quente na casa dos McCrearys. Embora a Sra. McCreary tivesse convidado Susan para se mudar para lá, ela declinou educadamente, dizendo:

– *É uma situação temporária.*

Mas um dia transformou-se em uma semana, que se transformou em um mês. E o inverno transformou-se em primavera.

Susan acabou de amarrar a lona e depois observou o pasto verde vazio. As ovelhas, e mesmo os cordeiros, tinham sido requisitados pelo governo para vestir e alimentar os militares. Seu avô adorava as ovelhas e se limitava a tosquiá-las para obter lã. Entristeceu-se ao pensar que, embora fosse necessário para a sobrevivência da Grã-Bretanha, os queridos cordeiros de Bertie eram agora carne enlatada.

Ela seguiu para um pombal. Junto com o chalé, a maioria dos galpões tinha sido destruída. Com apenas alguns pombos restantes, Susan os concentrou em um único pombal. Ao abrir a porta, olhou para o barril de grãos, que tinha sido o poleiro favorito de Duquesa. As esperanças de que Duquesa regressasse haviam sido extintas meses antes. Tudo o que lhe restava de seu pombo de estimação eram lembranças. E as mensagens de Ollie, que ela tinha tão corajosamente trazido da França ocupada.

Todas as manhãs, Susan lia as mensagens dele. Antes de comer e de dormir, ela rezava para que estivesse vivo. Mas, com o passar dos meses, a crença de que um dia ele retornaria desvaneceu-se lentamente. Agora, vários meses depois do último bilhete de Ollie, ela se resignou ao fato de que nunca mais o veria. E que todos os que ela amava tinham sido levados pela guerra.

Susan despejou grãos na bandeja de alimentação. Os pombos apareceram para bicá-los. Menos de 50 tinham permanecido, uma fração dos quase mil que já haviam enchido seus pombais. A maioria era formada por pássaros antigos ou

doentes, impróprios para o serviço. Mas ela não se importava que eles não tivessem utilidade para o Serviço Nacional de Pombos. Eles estavam vivos. E, por enquanto, era tudo o que importava.

Saindo do pombal, Susan pegou um punhado de narcisos e colocou-os no cesto da bicicleta. O caminhão, sem utilidade, fora vendido para comprar um velho forno a lenha e comida para os pombos. Ela pedalou até a vila, com chuva fria estufando seu casaco. Quando passou pelo cemitério de Epping, os pneus da bicicleta saltaram no cascalho, fazendo seus braços balançarem. Ela freou perto de uma elevação e encostou sua bicicleta em uma árvore de amieiro adornada com longos cones marrons. Recolheu o conteúdo de sua cesta e caminhou até um pedaço de calcário recém-esculpido. Ajoelhou-se, a chuva infiltrando-se em sua saia, e olhou para a sepultura de Bertie. Outra lápide a poucos metros de distância mostrava o nome de sua avó, Agnes Shepherd. Seus pais, vítimas da pandemia da gripe espanhola, haviam sido enterrados no lado oposto do cemitério.

Susan colocou metade das flores nas sepulturas de seus avós, guardando o restante para seus pais. Enquanto olhava para a pedra gravada, sua culpa aumentava, batendo como ondas em uma tempestade.

– Desculpe – disse ela, as palavras abafadas pela chuva. – Devia ter insistido para dormirmos no abrigo. Eu preferiria viver feito uma toupeira a continuar sem você. – Ela pressionou os dedos na lápide. – Sinto muito a sua falta.

Cuidadosamente, Susan ajustou as flores entre os túmulos, certificando-se de que estavam uniformemente distribuídas. Depois de visitar os jazigos de seus pais, pegou a bicicleta, limpou uma mistura de chuva e lágrimas do rosto, e então pedalou.

Quando voltou para a fazenda, a chuva tinha se tornado pesada, transformando a pista em um pântano. Incapaz de permanecer montada, ela empurrou a bicicleta através de trilhas enlameadas até chegar ao abrigo. Lá dentro, jogou uma ripa de madeira de sucata, que antes sustentava a parede de gesso do chalé, no fogão de ferro enferrujado para se aquecer. Quando o

cheiro da madeira queimando encheu seu nariz, ela pegou os bilhetes do bolso, em seguida pendurou seu casaco sobre um varal improvisado acima do fogão. Ela se perguntou, de maneira rápida, se suas roupas cheirariam sempre a fumaça.

Desdobrando cuidadosamente as mensagens, ela percebeu que os papéis estavam úmidos e a escrita começava a se apagar. *Que idiota... não sei por que os carrego no bolso.* Ela os colocou sobre sua cama para secar, decidindo guardá-los em uma lata de chá vazia.

Recusando-se a sucumbir à melancolia que sempre a abraçava depois das visitas ao cemitério, ela pegou o cesto de costura que tinha pedido emprestado à Sra. McCreary e foi trabalhar, consertando suas roupas esfarrapadas. Substituiu botões. Remendou furos. Enquanto consertava uma bainha solta, ouviu passos. Ela parou e pousou a agulha. A chuva atingiu o telhado de lona. Através de uma fenda na parede teve o vislumbre de um casaco escuro. Uma batida na porta.

Os cabelos se arrepiaram no pescoço. Susan hesitou, pois era raro receber visitas. Outra batida.

Ela olhou para os bilhetes. Sua pulsação acelerou. Ela se levantou e abriu a porta, com o coração apertado.

– Sr. Wallace – disse, tentando esconder sua decepção.

– Olá, Susan. – Jonathan Wallace tirou o chapéu. A chuva escorria do queixo do velhote. – Posso entrar?

Susan hesitou.

– É bastante desconfortável, receio.

– Não me dou bem com este tempo. – Ele virou uma palma da mão para a chuva. – Eu crio pombos, não patos.

O rosto de Susan ficou quente de vergonha. Ela detestava que alguém a visse nessas condições, especialmente um respeitado membro do Serviço Nacional de Pombos e, mais ainda, um amigo de Bertie. Mas não podia deixar o homem na chuva, por isso abriu passagem. Ela rapidamente recolheu sua costura e guardou os bilhetes dentro de uma lata de chá, e então gesticulou para que ele se sentasse na cama.

Jonathan olhou à volta do abrigo.

– Como está, Susan?

- Estou bem – ela mentiu.
- Não respondeu às minhas cartas.

Susan olhou para uma pilha de correspondência não aberta. Buscou uma resposta e ficou aliviada quando ele mudou de assunto.

– Seu avô e eu éramos bons amigos. – Ele olhou para Susan e sorriu. – Apesar de seus pombos de corrida parecerem sempre superar os meus.

Susan tentou sorrir, mas não conseguiu encontrar energia para isso.

– Eu sei que você é uma excelente treinadora de pombos e que estudava zoologia antes da guerra.

– A segunda parte é verdadeira – disse Susan.

– Vim oferecer-lhe um emprego – disse ele. – Estou criando pombos em Northampton, longe das bombas. A fazenda é bastante grande, o suficiente para acomodar o treinamento de pombos tanto de sentido único como de ida e volta. – Ele pausou, depois limpou a chuva do chapéu. – Quero que me ajude.

Susan balançou a cabeça.

– Não posso ir embora.

Jonathan respirou fundo e suspirou.

– Quanto tempo vai conseguir viver assim?

A delicadeza do homem a lembrou de que não tinha emprego nem dinheiro. Ela tinha poucas hipóteses de manter, quanto mais de restaurar, a fazenda. Talvez tenha sido sua teimosia, o estado de choque ou mesmo a loucura que lhe permitiram continuar a viver sob os bombardeios da Luftwaffe. No fundo, de qualquer forma, ela sabia que outra coisa a mantinha presa àquela propriedade.

– Até eu conseguir reerguer a propriedade – disse ela.

– Não há tempo – disse ele. – A invasão pode ocorrer a qualquer momento.

Susan recordou os cartazes perturbadores, ilustrações de soldados e paraquedistas alemães, presumivelmente para ajudar a reconhecer o inimigo, espalhados pela vila. O toque dos sinos da igreja tinha sido banido meses antes; eles deveriam ser

badalados apenas quando o inimigo invadissem. Até mesmo a Guarda Nacional, com seus homens mais velhos e lentos, havia começado a afixar placas blindadas nos seus automóveis.

– Nunca esqueci da maneira como você enfrentou nosso exército na reunião da Operação Columba em Londres – disse ele. – Quando os membros do Serviço Nacional de Pombos, incluindo eu mesmo, cometeram erros óbvios, você teve a coragem de se defender sozinha.

Susan pensou na reunião em Londres. Um lampejo de Ollie defendendo sua honra na viagem de trem.

Jonathan suspirou, depois olhou para Susan.

– Bertie a amava. – Ouvir o nome do avô encheu seus olhos de lágrimas. – Ele iria querer que você seguisse em frente.

Susan deliberou, dividida entre abandonar a fazenda e largar seu último fragmento de esperança. Mas Jonathan tinha tocado em seu ponto fraco. *Ele não vai voltar.*

– Venha comigo – disse Jonathan.

Susan limpou o rosto.

– E os meus pombos?

– Vamos levá-los – disse ele. – Eu trouxe cestos. Meu caminhão está no fim do caminho, mas há lama demais para que consiga chegar aqui. Teremos de carregá-los.

Susan vacilou. Sua mente e seu corpo estavam esgotados. Seu coração doía de culpa. Nunca tinha desistido de nada na vida, pelo menos nada que importasse. Mas como poderia continuar? Cansada, faminta e derrotada, ela fechou os olhos e disse:

– Está bem.

Por toda a tarde, sob uma chuva insistente, eles carregaram os pombos para o caminhão de Jonathan. Susan juntou seus poucos pertences, um braço cheio de roupas e a lata de chá. Pediu que Jonathan a levasse para ver a Sra. McCreary; devolveu seu cesto de costura, beijou-a no rosto e a agradeceu por tudo o que tinha feito.

Antes de partir, ela deu a Sra. McCreary o endereço de Jonathan em Northampton, onde poderia ser localizada.

Enquanto se afastavam, as mãos de Susan tremeram. *Seja como um ovo*. Ela enterrou seu medo, determinada a um dia retornar a Epping, supondo que a Grã-Bretanha não estivesse ocupada pelo exército de Hitler.

– Voltarei depois da guerra – ela sussurrou para si mesma.



# Capítulo 55



Epping, Inglaterra  
18 de julho de 1996

– Dezessete, dezoito, dezenove – contou Susan.  
– Nada de espiar! – gritou um garotinho.  
– Sim, nada de espiar, vovó! – Disse uma menina.  
– Vinte e um, vinte e dois, vinte e três... – Susan pressionou as mãos sobre os olhos. Um armário aberto e abruptamente fechado. A porta de tela bateu contra o batente. As pontas em pés pequenos desapareceram. – Noventa e oito, noventa e nove, cem. Prontos ou não, aqui vou eu.

Susan baixou as mãos. Seus olhos piscaram, ajustando-se à luz do sol que passava pela janela da cozinha. Ela se levantou de sua cadeira, esperando que a dor nos joelhos lhe permitisse resistir tempo suficiente para terminar a brincadeira. Na semana anterior, tinha tido resistência suficiente em suas pernas doloridas para duas rodadas de esconde-esconde na companhia de seus netos, Hugh, de cinco anos, e Evie, de sete. Então, hoje ela tinha decidido usar sua bengala, uma feia engenhoca de metal com quatro pernas em miniatura.

– É para ter uma estabilidade extra – dissera seu médico. Mas ela a odiava. E raramente a usava, exceto quando precisava de um pouco mais de força, como nos dias em que sua filha, Clover, deixava os netos em sua casa.

Susan mancou sobre o chão de madeira. Uma brisa quente soprou através de uma janela aberta perto da lareira, a única parte original da estrutura, embora as pedras estivessem agora em todos os lugares errados. Ela reconstruíra o chalé cinco anos antes, para desgosto de Clover.

– Talvez fosse mais prudente considerar uma casa de repouso – dissera Clover. Por mais que ela respeitasse a opinião da filha, era a vida dela. E a maior parte de sua vida, pelo menos até agora, estivera centrada em Londres.

Durante o restante da guerra, Susan treinou pombos-correio em Northampton. Depois que o combate terminou, ela concluiu seus estudos e se tornou professora de ornitologia na Universidade de Londres. Casara-se aos trinta e três anos de idade. Tivera uma filha. Aposentara-se. E enterrou seu marido, Duncan, depois de uma longa e árdua batalha contra um câncer no intestino. Suas marcas neste mundo, acreditava ela, estavam quase completas.

– Vou voltar a Epping – dissera Susan a Clover enquanto limpavam o armário de Duncan. Clover não compreendeu. Como poderia? Apesar de Susan ter conservado a escritura da propriedade, só tinha levado Clover até lá quando era pequena, em piqueniques da família na fazenda. O pasto estava cheio de mato. Os pombais estavam dilapidados. O abrigo havia desmoronado. E Clover, longe de ser uma criança acostumada ao ar livre, recusava-se a conhecer a floresta, quanto mais a pisar em um banheiro infestado de aranhas. Os piqueniques foram muitas vezes interrompidos quando as duas corriam para algum posto de gasolina com a bexiga de Clover prestes a estourar.

Um ano depois da morte de Duncan, Susan começou a reconstruir a casa. Baseando-se em suas lembranças, ela contratou um empreiteiro local para erguer uma réplica do chalé. Ficou muito parecido com o que existia antes da guerra, com uma grande exceção: a casa agora tinha apenas um pavimento. – *Seus joelhos, mãe* – dissera Clover enquanto repassavam as plantas da obra. Apesar de ter cedido à insistência da filha em dispensar as escadas, o chalé ficou perfeito. Susan começou a passar os fins de semana nele. Em um ano, vendeu o apartamento em Londres e mudou-se para Epping. Ela queria ter ovelhas, e, enquanto suas barrigas engordavam, o campo voltava a ficar verde e fértil. Embora Clover não gostasse da

fazenda, os netos de Susan apreciaram muito a ideia da mudança de endereço da avó.

– Vou encontrar vocês – disse Susan, atravessando a sala de estar. Um estrondo no corredor dos fundos. Susan sorriu quando se dirigiu para um quarto de hóspedes.

– Oh! Oh! – Uma vizinha sussurrou.

Susan virou-se e viu a ponta de um sapatinho sair de debaixo da cama.

– Onde será que eles estão? – A bengala de Susan caiu no chão.

O pezinho se mexeu.

Susan se abaixou, ignorando a dor nos joelhos. Arrancou o sapato do garoto e fez cócegas em seu pé.

– Aaaaahhhh! – Hugh gargalhou.

Susan agarrou os braços gordinhos do menino e o tirou de seu esconderijo.

Hugh a apertou.

– Você trapaceou!

– Não mesmo – disse Susan, ajudando Hugh a calçar o sapato.

– Mas eu sim! – Proclamou, orgulhosamente.

Susan se deliciava com o prazer de Hugh em ser apanhado. Era tão parecido com Bertie. Forte. Peito atarracado. Pernas, adoravelmente curvadas, como os antebraços de um pug.

Hugh correu para fora e gritou:

– Olly! Olly! Estamos livres!

Susan, voltando para a sala de estar, olhou pela janela e viu Evie, uma menina magra e forte, com cachos encaracolados, galopando sobre seus canteiros de lavanda. Ela pisou nas hastes, esmagou seus troncos e correu para a varanda. Susan sorriu. Onde antigamente houvera repolho e tubérculos, agora existia uma variedade de flores. Depois da guerra, ela perdeu o gosto pela comida caseira e passou a comprar seus mantimentos em lojas, apreciando o fato de não possuir mais um livro de rações.

Jogaram mais duas rodadas de esconde-esconde. Então, Susan serviu sopa de lentilhas, bolachas e refrigerante em copos

altos.

– Mamãe não nos deixa beber refrigerante – disse Evie, mergulhando uma bolacha em seu Irn-Bru.

Hugh tomou um grande gole e depois arrotou.

– Hugh – disse Evie, dando uma cotovelada no irmão.

– Desculpe – disse Hugh.

Susan tomou uma dose da bebida, uma mistura doce e cítrica com sabor de laranja. Preferiria um copo de água ou uma xícara de chá-preto. Mas ficou feliz por ter comprado o refrigerante, nem que fosse para criar uma lembrança.

Passaram a tarde, como costumavam fazer durante as visitas das crianças, com os pombos. Ao lado do banheiro, o pombal tinha sido uma das poucas construções sobreviventes da propriedade. Embora a estrutura tivesse sido reduzida a tábuas deformadas e podres, Susan tinha encomendado uma reforma a um empreiteiro da região. Exceto pelo barril de plástico e pelo fato de no momento haver não mais que uma dúzia de aves, o pombal se parecia muito com sua versão de antes da guerra.

Ao contrário de sua mãe, Clover, que parecia ter um medo inato de animais emplumados, Hugh e Evie adoravam pombos. Muitas vezes, durante as visitas das crianças, cada um selecionava um pombo, amarrava uma fita com um código de cores em sua perna e, em seguida, fazia uma viagem de carro até Clacton-on-Sea. Sem a ajuda de gaiolas, havia excrementos ocasionais nos assentos e vários episódios de pombos voando livremente no interior do carro, o que exigia que mantivessem os vidros fechados. Depois de chegarem a Clacton-on-Sea, atiravam os respectivos pombos para o ar, pulavam de volta no carro e corriam para casa. Mas nunca sabiam quem tinha ganhado. Os pombos sempre chegavam primeiro. Evie e o Hugh não se importavam, já que Susan sempre parava no caminho de casa para tomarem sorvete.

– Você é adorável, Dengoso – disse Evie, acariciando as costas de um pombo. O pássaro arrulhou.

Hugh arrancou um pombo bastante pesado de seu cubículo, segurou-o acima da cabeça como um troféu e disse:

– Buzz Lightyear é mais rápido.

Susan sorriu. A maioria dos pombos tinha sido batizada em homenagem aos Sete Anões, o restante se inspirava em personagens de filmes. Susan pensou em seu avô. Bertie, que gostava de nomear seus pombos de corrida fazendo referência a lugares escoceses, nenhum dos quais ele jamais havia visitado, e teria ficado horrorizado com tanto apelo comercial nos nomes. Mas ela não se importava com rótulos. Afinal, tinha feito a mesma coisa. *Muito tempo antes.*

Passaram a tarde no galpão, até que uma buzina de carro tocou. Hugh e Evie esconderam os pombos em seus cubículos e correram para fora. Susan saiu do galpão, deixando a bengala lá dentro, e mancou até o brilhante sedan preto de Clover, estacionado na entrada.

Clover verificou seu batom no retrovisor, depois baixou o vidro.

– Chegou cedo. – Susan parou perto do carro, o motor ainda funcionando.

– Tenho uma reunião esta noite, lembra?

– Devo ter esquecido – disse Susan, ao reparar no vestido azul-marinho de Clover e em seus brincos de pérolas. Seu cabelo castanho estava bem penteado. Clover, uma advogada e também uma divorciada que criava os filhos sozinha, sempre parecia estar correndo de algum lugar.

– Oh – disse Evie. – Não podemos ficar?

– Esta noite não – disse Clover. – Contratei uma babá.

– Eles poderiam ficar comigo – ofereceu Susan.

– Por favor – implorou Hugh.

– Da próxima vez – disse Clover. – Agora temos de ir.

Susan abraçou Evie e Hugh, depois ajudou-os a entrar no carro e colocou os cintos de segurança. Ela se aproximou da porta do motorista.

– Divertiram-se? – Clover perguntou.

Susan afirmou com a cabeça. Abraçou a filha, com cuidado para não manchar sua maquiagem.

Clover se virou para o banco do passageiro e ergueu uma pilha de cartas e jornais.

– Peguei para você no correio.

Susan segurou a pilha.

– Ouvi um colega comentando sobre um artigo que fala sobre pombos no jornal – disse Clover. – Mas não tenho tido tempo de ler. Senão eu teria recortado para você.

Susan se esticou, depois fez uma careta quando sentiu uma pontada na perna.

– E os seus joelhos? – Clover perguntou.

– Eles estão bem – disse ela, lembrando-se de que Clover, durante dois anos, insistira que ela deveria fazer uma cirurgia de prótese no joelho. E ela não estava prestes a admitir que as longas caminhadas até o correio tinham causado estragos em suas articulações já duvidosas. – Talvez você possa vir no próximo fim de semana com Evie e Hugh – disse Susan, tentando mudar de assunto.

– Você podia vir para Londres – disse Clover. Susan apontou para o galpão.

– E os pombos?

– Traga os pombos! – Hugh gritou do banco de trás.

Clover olhou pelo retrovisor.

– Não, a vovó não pode trazer os pombos.

– Devíamos construir um galpão – acrescentou Evie.

Clover suspirou e colocou as mãos no volante.

– Vou verificar minha agenda – ela respondeu para a mãe. – Mas tente arranjar alguém para cuidar dos pombos.

Susan assentiu, depois a viu ir embora, com Evie e Hugh acenando com as mãos. Ela amava Clover. E sabia que a filha gostava dela. Mas as duas eram, simplesmente, pessoas muito diferentes. Ao voltar para o chalé, pensou nos tênis de grife de Hugh e Evie, provavelmente comprados pela mãe na Harrods ou na Selfridges, salpicados de fezes de pombos. Susan sorriu.

Lá dentro, fez um chá de camomila e ligou a televisão, tentando evitar a solidão que sempre acompanhava a partida dos netos. Relutante, começou a separar a pilha de papéis – malas-diretas de cartões de crédito e cupons – que ela jogou no lixo. Então, instalou-se na cadeira de sua sala de estar com a pilha de jornais.

Com as pernas apoiadas em um pufe almofadado, colocou seus óculos de leitura e folheou a edição mais antiga, procurando o artigo que Clover havia mencionado. Depois de várias páginas, reparou em uma manchete incomum e se deteve.

## **OSSADA DE POMBO-CORREIO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL ENCONTRADA EM CHAMINÉ DE ROCHFORD**

Ele suportou um voo perigoso sobre o Canal da Mancha, voando a muitos quilômetros da Europa ocupada pelos nazistas. O pombo de guerra exausto, carregando uma mensagem secreta dentro de uma cápsula presa a sua perna, deve ter voado para uma chaminé em Rochford, talvez para descansar ou para se aquecer perto do fogo. Provavelmente intoxicado pela fumaça, o pássaro caiu de seu lugar de descanso e morreu. Seu esqueleto permaneceu escondido por mais de cinquenta anos, até que Niles Googins comprou a propriedade e iniciou algumas reformas.

Susan se endireitou no lugar e ajustou os óculos

– Eu estava limpando a lareira. O encanamento estava entupido de lixo – disse ele na segunda-feira. – Estava retirando detritos e reparei que havia pequenos ossos. No início pensei que fosse o esqueleto de um corvo, até que percebi uma cápsula vermelha presa na perna.

O Sr. Googins, um professor de matemática aposentado, abriu a cápsula e descobriu uma mensagem codificada em um pedaço de papel. A mensagem foi enviada aos curadores de Bletchley Park, cujos esforços para decifrar o código do Enigma Nazista mudaram o destino da guerra. A sede do Serviço de Inteligência Britânico, em Cheltenham, também está trabalhando para decodificar a mensagem.

– Pobre alma – ela sussurrou para si mesma. Imediatamente, perguntou-se se poderia ter sido Duquesa ou um dos outros pombos da fazenda de Bertie ou de Northampton.

Considerando que os militares tinham usado mais de 250.000 pombos-correio durante a guerra, as hipóteses eram improváveis. Ela jogou o jornal no chão e rapidamente procurou por edições mais recentes, esperando encontrar fatos novos sobre a história. Encontrou o que buscava no jornal do dia anterior.

## **BLETCHLEY PARK E SERVIÇO DE INTELIGÊNCIA SURPRESOS COM MENSAGEM**

# SECRETA!

Especialistas de Bletchley Park e do Serviço de Inteligência Britânico estão perplexos com a mensagem cifrada de um pombo-correio da Segunda Guerra Mundial encontrado no início desta semana em uma chaminé de Rochford. Eles acreditam que a cápsula vermelha que o Sr. Googins, um professor aposentado, encontrou enquanto reformava sua casa é de um tipo que foi utilizado durante as primeiras operações da Inteligência. Até ontem, a mensagem não tinha sido decifrada.

Susan exalou. Seu coração acelerou.

– A informação que esse pombo estava carregando devia ser do mais alto sigilo – disse Alton Ross, um especialista do Serviço de Inteligência Britânico. – Milhares de pombos foram usados durante a guerra, mas as mensagens nos registros históricos estão em caligrafia comum, não em código. A cápsula vermelha indica que é um pombo aliado, provavelmente de 1940. A mensagem está nos deixando perplexos. Mas estou confiante que vamos conseguir compreender o código em um curto espaço de tempo.

Susan se levantou, percebendo que a dor nos joelhos se espalhara até o estômago. Respirou fundo várias vezes, o que pouco fez para aliviar sua apreensão. Ela temia reabrir memórias da guerra, mas tinha de saber. Lentamente, aproximou-se do telefone, depois ligou para o serviço de informações.

– Pode, por favor, ligar para Niles Googins, em Rochford?

Um momento depois, a voz de um homem idoso atendeu.

– Sr. Googins?

– Sim.

– O meu nome é Susan Shepherd – disse ela. – Eu li sobre o esqueleto de pombo que o senhor encontrou.

– Já falei com muitos repórteres – disse Googins. – Não tenho mais nada para contar.

– Não sou repórter – disse Susan, surpreendida pelo fato de o homem não ter percebido sua idade. – Eu treinei pássaros para o Serviço Nacional de Pombos durante a guerra.

– Oh – disse Googins. – Tenho atendido muitos telefonemas desde que publicaram a primeira notícia no jornal. Repórteres. Jornalistas. Estudiosos. Veteranos de guerra. Todos ligaram. Mesmo uma autoproclamada vidente de Cambridge que afirmava poder decifrar a mensagem, cobrando uma taxa, naturalmente.

– Parece que sua descoberta gerou muita repercussão. – Susan disse.

– De fato.

– Posso fazer algumas perguntas, Sr. Googins? – Ela ouviu o homem suspirar. – Prometo ser breve.

– Muito bem – disse ele.

– O artigo referia-se ao pombo como *ele*. Como sabiam que era macho?

– Os pássaros de guerra não eram sempre machos?

*Pombos*, Susan quis corrigi-lo, mas manteve o pensamento para si mesma.

– Não... podiam ser machos ou fêmeas. Alguém tentou verificar o sexo?

– Não, acho que não – disse ele, parecendo um pouco envergonhado.

– Por acaso o senhor reparou no formato do crânio desse pombo? A cabeça do macho é bem redonda, mas o crânio da fêmea é plano na parte de cima.

– Espere um momento – disse Googins.

Susan ouviu uma batida quando o fone caiu. Fez uma careta ao pensar em um pombo de guerra sendo guardado, com toda a probabilidade, dentro de uma caixa de sapatos ou de um pote Tupperware.

– É uma fêmea – disse Googins, retornando ao telefone. – Você foi a primeira pessoa a perguntar sobre isso. Todos os outros se interessaram apenas pela mensagem.

Susan fez uma pausa.

– Por falar na mensagem, ela continha uma série de palavras de cinco letras? Sem números?

– Sim – disse Googins. – Você já viu? O Bletchley Park e o Serviço de Inteligência não deveriam liberar a mensagem para os jornais até que o código fosse quebrado.

– Não – disse Susan. – Por acaso tem uma cópia?

– Fiz melhor do que isso – disse Googins. – Eu tenho o original.



# Capítulo 56

←←—————→→  
Rochford, Inglaterra

Na manhã seguinte, Susan foi a Rochford, a pouco mais de uma hora de Epping. No banco do passageiro estava uma lata de chá manchada que ela guardara durante mais de meio século. Não teria feito bem nenhum, acreditou ela, ter revelado a seu marido ou à sua filha, que já tivera afeição por outro homem. Então ela o escondeu em uma caixa de lembranças. Era, e seria sempre, o seu segredo, trancado dentro daquela lata de chá. E em um compartimento pequeno, mas impenetrável, dentro de seu coração.

Ela mal tinha dormido. O medo do que poderia encontrar, ou não encontrar, brotou em seu cérebro, ressuscitando memórias difíceis da guerra. Sirenes. Explosões. O odor doentio da pólvora queimada. Os membros sem vida de Bertie embaixo dos escombros. Na tentativa de se livrar das visões, ela colocou um disco – *The Lark Ascending*, de Vaughan Williams – em seu estéreo vintage. Ela o ouvia muitas vezes. Uma moeda colada à agulha impedia-a de saltar. Mas a música angelical pouco tinha feito para acalmar as feridas do passado. Nem dissipou a ansiedade do que o amanhã poderia trazer.

Seguindo as instruções que o Sr. Googins tinha dado, ela chegou a uma casa de tijolos cor de areia com pequenas janelas e uma antena de televisão torta saindo do telhado. Ela estacionou o carro perto da calçada e saiu. Carregando a lata, dirigiu-se para a porta da frente. A dor em suas pernas logo a lembrou de que tinha esquecido a bengala em casa. Suas articulações doeram ao subir os degraus da varanda. Ela bateu à porta. Sua pulsação acelerou. Uma fechadura estalou e a porta se abriu.

– Susan? – Um homem de cabelo grisalho usando calça cáqui e camisa xadrez estendeu a mão. – Niles Googins.

Susan apertou a mão do homem.

Niles virou-se para a mulher a seu lado, usando óculos redondos grandes e um vestido azul; suas faces enrugadas e cor-de-rosa estavam bem maquiadas.

– Minha mulher, Lydia.

– Prazer em conhecê-la – disse Lydia.

Susan entrou na casa, notando manchas de tinta no chão. O cheiro da pintura fresca estava no ar.

– Desculpe pela bagunça – disse o Sr. Googins. – Estamos reformando a casa. – Ele levou Susan até a sala de estar, depois apontou para uma lareira. – Eu o encontrei ali dentro.

Susan olhou para a velha lareira a carvão, mas antes reparou nos objetos sobre uma mesa de café. Uma pequena caixa de plástico transparente. No interior, descansando sobre uma fina almofada de espuma, o esqueleto de um pombo. Um crânio. Pedacos de asa. E dois ossos da perna, um deles com uma cápsula vermelha presa. Com as mãos trêmulas, ela se aproximou. Ao lado da caixa, um minúsculo bilhete. Embora o pedaço de papel tivesse ficado marrom com o tempo, ela imediatamente reconheceu o código e a caligrafia. Seus olhos lacrimejaram.

– Oh, querida – disse Lydia. Ela saiu e voltou com um lenço.

– Obrigada – Susan aceitou o lenço e o usou para enxugar o rosto. Olhou para os restos mortais dentro da caixa de plástico. – Duquesa.

– Quem? – O Sr. Googins perguntou.

– O meu pombo. Um animal de estimação, muito querido.

– Animal de estimação? – Sua testa enrugada demonstrava confusão. – Você não está vendo a cápsula? Era um pombo de guerra.

Susan balançou a cabeça.

– Ela foi levada por engano em um avião no outono de 1940. Foi uma das primeiras missões de lançamento de pombos-correio sobre a França ocupada pelos nazistas para receber informações. O avião foi abatido com um americano a bordo. –

Ela olhou para o pedaço de papel codificado e pensou em Ollie. De alguma forma, ele devia ter conseguido tempo suficiente para transmitir outra mensagem antes de ser capturado. Ela respirou fundo, tentando dominar as ondas de tristeza que se acumulavam em seu peito. – A mensagem era dele.

– Isso é muito estranho – disse o Sr. Googins, cruzando os braços. – Os Estados Unidos não estavam na guerra em 1940.

– Ollie estava – disse ela.

– Ollie? – Perguntou ele.

Susan assentiu. *Oliver do Maine*. Ela enxugou as lágrimas.

Ele respirou fundo e suspirou.

– Como sabemos que esta é Duquesa e que a mensagem foi enviada por Ollie?

– Niles – Lydia o repreendeu.

– Estou apenas fazendo uma pergunta, Lydia – ele disse, baixando a cabeça.

Susan levantou a lata. Tirou a tampa e espalhou as mensagens codificadas e decifradas sobre a mesa de café.

Lydia pegou um dos bilhetes de Susan e o comparou com o encontrado em sua chaminé. Seus olhos corriam para a frente e para trás entre os papéis.

– É o mesmo código, Niles. E a mesma caligrafia.

Niles examinou as mensagens, demorando mais tempo que a mulher e fazendo um sinal com a cabeça.

Susan reparou que Lydia examinava as mensagens decifradas. Ela sentiu que a mulher compreendia que a comunicação era muito mais que um assunto da Inteligência. Isso se confirmou quando a mulher tocou em seu braço:

– Ollie era seu marido?

– Não – disse Susan. Seu peito doía, como se estivesse sendo comprimido em um torno. – Ele não conseguiu sair da França.

– Sinto muito – disse Lydia.

Depois de uma longa pausa, Niles virou-se para Susan e disse:

– Você consegue interpretar a mensagem?

– Não sei – disse Susan. – Eu tinha o livro de códigos, mas ele foi destruído durante a *Blitz*. – Ela respirou fundo, depois exalou. – Acho que posso tentar decifrá-la usando as outras mensagens.

– Precisamos informar o Serviço de Inteligência – disse Niles.

– Não vamos fazer isso. – Lydia olhou para o esqueleto do pombo sobre a mesa de café, e então começou cuidadosamente a guardar as mensagens de volta na lata de Susan, incluindo a encontrada na lareira.

Os olhos de Niles se arregalaram.

– Lydia.

Ela olhou para o marido.

– Você está convencido de que este é o pombo de Susan e de que esta mensagem foi escrita para ela?

Niles hesitou, depois disse:

– Sim, mas...

– Isso pertence a você, querida – disse Lydia, interrompendo o marido. Ela entregou a lata e a caixa de plástico a Susan.

Susan olhou para Lydia.

– Obrigada.

– Mas, Lydia – disse Niles.

Lydia virou-se para o marido. – Lembra das cartas que você me escreveu quando foi para a guerra?

Niles se contorceu.

– Gostaria que elas fossem expostas para o mundo inteiro ver?

Seu rosto ficou vermelho. Manchas cobriram seu pescoço.

Lydia acariciou a perna do marido.

– E se você contar uma palavra sobre isso a alguém, vou fazer uma cópia daquelas cartas e enviar para o seu clube de golfe.



# Capítulo 57



## Epping, Inglaterra

Susan parou duas vezes a caminho de casa para limpar os olhos lacrimejantes. Estacionando à beira da estrada, olhou para os ossos no banco do passageiro. Dentro da lata, uma mensagem de Ollie. Sua mente e seu coração balançavam enquanto o passado colidia com o presente.

Ela chegou em casa com a intenção de dar a Duquesa um enterro decente. Porém, ao carregar seus restos mortais e uma colher de pedreiro para a floresta, não conseguiu começar a cavar o solo. O mínimo que ela podia fazer antes de enterrar seu pombo era decodificar a mensagem. E terminar a missão pela qual Duquesa tinha sacrificado sua vida. Então voltou para o chalé e foi trabalhar.

Durante um mês, Susan trabalhou incansavelmente na decodificação da mensagem. Ela passou seus dias e noites esquadrinhando os bilhetes. Desesperada para traduzir a última mensagem de Ollie, quase não tinha tempo para comer e dormir. Exausta, começou a adormecer na mesa da cozinha. E recorreu a um timer em formato de ovo para se forçar a fazer intervalos. Mas, ou sua mente estava falhando com a idade, ela pensou, ou as palavras que Ollie tinha selecionado eram bem diferentes. Depois de semanas trabalhando nas letras, conseguiu decifrar apenas uma palavra, *Susan*, que era igual aos demais bilhetes. Ela temia nunca ser capaz de saber quais tinham sido as palavras de Ollie e que Duquesa permaneceria no purgatório, selada em um sarcófago de plástico na gaveta de sua cômoda.

Enquanto deliberava sobre a mensagem, uma longa dor adormecida começou a crescer. Seu coração partido, remendado pelo tempo, tinha mais uma vez começado a apertar. E

acompanhando a dor em seu peito, uma estranha sensação de pecado. Os pensamentos dela estavam em Ollie, não em Duncan.

Conhecera Duncan cinco anos depois da guerra, logo após ter terminado seus estudos e assumido o cargo como professora na universidade. Duncan, que era professor de engenharia, cortejou-a, apesar da falta de interesse dela. Mas ele era persistente, bem-educado, e, de acordo com suas colegas, um bom partido. Depois de um ano recusando seus convites para jantar, ela finalmente aceitou. *Ollie se foi*, disse a si mesma ao olhar para Duncan sentado à sua frente, comendo frango assado com ervilhas.

Ela gostava de Duncan, apesar da sua aparência comum e natureza tranquila. E quem era ela para criticar os modos de alguém? Afinal de contas, ela eventualmente era chamada de “a peculiar mulher dos pombos” por alguns dos seus alunos, quando descobriram que ela tinha treinado pombos durante a guerra. Depois de um ano de namoro unilateral, Duncan lhe propôs casamento. Ela aceitou. Talvez não quisesse passar a vida inteira como eremita. Ou talvez o passar do tempo a tenha permitido ceder às regras das expectativas sociais – casar-se, ter filhos e deixar sua marca no mundo. No fundo, ela simplesmente acreditava que um único amor verdadeiro passava pela vida de uma pessoa. E Ollie tinha desaparecido da sua.

Susan havia tido uma boa vida, supunha. Além disso, tinha Clover e seus netos, Evie e Hugh, para garantir que tinha tomado a decisão certa. Ao longo dos anos, a jovem passou a gostar muito de Duncan. Ele era gentil, paternal e sempre lhe trazia frutas frescas. – *Aumenta o potássio* – dizia ele rotineiramente, entregando a ela um monte de bananas. De todas as formas, Duncan tinha sido um homem bom e honesto. Mas ela nunca mais experimentara aquela gostosa sensação em seu estômago, aquela que se foi no outono de 1940. E nunca mais voltou.

Em setembro, Susan sucumbiu ao fato de que nunca leria a mensagem de Ollie. Sem o livro de códigos, era impossível decifrá-la. Além disso, o Bletchley Park e o Serviço de Inteligência provavelmente já tinham interpretado o texto havia

muito tempo, mas estavam ocupados demais para relatar as descobertas. Ela descobriu que estava errada quando outro artigo apareceu no jornal. A matéria era semelhante às anteriores, simplesmente reproduzindo o relato de Googins ao encontrar o esqueleto do pombo em sua chaminé. No entanto, este revelou que tanto Bletchley e o Serviço de Inteligência continuavam sem entendê-la. Logo abaixo da reportagem, uma foto da mensagem codificada de Ollie:

QUYTV SODLC SKDFN SKLFE ZIEPQ DJRNV  
SKWNF DOIWV JLDWP AWXPD MCJKW  
RSUEW  
WQXZX YMSQR PLNVX SQMCI QYDSX POLRT  
SKFRY XVCTR LKJHG SDFGH OIUY T QWEDR  
KNVDG WDCVG ZDTUO

– Meu Deus! – Susan exclamou, quase engasgando com a torrada com manteiga.

Ela leu o artigo duas vezes, incapaz de entender que *sua* mensagem tinha sido postada para o mundo ver. Não só Bletchley e o Serviço de Inteligência ainda estavam trabalhando em decifrar o código, mas também especialistas em códigos amadores e estudiosos de história provavelmente estavam correndo para ser os primeiros a gritar que tinham resolvido o mistério.

Susan dobrou o jornal, foi até o telefone e ligou para Clover.

– Você pode vir a Epping esta noite? – Ela pausou, lutando para encontrar as palavras. – Há algo muito importante que preciso lhe contar.

Clover saiu mais cedo do trabalho, parando apenas para buscar os filhos na escola. Enquanto Evie e Hugh brincavam no pombal, Susan apanhou sua lata e os recortes de jornal, então se juntou a Clover, sentada na mesa da cozinha.

– Você está bem? – Clover perguntou, esfregando seus brincos. *Ela sempre esfrega os lóbulos quando está preocupada.*

– Estou bem – disse Susan, tentando tranquilizar a filha. – Não estou morrendo, nem contraí uma doença geriátrica debilitante.

– Então por que não podíamos simplesmente falar por telefone?

Susan notou um tom de preocupação na voz da filha.

– Eu quero que você ouça isso de mim, e não de outra pessoa qualquer. Além disso, preciso lhe mostrar uma coisa. – Ela lhe entregou o mais recente recorte de jornal.

Clover leu o artigo.

– Essa notícia tem alguma coisa a ver com você?

Susan assentiu.

– Eu sabia que você tinha criado pombos de guerra, mas você nunca falou nada sobre mensagens secretas. – Ela olhou para o artigo. – Você trabalhou em Bletchley? Pensei que tivesse criado pombos em Northampton. Não fazia ideia que você estivesse envolvida com a Inteligência...

Susan balançou a cabeça.

– É um assunto pessoal. – Susan destampou a lata e espalhou o conteúdo sobre a mesa.

O maxilar de Clover caiu.

Susan olhou para a filha.

– Antes de conhecer o seu pai... – Ela lhe entregou um pedaço de papel envelhecido.

Ela olhou para a mensagem, depois voltou o olhar para a mãe.

Susan notou o quanto o Clover se parecia com o pai: maçãs do rosto altas, nariz pequeno e franjas cheias. Ver essa semelhança e se lembrar do que estava prestes a dizer formou um caroço em sua garganta. Ela engoliu em seco. E, pela hora seguinte, contou tudo à jovem. Sobre a Operação Columba. Duquesa. Bertie. E contou que, durante a Blitz, tinha se comunicado com um americano preso na França ocupada pelos nazistas.

– Meu Deus, mãe. – Clover deu um longo suspiro.

Susan esperava que a filha ficasse brava. Confusa. Talvez até se sentisse traída pelo fato de sua mãe ter nutrido sentimentos

por outro homem. Mas Clover a surpreendeu.

– Vocês gostavam muito um do outro – disse Clover, olhando para as mensagens decifradas.

Susan assentiu.

Clover apertou o brinco, como se a tarraxa tivesse caído.

– Você estava apaixonada por ele?

Ela parou, surpresa com a sensibilidade da filha, depois fez que sim com a cabeça.

– Ollie nunca voltou?

Ouvir o nome dele fez o estômago de Susan doer. Ela balançou a cabeça.

Clover segurou a mão da mãe.

Comovida pelo toque da filha, os olhos de Susan encheram-se de lágrimas. Afinal, Clover não era muito dada a abraços. Mesmo na infância, não gostava de ser abraçada, muito menos tocada. Susan espremeu seus dedos.

– Foi há muito tempo, querida.

– Mas você queria que eu soubesse?

– Sim – disse Susan. – Estou cansada de guardar esse segredo. E queria que você soubesse, para o caso de eles decifrarem o bilhete e ligarem o meu nome a ele. Havia poucas mulheres no Serviço Nacional de Pombos. Provavelmente eu era a única que se chamava Susan.

Clover olhou para o recorte do jornal.

– Não acredito que o Bletchley e o Serviço de Inteligência não tenham decifrado o código.

– O livro de códigos do meu pai era da Primeira Guerra – disse Susan. – Talvez estejam tentando usar códigos da guerra errada.

– Mãe, eles decifraram o Enigma nazista, pelo amor de Deus. Vão decifrar esta mensagem. – Clover soltou a mão da mãe e sorriu. – Vão ficar chocados quando descobrirem.

Susan riu, depois limpou os olhos.

– Você não está curiosa para saber o que diz aqui? – Clover perguntou. – Estas mensagens podem ajudar aquelas pessoas a decifrarem o código.

– Sim, mas não vou dar as *minhas* mensagens a eles – disse Susan.

– Por quê?

Susan lembrou-se da decisão de Bertie de não entregar as mensagens de Ollie à RAF. Mesmo depois de meio século, as palavras de seu avô ainda ecoavam em sua lembrança. *Os nossos militares vão receber a sua informação da Inteligência. Mas eles não vão ver o que elas significam para você.*

– Ollie queria que isto fosse lido por mim, não pelo nosso governo – disse Susan. – Mais do que ninguém eu quero saber o que diz neste pedaço de papel. Mas o meu coração me diz que devo fazer isso sozinha.

– Há alguma coisa que eu possa fazer? – Clover perguntou.

– Você sempre foi boa em palavras cruzadas – Susan disse, deslizando a mensagem codificada para ela. – Quer me ajudar a resolver um quebra-cabeça?



# Capítulo 58



## Epping, Inglaterra

No fim de semana seguinte, Clover e os netos ficaram em Epping com Susan. Durante o dia, mãe e filha brincavam com Evie e Hugh, com rodadas de esconde-esconde e viagens a Clacton-on-Sea para libertar pombos. Hugh, uma criança persistente, tinha até convencido sua mãe, uma mulher paranoica que tinha medo de contrair gripe aviária, a segurar um pombo.

Clover, com os braços estendidos, guinchou enquanto o pássaro batia as asas.

– Você parece com a rainha segurando um pedaço de cocô – disse Susan. As crianças gargalharam.

À noite, depois de as crianças terem ouvido uma história e serem enfiadas na cama, ela e Clover trabalhavam na mensagem, embora passassem mais tempo tagarelando. Para Susan, a filha parecia genuinamente interessada, querendo saber mais sobre Ollie, Bertie e o papel de sua mãe no Serviço Nacional de Pombos. Ambas as noites, as duas ficaram acordadas até tarde tomando chá e comendo biscoitos. No domingo à noite, não tinham avançado nada. Mas Susan tinha estabelecido, pela primeira vez em anos, uma conexão verdadeira com sua filha. Apesar de não estar mais perto de decifrar o código, ela tinha apreciado o tempo que passara com Clover e seus netos.

– Mãe, o que você acha de contratarmos um criptoanalista? – Clover perguntou, quando colocou a bagagem no carro.

Susan coçou a cabeça.

– Um especialista em códigos. – Clover prendeu os filhos no banco de trás. – Com a ajuda dos outros bilhetes, um técnico

pode ser capaz de decifrar a mensagem. – Ela se aproximou da mãe. – Claro que eu prepararia um termo de confidencialidade.

– Vou pensar nisso – disse Susan. Clover assentiu.

– Gostei do nosso tempo juntos – disse Susan.

Clover sorriu.

– Eu também. – Ela se sentou ao volante e deu a partida.

Enquanto se afastavam, Susan mandou beijos para os netos e entrou em casa. O silêncio era ensurdecedor. Sozinha, a pressão em seu peito voltou, como se ela tivesse sido colocada dentro de uma câmara hiperbárica. Exausta, adormeceu sentada na cadeira.



# Capítulo 59



## Epping, Inglaterra

Susan acordou com as costas rígidas, como se a coluna tivesse sido substituída por uma vara de aço. Tomou três aspirinas e esticou as vértebras, tentando recuperar o movimento nas articulações artríticas. Mal conseguindo tocar os joelhos, muito menos os dedos dos pés, jurou nunca mais adormecer em uma cadeira.

Quando a dor foi reduzida a um incômodo latente, ela se dirigiu ao pombal. Como tinha atrasado o café da manhã, a maioria dos pombos já estava rodeando a bandeja de alimentação. Como de hábito, ela raspou a lata de grãos com uma colher de pau, depois serviu a ração. Ela viu os pombos bicarem e andarem pelo espaço, satisfeitos. Suas garras arranhavam o piso de madeira compensada. O cheiro fresco e familiar de mofo do galpão era reconfortante. Mas a tranquilidade desapareceu rapidamente quando ela pensou na mensagem indecifrável – uma mensagem perdida em sua velha lata de chá, um fantasma do passado, selado como que por um encanto. *Talvez Clover tenha razão*, pensou ela. *Talvez eu deva contratar um especialista em códigos.*

Quando estava enchendo o bebedouro, ouviu um motor de carro. Os pombos revoaram. O som do automóvel aumentou e depois parou. Ela esticou as costas e fez uma careta. A porta do carro rangeu, abrindo e fechando. Ao sair do galpão, ela viu um automóvel azul estacionado. E um homem de cabelo grisalho olhando para o chalé.

A porta com dobradiças de mola bateu atrás dela.

– Olá – Susan disse.

O homem virou-se.

Susan tentou enxergar seu rosto, desejando não ter deixado os óculos dentro de casa.

– Posso ajudá-lo?

Ele pigarreou.

– Susan.

O som da voz dele a abalou. Ela congelou, acreditando que seus ouvidos deviam estar falhando, assim como os joelhos.

Ele caminhou na sua direção.

Suas pernas permaneceram plantadas, como se os pés tivessem repentinamente criado raízes. Enquanto se aproximava dela, o rosto lentamente entrou em foco. Embora suas bochechas e testa estivessem muito enrugadas, ela reconheceu o queixo franzido. Olhos de caramelo, embaçados pela idade. O cabelo castanho, antes ondulado, agora branco e ralo.

– Ollie?

Ele assentiu.

– Oh, meu Deus.

Ele olhou nos olhos dela.

A respiração de Susan ficou presa no peito. *Ele está vivo!* Parte dela queria jogar os braços em volta dele. Abraçá-lo. Apertá-lo. Mas o choque de vê-lo gerou um turbilhão de emoções misturadas. Sua mente acelerou. *Por que não voltou? Onde esteve? O que aconteceu?* Ela o encarou, incapaz de falar.

Ele esticou a mão lentamente.

Ela recuou. Seu coração bateu com incerteza. *É você mesmo?*

Ollie baixou o braço e fez uma pausa.

*Sobreviveu, mas não se deu ao trabalho de me procurar.* Os ombros de Susan caíram quando sua alegria se foi.

– Posso entrar? – Perguntou ele.

Ela hesitou. *Suas promessas eram apenas um sintoma da guerra? Não sentia o mesmo por mim?* E ela percebeu que suas preciosas lembranças, criadas sob o pavor das bombas da Luftwaffe, podiam ter sido sonhos distorcidos. Mentiras. De repente, sua euforia foi enterrada em uma avalanche de desgosto. Ela queria chorar. Porém, apesar do quanto a verdade doeria, ela precisava saber o que tinha acontecido. – *Seja como*

*um ovo* – ela sussurrou para si mesma. Respirou fundo, tentando reunir forças, e depois o conduziu para dentro do chalé.

Poucos minutos depois, estavam sentados na cozinha diante de um bule de chá recém-preparado. A mão de Susan tremia enquanto ela colocava leite e açúcar na xícara dele.

– Obrigado – disse Ollie. Ele bebeu um gole e devolveu a xícara à mesa. – Você não mudou nada.

Susan, sentada no lado oposto da mesa, olhou para seu chá. O reflexo de uma velha mulher olhou de volta para ela.

– Pensei que estivesse morto. – A dureza de suas palavras cortou o ar.

Ollie baixou a cabeça.

Incapaz de olhar para ele, Susan fixou-se em um arranhão profundo no tampo da mesa.

– Vi a notícia no jornal – ele disse, quebrando o silêncio. – Falei com Lydia e Niles Googins. Eles me deram seu endereço.

Susan obrigou-se a tomar um gole de chá, quente e amargo.

– Você devia ter ligado antes.

Ollie pigarreou.

– Acho que fiquei com medo de que você não quisesse me ver.

Susan adicionou um pouco de açúcar a seu chá. Ela o mexeu. A colher bateu contra a louça.

Ollie olhou ao redor do chalé e apontou para uma fotografia emoldurada na parede.

– Sua família?

Sem olhar para cima, Susan disse:

– Minha filha, Clover, e meus netos, Evie e Hugh.

– São lindos. – Ele reparou em outra fotografia. – Seu marido?

Susan assentiu, sentindo o estômago apertado.

– Duncan em sua festa de comemoração da aposentadoria. – Ela fez uma pausa e disse: – Ele faleceu há cinco anos.

– Lamento. – Ele segurou sua xícara. – Você teve uma boa vida?

Susan olhou para cima. Cruzou os braços e fez que sim com a cabeça.

– Fico feliz – disse ele.

Confusa sobre como responder, Susan perguntou:

– Você tem filhos?

– Não, infelizmente – disse Ollie.

– Se casou?

– Uma vez. – Ele fez uma pausa. – Anna morreu de leucemia em 1952.

– Sinto muito.

– Foi há muito tempo.

Ela engoliu.

– Não quis se casar novamente?

Ollie negou com a cabeça.

– Onde você mora?

– Portland. – Ele bebeu um gole de chá. – Maine – acrescentou ele.

*Oliver do Maine*, a voz de Bertie ecoou em sua mente.

– Eu me aposentei por lá depois de trabalhar em Boston para uma companhia aérea regional.

– Como piloto? – Susan perguntou.

Ollie assentiu.

Um enxame de perguntas em seu cérebro. Ela não parava de mexer a colher. Incapaz de conter suas emoções por mais tempo, levantou-se e derramou seu chá na pia. De costas para ele, despejou o que queria perguntar desde o momento em que o viu.

– Como pôde me deixar acreditar que estava morto? Nos últimos 50 anos, não conseguiu arranjar tempo para me telefonar ou escrever uma carta?

Ollie começou a falar, mas foi interrompido.

– O que aconteceu? – Encostou-se ao balcão, aliviando a dor que se acumulava em seus joelhos.

Ollie respirou fundo.

– Por onde começo? – Ele sussurrou para si mesmo.

– Talvez do início.

Ollie passou uma mão pelo cabelo fino. Depois de uma longa pausa, ele falou.

– No inverno de 1940, tentamos fugir da França. Atravessando a cordilheira dos Pireneus, nos deparamos com uma patrulha da Wehrmacht. O nosso guia, Lucien, e o Tenente de Voo Boar foram mortos. – Ele cruzou os braços. – Fui atingido enquanto tentava atravessar um rio na fronteira com a Espanha.

Susan virou-se.

Ollie fechou os olhos, procurando em suas lembranças.

– Eu estava me afogando e fui salvo por dois rapazes. Eles me tiraram do rio e me envolveram em seus casacos; caso contrário, eu teria morrido de hipotermia. Em vez de me entregarem às autoridades da fronteira, me levaram para um mosteiro. Passei dois meses tratando do ferimento.

– Depois voltou para os Estados Unidos?

Ollie balançou a cabeça.

– Grã-Bretanha.

A boca de Susan ficou seca.

– Fui para Portugal com a ajuda dos padres, depois embarquei em um navio para a Grã-Bretanha. Cheguei a Epping em maio de 1941.

Susan cobriu a boca.

Ele olhou à volta da sala.

– Encontrei o chalé destruído.

Susan pensou no bombardeio. Um flash de seu avô coberto de escombros.

– Bertie foi morto.

– Lamento tanto, Susan. Bertie era um homem maravilhoso. – Ele esfregou a borda da xícara. – Não consigo imaginar o que você passou durante a Blitz.

Ela foi para a mesa e sentou-se ao lado dele.

Ele limpou a garganta.

– Viajei para Church Fenton e me alistei no Esquadrão Águia. Depois da Blitz, a RAF estava desesperada atrás de pilotos voluntários, e aceitaria até mesmo um americano que mal conseguia levantar o braço o suficiente para passar no exame físico. Voei em um Hurricane para a RAF até pouco depois do bombardeio japonês em Pearl Harbor. Quando os Estados

Unidos entraram na guerra, fui transferido para a Força Aérea Americana.

– Por que não me procurou? – Susan quis saber. – Avisei os vizinhos de que iria para Northampton.

Ollie lentamente enfiou a mão no casaco e pegou um pequeno livro, desgastado e com manchas de umidade.

Os olhos de Susan se arregalaram, reconhecendo o livro de códigos de seu pai.

Ele abriu a capa. Dentro do livro, pequenos pedaços de papel amarelado, prensados como flores de jardim. Ele pegou o que estava por cima e o entregou a Susan.

– Esta foi a última mensagem que Duquesa me entregou.

Susan tremeu ao ouvir o som do nome do pombo. Colocou seus óculos de leitura e imediatamente reconheceu que não era sua caligrafia. E não estava em código. As mãos dela tremeram enquanto lia a mensagem.

*É com pesar que comunico o falecimento de Bertie Shepherd e Susan Shepherd, do Serviço Nacional de Pombos, que ocorreu em Epping, Inglaterra, em 27 de novembro de 1940. Causa mortis: bombardeio.*

*Missão terminada.*

*Cabo S. L. Williamson, RAF*

As mãos de Susan tremeram. Ela olhou para a mensagem.

– Você pensou que eu tivesse...

– Sim – disse ele.

Ela amassou o papel. Uma mistura de choque e raiva esquentou seu corpo.

– Quem era o Cabo Williamson? Por que ele teria enviado esta mensagem? – Ela lutou para lembrar os nomes dos soldados que estavam estacionados na fazenda.

Ollie engoliu.

– Não havia nenhum Cabo Williamson.

Ela olhou para ele. Então, teve um sobressalto. Apanhou rapidamente a lata, que estava em um móvel da cozinha, e esvaziou seu conteúdo sobre a mesa. Comparando a caligrafia

de uma nota, assinada pelo *Tenente de Voo Clyde Boar, da RAF*, comparou a caligrafia idêntica.

– Meu Deus.

– Boar deve ter interceptado Duquesa e trocado as mensagens – disse Ollie.

– Por quê? – Os olhos de Susan estavam cheios de lágrimas.

– Talvez fosse porque ele desprezasse os americanos, especialmente eu. Ou tinha ciúme de nós. – Ele inclinou-se para a frente. – Acredito que o auge tenha acontecido quando ele perdeu um olho. Tornou-se amargo depois que percebeu que nunca mais voltaria a voar. Suponho que eu tenha me tornado o alvo de sua raiva. Esta mensagem a princípio seria apenas uma brincadeira cruel, uma brincadeira que eu teria desmascarado se conseguisse sair da França. – Ollie respirou fundo e exalou. – O mais estranho é que Boar salvou minha vida em duas ocasiões.

– Eu o odeio – disse Susan. – Ele tirou de nós o nosso futuro.

Ele apertou as mãos dela suavemente.

– Enquanto vinha para cá, eu tentei dar sentido a tudo isso. Me vi lamentando o que tinha feito, ou o que não tinha feito. Foi o voo mais longo da minha vida.

Susan fungou. Uma lágrima caiu na mão dele, e ela notou que ele não fez nenhum esforço para limpá-la.

– A princípio, recusei-me a acreditar na notícia de que você e Bertie tinham sido mortos. Eu não estava na casa quando Duquesa voltou, e imaginei que Boar tivesse escrito a mensagem, embora ele tivesse negado com veemência. Mas quando voltei, na primavera de 1941, encontrei a fazenda destruída. O campo estava cheio de crateras. Minhas dúvidas sobre a veracidade da mensagem terminaram ali. E a partir daquele momento, e todos os dias desde então, acreditei que você tivesse morrido.

Susan olhou para ele. Ela reparou que o lábio inferior dele tremeu.

– Não consegui visitar sua sepultura. Tinha colhido flores, mas as deixei no galpão. – Ollie baixou a cabeça. – Se eu tivesse ficado em Epping, nós iríamos nos encontrar.

– A culpa não foi sua – Susan choramingou. – *Ele* fez isso conosco.

Ollie respirou, parecendo ter dificuldade.

– Quando soube que você estava viva, fiquei muito feliz. E, ao mesmo tempo, devastado pelo pensamento do que poderíamos ter tido. – Ela se aproximou. – Eu também tenho ódio do que Boar fez. E imagino que poderia ter passado o resto dos meus dias como um velho ressentido. No entanto, se ele não tivesse assediado você naquele trem lotado em Londres, nunca teríamos nos conhecido. Você teria desembarcado em Epping. Eu teria viajado para Church Fenton. Os nossos caminhos nunca teriam se cruzado. – Ele acariciou a mão dela. – Apesar do pouco tempo que passamos juntos, não consigo imaginar a minha vida sem você.

Ela apertou seus dedos, sentindo que o tempo entre eles começava a derreter.

– Não foi suficiente.

Ele olhou para os olhos dela.

– Nunca deixei de pensar em você.

Um lugar secreto em seu coração, aquele que ela mantivera fechado por mais de meio século, começou a se abrir.

– Eu também não – ela sussurrou.

– Você sempre esteve comigo – disse Ollie.

As lágrimas escorriam pelas faces dela. Ondas de emoção inundavam seu corpo.

– Foram as suas palavras e a sua inspiração que me deram força para seguir em frente. Nunca desistir.

Juntos, eles choraram. O muro que os separara por anos foi derrubado.

Ollie limpou suas lágrimas.

Susan olhou nos olhos dele e tocou suavemente em seu rosto.

– Há uma coisa que preciso lhe mostrar.



# Capítulo 60



## Em casa

Susan e Ollie olharam para a cova recém-cavada na extremidade da floresta de Epping. Uma brisa quente passava pelo bosque, fazendo os galhos balançarem e rangerem, silenciando as fileiras de pardais. O cheiro de terra úmida e musgo enchia o ar. Ollie encostou a pá contra uma árvore de bétula, sua casca se soltando como se fosse um velho papel de parede. Lentamente, ele se ajoelhou.

A seu lado, Susan segurava um recipiente de plástico com os restos mortais de Duquesa; na outra mão, um pequeno pedaço de papel.

Ollie encarou Susan. Seu cabelo fino dançava ao vento.

– Ela foi um pombo maravilhoso – disse Susan, entregando-lhe a caixa.

– Um anjo.

Ela sorriu.

Ollie acomodou a caixa na cova e depois encheu-a de terra. Com as mãos, arrumou o monte de barro. Em seguida, aproximou-se de uma pedra plana e larga, parcialmente coberta pelas raízes de um grande olmo. Ele limpou a pedra com as mãos. Era pesada demais para carregar, então a rolou, pouco a pouco, até chegar ao monte de terra.

Quando Ollie colocou a lápide, Susan desdobrou a mensagem decifrada. E a leu pela segunda vez.

*Susan, se o paraíso existir, e eu espero que exista, prometo que vamos nos encontrar lá. Para sempre seu, Ollie.*

Ollie ficou em pé e a abraçou.

- Depois de todos estes anos, ela conseguiu nos reunir.  
Susan se aconchegou a ele.
- Ela está em casa. – Ele a abraçou com força.
- Eu também.



# Comentário do autor



Durante minhas pesquisas para este livro, chamou minha atenção uma reportagem britânica de 2012 sobre os restos mortais de um pombo de guerra que havia sido encontrado em uma chaminé na cidade de Surrey, décadas depois da guerra. Presa à perna do pombo estava uma mensagem cifrada, que tiraria o sono dos especialistas em códigos do Serviço de Inteligência durante anos. O mistério daquele pombo de guerra e de sua mensagem indecifrável serviram de inspiração para escrever esta história.

Durante a investigação que fiz, me vi cada vez mais fascinado pela importância dos pombos durante a Segunda Guerra Mundial. O Serviço Nacional de Pombos, uma organização civil voluntária da Grã-Bretanha, entregou cerca de 250.000 aves às Forças Britânicas entre 1939 e 1945. Operação Columba era o codinome da missão que soltou 16 mil pombos-correio sobre a França ocupada pela Alemanha e sobre a Holanda como um recurso para os habitantes locais fornecerem informações à Grã-Bretanha, como a movimentação das tropas, por exemplo. Imaginei Susan e Bertie como membros dedicados do Serviço Nacional de Pombos que acreditavam que suas aves extraordinárias ajudariam a Grã-Bretanha a sobreviver.

Além dos pombos de guerra, fiquei intrigado ao saber que mais de 200 pilotos americanos voluntários serviram no Esquadrão Águia da Força Aérea Real antes de os Estados Unidos entrarem na guerra, em dezembro de 1941. Esses homens corajosos rumaram para a Grã-Bretanha, geralmente através do Canadá, sem levar em consideração os Acordos de Neutralidade assinados pelos Estados Unidos. Charles Sweeny, um rico morador de Londres, e Billy Bishop, um piloto brilhante da Primeira Guerra Mundial, desempenharam papéis importantes no recrutamento de pilotos voluntários americanos para a RAF. Imaginei que alguém como Ollie, um pulverizador de inseticida de

ascendência britânica, teria as habilidades e a motivação para se alistar.

Durante minha pesquisa – em particular sobre o início da Segunda Guerra Mundial –, descobri muitos eventos históricos convincentes, que me esforcei para incluir com verossimilhança na linha do tempo deste romance. Por exemplo, a Maternidade de Sprigg's Oak, em Epping, foi bombardeada em 9 de outubro de 1940, matando oito grávidas que buscavam um lugar seguro fora da cidade de Londres para terem seus bebês. A destruição que Ollie encontra quando chega à Grã-Bretanha é o resultado dos bombardeios em Liverpool, especificamente o abrigo de Cleveland Square, que foi atingido diretamente, resultando na morte de pelo menos dezesseis civis. Além disso, a Luftwaffe realizou numerosos ataques no Campo de Aviação de North Weald em 1940, e foi durante um deles que enviei Ollie para a França ocupada pelos alemães. Além disso, tentei reproduzir com precisão os vários tipos de aviões utilizados pelas forças britânicas e alemãs durante a fase inicial da guerra, bem como os vários equipamentos e métodos de criação utilizados pelo Serviço Nacional de Pombos. Quaisquer imprecisões históricas nesta narrativa são responsabilidade exclusivamente minha.

Embora diversas figuras históricas apareçam neste livro, é importante ressaltar que *O longo voo para casa* é uma história fictícia e é evidente que tomei liberdades criativas ao escrevê-la. Por exemplo, foi invenção minha a reunião secreta em Londres, onde Susan recebe as direções da Operação Columba. Teria havido provavelmente um protocolo rigoroso para a comunicação entre o Serviço Nacional de Pombos, a Inteligência Britânica e a Força Aérea Real, e minha pesquisa não encontrou nenhum caso de criadores de pombos do Serviço Nacional que tivessem participado de reuniões do Gabinete da Guerra. Além disso, as rotas de fuga através da França ocupada pelos alemães eram menos organizadas em 1940. Sendo assim, baseei a rota de fuga de Ollie em uma variação da linha Cometa, uma rede de resistência que operou mais tarde na guerra. Por fim, Ollie e Boar encontram refúgio com Madeleine e seu porco trufa, Louis, em Airaines, uma vila no norte da França. Enquanto a caça à trufa

silvestre é mais proeminente no sudoeste da França, eu simplesmente não pude resistir à ideia de inserir um porco trufa na história.

Muitos livros, artigos de jornais e publicações históricas foram importantes para minha pesquisa. *The Eagle Squadron, Yanks in the RAF 1940-1942*, de Vern Haugland, foi especialmente útil para que eu entendesse a motivação e a jornada dos pilotos americanos voluntários que se alistaram na RAF. *WW2 People's War*, um arquivo de memórias da Segunda Guerra Mundial – escrito pela população e organizado pela BBC –, foi uma fonte maravilhosa de ideias para escrever sobre os medos e as dificuldades dos londrinos durante a Blitz.

Escrever este livro foi um ato de amor. Ficarei para sempre tocado pela resiliência do povo britânico, que suportou oito meses de bombardeios implacáveis – de setembro de 1940 a maio de 1941 – que resultaram na morte de 43.000 civis. Espero que esta história honre os homens, mulheres e crianças que pereceram na Blitz.

Este livro não teria sido possível sem a ajuda de muitas pessoas. Serei eternamente grato aos seguintes indivíduos talentosos e esforçados:

Foi uma honra saber que John Scognamiglio aprovou a publicação desta obra. Admiro profundamente os conhecimentos editoriais de John e seu entusiasmo por dar vida a esta história.

Muito obrigado a meu maravilhoso agente, Mark Gottlieb, pelo apoio e pela orientação enquanto buscávamos um lar para este livro. Tenho sorte em ter o Mark a meu lado.

Meus profundos agradecimentos ao grupo Akron Writers e à minha rede de parceiros críticos: Betty Woodlee, Becca Orchard, Ken Waters, Karl Ziellenbach, David Rais, Krissie Lynch, Dani Turos, John Stein, Sharon Jurist, Conrad Detweiler, Rocky Lewis, Suzanne Hodsden, Christine Wright, Shannon Waller, Carisa Taylor, Cheri Passell, Anna Bialik, Kat McMullen, Kristen Weber e Valerie Brooks. E um agradecimento especial e sincero a Betty – sem sua intuição e encorajamento, este livro não poderia ter sido escrito.

Por último, mas não menos importante, este trabalho não teria sido possível sem o amor e o apoio de minha mulher, Laurie, e de nossos filhos, Catherine, Philip, Lizzy, Lauren e Rachel. Laurie, você é – e sempre será – o amor da minha vida.



# O longo voo para casa



## Guia de leitura

Estas perguntas foram incluídas no livro para enriquecer a experiência de leitura de *O longo voo para casa*, de Alan Hlad.

1. Antes de ler *O longo voo para casa*, o que você sabia sobre os pombos-correio utilizados na Segunda Guerra Mundial? Você pode dar mais exemplos de animais que tenham servido em tempos de guerra? Quais são as opiniões existentes sobre os direitos dos animais durante a Segunda Guerra? Depois de ler este livro, você sente o mesmo em relação aos pombos?

2. Quais são os medos de Susan durante a Blitz? Por que ela imagina que seus pombos poderão ajudar a salvar a Grã-Bretanha? O que ela descobriu sobre a ofensiva alemã contra seu país em 1940 e 1941?

3. Quais são as motivações de Ollie para ignorar a neutralidade dos Estados Unidos e tentar se alistar na Força Aérea Real? Se os pais de Ollie não tivessem morrido em um acidente de carro, você acha que ele teria partido em sua missão para se alistar? De que maneira seu encontro com um marechal da Força Aérea Real Canadense, além do fato de ter sido roubado em uma estação de trem, influenciaram sua decisão de adiar a universidade e viajar para a Grã-Bretanha?

4. Descreva Susan. Que tipo de mulher ela é? Quando Susan participa da reunião da Operação Columba em Londres, ela é a única mulher do grupo. Fale sobre a coragem de Susan, em comparação com outros membros do Serviço Nacional de Pombos, ao confrontar um oficial militar superior por causa dos erros na missão. O que significa a afirmação “*Seja como um ovo?*” Descreva a relação entre Susan e seu avô, Bertie. Que papel desempenha Bertie na formação dos valores e crenças de sua neta?

5. Enquanto trabalhavam na preparação dos pombos para a missão, Susan e Ollie se apaixonam. O que os une? Por que a relação se desenvolve tão rapidamente? Em que momento, na sua opinião, Susan percebe que ama Ollie? De que maneira a guerra, particularmente os bombardeios noturnos da Luftwaffe, atuam como catalisadores para seu afeto? Quais são as esperanças e sonhos de Susan e de Ollie?

6. Duquesa é o animal de estimação leal e dedicado de Susan. Que características a tornam única? Embora Duquesa não seja treinada para fazer voos de ida e volta, ela leva e traz mensagens para Susan e Ollie. Como você acha que ela conseguia fazer os voos sobre o Canal da Mancha?

7. Descreva o Tenente de Voo Clyde Boar. Qual é o motivo de sua antipatia por Ollie? Ele tem qualidades que o redimem? Quando Boar intercepta Duquesa, que levava a mensagem de Susan para Ollie, ele está revoltado depois de saber que perdeu um olho e nunca mais vai pilotar. Se Boar soubesse das consequências trágicas de sua maldade com Ollie e Susan, você acha que ele teria agido de forma diferente?

8. Quais são os temas principais de *O longo voo para casa*?

9. Por que muitos leitores gostam de ficção histórica, em particular romances ambientados na Segunda Guerra Mundial? Até que ponto, na sua opinião, Hlad usou licença poética neste romance?

10. O que você imagina que acontece depois do fim do livro? Como você acha que serão as vidas de Susan e de Ollie?





# Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Capítulo 1: Epping, Inglaterra

Capítulo 2: Buxton, Maine

Capítulo 3: Epping, Inglaterra

Capítulo 4: Buxton, Maine

Capítulo 5: Portland, Maine

Capítulo 6: Epping, Inglaterra

Capítulo 7: Halifax, Nova Escócia

Capítulo 8: Epping, Inglaterra

Capítulo 9: Londres, Inglaterra

Capítulo 10: North Weald, Inglaterra

Capítulo 11: Epping, Inglaterra

Capítulo 12: North Weald, Inglaterra

Capítulo 13: Epping, Inglaterra

Capítulo 14: Epping, Inglaterra

Capítulo 15: Epping, Inglaterra

Capítulo 16: Epping, Inglaterra

Capítulo 17: Epping, Inglaterra

Capítulo 18: Epping, Inglaterra

Capítulo 19: North Weald, Inglaterra

Capítulo 20: Epping, Inglaterra

Capítulo 21: North Weald, Inglaterra

Capítulo 22: North Weald, Inglaterra

Capítulo 23: Dez mil pés acima do Canal da Mancha

Capítulo 24: Epping, Inglaterra

Capítulo 25: Epping, Inglaterra

Capítulo 26: França ocupada pelos alemães

Capítulo 27: Airaines, França

Capítulo 28: Epping, Inglaterra

Capítulo 29: Epping, Inglaterra

Capítulo 30: Airaines, França  
Capítulo 31: Airaines, França  
Capítulo 32: Epping, Inglaterra  
Capítulo 33: Epping, Inglaterra  
Capítulo 34: Airaines, França  
Capítulo 35: Airaines, França  
Capítulo 36: Epping, Inglaterra  
Capítulo 37: Epping, Inglaterra  
Capítulo 38: Airaines, França  
Capítulo 39: Airaines, França  
Capítulo 40: Epping, Inglaterra  
Capítulo 41: Epping, Inglaterra  
Capítulo 42: Airaines, França  
Capítulo 43: Airaines, França  
Capítulo 44: Airaines, França  
Capítulo 45: Epping, Inglaterra  
Capítulo 46: Epping, Inglaterra  
Capítulo 47: Airaines, França  
Capítulo 48: Rouen, França  
Capítulo 49: Epping, Inglaterra  
Capítulo 50: Epping, Inglaterra  
Capítulo 51: Ascain, França  
Capítulo 52: Os Pirineus  
Capítulo 53: Epping, Inglaterra  
Capítulo 54: Epping, Inglaterra  
Capítulo 55: Epping, Inglaterra  
Capítulo 56: Rochford, Inglaterra  
Capítulo 57: Epping, Inglaterra  
Capítulo 58: Epping, Inglaterra  
Capítulo 59: Epping, Inglaterra  
Capítulo 60: Em casa  
Comentário do autor  
O longo voo para casa



*A  
queda de  
Lorde  
Drayson*

**RACHAEL  
ANDERSON**

*Série Tanglewood*

pausa ;

# A queda de Lorde Drayson

Anderson, Rachel

9788593745836

242 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quem é ele? Um poderoso Lorde ou um humilde servo? Quando Colin Cavendish, o novo Conde de Drayson, informa a Lucy Beresford que ela e sua mãe precisam abandonar a casa que chamaram de lar nos últimos dois anos, Lucy percebe que está de mãos atadas. Elas não têm dinheiro, ninguém para pedir ajuda, e nenhum lugar para onde ir. Como o Conde ousou quebrar a promessa que seu pai fizera aos Beresford sem peso na consciência? Mas a sorte bate à porta da jovem no momento em que ela encontra o Conde ferido e inconsciente no meio da estrada. Quando ele acorda com amnésia, Lucy aproveita a oportunidade para ensiná-lo uma lição de humildade, dizendo que ele é um simples servo. Seu servo, na verdade.

*Ebook acessível, conforme a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência.*

[Compre agora e leia](#)

AUTORA BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

LOUISE HAY



pausa

# 21 dias para curar sua vida

Hay, Louise  
9788593745812  
176 páginas

[Compre agora e leia](#)

O Trabalho com o Espelho, um dos ensinamentos centrais de Louise Hay, sustenta que nossa experiência de vida espelha nosso relacionamento com nós mesmos; a menos que nos vejamos como dignos de sermos amados, o mundo pode ser um lugar escuro e solitário. O trabalho com o espelho - olhando para si mesmo em um espelho e repetindo afirmações positivas - é um método poderoso de Louise Hay para aprender a amar a si mesmo e experimentar o mundo como um lugar seguro e acolhedor. Em 21 Dias para curar a sua vida – Aprenda a se amar trabalhando com o espelho, apresenta um programa de ensinamento e exercícios para ajudar o leitor a aprofundar seu relacionamento consigo mesmo e a viver uma vida feliz e gratificante.

Cada um dos 21 dias é organizado em torno de um tema, como monitorar o autocontrole, superar o medo, liberar a raiva, curar relacionamentos, perdoar a si mesmo e aos outros, receber prosperidade e viver sem estresse. O programa envolve um exercício em frente ao espelho, afirmações, registro em um diário, uma mensagem de amor para refletir e uma meditação guiada.

Repleto de orientações práticas, escrito da maneira calorosamente pessoal de Louise, *Trabalhando com o Espelho*, como ela gosta de lhe chamar, foi criado para ajudar os leitores a:

- Aprender um nível mais profundo de autocuidado
- Ganhar confiança em seu próprio sistema de orientação interna
- Desenvolver a consciência de seus dons da alma
- Superar a resistência à mudança
- Aumentar a autoestima
- Cultivar o amor e a compaixão nas suas relações consigo próprio e com os outros

Em apenas três semanas, o leitor pode estabelecer firmemente o *Trabalho com o Espelho* como uma prática contínua para o crescimento positivo e um caminho para uma vida plena e rica.

"Fazer o trabalho com o espelho", diz Louise, "é um dos presentes mais amorosos que você pode se dar."

*Ebook acessível, conforme a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência.*

[Compre agora e leia](#)

ELA ACHAVA QUE NUNCA MAIS IRIA VÊ-LO.  
MAS ELE ESTÁ DE VOLTA.

# EM QUEDA LIVRE

julie johnson

pausa ;



# Em queda livre

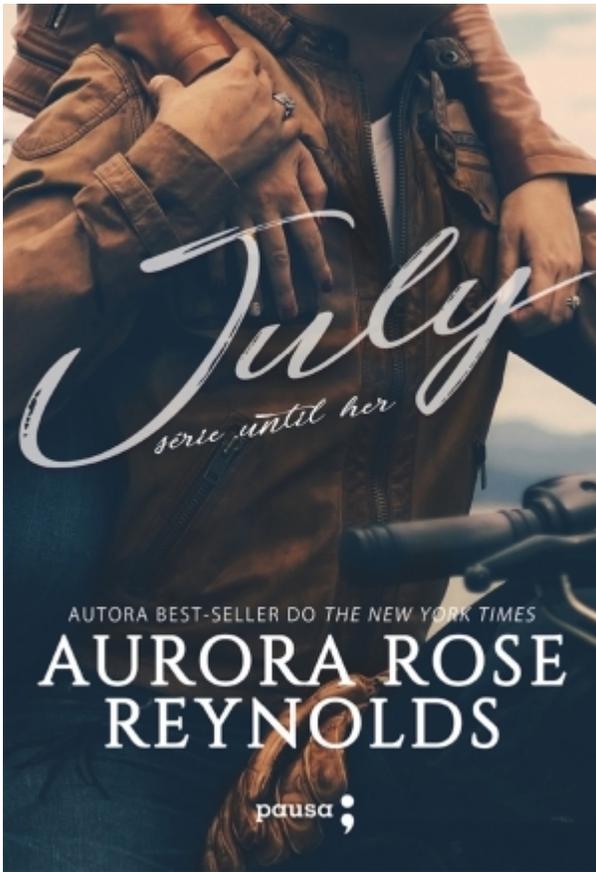
Johnson, Julie  
9788593745805  
288 páginas

[Compre agora e leia](#)

A jovem de 20 anos Brooklyn "Bee" Turner já conhece o luto. Depois de testemunhar o brutal assassinato de sua mãe aos seis anos, Brooklyn cresce mantendo todos à distância. Quando tropeça, literalmente, em Finn Chambers - o vocalista de uma banda local e o homem que atrai todas as mulheres do campus - ela está despreparada para a insistência dele em fazer amizade, e para a perigosa atração que começa a sentir. Porque com Finn, ela sabe que seria mais do que apenas sexo. Mais do que apenas amizade. E talvez até mais do que apenas amor. Quando uma presença sinistra do seu passado ressurgir, Brooklyn é levada ao limite. Pela primeira vez em quinze anos, ela irá confrontar sua tristeza e suas memórias, enquanto joga um jogo mortal de gato e rato com um inimigo inesperado.

*Ebook acessível, conforme a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência.*

[Compre agora e leia](#)



# July

*serie until her*

AUTORA BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES

**AURORA ROSE  
REYNOLDS**

pausa ;

# July

Reynolds, Aurora Rose

9788593745942

242 páginas

[Compre agora e leia](#)

Wes Silver não estava procurando o amor, mas quando July Mayson literalmente "cai" sobre ele logo no primeiro encontro, seu mundo vira de cabeça para baixo por aquela loira, e cada momento com ela o deixa mais determinado a protegê-la. July Mayson não entende a atração que sente pelo bad boy Wes Silver, mas ela sabe que estar com ele é diferente de tudo o que já sentiu antes. Agora o que ela precisa fazer é dizer a seu pai superprotetor, Asher Mayson, que ela encontrou o homem da sua vida.

[Compre agora e leia](#)

CHRISTI  
CALDWELL

Seduzido pelo  
Coração  
de uma Lady

18 19  
pausa ;

# Seduzido pelo coração de uma Lady

Caldwell, Christi

9788593745959

176 páginas

[Compre agora e leia](#)

O Tenente Lucien Jones, filho de um visconde, regressou da guerra para descobrir que a sua mulher e filho estavam mortos. Culpando seu pai pela missão dada de lutar contra as forças de Boney, ele se contentou em definhar no Hospital de Londres... até que conseguiu um emprego com o Marquês de Drake. Através de sua posição, Lucien encontrou um propósito na vida e se contentou em manter seu passado enterrado. Lady Eloise Yardley ama Lucien desde criança. Quando desistiu de sonhar com ele, a jovem se casou com outro. Anos depois, ela é uma viúva solitária que não se encaixa na sociedade. Quando a família de Lucien pede sua ajuda para reunir pai e filho, ela aproveita a oportunidade para não apenas ajudar seu antigo amigo, mas também escapar de Londres. Lucien não sabe o plano arquitetado por Eloise, mas conhecendo-a tal como é, quando a jovem faz uma visita à Marquesa, ele sabe que a amiga de infância está tramando algo. A última coisa que ele quer é a tentação que essa nova Eloise oferece; uma lembrança reconfortante de tempos mais felizes e de paz. No entanto, a jovem está determinada a conquistar o amor de Lucien de uma

vez por todas... se ao menos ele pudesse deixar de lado a dor de seu passado e arriscar tudo pelo coração de uma lady.

[Compre agora e leia](#)

# Table of Contents

Folha de rosto

Créditos

Capítulo 1: Epping, Inglaterra

Capítulo 2: Buxton, Maine

Capítulo 3: Epping, Inglaterra

Capítulo 4: Buxton, Maine

Capítulo 5: Portland, Maine

Capítulo 6: Epping, Inglaterra

Capítulo 7: Halifax, Nova Escócia

Capítulo 8: Epping, Inglaterra

Capítulo 9: Londres, Inglaterra

Capítulo 10: North Weald, Inglaterra

Capítulo 11: Epping, Inglaterra

Capítulo 12: North Weald, Inglaterra

Capítulo 13: Epping, Inglaterra

Capítulo 14: Epping, Inglaterra

Capítulo 15: Epping, Inglaterra

Capítulo 16: Epping, Inglaterra

Capítulo 17: Epping, Inglaterra

Capítulo 18: Epping, Inglaterra

Capítulo 19: North Weald, Inglaterra

Capítulo 20: Epping, Inglaterra

Capítulo 21: North Weald, Inglaterra

Capítulo 22: North Weald, Inglaterra

Capítulo 23: Dez mil pés acima do Canal da Mancha

Capítulo 24: Epping, Inglaterra

Capítulo 25: Epping, Inglaterra

Capítulo 26: França ocupada pelos alemães

Capítulo 27: Airaines, França

Capítulo 28: Epping, Inglaterra

Capítulo 29: Epping, Inglaterra

Capítulo 30: Airaines, França

Capítulo 31: Airaines, França

Capítulo 32: Epping, Inglaterra  
Capítulo 33: Epping, Inglaterra  
Capítulo 34: Airaines, França  
Capítulo 35: Airaines, França  
Capítulo 36: Epping, Inglaterra  
Capítulo 37: Epping, Inglaterra  
Capítulo 38: Airaines, França  
Capítulo 39: Airaines, França  
Capítulo 40: Epping, Inglaterra  
Capítulo 41: Epping, Inglaterra  
Capítulo 42: Airaines, França  
Capítulo 43: Airaines, França  
Capítulo 44: Airaines, França  
Capítulo 45: Epping, Inglaterra  
Capítulo 46: Epping, Inglaterra  
Capítulo 47: Airaines, França  
Capítulo 48: Rouen, França  
Capítulo 49: Epping, Inglaterra  
Capítulo 50: Epping, Inglaterra  
Capítulo 51: Ascain, França  
Capítulo 52: Os Pirineus  
Capítulo 53: Epping, Inglaterra  
Capítulo 54: Epping, Inglaterra  
Capítulo 55: Epping, Inglaterra  
Capítulo 56: Rochford, Inglaterra  
Capítulo 57: Epping, Inglaterra  
Capítulo 58: Epping, Inglaterra  
Capítulo 59: Epping, Inglaterra  
Capítulo 60: Em casa  
Comentário do autor  
O longo voo para casa